



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,  
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
INTERDISCIPLINAR EM ESTUDOS LATINO-  
AMERICANOS (PPG IELA)**

**Anarquismo, teatro e criminologia:  
os caminhos de Pietro Gori na América do Sul (1898-1902)**

**HUGO DE CARVALHO QUINTA**

Foz do Iguaçu

2017



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,  
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
INTERDISCIPLINAR EM ESTUDOS LATINO-  
AMERICANOS (PPG IELA)**

**Anarquismo, teatro e criminologia:  
os caminhos de Pietro Gori na América do Sul (1898-1902)**

**HUGO DE CARVALHO QUINTA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos Latino-Americanos da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Estudos Latino-Americanos.

Orientador: Prof. Dr. Andrea Ciacchi

Foz do Iguaçu

2017

HUGO DE CARVALHO QUINTA

**Anarquismo, teatro e criminologia:  
os caminhos de Pietro Gori na América do Sul (1898-1902)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos Latino-Americanos da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Estudos Latino-Americanos.

BANCA EXAMINADORA

---

Orientador: Prof. Dr. Andrea Ciacchi  
(UNILA)

---

Prof. Dr. Paulo Renato Silva  
(UNILA)

---

Prof. Dr. Francisco Foot Hardman  
(UNICAMP)

Foz do Iguaçu, 29 de março de 2017

Catálogo elaborado pela Divisão de Apoio ao Usuário da Biblioteca Latino-Americana  
Catálogo de Publicação na Fonte. UNILA - BIBLIOTECA LATINO-AMERICANA

Quinta, Hugo de Carvalho.

Anarquismo, teatro e criminologia: os caminhos de Pietro Gori na América do Sul 1898-1902 / Hugo de Carvalho Quinta. - Foz do Iguaçu, 2017.

223 f: il.

Andrea Ciacchi, Orientador.

Universidade Federal da Integração Latino-Americana.

Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História.

Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos Latino-Americanos.

1. Gori, Pietro, 1865-1911. 2. Anarquismo - América Latina.  
3. Criminologia Moderna (Revista). I. Ciacchi, Andrea, Orient.  
II. Título.

À minha esposa.  
À minha família.  
E ao Geovani,  
Rocha e João.

## AGRADECIMENTOS

Ao padrinho de casamento, mestre, orientador, professor Dr. Andrea Ciacchi, pela paciência, pelas sutilezas, pelas entrelinhas, pelos e-mails jocosos, e por ter me tirado a ideia de confrontar a *Filosofia do absurdo* e *O som ao redor*.

Ao Newton Camargo da Silva Cruz, secretário do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos Latino-Americanos (PPG-IELA), um exímio servidor público e uma pessoa humana. Em nome do Newton estendo meus agradecimentos aos servidores UNILA e aos professores do programa.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e à Fundação Araucária pela concessão da bolsa durante os dois anos do mestrado. As bolsas são essenciais para a realização da pesquisa científica.

Ao professor da Universidad de Buenos Aires (UBA), Matías Bailone, figura central para o desenvolvimento da minha pesquisa. Agradeço, também, a David Leiva Maria Del Carmen Maza, responsável pelo Museo y archivo histórico de la Facultad de Derecho (UBA), Tomás e Virginia Castro (CEDINCI), professor Martín Albornoz Crespo (UBA), Juan Pablo Canala e Martín Aguero (BN), e Diego G. Echezarreta (Archivo General de la Nación).

As pessoas que, na Itália, mesmo não me conhecendo, dispuseram-se a colaborar com o meu trabalho, disponibilizando textos, livros, sugestões, pistas: Enrico Beni, da editora “La Bancarella”, de Piombino (Livorno); Valeria Tesi e Barbara Rossi, responsáveis pelo Arquivo Histórico de Rosignano (Livorno), onde está conservado o acervo pessoal de Pietro Gori; Luca Gigante, da editora Immanenza, de Nápoles; Santo Catanuto, professor; Vincenzo Ruggero, docente da Middlesex University (Londres); Maurizio Antonioli, professor da Universidade de Milão; Franco Bertolucci, diretor da Biblioteca e editora “Franco Serantini, que se dedica, em Pisa, a estudos e documentação da esquerda italiana. E ao professor chileno Jorge Canales por compartilhar sua tese de doutorado e outros documentos importantes.

À Soraya, minha esposa, companheira, amiga, revisora e tradutora. Meu esteio para a confecção deste trabalho não só em face dos aspectos técnicos, mas principalmente em face dos aspectos emocionais.

Aos meus pais, Olga e José, por acreditarem em mim, pelo amor, carinho, entendimento e respeito pelos caminhos que me levam para longe de casa – o caminho sem volta.

À minha irmã Giovanna, a morena-rosa que me ensina sobre o cerrado bruto, fincado em energia viva e tenaz.

À minha tia Raimunda, história de vida, coragem, luta e destemor. Ela é o exemplo que me acompanha desde a infância. Vigor!

Ao amigo, colega e companheiro de alma, Geovani, pessoa que me ensinou o valor das perguntas, das leituras e das boas risadas no caos.

À primeira turma do mestrado, os dez primeiros estudantes do programa. Essa turma me proporcionou um casamento, uma ululante amizade e saudosos colegas que abriram a porta do desconhecido universo interdisciplinar.

À minha turma do mestrado, a segunda do programa, autêntica nas convergências e divergências, e latino-americana por excelência: gente do Brasil, Chile, Nicarágua, México, Colômbia e Peru. Para mim, o maior patrimônio imaterial da UNILA é a possibilidade de estudar, conviver e compartilhar com nossos vizinhos: uma experiência inolvidável no tempo e no espaço.

Ao ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva pela fundação da UNILA.

“Extranjero: Debo andar... andar, hacia allá, hacia levante... He cruzado monte y colinas; he atravesado ríos y mares. Los abrojos del bosque ha me destrozado los vestidos y la carne, el calor del verano quemó mi sangre, las lluvias invernales han marchitado mi rostro... pero yo he caminado... sin miedo... hacia la parte donde se eleva el sol”. **Pietro Gori.**

(Trecho da peça *Primero de Mayo*)

QUINTA, Hugo de Carvalho. **Anarquismo, teatro e criminologia: os caminhos de Pietro Gori na América do Sul (1898-1902)**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos Latino-americanos. Universidade Federal da Integração Latino-americana – UNILA. Foz do Iguaçu, 2016.

## RESUMO

Este trabalho examina a trajetória intelectual do italiano Pietro Gori (1865-1911), durante o período que ele residiu em Buenos Aires, entre 1898 e 1902. Gori foi advogado, militante político, criminólogo, conferencista, dramaturgo e poeta. A pesquisa traz à baila a sua estada na capital argentina, onde desenvolveu atividades intelectuais nos círculos anarquistas, no círculo positivista-criminológico criado a partir da revista que ele fundou e dirigiu em Buenos Aires, *Criminalogía Moderna*, publicada entre novembro de 1898 e janeiro de 1901, e nas numerosas iniciativas realizadas em outros países sul-americanos. Busca-se, primeiro, analisar a atuação de Gori em Buenos Aires, para, em seguida, percorrer e problematizar as andanças do italiano pela América do Sul e, por cabo, apresentar o projeto intelectual de sua autoria, a revista *Criminalogía Moderna*. O objetivo deste trabalho é reconstruir a trajetória intelectual de Pietro Gori, entre 1898 e 1902, com o fim de objetivar as realizações, as relações estabelecidas e as idiosincrasias de suas atividades em Buenos Aires e na região sul-americana. Esta dissertação revela, em conjunto, as múltiplas facetas de Gori, de modo a demonstrar a sua frutífera atuação no entre-séculos.

**Palavras-chave:** Trajetória intelectual, Pietro Gori, *Criminalogía Moderna*.

## RESUMEN

Este estudio tiene como objetivo presentar la trayectoria intelectual del Italiano Pietro Gori (1865-1911), durante el período que él vivió en Buenos Aires, entre 1898 y 1902. Gori fue abogado, anarquista, criminólogo, dramaturgo y poeta. La investigación trae la discusión sobre su estada en la capital argentina, donde desarrolló actividades intelectuales en los círculos anarquistas del país y en el círculo positivista-criminológico creado a partir de la revista que él fundó y dirigió en Buenos Aires, *Criminalogía Moderna*, entre noviembre de 1898 y enero de 1901, y en las innúmeras iniciativas en los países sur-americanos. Buscase, primero, el análisis de la actuación de Gori en Buenos Aires, para, después, recorrer y problematizar las andanzas del italiano por la América del Sur y, al cabo, presentar el proyecto intelectual de su autoría, la revista *Criminalogía Moderna*. El objetivo de este trabajo es reconstruir la trayectoria intelectual de Pietro Gori, entre 1898 y 1902, con el fin de objetivar las realizaciones, las relaciones establecidas y las idiosincrasias de sus actividades en Buenos Aires y en la región sur-americana. Este estudio manifiesta, en conjunto, las múltiples facetas de Gori, de modo a enseñar a su frutífera actuación en el entre siglos.

**Palabras-clave:** Trayectoria intelectual, Pietro Gori, *Criminalogía Moderna*.

# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>1</b>
<b>CAPÍTULO 1 – A MORADA: PIETRO GORI EM BUENOS AIRES</b> .....	<b>11</b>
1.1. – DA CIDADE PACATA PARA A CIDADE AMALGAMADA .....	12
1.2. – O ANARQUISTA E O ARTISTA .....	23
<b>CAPÍTULO 2– O ANDARILHO: PIETRO GORI NA ESTRADA</b> .....	<b>63</b>
2.1. – PIETRO GORI E ALGUMAS CIDADES SUL-AMERICANAS .....	64
2.2. – A VIAGEM FUEGUINA: DA PATAGÔNIA A VALPARAÍSO .....	80
<b>CAPÍTULO 3 – A REVISTA <i>CRIMINALOGÍA MODERNA</i></b> .....	<b>103</b>
3.1. – GORI: UM ADVOGADO ITALIANO NO POSITIVISMO CRIMINOLÓGICO ARGENTINO .....	105
3.2. – A RADIOGRAFIA DA REVISTA .....	146
3.3. – PIETRO GORI NA <i>CRIMINALOGÍA MODERNA</i> .....	172
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>184</b>
<b>FONTES CONSULTADAS</b> .....	<b>191</b>
<b>BIBLIOGRAFIA</b> .....	<b>192</b>
<b>ANEXO I</b> .....	<b>201</b>
<i>CRIMINALOGÍA MODERNA</i> : ÍNDICE POR SEÇÕES .....	201
<b>ANEXO II</b> .....	<b>211</b>
<i>CRIMINALOGÍA MODERNA</i> : ÍNDICE POR TEMA .....	211

## ABREVIATURAS

<i>ACMPA</i>	<i>Archivo de Criminología, Medicina Legal y Psiquiatría</i>
<i>BC</i>	<i>Biblioteca del Congreso</i>
<i>BN</i>	<i>Biblioteca Nacional</i>
<i>CEDINCI</i>	<i>Centro de Documentación e Investigación de la cultura de Izquierdas en Argentina</i>
<i>CEMLA</i>	<i>Centro de Estudios Migratorios Latinoamericanos</i>
<i>CIJ</i>	<i>Centro de Información Judicial</i>
<i>CIES</i>	<i>Centro Internacional de Estudios Sociales</i>
<i>CM</i>	<i>Criminología Moderna</i>
<i>IELA</i>	<i>Mestrado Interdisciplinar em Estudos Latino-Americanos</i>
<i>LN</i>	<i>La Nación</i>
<i>LPH</i>	<i>La Protesta Humana</i>
<i>LV</i>	<i>La Vanguardia</i>
<i>SAJ</i>	<i>Sociedad de Antropología Jurídica</i>
<i>UBA</i>	<i>Universidad de Buenos Aires</i>

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1.</b> Pietro Gori em uma conferência.....	31
<b>Figura 2.</b> Capa de Primero de Mayo. ....	44
<b>Figura 3.</b> Capa de Senza Patria. ....	47
<b>Figura 4.</b> 1º de Mayo en Buenos Aires. ....	53
<b>Figura 5.</b> Jornais anarquistas do Rio de la Plata. ....	54
<b>Figura 6.</b> Manifestações do 1º Maio em Buenos Aires (1901). ....	56
<b>Figura 7.</b> Discurso de Pietro Gori na homenagem a Giuseppe Garibaldi .....	71
<b>Figura 8.</b> Conferência de Pietro Gori em Santiago del Estero, Argentina. ....	73
<b>Figura 9.</b> Os grevistas à espera da comissão .....	75
<b>Figura 10.</b> Pietro Gori entre os obreros de Bahía Blanca.....	77
<b>Figura 11.</b> Banquete socialista em Villa Concepción .....	79
<b>Figura 12.</b> O navio Guardia Nacional .....	81
<b>Figura 13.</b> Quadro de <i>Angelo Tommasi, Lobos Leon (studio), 1901. Olio su cartone 10,4x 15,</i> .....	88
<b>Figura 14.</b> Quadro de <i>Angelo Tommasi, Canale del Beagle Terra del Fuoco. Olio su tela 16,2 x 22,8 cm</i> .....	90
<b>Figura 15.</b> Angelo Tommasi e Pietro Gori durante a excursão. ....	93
<b>Figura 16 –</b> Retrato de Gori e Tommasi .....	94
<b>Figura 17.</b> Pintura de Tommasi na primeira página do ensaio de Pietro Gori..	95
<b>Figura 18.</b> Conferência de Gori no Prince’s Georges Hall .....	98
<b>Figura 19.</b> Capa de Santos Caserio. ....	119
<b>Figura 20.</b> Capa de La anarquía ante los tribunales. ....	124
<b>Figura 21.</b> Capa da revista Criminalogía Moderna. ....	150
<b>Figura 22.</b> “Alegoria da Verdade”, por Jacopo Robusti (1518-1594).....	152
<b>Figura 23.</b> “Verità”, “Verity”. Número 311. Página 78. ....	153
<b>Figura 24.</b> Imagem dos colaboradores da CM. ....	169
<b>Figura 25.</b> Foto da Penitenciária de Sierra Chica.....	175
<b>Figura 26.</b> Os trabalhos na Penitenciária de Sierra Chica .....	177
<b>Figura 27.</b> Foto do condenado número 267. ....	180

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1.</b> Distribuição dos artigos por tema e ano de publicação de Criminalogía Moderna. ....	158
<b>Tabela 2.</b> Os quinze intelectuais mais mencionados na Criminalogía Moderna. ....	159
<b>Tabela 3.</b> Tabela de autores da Criminalogía Moderna.....	166

## INTRODUÇÃO

Este trabalho trata da trajetória intelectual do anarquista, advogado, dramaturgo e poeta, Pietro Gori, entre 1898 e 1902, período em que ele reside em Buenos Aires, percorre e realiza numerosas atividades em alguns países sul-americanos, e dirige o seu mais relevante projeto intelectual, a revista *Criminalogía Moderna*.

A ideia de investigar a trajetória intelectual do italiano surge quase por acaso: no primeiro semestre do ano de 2014, na condição de aluno especial do *Mestrado Interdisciplinar em Estudos Latino-Americanos (IELA)*, curso a disciplina de Teorias da Cultura como ouvinte. O professor responsável pela disciplina propõe que cada aluno escolha um intelectual de um país da América Latina para uma apresentação. O importante é o elegido estar temporalmente localizado entre finais do século XIX e início do XX, e a raça ser uma das temáticas do autor.

Por questões não irrelevantes, mas de ordem intuitivamente pessoal, escolho o Uruguai, embora não conheço qualquer figura sobressalente, no contexto intelectual do país, no período entre-séculos. Num primeiro momento, imagino que o pensador deve ter uma produção abundante, o que pode justificar, por si só, a escolha. E partindo dos mecanismos de busca da internet, surge, para mim, um uruguaio anarquista, dramaturgo e jornalista, Florêncio Sánchez (1875-1910)<sup>1</sup>. Debruçar sobre os escombros das peças teatrais de Sánchez é inviável diante do tempo e da proposta do professor da disciplina. Um texto, se possível, com matizes jornalísticas e teatrais, ilustra a forma como Sánchez traduz a questão da raça.

Sánchez está com 22 anos após participar da *Revolução de 1897*<sup>2</sup> como

---

<sup>1</sup> Sánchez nasce em uma humilde família *criolla*, é um dos filhos de uma família de onze irmãos. Abandona os estudos secundários, e inicia o seu trabalho no jornalismo. O caráter e a consciência do autor estão presentes no ambiente popular. Convive com chulos, alcoólatras – pessoas de uma camada social marginalizada. Não obstante, ele evoca uma tradição familiar apoiando-se ao Partido Blanco (também conhecido como Partido Nacional) em detrimento do Partido Colorado que persiste há mais de 20 anos no poder. Para maiores informações sobre Sánchez consultar, *Proceso Intelectual de Uruguay: y crítica de su literatura*, de FELDE (1930).

<sup>2</sup> Para informações sobre a *Revolução de 1897* consultar o artigo de RECKZIEGEL, Ana Luiza. O Uruguai conflagrado: Blancos x Colorados e o preâmbulo da revolução de 1897. **Revista Digital de Estudos Históricos**, nº 9, ano IV, dezembro de 2012.

soldado. Para ele, o fim da revolução significa a rejeição da tradição partidária uruguaia, o rompimento com a verve tradicionalista e o alinhamento a um novo paradigma na obra e no pensamento do dramaturgo. Ele adere ao anarquismo e vive em Buenos Aires. Na capital argentina, escreve *Cartas de un Flojo* (1900), que seguramente não é a escrita mais importante de Sánchez, mas é aquela que marca a nova tomada de consciência, e a exposição do escritor no meio cultural bonaerense e montevidense. As epístolas são dirigidas a um amigo, antes correligionário político de Montevideo. Elas manifestam a transição de um jovem jornalista boêmio para o dramaturgo anarquista. Cartas alinhavadas com pitadas de sarcasmo contra o caudilhismo partidarista, contra o nacionalismo retórico e contra o *criollismo* de coragem.

O trabalho é apresentado para a turma de Teorias da Cultura. Entrementes, o que me chama atenção durante as leituras para apreender a trajetória de Sánchez, não foi Sánchez, e sim uma outra figura que me salta aos olhos nas entrelinhas da pesquisa. Na noite do dia 25 de dezembro de 1900, o uruguaio apresenta algumas de suas peças teatrais nos círculos *filodramáticos* anarquistas, "(...) en el local del Centro Internacional una gran velada dramático literaria en la que toman parte el doctor Pedro Gori y el joven periodista Florencio Sánchez." (*EL DÍA apud* MUÑOZ; SUAREZ, 2010, p. 11).

Quem é Pietro Gori? Nasce em Messina, uma cidade italiana da região de Sicília, em 1865. O pai, militar. A mãe pertence à aristocracia toscana. Durante a adolescência vive e estuda em Livorno, na Toscana. Conclui os estudos universitários em outra cidade dessa região, Pisa. Em junho de 1885 termina o ensino médio como um dos alunos destaque e matricula-se em Direito na *Università* de Pisa. Lá, o jovem Gori é intelectualmente formado a partir dos pressupostos da escola clássica do Direito. Durante os anos da graduação, estuda com colegas que depois se tornam deputados, membros do partido fascista italiano e o amigo, Luigi Molinari<sup>3</sup>, que também se dedica à advocacia e à militância anarquista.

A universidade proporciona o desenvolvimento intelectual e cultural do siciliano, mas é nos bairros de Livorno e de Pisa que o jovem estudante de Direito tem contato com as doutrinas político-libertárias, participando de conferências e

---

<sup>3</sup> Sobre Luigi Molinari ver: <<http://fdca-cr.tracciabi.li/luigi-molinari/>>. Acesso em: 28 de junho de 16.

frequentando os cafés em Pisa, que misturam alunos “subversivos” e trabalhadores estudiosos<sup>4</sup>. Gori tem a palavra como álibi para a defesa de seus ideais. A escolha de se alinhar à esquerda ocorre nos primeiros anos da universidade. Ele é secretário da *Associazione Studentesca*, e por meio dessa representação, organiza comemorações a Giordano Bruno<sup>5</sup>, inaugurando, nessa oportunidade, um memorial em homenagem ao pensador. Em 1887, envia uma primeira correspondência ao *Corriere dell’Elba*, e se apresenta como estudante de Direito e colaborador do jornal *Riforma, Tribuna e Telegrafo*. (ANTONIOLI; BERTOLUCCI, 2010).

O anarquismo tem grande repercussão na Itália dos anos oitenta. Um de seus grandes expoentes, Errico Malatesta<sup>6</sup>, retorna (de Londres) à terra natal em 1883 e reside em Florença. Não há provas de que o jovem Gori conhece Malatesta, por outro lado, provavelmente, ele mencione o renomado propagandista italiano em suas palestras. Durante o ano de 1889, quando os grupos anarquistas do país estão se organizando para a publicação da terceira série de *La Questione Sociale*, aumenta o movimento repressivo aos anarquistas e Malatesta refugia-se na Argentina.

E 1889 é um ano nevrálgico para Gori. Ele conclui os estudos universitários apresentando a tese, *La Miseria e i Delitti*. O trabalho do italiano está recheado de citações a Enrico Ferri e ao novo positivismo criminológico. Nesse interim, as autoridades passam a prestar atenção nesse militante anarquista que publica um folheto com as suas conferências, intitulado *Folquet*. O folheto é apreendido em 12 de maio, o fato ganha repercussão, a empatia do público por Gori e o primeiro processo contra ele, aberto em 20 de novembro

---

<sup>4</sup> A Toscana representa o “berço” de grande parte dos movimentos políticos italianos, como, por exemplo, o anarquismo, o sindicalismo e o socialismo.

<sup>5</sup> Filippo Bruno é natural da cidade de Nola, Itália. O filósofo destaca a sua cidade natal no mapa mundial através da “filosofia nolana”, definição que se encontra em quase todas suas obras. Ele entra na ordem dominicana de Nápoles com o nome de Giordano. A vida agitada de Giordano Bruno (1548-1600) constitui-se pelo intenso trânsito nos lugares em que ele vive: a infância em Nola, a juventude em Nápoles até ter deixado o convento (1548-1576), depois aventura-se pela Europa (França, Inglaterra, Alemanha), entre 1576-1591, desenvolvendo o seu labor intelectual até o regresso à Itália, e a posterior prisão, seguido dos processos de Veneza e Roma, ao derradeiro e trágico fim da sua condenação e morte na fogueira da santa inquisição em 1600. (MATOS E SÁ, 2011). A destemida trajetória intelectual e política de Giordano Bruno é uma referência para os anarquistas.

<sup>6</sup> Sobre Errico Malatesta ver: <<http://anarkismo.net/article/26729>>. Acesso em: 28 de junho de 16.

daquele ano. A notícia ganha destaque na imprensa local. A defesa de Gori é composta por colegas da universidade e por Enrico Ferri. Ele é absolvido. (ANTONIOLI; BERTOLUCCI, 2010).

De 1890 a 1898, o multifacetado Gori é preso, escreve um livro de poesia, *Prigioni e Battaglie*, muda-se para Milão, participa da formação do Partido Socialista Anárquico Revolucionário e ganha o pão com a advocacia, defendendo, por exemplo, Sante Caserio<sup>7</sup>, o que se torna o motivo da sua fuga para a cidade suíça de Lugano, de onde é expulso, em 1895, e obrigado a procurar refugio em Londres e o exílio nos Estados Unidos. A curta passagem do italiano pelo continente norte-americano, entre 1895 e 1896, é conhecida pelo intenso trabalho propagandístico que ele realiza, proferindo mais de 280 conferências<sup>8</sup> a exaltar as ideias anarquistas.

Os quase dois anos nesse país, e um ano e alguns meses em outros países da Europa faz com que ele se torne um anarquista conhecido internacionalmente. Porém, a vida ácrata não se resume à militância, pois há vestígios de suas visitas as penitenciárias norte-americanas e londrinas. Portanto, vale destacar que a intenção de Gori ao visitar uma penitenciária não é, precisamente, propagar o ideário libertário, mas colocar o intelectual do Direito, o sociólogo criminal, na linha de frente<sup>9</sup>.

O governo italiano concede anistia a Gori, ele retorna para a pátria e em meados de Junho de 1898 parte para América do Sul – o jornal *La Nación (LN)* informa, no dia 23 de junho de 1898, que o “jefe socialista italiano” desembarca

---

<sup>7</sup> Anarquista italiano que assassina o presidente francês da daquela época, Marie François de Sadi Carnot. Em 1895, em Londres, publica-se o texto de Pietro Gori, *Sante Caserio*, que é traduzido e publicado em Buenos Aires, em 1901. Trato dessa publicação no terceiro capítulo.

<sup>8</sup> A informação sobre a quantidade de conferências proferidas por Gori nos Estados Unidos foi extraída do artigo de SEPÚLVEDA, Eduardo A. Godoy. **Pietro Gori**: biografía de un “Tribuno Libertario” y su paso por la Región Chilena (1901). Disponível em: < <https://archivohistoricolarevuelta.files.wordpress.com/2012/08/pietro-gori-biografca3aca-de-un-tribuno-libertario-1901.pdf> >. Acesso em 15 de janeiro de 2016.

<sup>9</sup> Limito-me a evidenciar uma parte da biografia de Pietro Gori antes de chegar a Buenos Aires. Por esse motivo, dei um salto do período que ele viveu nos Estados Unidos diretamente à chegada na capital argentina. Para maiores informações sobre a vida de Gori antes de sua chegada a Buenos Aires, consultar o artigo *Una vita per l'ideale*, de Maurizio Antonioli e Franco Bertolucci (2010). E, também, há a tradução da conferência de Gori proferida em Bersaglieri Hall, intitulada *Vuestro orden y nuestro desorden*, disponível no CEDINCI: GORI, Pedro. **Vuestro Orden y Nuestro Desorden**: conferencia dada en “Bersaglieri Hall” de San Francisco de California (Estados Unidos) el 15 Marzo de 1896. Trad. J. Prat. Madrid: Imprenta de Arroyave, Gonzalez y Compañía, 1907.

em Buenos Aires no dia 21 de junho. Para além de socialista e italiano, o jornal o apresenta como advogado cujo nome “ha repetido con insistencia en los últimos tiempos, debido a la participación que tuvo en los acontecimientos ocurridos últimamente en Italia y especialmente en Milán”. E a notícia descreve um pouco de suas peripécias nos anos anteriores a 1898, justificando o motivo da ida de Pietro Gori a Buenos Aires.

A resiliência de Pietro, ou Pedro Gori (como fica conhecido na América do Sul), aliada à polifonia de fatos e sugestões ao redor de seu nome, além de suas múltiplas identidades, é chamariz para a curiosidade de um investigador: Gori é anarquista? Socialista? Advogado? Jornalista? Dramaturgo? Ou, talvez, anarquista e socialista e advogado e jornalista e dramaturgo e intelectual? Como escarafunchar a polifonia de identidades do italiano durante o período em que ele reside em Buenos Aires? As bifurcações que se formam diante dos dados iniciais e dos (des)encontros posteriores são suficientes para notar que se escreve muito sobre o anarquista, pouco sobre o intelectual, e quase nada sobre a dimensão artística, principalmente durante a estada em Buenos Aires.

Os autores que escrevem sobre as múltiplas trajetórias de Gori na América do Sul mencionam um fato importante, mas ainda pouco explorado – a empresa do italiano, a criação e a edição da revista *Criminalogía Moderna* (CM). O periódico que ele cria e dirige, entre novembro de 1898 e janeiro de 1901, é o que resta para eu me dar conta de que o labor intelectual de Gori é abafado por sua expertise em propaganda anarquista.

Em 28 de maio de 2012<sup>10</sup>, o *Centro de Información Judicial* (CIJ) escreve sobre o acordo firmado entre a direção da *Biblioteca Nacional* (BN) de Buenos Aires e o departamento de investigações da *Suprema Corte de Justiça Argentina*, com o objetivo de realizar a digitalização da CM. Segundo a CIJ, os exemplares da revista se encontram na Sala do Tesouro da BN e o convênio almeja o acesso do periódico aos pesquisadores e ao público em geral.

A revista é uma das peças no quebra-cabeça que está a se formar diante do pesquisador. A digitalização da CM possibilita não só o acesso às publicações – e, portanto, a possibilidade do estudo e da análise do periódico –, como também

---

<sup>10</sup> A notícia do acordo firmado entre a Biblioteca Nacional e a Suprema Corte de Justiça Argentina está disponível em: < <http://www.cij.gov.ar/nota-9173-La-Biblioteca-Digital-de-la-Corte-incorpor--la-primera-revista-de-criminolog-a-argentina.html> >. Acesso em: 20 de agosto de 2014.

um enredo a entremear a intrigante trajetória de Pietro Gori. E as descobertas me fazem acreditar na proposta, em 2014, do projeto de pesquisa para o ingresso no programa de pós-graduação do *IELA: Buenos Aires (1898-1902): o círculo intelectual de Pietro Gori e a revista Criminalogía Moderna*.

O desafio está lançado, e a proposta é aceita pelo programa. Ainda assim, há muitas informações desconhecidas sobre o período que ele reside em Buenos Aires e nenhuma análise da revista. A priori, supomos que o círculo intelectual do anarquista italiano pode ser construído a partir da leitura dos números digitalizados. Contudo, o trabalho da *Suprema Corte de Justiça Argentina* não está completo, pois disponibilizam do primeiro ao décimo sexto número, e o vigésimo. Existe do décimo sétimo ao décimo nono número? A revista interrompe na vigésima edição ou há outras publicações?

As referências bibliográficas que são encontradas desde a feitura do projeto de pesquisa até o segundo semestre letivo de 2015, somadas às dúvidas do período de existência da *CM*, dos autores argentinos que escrevem na revista e da própria trajetória de Gori em Buenos Aires, acabam por deflagrar um contexto pertinente para a minha primeira pesquisa de campo na capital argentina, em setembro de 2015.

De repente me dou conta de outro lugar, uma atmosfera que cheira a cinza recém queimada. A cidade a fazer carícias e um campo intelectual a ser exumado. E é no rastro da intuição que vejo a casa rosada avermelhada pelos movimentos sociais que têm significado a capital.

Observo o meu tempo<sup>11</sup>, o coro da senhora excita a massa que segue em busca de sua causa, e reparo que o pretérito perfeito pode estar nos entreatos do tempo do agora – um intelectual criminólogo e anarquista que possivelmente frequenta o Café Tortoni<sup>12</sup>. As minhas investigações caminham para um fim. “Ele esteve neste café”, penso após um soluço, um trago de café e uma mordida no churros com *dulce de leche*.

Durante os meus dias na capital do tango pesquiso sobre o passado, à procura de educar o olhar sobre o conjunto de valores e saberes que permeiam

---

<sup>11</sup> Refiro-me a uma manifestação dos movimentos sociais argentinos, que presenciei durante a minha primeira pesquisa de campo em Buenos Aires.

<sup>12</sup> Informações sobre o Café Tortoni disponíveis em: <<http://www.cafetortoni.com.ar/br/?p=historia>>. Acesso em 29 de Setembro de 15.

a ventura Argentina entre-séculos. Esforço-me para burilar a simpatia nos espaços institucionais, onde encontro pistas e documentos de Pietro Gori. Descubro, por exemplo, a duração definitiva da revista *CM* e amplio o leque de opções bibliográficas ao meu dispor. Consequentemente, os sete dias possibilitaram a visita à *BN*, ao *Centro de Documentación e Investigación de la cultura de Izquierdas en Argentina (CEDINCI)* e a *Facultad de Derecho de la Universidad de Buenos Aires (UBA)*. O retorno brinda-me com o desassossego das dúvidas e a bagagem com o peso dos livros, dos textos e das fotos.

O *CEDINCI* possui a microfilmagem com a publicação completa da *CM*, adquirida através do *Internationaal instituut voor sociale geschiedenis* de Amsterdam. O microfilme preenche a lacuna que me falta com a décima sétima, oitava e nona edição, e brinda-me com o vigésimo primeiro número publicado em janeiro de 1901. Além disso, o *CEDINCI* tem vários textos escritos por Gori antes, durante e depois da estada em Buenos Aires; o fundo de José Ingenieros, um dos principais nomes do positivismo e da criminologia argentina, que escreve artigos para a *CM* quando é estudante de Medicina; e uma bibliografia abundante sobre o movimento *obrero* argentino, uma das principais arenas de luta de Gori desde 1901 até 1902.

Tem de estar credenciado como investigador da *BN* para se ter acesso aos documentos anteriores a 1930. Aguardo dois dias para emissão do documento que me autoriza a pesquisar o acervo da frondosa biblioteca. Embora estou perdido por onde começar, os três dias nessa instituição são úteis para o contato com o *Archivo de Criminología, Medicina Legal y Psiquiatría (ACMPA)*, periódico fundado e dirigido por Ingenieros de 1902 até 1913. Além disso, delicio-me com a exposição, *Positivismo Argentino*, que ocorre entre agosto e outubro de 2015, e com o achado do obituário a noticiar o falecimento de Pietro Gori, na ilha de Elba, acometido de tuberculose:

(...) El recuerdo de Gori, la memoria del “anarquista Gori”, subsiste en el cerebro de los habitantes de este país, donde residiera tanto tiempo y donde proclamara con tanto calor, en alas de su poderosa oratoria, sus ideales de comunismo y sus ímpetus de revolución. Pero, más que como anarquista, más que como propagador tal o cual idea filosófica o social, más que profesor de grado, la figura de Gori culmina, indudablemente, por sus altas condiciones de maestro de la palabra, facultad puesta al servicio de una saliente cultura literaria y de un lirismo

verdaderamente tropical y latino. (...) Fue la palabra, sin duda, el más brillante de sus atributos (...) a nuestro juicio, hasta lo más hermético de su "idea" se abría ampliamente para dar paso a su figura de artista (...). Desde sus primeros pasos por la vida profesional de abogado se distinguió ya como un orador vehemente, alcanzando su nombre esa fama periodística de los letrados de tribunal superior que pueden informar "in voce". Se lanzaba en el año 1890, de lleno a la vida pública, y hasta el 1898 su nombre se anuncia en todas asambleas populares de más importancia que se hayan realizado en Italia, como contradictor, expositor, como propagandista siempre. Poeta en todo momento de agitación y de turbulencia (...). Después se embarcó incógnito para Buenos Aires, escapando, naturalmente, al proceso que se instauró a los directores visibles de aquella insurrección. Vivió en la Argentina hasta 1902. Realizó una gira de conferencias por el país, recorriendo todas las provincias donde su auditorio siempre atento aplaudía su palabra arrebatadora y cálida, abordando los temas más complejos de historia, de sociología y de literatura. Y en 1902 amnistiado por el gobierno de su país tornó a Italia (...). (LV, Lunes 9 y Martes 10 de Enero de 1911)

São vários desafios no retorno para Foz do Iguaçu. O principal deles é ler a tese de doutorado, transformada em livro, da professora Giuditta Creazzo (2007)<sup>13</sup>, *El positivismo criminológico italiano en la Argentina*, que, dentre outros temas, inclui um capítulo dedicado a CM. A leitura indica que autora não exaure as possibilidades de análise da revista e tampouco se aprofunda sobre a intelectualidade de Gori. Assim, parece-me pertinente debruçar sobre o empreendimento do italiano antes da minha segunda visita a Buenos Aires, entre os dias 27 de maio e 10 de junho de 2016.

Durante as duas semanas, visito o *Museo de la Inmigración*, localizado no antigo *Hotel de Inmigrantes*, que oferece uma base de dados sobre o ingresso dos imigrantes ao porto de Buenos Aires desde 1882 a março de 1933<sup>14</sup>. Vou ao *Archivo General de La Nación*<sup>15</sup>, onde há alguns folhetos e fotografias de Pietro Gori, além de uma vasta documentação em torno da história argentina.

<sup>13</sup> O professor e ex ministro do Superior Tribunal de Justiça Argentino diz que: "Desde las tierras de donde partieron nuestros abuelos y bisabuelos, desde a propia Universidad de Bologna en la que enseñaba Enrico Ferri, llegó hace más de quince años a Buenos Aires Dr<sup>a</sup> Giuditta Creazzo para preparar su tesis sobre *El positivismo italiano en Argentina*". (ZAFFARONI, apud CREAZZO, 2007, p. 15).

<sup>14</sup> Informação extraída do Guia de Museos de Buenos Aires, 3 ed, Buenos Aires, 2014. p. 92. Disponível em: < <http://www.buenosaires.gob.ar/noticias/nueva-guia-de-museos-de-buenos-aires> >. Acesso em: 27 de maio de 2016.

<sup>15</sup> *Op. Cit.* p. 117.

Durante dois dias vou à *Biblioteca del Congreso (BC)*, que conta com um acervo bibliográfico extremamente recompensador. Retorno ao *CEDINCI*, à *Facultad de Derecho de la UBA*, logrando pesquisar as *Actas de las sesiones del consejo directivo de la Facultad de Derecho*, de posse e propriedade do museu e arquivo histórico dessa faculdade<sup>16</sup>; e ao *Archivo Histórico de la UBA*, localizado no edifício da *Facultad de Medicina*, que tem a custódia dos documentos produzidos pela Reitoria e pela antiga *Facultad de Derecho y Ciencias Sociales*. Por fim, vou a *BN* à procura de informações sobre Gori no jornal *La Nación (LN)*, desde a data da sua chegada até o retorno para a Itália.

Na toada dessa caminhada, o presente trabalho busca resgatar a trajetória intelectual, política e artística de Pietro Gori, entre 1898 e 1902. Com esse fim, o primeiro capítulo apresenta a questão política, cultural, urbana e imigratória na Buenos Aires de entre-séculos, a manifestação e consolidação do anarquismo, e a relação desses elementos com o pensador anarquista, o artista e o imigrante italiano. A segunda tarefa deste trabalho é percorrer os caminhos de Pietro Gori pelo interior da Argentina e pelo Uruguai, Paraguai e Chile, e, paralelamente, sem deixar de descurar da abordagem que procura acompanhá-lo durante o percurso, demonstrar quais de suas marcas se sobressai em cada viagem. E o terceiro capítulo aprofunda-se no pensamento criminológico argentino e nas nuances do Gori advogado, professor, escritor e diretor da revista *Criminalogía Moderna*. Para auxiliar nessa abordagem, realiza-se uma análise radiográfica da *CM* e das publicações de Gori no periódico.

Um dos primeiros feitos de Gori ao chegar em Buenos Aires, em junho de 1898, é a fundação da *CM*. Ele não abandona a militância e a propaganda anarquista enquanto dirige a revista. Na verdade, a energia imprimida por ele está, supostamente, equacionada entre a militância, a ciência e a arte. Ainda assim, o círculo de atuação não está restrito à cidade. Ele percorre o país a proferir conferências, a visitar prisões e a apresentar suas peças teatrais nos círculos *filodramáticos* anarquistas. Nesse viés, no primeiro capítulo, nós pretendemos, na medida do possível, apresentar uma narrativa das atividades de Gori na capital federal, isto é, buscamos compreender a polivalência de sua influência no campo intelectual anarquista (e artístico) de Buenos Aires.

---

<sup>16</sup>*Op. Cit.* p. 86.

Esses eventos bonaerenses dão musculatura ao nome do anarquista na região sul-americana, onde ele percorre o Uruguai, o Paraguai e o Chile. Além disso, ele profere numerosas conferências no interior da Argentina, e a *Sociedade Científica Argentina* financia a viagem de Pietro Gori ao extremo austral argentino, com o propósito de que ele apresente um estudo sobre sua expedição. O segundo capítulo analisa essas viagens a partir de cada uma das facetas do nosso personagem.

A vida intelectual organiza-se a partir da autonomia do criador na divulgação de suas obras e, portanto, a permitir a expansão e a diversificação de um público que acaba por transformar “o campo intelectual num sistema mais complexo e mais independente das influências externas” (BORDIEU, 1968, p. 106). O pensador francês indica que no século XIX existe um movimento – fundamentado na revolução industrial e nas teorias científicas – a revigorar a intenção criadora, a redefinir a vocação do intelectual e a sua função na sociedade. E é nessa perspectiva que procuro reconstruir a trajetória de Gori no entre-séculos.

A *Criminalogía Moderna* é o primeiro periódico publicado na Argentina que trata de temas relacionados à área do Direito, da Sociologia Criminal, da Antropologia Criminal, da Medicina Legal, da Psiquiatria, e especificamente do pensamento criminológico. Assim, o terceiro capítulo apresenta, além das publicações de Gori como advogado e o intento de ser professor, o estudo criterioso da revista através da elaboração de um quadro comparativo e evolutivo dos temas mais recorrentes, dos eixos teóricos, do perfil intelectual de autores que publicaram na revista<sup>17</sup>, e com a problematização dos ensaios do italiano publicados na revista.

Essa questão parece vincular a produção intelectual desse momento histórico à construção de um possível campo de estudos da antropologia social e cultural na Argentina. E diante desse objetivo, propomos uma investigação criteriosa das partes que configuram essa relação, como, por exemplo, os valores compartilhados entre os autores dos artigos publicados, a formação intelectual do corpo de redação da revista, e a posição de Gori como diretor e fundador do periódico.

---

<sup>17</sup> Construímos um índice temático e de seções da *Criminalogía Moderna*. Os índices estão no anexo da dissertação.

## CAPÍTULO 1 – A MORADA: PIETRO GORI EM BUENOS AIRES

Entre finais do século XIX e início do século XX, Buenos Aires vive um intenso processo de transformações, a citar a ascensão da burguesia industrial, a pungente economia local e o fortalecimento da política de estímulos à imigração, iniciada desde os anos 90 do século XIX. Nessa época, Buenos Aires, que era a capital da província de Buenos Aires e o lugar de residência do Governo Nacional, torna-se capital federal da Argentina, substituindo La Plata. Essas vicissitudes acabam por imprimir um ritmo frenético na urbe e estimulam um cenário de crescimento desordenado.

Esse horizonte também provoca uma ambivalência na cultura e no pensamento intelectual argentino, pois cultura e intelectualidade não estão em descompasso com a cidade. Pelo contrário, esses dois fatores caminhavam *pari passu* com o imaginário de bonança que sucede na capital portenha em face da ascensão de uma elite agrária e pequeno-industrial no entre-séculos. Esse período histórico está recheado de significados, valores e sentidos para a questão criminal<sup>18</sup> e cultural-anarquista. De um lado, o endeusamento do cientificismo, a ciência como fiadora dos argumentos de alguns que ocupam postos como dirigentes de Estado, professores da *UBA* e de outras instituições de ensino ou cultura. Isto é, parte da elite intelectual do país passa a perceber e a valorar a realidade a partir dos pressupostos positivistas, cientificistas. Do outro lado, a cultura dos setores subalternos é alimentada pela voluptuosa propagação das ideias político-libertárias trazidas pelos imigrantes.

Envolto nesse cenário, o propósito desse capítulo é percorrer a trajetória do artista anarquista e do anarquista militante, durante a morada na capital Argentina entre junho de 1898 e janeiro de 1902. Seguir os passos, os propósitos e as investidas de Pietro Gori no campo intelectual, artístico e cultural do anarquismo portenho.

Em que medida o convívio de Gori com os anarquistas (dos círculos

---

<sup>18</sup> A professora Lila Caimari (2015) faz uma reflexão sobre a perspectiva criminal nos trabalhos dos historiadores que abordam esse assunto na América Latina. Para ela, esses estudos compreendem uma série de práticas sociais, imaginários, representações do delito e do castigo. Ela comenta que essas variáveis têm expressão na virada do século XIX para o XX, onde boa parte dos pesquisadores têm, desde meados da década de 70 do século XX até hoje, focado o estudo e as práticas em torno do crime.

culturais e do movimento *obrero*) interfere na organização e divulgação da cultura e política anarquista do entre-séculos; esse é o questionamento que vamos escarafunchar no decorrer deste primeiro capítulo.

### 1.1. – DA CIDADE PACATA PARA A CIDADE AMALGAMADA

O intenso processo de transformações econômicas, ocorrido no litoral e na zona dos pampas, altera significativamente a paisagem urbana de Buenos Aires e gera um crescimento da estrutura produtiva e social na cidade. Nesse período, são construídas estradas de ferro, portos, edifícios públicos, rodovias e fábricas, e ocupam os espaços urbanos de maneira caótica – um visitante que fosse a Buenos Aires em 1870 teria uma visão absolutamente diferente da cidade trinta anos depois.

O aumento da população é o impacto mais expressivo que se observa nessa época. A causa da alteração na estrutura social é a imigração, o tanto quanto necessário para cobrir a necessidade do Estado de ocupar o território por meio da oferta de trabalho (SURIANO, 2001). O processo de industrialização e urbanização, juntamente com a vinda de imigrantes italianos, espanhóis e de outros países, promove modificações culturais em Buenos Aires. Isso desagua em “una profunda conmoción que se operaba en los distintos niveles de estructura social” (ROMERO, apud SURIANO, 2001, p. 33). Em decorrência dessas transformações, ocorre a conformação de uma incipiente classe operária que passa a trabalhar em fábricas, oficinas e no setor de serviços.

Os imigrantes e os migrantes compõem um novo tecido social, indivíduos que se deslocam até a cidade portenha com o fito de ascensão social:

Son muchas las evidencias que descubren sugestivas limitaciones sociales a la expansión económica de la Argentina agro exportadora de las últimas décadas del siglo XIX y las primeras del actual. El generalizado supuesto que ubica a los sectores populares como usufructuarios de las riquezas originadas en tal crecimiento ha sido poco estudiado y no faltan evidencias – malestar social, violencia, índices de mortalidad, desocupación – que llevan a pensar en un reparto bien desparejo de los beneficios de ese ‘progreso’. (ARMUS, 1987, p. 93).

Um contraponto à visão liberal da história Argentina é exposto pelo historiador Ezequiel Adamovsky (2012), no livro *Historia de las Clases Populares en la Argentina*. Ele realça a perspectiva de que a modernização se constitui em mito na medida em que não sucede uma redistribuição de renda ou de classes. Ocorre, de fato, uma transformação na cidade de Buenos Aires estimulada por uma elite agroexportadora, essa riqueza, porém, se concentra na elite, e cresce o número de assalariados no comércio, na indústria e no Estado. As mudanças demográficas e sociais são profundas, em contrapartida, no que diz respeito ao bem-estar social, não são oferecidas melhorias para a maioria (mal) assalariada. O discurso modernizador existe para que a população se convença de que o atraso é pior que o moderno, e os intelectuais e dirigentes estatais ululam a ideia da modernidade como uma maneira de se esquivar das contradições sociais. É evidente, portanto, que o desenvolvimento econômico provoca melhores oportunidades de emprego, renda e desenvolvimento na infraestrutura do país e da capital, a despeito de que as benesses econômicas se restringem a poucos grupos sociais. Essas oportunidades de crescimento, em grande medida, se concentram em Buenos Aires e na zona litorânea, já que os habitantes do interior do país sofrem com a circulação dos produtos europeus a preços mais baratos que os artefatos locais. “Viendo los cambios sociales en su conjunto, la ida de la “modernización”, con la valoración positiva que lleva implícita, resulta poco apropiada” (ADAMOVSKY, 2012, p. 42). O que decorre a partir de 1860 é um processo em que mais da metade da população com ocupação livre é realocada para mão de obra assalariada, sem representação política, sem autonomia sobre seu próprio trabalho, dependente de um empregador e impregnada sob os costumes de uma moralidade familiar ditada pela elite econômica e política.

Os imigrantes compõem esse novo espectro social, formado majoritariamente por estrangeiros de origem italiana e espanhola (75%) (ADAMOVSKY, 2012, p. 30), além de outras numerosas nacionalidades a conviver com os bonaerenses e migrantes. Concentram-se na capital argentina e no litoral, locais que convergem boa parte das riquezas do país. Estão à procura de trabalho e melhores condições de vida, e sua presença é instrumentalizada como um artefato político: “Un permanente “patrullaje cultural” funciona desde entonces para borrar cualquier presencia que pudiera refutar o amenazar la consistencia de esa imagen de una Argentina blanca-europea”

(ADAMOVSKY, 2012, pg. 33). Assim, os imigrantes brancos desfrutaram, em certa medida, do progresso econômico, pois eles se encaixam na suposta política estatal argentina que defende o projeto de país a partir de uma mestiçagem, quando, na verdade, se trata de uma mescla com prevalência branca, ou melhor, para alguns brancos.

O trabalho na cidade conflagra situações específicas para as grandes urbes da Argentina. A oferta de emprego aumenta, porém não o suficiente para atender a demanda que vem de fora e de dentro país. No universo dos empregados, os brancos de “boa origem” e prestígio social têm mais facilidades, já que, por exemplo, “dedicarse a funciones intelectuales otorgaba una cierta jerarquía frente al resto de los trabajadores” (ADAMOVSKY, 2012, pg. 59). Entretanto, existem diferenças de qualificação, função e uma profunda distorção salarial no tecido social do entre-séculos. As possibilidades de emprego e prestígio é uma realidade para os empregados do Estado, do comércio e os trabalhadores manuais de pouca qualificação:

Al calor del aumento poblacional y del auge agroexportador, desde 1880 la producción manufacturera comenzó a crecer rápidamente. La mayor demanda de productos estándar estimuló la creación de establecimientos de mayor tamaño y la introducción de maquinarias en una diversidad de rubros, entre otros la producción de galletitas y cigarrillos, las imprentas y las herrerías. El trabajo a domicilio también creció. El uso de máquinas de coser, que había comenzado a mediados de los años cincuenta, se extendió enormemente, de modo que hubo menos costureras, pero produjeron cantidades mucho mayores. Aunque siguieron predominando los talleres pequeños y medianos, para fines de la década de 1880 la ciudad de Buenos Aires ya estaba poblada de fábricas y chimeneas humeantes, en las que trabajan millares de obreros. (ADAMOVSKY, 2012, p. 62)

A nova configuração da cidade é favorável ao enraizamento de tendências contestatórias. Essa mobilidade social sedimenta as bases para a promoção econômica de uma parcela de trabalhadores, porém exclui uma porção significativa. A ausência de conciliação entre o capital e o trabalho acarreta na tênue presença do Estado e implica na forma vil como muitos trabalhadores são tratados. Essas idiosincrasias são férteis para o surgimento do movimento operário bonaerense e de suas manifestações ideológicas. Enquanto isso, os patrões e o Estado confrontam-se com a classe laboriosa.

Nesse contexto, o anarquismo é um movimento a corroborar com a luta dos *obreros* em Buenos Aires e a orientar a organização dessa classe a partir da criação de círculos libertários, onde imigrantes e *criollos* com passado artesão, campesino ou fabril frequentam esses espaços de formação cultural e política, disputado por socialistas e anarquistas. A educação realizada nos círculos forma o labutador e sua família. Sem dúvida, há restrições. Ainda assim, esses espaços instruem o militante através de um trabalho doutrinário e de conscientização dos setores proletários, em grande medida vinculados aos sindicatos. (SURIANO, 2001)

O movimento anarquista fecundado na cidade portenha é vital para o rápido fortalecimento dos sindicatos dos *obreros* no entre-séculos. Esse panorama retrata um quadro não só da atuação crescente do proletariado, como também da ampliação da base trabalhadora e da conformação do ideário anarquista por setores da classe média. Além disso, o movimento libertário está presente na imprensa e na criação de Círculos ou Casas do Povo. A imprensa libertária edita e publica folhetos e periódicos para servir, dentre outras coisas, como ferramenta à propaganda da ideologia anarquista. No final do século XIX, os círculos tornam-se centros de irradiação política e cultural, viabilizando desde a publicação dos folhetos, promoção das conferências, cursos das doutrinas libertárias, até a formação de grupos de estudo e atividades recreativas. (SURIANO, 2001).

A imprensa argentina desse período cresce e amadurece, representa a pluralidade e a inserção da informação no meio social através de distintos atores do Estado e das organizações civis e trabalhistas. Essas características aprofundam a institucionalização de espaços a fortalecer os meios de comunicação e a carreira de jornalista, embora estejamos cientes de que as benesses estatais são válidas para a imprensa mancomunada com os valores da burguesia portenha e dos dirigentes estatais. O antecedente do início desse processo de institucionalização ocorre com a criação, em 2 fevereiro de 1891, do *Círculo de la Prensa*, que tem, a princípio, o propósito principal de “defender la libertad de prensa frente a los avances del poder, pero con el correr del tiempo incorporo diversos servicios de asistencia cultural e social para un creciente número de asociados” (DE MARCO, 2006, p. 438).

O diário *La Tribuna* é fundado em maio de 1891 pelo jornalista uruguaio

Augustín de Vedia, e com o fim de sustentar e pulverizar as ideias de quem viria a ser, pela segunda vez, presidente da Argentina em 1898 – Julio Argentino Roca<sup>19</sup>. O jornal dura até 1909.

Em 1893, diante dos primeiros sinais da crise econômicas da última década do século XIX, o Estado começa a censurar os jornais que criticam o governo com caricaturas políticas, como, por exemplo, *Don Quijote*, ou os jornais que insuflam os motins dos trabalhadores da capital e de cidades interioranas. Frente à instabilidade social, Roca é nomeado chefe das forças armadas para controlar os agitadores e os jornais que entoavam suas lutas. A mudança constante de gabinetes, o agravamento do conflito em torno da região limítrofe entre Argentina e Chile, as lutas dos trabalhadores e outras questões levam a renúncia (22 de janeiro de 1895) do então presidente, Luiz Sáenz Peña, e assume o vice-presidente José Evaristo Uriburu, que orienta suas posições pelas três grandes referências da política nacional argentina do entre-séculos, Bartolomé Mitre, Carlos Pellegrini e Roca. (DE MARCO, 2006)

As incertezas rondam o cenário político e social, as frentes de combate ao governo acarretam na irradiação dos ideais socialistas e anarquistas. Assim, torna-se peça-chave a formulação de periódicos que podem dar guarida ao pensamento progressista. Um dos militantes socialista que atua entre os revolucionários é o médico Juan B. Justo, encarregado de dirigir o jornal *La Vanguardia*, que se define como um empreendimento socialista, científico e defensor dos trabalhadores, criado em 7 de abril de 1894. O jornal começa com uma tiragem modesta em face dos recursos que tem disponível, de um número por semana, para, em 1905, ter uma tiragem diária. O jornal dispõe de colaboradores ilustres, como o estudante de medicina José Ingenieros e o jovem escritor, boêmio e anarquista, Alberto Ghirardo, e funciona como guardião do Partido Socialista criado em 1896. O historiador Miguel Ángel de Marco nos traz a meta do periódico:

Venimos a promover todas las reformas tendientes a mejorar la situación de la clase trabajadora: la jornada legal de ocho horas, la supresión de los impuestos indirectos, el amparo de las mujeres y los niños contra la explotación capitalista, y demás partes del programa mínimo del partido socialista, internacional obrero". (DE MARCO, 2006, p. 443)

---

<sup>19</sup>

A primeira presidência de Julio Argentino Roca é de 1880 até 1886.

Em 1897 é criado outro jornal de concepção política de esquerda, o periódico anarquista *La Protesta Humana*, dirigido e concebido pelo marceneiro espanhol Gregorio Inglán Lafarga. Sua periodicidade, no princípio, quinzenal, se converte em entrega diária durante 1904 (ano em que é dirigido por Alberto Ghirardo) e trabalha não só no sentido de denunciar os desmandos do Estado perante o trabalhador, mas também de criar uma massa crítica diante as perseguições policíacas das quais os anarquistas são vítimas. (DE MARCO, 2006)

A preocupação com os mais vulneráveis do sistema capitalista não se formaliza, exclusivamente, por intermédio dos periódicos de esquerda. Existem algumas organizações cristãs que também cumprem o papel de se comunicar com seus fiéis, em boa parte trabalhadores espoliados pelas desigualdades. Diante dessa perspectiva, surge em 1897 *La Voz de la Iglesia*. Em seguida, em abril de 1900 é criado *El Pueblo*, com o intuito de defender a comunidade cristã, a família, o bem-estar das pessoas, comprometendo-se a dar “especial atención a la clase obrera” (DE MARCO, 2006, p. 453).

A grande imprensa desse período, como *La Prensa* e *La Nación*, dá ampla cobertura à disputa em torno de quem assume a presidência da república em 1898. O fogo cruzado entre Mitre, Pellegrini e Roca cede, aos poucos, para um clima eleitoral de consenso em que Roca ganha espaço em virtude das manobras militares que são conduzidas pelo general. Ele é o responsável por articular uma prática militar nova para o período, isto é, o alistamento militar obrigatório aos jovens de vinte anos de idade, que num espaço de dois meses têm a missão de viver em acampamento e se acostumar a diferentes lugares. Esse movimento militarista gera inconformidade nas famílias dos jovens, que, posteriormente, passam a andar bem armados, com uniformes militares e com um decente equipamento. É importante sublinhar que parte significativa desses jovens são filhos de imigrantes que se mesclam aos jovens *criollos* de distintas origens. A militarização é amplamente noticiada pela imprensa:

(...) los diarios de Buenos Aires dedicaron notable espacio a las noticias referentes a la movilización, de carácter oficial o remitidas por improvisados corresponsales militares. Muchos de los órganos que se difundían a la Capital en la década anterior habían desaparecido, y quedaban firmes en la brecha, entre los realmente viables, desde el punto de vista del favor público, *El Diario*, *La Prensa*, *La Nación*, *La Voz de la Iglesia*, *La Tribuna*, *El Tiempo* y *Don Quijote*, además de los antiguos medios de

colectividades que intervenían con entusiasmo en las cuestiones del país como *El Correo Español*, *Le Courier de La Plata*, *L'Operario Italiano*, *La Patria degli Italiani*, *The Buenos Aires Herald* y *The Standard*. (DE MARCO, 2006, p. 446)

A perspectiva de enfrentamento bélico aflige os cidadãos argentinos, principalmente no que diz respeito aos limites da Argentina com o Chile, e Roca é a figura que se capitaliza nesse contexto. Em 12 de Outubro de 1898 ele toma posse como Presidente da República perante o presidente da Assembleia Legislativa, Bartolomé Mitre, e faz um discurso parcimonioso sobre a situação do país, a propor como caminho a paz interna da Argentina, o fortalecimento da economia nacional depois da crise da década de 1890. E o país presidido por Roca começa a conviver com a situação contraditória de prosperidade material para a elite portenha e a pobreza permanente para as classes econômica e socialmente vulneráveis. Esse horizonte, com o passar dos anos do governo Roca, provoca uma pauta política a agregar as frentes progressistas para além dos partidos tracionais. (DE MARCO, 2006)

Em 1898 é, também, o ano da criação de uma das mais prestigiosas revistas da Argentina do entre-séculos, a *Revista de Derecho, Historia y Letras*. O responsável pela empresa é o escritor e jornalista de renome, Estanislao S. Zeballos, que tem a reponsabilidade de converter a revista em uma das principais publicações culturais desses anos. A meta da revista é trabalhar com Direito, crítica e ciência, de modo a contribuir ao desenvolvimento e fortalecimento do Direito, da família, da educação, das instituições estatais “y en el ejercicio de las libertades políticas y civiles en las naciones americanas, y de una manera directa e especial en la República Argentina” (DE MARCO, 2011, p. 449). A revista extingue em 1923, e produz 76 tomos durante o período de existência.

*Caras y Caretas* (1898-1939) é mais um periódico semanal com a finalidade de propagar as festividades, a cultura, as artes e as atualidades do país e do mundo. É um dos empreendimentos de destaque no jornalismo argentino. A revista cai nas graças da população de Buenos Aires na medida em que publicam, permanentemente, artigos e crônicas de escritores de sucesso e as caricaturas de políticos. A través do avanço de técnicas gráficas, *Caras y Caretas* traz capas e algumas páginas internas em impressões coloridas. Na

fundação da revista participam homens como Bartolomé Mitre, Manuel Mayol, Eustaquio Pelicer e outros. José S. Álvarez, mais conhecido como “Fray Mocho”, tem seu lugar dignificado pela história do jornalismo argentino por ter fundado e dirigido (durante alguns anos) a *Caras y Caretas*, fazendo sua carreira como um escritor e jornalista de humor afiado. (DE MARCO, 2006). Como veremos, esse periódico é uma das fontes para o registro das andanças sul-americanas de Gori.

Em outra perspectiva, a virada do século também implica em aumento da criminalidade. O medo era fomentado pelos jornais, noticiando os homicídios, os roubos e as prisões dos réus. Dramatizam a violência. A prisão ganha relevância com o aumento do crime. Os políticos e os profissionais que se dedicam à área, procuram, cada um a seu modo, propagar análises sobre quais são as condicionantes do delito, e as possibilidades de defender a sociedade.

O crescimento vertiginoso da cidade trouxe consequências que não se compatibilizam, de forma orgânica, com a nova conjuntura urbana. Como imaginar a distribuição da população na cidade sem uma política habitacional para acomodar os imigrantes e os migrantes? Mais da metade da população de Buenos Aires é de gente imigrada, que vivem onde é possível. Mal chegavam à cidade e têm de construir suas próprias casas.

O tema das habitações popular é um sinal de que apenas uma parte irrisória da sociedade, a médio e longo prazo, conquista a casa própria. O estudo das formas de moradia, entre 1880 e 1930, sinaliza um conjunto de problemas que afetam a realidade de Buenos Aires. O modo de organização familiar, as moradias, a saúde, o trabalho, a alimentação, os aspectos demográficos, a cultura política são alguns dos elementos que devem ser levados em consideração quando se pensa o processo habitacional na capital Argentina de finais do século XIX e início do XX. (ARMUS, 1987)

Existe uma vasta bibliografia a tratar da temática de vivenda popular nesse período. Ainda assim, o historiador Diego Armus (1987) sugere um conjunto de características que são consensuais entre os estudiosos desse tipo de moradia. A primeira delas é o caráter agroexportador da economia argentina do entre-séculos, que proporciona um crescimento urbano significativo, e uma rede modesta de indústrias provedoras de bens primários com o fim de atender, sobretudo, uma demanda interna e urbana. Outro ponto se refere à estrutura sócio ocupacional da cidade a sobressair as atividades de serviços e outras

certamente vinculadas às tarefas manuais. Além disso, a cidade não possui estrutura física para comportar a quantidade de imigrantes e migrantes que se deslocam para a cidade portenha – “(...) la capacidad habitacional quedó rápidamente rebasada; viejas casas patricias fueron transformadas en conventillos y a ellos recurrieron los trabajadores (...)” (ARMUS, 1987, p. 95). Assim, o raio urbano cresce progressivamente, as linhas ferroviárias aumentam, se eletrificam e, paulatinamente, chegam às zonas longínquas do centro da cidade, e, portanto, se constitui um meio de transporte do trabalhador. No início do século XX começa a surgir os anéis urbanos próximos às transvias, terrenos de baixo custo e com possibilidade de financiar a longo prazo. Os cortiços são uma das poucas opções até as duas primeiras décadas do século XX – a vida cotidiana dos cortiços está envolvida por agrupações humanas emboladas, poucas dessas habitações têm condições de ter água potável – “las tipologías de vivienda reconocidas como dominantes, en particular por los historiadores de la arquitectura, son el conventillo mediano y grande, la casa chorizo y, finalmente, la casa cajón” (ARMUS, 1987, p.96). E, por fim, é importante afirmar que a política habitacional é decididamente liberal, isto é, a elite econômica regula essa temática, sem considerar uma intervenção estatal como prática de uma política habitacional. Sobre esse ponto, a socióloga Juliana Marcús esclarece:

Recién a comienzos del siglo XX comienzan a pensarse políticas públicas relativas a la vivienda popular. La creación de la Comisión Nacional de Casas Baratas (Ley 9677 de 1915) marcó un hito fundacional en la intervención del Estado en cuanto a políticas de vivienda. Hasta fines del siglo XIX el arrendamiento de cuartos en conventillos constituyó una de las principales fuentes de generación de renta urbana en la ciudad de Buenos Aires. En este sentido, la persistencia del inquilinato tiene su razón de ser en su alta rentabilidad. (MARCÚS, 2011, p. 65)

Assim sendo, os cortiços passam a acomodar os imigrantes, ocupam a região centro e sul da cidade, e dão continuidade aos setores de comércio e residências já estabelecidos. E do outro lado da capital, no bairro norte, grandes edifícios *à la Belle Époque* emergem no espaço urbano, patrocinados pelo enriquecimento de setores da economia agroexportadora. Essas duas vertentes

edificam duas cidades no mesmo espaço<sup>20</sup>, ressignificando o perfil urbano bonaerense. Casas e moradias feitas de lata e, muitas vezes, no improvisado. Os palacetes, na zona enobrecida, remodelam o estilo tradicional, constroem novas avenidas, praças, monumentos e instituições que procuram imitar a Europa na paisagem e na política higienista e pedagógica. (CAIMARI, 2012).

Os médicos higienistas incentivam as diretrizes públicas adotadas no momento em que a situação sanitária entra em caos. O tema da higiene, no final do século XIX, está atrelado à ideia positivista de progresso e civilização, e acaba por deflagrar medidas intermediárias entre prevenção e disciplina. O coro higienista não interfere somente nos aspectos técnicos, mas também na moral, inclusive quando se pensa na massa indigente e no discurso modernizador. (CAIMARI, 2012). E é por esse motivo que o Estado, em determinados momentos, deseja acabar com os cortiços, e sempre vê essa habitação com ressalvas. Invariavelmente, o social se torna um elemento dramático para o Estado. Alcoolismo, marginalidade, crime, higiene, prostituição. Essas variáveis incrementam a pauta estatal, definitivamente, por intermédio do conflito propiciado com a organização do movimento trabalhador bonaerense, filiado às causas anarquistas e socialistas dos laboriosos imigrados.

Esses fatores são observáveis por qualquer cidadão que caminhe nos “dois lados” da cidade. Um conjunto de valores e significados é propagado na sociedade pelos veículos de comunicação estatais, pela imprensa, pelo poder público através dos legisladores, ou seja, cria-se uma série de adjetivos para conformar o imaginário da população. Esses termos são escritos por pessoas que estão completamente distantes da paupérrima realidade de alguns. Assim, não têm como fazer avaliações sóbrias sobre o tema. Avaliavam a situação pejorativamente, sem refletirem sobre todas as condições que podem ocasionar um desconforto urbano. Segundo eles:

las calles estaban minadas de mendigos, y también de *atorrantes*, palabra que a mediados de la década de 1880 nombró a la constelación de “desechos de la inmigración mal dirigida” que vivían de la basura y se alojaban en los predios repletos de caños para las grandes obras sanitarias. (CAIMARI, 2012, p. 77-78)

---

<sup>20</sup> As revistas costumavam relatar os locais onde aconteciam os crimes, com o propósito de informar o leitor o espaço onde ocorreu o crime. E, também, traziam notícia sobre a origem do criminoso, lugar de residência, e o crime cometido.

Os temas sociais entram na agenda do Estado. O poder de coerção, o poder policial do Estado, é legitimado pela crise da década de 1890. Para além de social, agrava-se uma crise política e econômica onde a esperança de poucos, competindo pelo enriquecimento, sem se preocupar com as implicações do crescimento urbano e demográfico no descontrole social, disputam a riqueza nacional. O Estado e as elites portenhas delegam à Polícia a resolução dos problemas sociais<sup>21</sup>.

Para cumprir os ditames da aristocracia bonaerense, instituições são criadas com o fim de gerar estadísticas, gráficos e todos os dados que podem ser úteis no combate à chaga urbana. Assim, os discursos políticos, os informes médicos, as doutrinas criminológicas e os editoriais dos jornais estão bem determinados a inibir o descontrole social. Os habitantes da cidade, em pleno fim de século, estão envolvidos por temas complexos e volúveis diante da insegurança. “Los criminales no solamente eran más que antes, alertaba el periodismo: eran *otros*.” (CAIMARI, 2012, p. 80)

Os aparatos científicos e tecnológicos ajudam a compreender essa alteridade por intermédio da ótica estatal. Nesse período, os dados estatísticos sobre a prisão de imigrantes mostram um acontecimento relevante na sociedade portenha – a imigração. O aumento das prisões de imigrantes é paralelo à vinda, em larga escala, dos novos habitantes. As consequências do aumento demográfico de Buenos Aires são o acréscimo do consumo, dos passivos trabalhistas e da criminalidade.

A conjuntura é propícia para o surgimento de uma série de signos a definir o delinquente. *Lunfardo*, por exemplo, é a alcunha do profissional urbano do roubo, o “malandro” portenho. Ele está presente nas letras de tango e no imaginário social da cidade. O médico e o criminólogo, por outro lado, tentam compreender a ascensão dessa figura na capital. Entrementes, o primeiro esboço institucional que procura conhecer a imagem do criminoso – *Galería de Ladrones de la capital (1880-1887)*<sup>22</sup>. A publicação é a iniciativa principiante a estampar a fotografia dos *lunfardos*, publicando uma série de rostos previamente

---

<sup>21</sup> A imagem da polícia como “salvadora” é bastante explicitada no diário *El Mosquito* a partir da década de 1880. (DE MARCO, 2006)

<sup>22</sup> No terceiro capítulo eu trato da *Galería de los Ladrones de la capital* e da relevância da fotografia para identificação do criminoso.

julgados, justificando a necessidade de controle dos ladrões. Ainda que “muchos de los retratados ni siquiera habían robado: era rateros de poca monta o niños [a] camino [de] convertirse en ladrones importantes, los amigos de ladrones”. (CAIMARI, 2012, p. 83). É legitimado o pontapé para a análise do delinquente<sup>23</sup>.

## 1.2. – O ANARQUISTA E O ARTISTA

A controversa chegada de Pietro Gori a Buenos Aires, e o transcurso de sua residência na capital Argentina, são pistas que percorro nos relatos jornalísticos, nas revistas anarquistas, na *Criminalogía Moderna*, no semanário *Caras y Caretas*, nas publicações de Gori em Buenos Aires, e na bibliografia que dá guarida aos caminhos do nosso personagem no decorrer de três anos e sete meses a residir no lado de cá do Atlântico. O jornal *LN* informa, no dia 23 de junho de 1898, que o *socialista* italiano vem de sua terra natal a fugir da prisão, quando Gori é informado de que agentes do Estado violam seu domicílio:

Se halla desde anteayer en Buenos Aires el abogado italiano Pietro Gori, cuyo nombre se ha repetido con insistencia en los últimos tiempos, debido a la participación que tuvo en los acontecimientos ocurridos últimamente en Italia y especialmente en Milán. El Dr. Gori es muy conocido entre los hombres descollantes del partido socialista italiano, y más de una vez ha vuelto en las complicaciones a que en esta ocasión le ha llevado sus opiniones políticas. En 1894, cuando se produjo en Italia la reacción contra los partidos extremos, Gori pudo eludir las investigaciones de la autoridad, y durante algún tiempo se vio obligado a emplear todo género de recursos para salvar de las persecuciones de las policías de Europa. El tribunal lo condenó en rebeldía a tres años de prisión, y él se estableció entonces en los Estados Unidos, donde permaneció hasta que se dio en indulto general por la boda del príncipe de Nápoles. Aprovechando la gracia, volvió a su patria y se apresuró a declarar que sostendría siempre las mismas ideas. Establecido en Milán, estuvo frente de su estudio de abogado hasta que los

<sup>23</sup> Utilizo, neste trabalho, a palavra delinquente, com o fim de realçar a ideia de que o conceito de delinquência foi desenvolvido durante meados do século XIX na Europa, e os criminólogos positivistas deram ênfase ao criminoso (delinquente) em suas práticas teóricas e empíricas. Nesse sentido, o professor Gabriel Ignacio Anitua diz: “La idea de “ciencia” como centro del naturalismo positivista – cubierta obviamente de otras ideas con un ropaje mistificador de la ciencia – daría lugar al presupuesto básico de la anormalidad individual del autor del comportamiento delincuencia como explicación universal de la “criminología”. Las nuevas justificaciones tendrían como objeto de estudio ya no la sociedad, ni el Estado, ni las leyes y su afectación a los individuos, sino el comportamiento singular y desviado que, además, debía tener una base patológica en el propio individuo que lo realizaba” (ANITUA, 2005, p. 179)

últimos acontecimientos le obligaron a fugar precipitadamente para librarse de las persecuciones de la policía. Hallábase Gori en el tribunal defendiendo a uno de sus clientes, cuando le llegó la noticia de que había sido allanado su domicilio. Inmediatamente salió del tribunal se disfrazó con una peluca rubia y lentes y se dirigió a la estación del ferrocarril, donde por una curiosa coincidencia hubo de tomar el mismo tren en que partió el duque de Génova con todo su séquito. Así pudo llegar a Marsella, donde tomo el vapor *Italie*, que lo ha conducido a Buenos Aires. Gori piensa establecerse en esta capital como corresponsal de los diarios ingleses. Dánosle la bienvenida. (*LN*, 23 de junio de 1898)

A superfície anedótica da notícia, e a posição de um dos jornais de maior circulação na sociedade portenha de entre-séculos, insinua a negação do anarquista. A informação é falsa na medida em que Gori nunca foi reconhecidamente socialista. Mas, escolhemos o jornal *LN* como uma das fontes de pesquisa por dois motivos: primeiro por ser um jornal da burguesia portenha, com publicação diária, de ampla tiragem, que dificilmente aborda o italiano como anarquista, e um dos objetivos dessas linhas é procurar os rastros do intelectual em um dos maiores jornais argentinos, tendo em vista que o *La Prensa* concorre com o *LN*. E, também, há o fato de boa parte das pesquisas centrarem-se na atuação propagandística de Gori; por esse motivo, recorrem amiúde aos periódicos anarquistas daquele período – os jornais anarquistas são um dos objetos de pesquisa utilizado nos estudos sobre o anarquismo argentino na dimensão política, cultural, *obrero* e social.

Percorrer os caminhos de Gori através do *LN* não me leva, exclusivamente, à figura do intelectual, e indica, sim, uma pessoa imbricada em múltiplas identidades, porém, que converge, nesse jornal, como um personagem sem contradições, com presença no cenário científico, político e cultural de Buenos Aires, de algumas cidades do interior da Argentina e dos países que visita na região. O jornal não se dedica a acompanhar as andanças de Gori nem lhe concede numerosos espaços de destaque em suas páginas, ainda que seja um dos poucos anarquistas assumidos e reconhecido internacionalmente por sua luta libertária.

No primeiro de julho de 1898 (ou seja, poucos dias depois da sua chegada), o periódico divulga a primeira conferência de Pietro Gori realizada em Buenos Aires sob o tema *La función histórica del periodismo en la civilización*

*moderna*: “esta noche (...) el doctor Pedro Gori, el conocido agitador italiano llegado hace pocos días a esta capital, tendrá lugar en los salones del Círculo de la Prensa, (...), una conferencia”. E no dia seguinte, o jornal relata a interessante palestra proferida por Dr. Gori, que conta com a presença de vários jornalistas, políticos e amigos do conferencista, segundo a reportagem. O texto informa, porém, que as ideias propaladas por ele são diferentes do que pensa boa parte de “nuestros gremios sociales”, a despeito da notícia dar ênfase à maneira como ele consegue atrair os ouvintes com suas habilidades oratórias e cultura. Nessa conferência, segundo o *LN*, Gori reconhece e defende a imprensa como um órgão a corroborar para a evolução intelectual por meio da transmissão do pensamento humano, e que exerce um papel central no mundo, embora ele reconheça que há países repressores da liberdade de imprensa por banirem a circulação de alguns jornais. Gori aproveita a ocasião para dirigir palavras de afeto aos periodistas italianos condenados pelo tribunal de guerra da Itália, manifesta o que pensa sobre o conceito e a missão de imprensa e o quanto o jornalismo pode ser favorável ao progresso social. Para isso, problematiza a realidade jornalística norte-americana ao expor a contradição entre o interesse particular e coletivo implicado no jornalismo desse grande país. Para o conferencista, o objetivo central da imprensa é contribuir para a melhora do homem por intermédio dos critérios da paz, da justiça, dos progressos científicos e intelectuais, e prevê que o jornal será um dos meios para o ser humano se educar. E ele encerra a palestras com os versos do poeta conterrâneo e coetâneo, Felice Cavallotti: “Amante o voi che in terra affratello il dolore; non prospera la colpa dove germoglia amore!”<sup>24</sup>.

Percebemos que uma parte significativa das publicações sobre Gori no jornal *LN* giram em torno de suas conferências, e para compreender a importância e o impacto dessas intervenções é preciso tratar do anarquismo argentino, e a relação do nosso personagem com o movimento político

---

<sup>24</sup> “Amem-se, vós que na terra estão irmanados pela dor. A culpa não prospera onde germina o Amor”. Cavallotti (1842–março de 1898, falecido, portanto, poucos meses antes da chegada de Gori à Argentina) foi um poeta, dramaturgo e militante de esquerda. Esse verso foi retirado de *Il cantico dei cantici*. Scherzo poético in un atto, representado pela primeira vez em 1881, em Roma, é uma comédia satírica de assunto anticlerical. Disponível em: <<https://archive.org/details/ilcanticodeicant00cavauoft>>. Acesso em 16/02/2017.

libertário<sup>25</sup> desse país. Assim, destacamos as obras que apresentam as diversas tonalidades do anarquismo argentino do entre-séculos, como *El anarquismo en el movimiento obrero en Argentina*, de laacov Oved (1978), *Anarquistas: cultura e política libertaria en Buenos Aires (1890-1910)*, de Juan Suriano (2001), *Anarquismo Argentino (1876-1902)*, de Gonzalo Zaragoza (1996), *Literatura y anarquismo en Argentina (1879-1919)*, de Pablo Ansolabehere (2011), *El anarquismo en el movimiento obrero*, de Emilio López e Diego Abad de Santillán (2014) e *Los anarquistas expropiadores, Simón Radowitzky y otros ensayos*, de Osvaldo Bayer (2008).

Essas obras, e outros escritos sobre o universo anarquista, propiciam o entendimento das diversas potencialidades de atuação e propagação do anarquismo na Argentina. Esses estudos dão ênfase ao espaço e tempo que estou a contextualizar nesta dissertação. Nesta parte do trabalho me dedico a procurar os caminhos do Gori intelectual e dirigente anarquista, e acabo por esbarrar em outro fado do italiano, a arte. Sua participação e contribuição no anarquismo argentino ocorre no campo da formulação política, intelectual cultural, mas isso se deve à consolidação do anarquismo organizativo, da presença massiva dos imigrantes no movimento anarquista argentino e da precoce militância de Gori na Europa e nos Estados Unidos. A experiência adquirida antes de sua chegada a Buenos Aires influencia os canais do anarquismo argentino.

Errico Malatesta, ilustre anarquista italiano, companheiro de Gori nas causas libertárias, também é outro imigrante italiano a corroborar com a organização do anarquismo na Argentina, quando, entre 1885 e 1889, reside na cidade portenha, assenta as bases para a difusão do ideário, que possibilita maior coesão e posterior expansão da corrente organizadora (BAYER, 2008).

---

<sup>25</sup> O *Dicionário de Política*, organizado por Norberto Bobbio, Nicola Matteucci e Gianfranco Pasquino, tem a seguinte definição geral de anarquismo: “o termo Anarquismo, ao qual frequentemente é associado o de “anarquia”, tem uma origem precisa do grego (...), sem Governo: através deste vocábulo se indicou sempre uma sociedade, livre de todo o domínio político autoritário, na qual o homem se afirmaria apenas através da própria ação exercida livremente num contexto sócio-político em que todos deverão ser livres. Anarquismo significou, portanto, a libertação de todo o poder superior, fosse ele de ordem ideológica (religião, doutrinas, políticas, etc.), fosse de ordem política (estrutura administrativa hierarquizada), de ordem econômica (propriedade dos meios de produção), de ordem social (integração numa classe ou num grupo determinado), ou até de ordem jurídica (a lei). A estes motivos se junta o impulso geral para a liberdade. Daí provém o rótulo libertarismo, atribuído ao movimento, e de libertário, empregado para designar o que adere ao libertarismo”. (BRAVO, 2002, p. 23).

Nesse contexto, Malatesta funda o *Círculo de Estudios Sociales* e o jornal *La Questione Sociale*<sup>26</sup>, em torno dos quais congrega diversos militantes (em grande maioria, italianos), ainda que a energia empreendida por ele é fundadora de uma ideia organizacionista, não realiza, entretanto, a tarefa de consolidar uma rede de instituições que protejam e esclareçam os trabalhadores sobre os benefícios do ideário anarquista. (SURIANO, 2001).

Os imigrantes espanhóis estão entre as figuras que se destacam na estruturação da organização em detrimento da corrente anarquista-individualista, contrária à criação e/ou participação em instituições anarquistas. A corrente de Gori, de Malatesta e dos três espanhóis, Antonio Pellicer Paraire, Iglán Lafarga e José Prat pretende formar os trabalhadores por meio da propaganda entoada nos jornais anarquistas, ou nos círculos culturais e nos locais de resistência. Gori e Malatesta são as pessoas consagradas do anarquismo e dão as diretrizes para o fortalecimento do ideário libertário na Argentina, com foco na politização dos trabalhadores ao realizarem conferências, publicarem nos jornais anarquistas e encenarem peças teatrais libertárias. Para Bayer (2008), a peculiaridade de Gori na Argentina está em “hacer “entrar en sociedad” a las ideas anarquistas” (p. 122).

Nas palavras de Oved (1978), o italiano acaba por cumprir um papel de catalizador do anarquismo argentino. Não é por acaso que durante os anos de sua residência portenha, o movimento consegue mobilizar os trabalhadores da cidade, sendo estes portuários, condutores de carruagens, cocheiros, marinheiros, pintores, pedreiros, padeiros e de outras ocupações. Essa convergência ditada pela mensagem anarquista é pautada pelas reivindicações e pela ação de pretender modificar, substancialmente, a sociedade. A luta arregimentada pelos grêmios anarquistas constitui-se como um dos polos onde os trabalhadores podem compreender, e se comprometer, com um projeto de sociedade pautado pelo pensamento anarquista.

A propaganda é a ferramenta a fixar as peças da máquina anarquista. As atividades, organizadas institucionalmente com o estabelecimento dos centros culturais, da imprensa, dos grupos, e até de uma proposta pedagógica racional que tem a finalidade de, no largo prazo, provocar o surgimento de um indivíduo

---

<sup>26</sup> *La Questione Sociale* tem publicação (em italiano) quinzenal e existe em Buenos Aires durante o ano de 1895.

livre de preconceitos edulcorados pela educação religiosa e patriótica. Cabe aos canais de comunicação e formação da propaganda cumprir a missão de irradiar a palavra libertária. (SURIANO, 2001)

As vicissitudes políticas, culturais, econômicas e sociais de Buenos Aires finissecular criam um espaço vazio, a indiferença do Estado massacra os trabalhadores, que veem no anarquismo um movimento a acalentá-los, organizando-os com o auxílio da propaganda e das instituições que criam um ambiente favorável de fortalecimento da ideologia e os trabalhadores contra os desmandos da pátria.

O círculo é um dos núcleos onde se articula a propaganda, um lugar para formar o *obrero* e sua família, realizar ações que estimulem o espírito reivindicativo dos trabalhadores bonaerenses, circunscrito ao âmbito laboral, vinculados por associações públicas dos *obreros*, sugeridas antes dos sindicatos ou das sociedades de resistência. O círculo, ou grupo, espalha-se em algumas regiões de Buenos Aires como tentativa de forjar espaços para oferecer cursos, conferências, bibliotecas. Com certeza não são os salões da aristocracia portenha, iniciam as atividades com pequenas agremiações a editar folhetos e jornais. No decorrer da década 1890 cresce uma rede de articulação entre os círculos anarquistas que incorporam a conferência entre suas atividades, de modo que, aos poucos, passa a agregar mais simpatizantes para suas filas. O crescimento relativo se dá a partir da percepção de que é necessário ampliar a oferta dos círculos pelo interior da Argentina, e assim, passam a criar os grupos para além da capital, que se expandem no final do século XIX:

(...) al filo del siglo, los grupos se convirtieron en centros políticos y culturales con una propuesta integral, que abarcaba desde la clásica edición de folletos y periódicos o el dictado de conferencias, cursos doctrinarios y formación de grupos de estudio hasta las actividades recreativas, que incluían actos declamación, representaciones teatrales o filodrmáticas, el canto revolucionario compuesto por himnos, verbenas y milongas, las fiestas campestres y finalmente el baile o la fiesta libertaria. Para ese entonces el proyecto libertario era integral ya como un modelo cultural alternativo, pues además de su propuesta política e ideológica ofrecía, en el mismo sentido, una oferta cultural que proponía modelos alternativos de teatro, diversión, vida familiar, saluda, vida cotidiana, mejor, intentaban reproducir formas y normas de sociabilidad consideradas por ellos diferentes a las habituales. El círculo era, entonces, el ámbito libertario de procesamiento de la cultura trabajadora a

partir del intercambio de las experiencias individuales que se transformaban en colectivas y perfilaban una identidad común. (SURIANO, 2001, p. 40-41)

Em 1897 os anarquistas fundam um dos principais jornais libertários desse período, o *La Protesta Humana*, dirigido entre 1898 e 1902 pelo catalão Iglán Lafarga, que também colabora com a organização e expansão do movimento na Argentina. Esse e outros periódicos anarquistas informam sobre as teorias anarquistas, problematizam teorias francesas ou italianas, sem contudo, esquecer de tratar das questões locais, dos problemas dos trabalhadores. Esse meio de comunicação não se furta exclusivamente aos problemas políticos e sociais, e age no sentido de informar as realizações culturais dos numerosos círculos libertários.

Em Buenos Aires, o crescimento ocorre do centro para a periferia da capital, depois para o interior do país, num desenvolvimento desordenado em face da falta de planejamento urbano. Os grupos passam a surgir nas periferias da cidade cuja moradia é o cortiço; as atividades culturais e as conferencias são importantes para consolidar a propaganda, realizada, em grande medida, por autores imigrantes, como o nosso personagem. De 1901 a 1903, enquanto os antigos círculos continuam suas atividades sem grandes novidades, os novos começam a fomentar apresentações de arte-propaganda, com a participação de poetas, intelectuais, oradores e militantes conhecidos, como Alberto Ghirardo, Pascual Guaglianone, González Pacheco, Florêncio Sanchez, Eduardo Gilimón e outros. A maior parte deles abriga-se na aura do *La Protesta Humana*.

É equivocado, todavia, potencializar o alcance da propaganda, tendo em vista que sua existência enfrenta dificuldades que se medem pelo autofinanciamento, pela permanente refutação de estruturas de representatividade, a descentralização no espaço urbano, a falta de responsabilidade para dar continuidade no tempo e a frequente intervenção do Estado, sendo essas algumas das características que, conseqüentemente, fragilizam a permanência desses espaços nomeados a promover a *contracultura*<sup>27</sup>. Ainda assim, cria-se uma cadeia produtiva dos grupos, da

---

<sup>27</sup> A autora, Golluscio de Montoya (1986), esclarece o fato de cada círculo ter um nome como um modo de marcar sua autonomia em relação aos demais. Os nomes, segundo a autora, demarcam as tendências científicas, como o “Círculo de Estudios Sociales” ou o “Grupo de Ciencia y Progreso”, anarquistas, como o “Círculo Comunista Anárquico” ou o “Círculo de

fabricação ao consumo, com a demanda de um público afim (trabalhadores e família), com a criação autoral, a execução das peças teatrais, do canto, das recitações, como a difusão, o financiamento, a crítica das encenações e das publicações, a avaliação da recepção do público por meio dos pontos de venda de livros e folhetos, das assinaturas, das doações, da organização de concursos literários e de pesquisas com o público participante. (GOLLUSCIO DE MONTOYA, 1986)<sup>28</sup>

No dia 9 de julho de 1898, o *LN* informa a conferência de Gori a se realizar no Teatro Doria<sup>29</sup> na manhã seguinte, sob o tema *Provocatori e sobillatori nei recenti moti d'Italia*, e noticia que a renda arrecadada com as entradas se destina às famílias trabalhadoras que padecem dos acontecimentos ocorridos na Itália (CANALES URRIOLO, 2016, p. 279). *La Protesta Humana* (apud ALBORNOZ, 2014b) publica, no dia 24 de julho, dois relatos a descrever as duas primeiras conferências de Gori no Teatro Doria. Sobre a primeira, do dia 10 de julho, o cronista diz que “cuantos sentimos amor por la causa, jamás olvidaremos tan hermoso acto de propaganda” (p. 27), sublinha a presença das mulheres – que passam a frequentar as conferências do italiano –, fala sobre os últimos acontecimentos de Milão (talvez como forma de explicar a residência bonaerense) e destaca que Gori é interrompido diversas vezes em detrimento dos contínuos aplausos. A segunda, do dia 17 de julho, realizada a pedido dos *obreros albañiles* (da construção civil), intitulada *Los derechos de los trabajadores y la cuestión social*, Gori explica ao público o sentido de revolução, algo inerente à lógica do sistema social, e que, nela, os trabalhadores devem

---

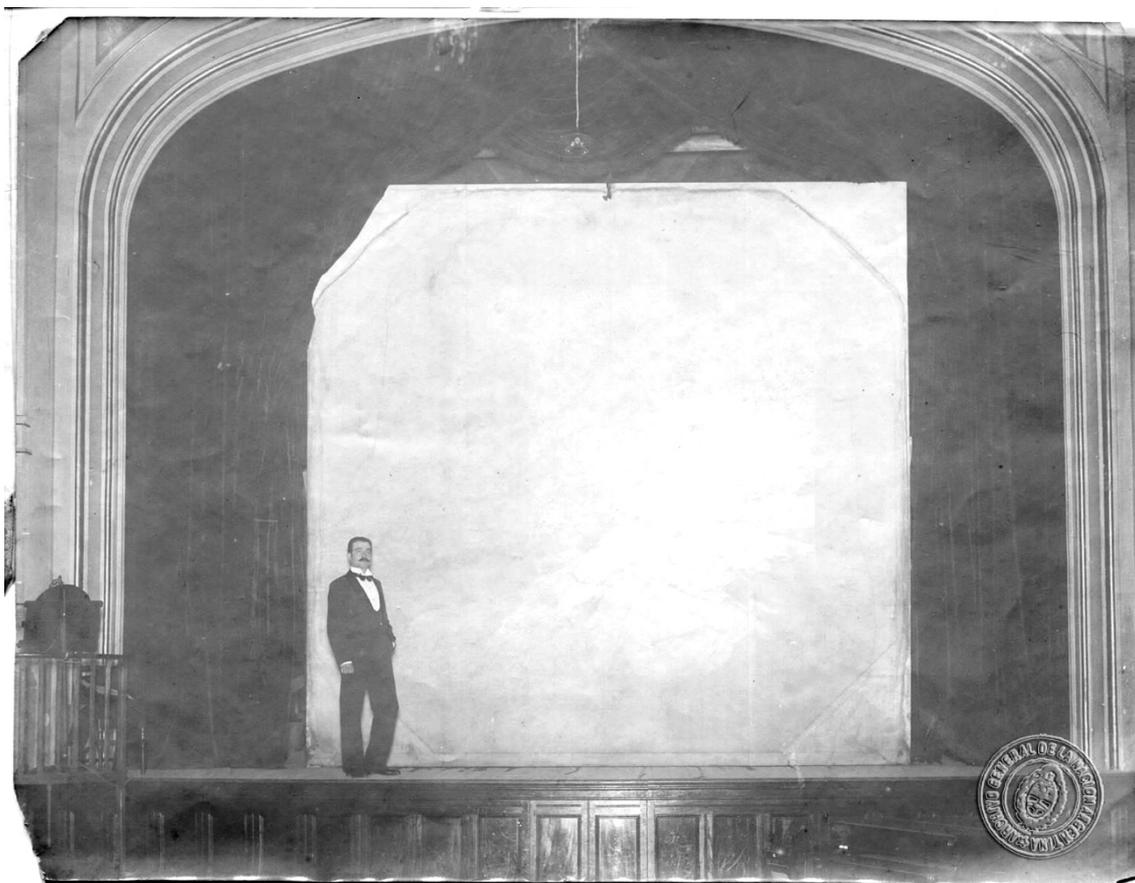
Propaganda Obrera Bakunista”, e outros com a visão utópica do movimento, como “Libertad y Amor” ou o “Los Caballeros del Ideal”, etc. Além disso, ela chama a atenção para o fato de que a produção cultural dos grupos ocorre contra a cultura hegemônica das instituições do Estado, isto é, nas palavras da autora: “si analizamos este fenómeno general a la luz de la concepción de lucha de los “organizadores”, veremos que la creación contracultural emanada de los grupos anarquistas ligados a la teoría de las dos esferas, se define no sólo por su oposición global al Estado y aparece entonces como un *circuito enfrentado* a la cultura proveniente de las formas oficiales y estatales – sino que se define *por su complementariedad*, en tanto *soporte* de las luchas sindicales y obreras”. (p. 58)

<sup>28</sup> As palavras grifadas nesse parágrafo são para manter coerência com a terminologia e a forma do artigo da autora, da professora Eva Golluscio de Montoya.

<sup>29</sup> O Teatro Doria, localizado em Calle Rivadavia, foi fundado por um empresário italiano, Silvio Giovannetti, em 1887. Ativo até “principios del siglo XX”, foi substituído, no mesmo local, em 1903, pelo Teatro Marconi. Espaço periférico e popular, recebeu espetáculos dramáticos, mas também de óperas, operetas, zarzuelas e *sainetes criollos*. (DILLON e SALA, 1998).

desempenhar um papel central. Nas palavras dele, “el camino de la emancipación debe estar iluminado por la paz radiante de la idea y los que a él se dirijan hombres conscientes [...] la emancipación que anunciamos es para todos indistintamente” (p. 28). Nessa ocasião, Gori se propõe a organizar “encuentros de controversias”, verdadeiros “duelos oratórios” (ALBORNOZ, 2014b), com a participação de interlocutores de outras tendências políticas, com o intuito de ordenar as intervenções e os debates<sup>30</sup>.

**Figura 1.** Pietro Gori em uma conferência.



Fonte: Fotografia do *Archivo General de la Nación Dpto. Doc. Fotográficos. Buenos Aires. Argentina.*

Segundo CANALES URRIOLA (2016, p. 276), os convites a Pietro Gori para essas e outras conferências vinham de vários atores: a associação dos

<sup>30</sup> Gonzalo Zaragoza (1996) afirma que “su segunda conferencia, en el Teatro Doria, de entrada gratuita, acoge a más de dos mil personas entusiasmadas” (p. 236). Martín Albornoz (2014b) relata que a conferencia do dia 17 de julho de 1898 está “como el salón estaba casi vacío, sin perder de la compostura, Gori se comprometió a organizar una jornada de controversias” (p. 28).

pintores, a associação dos pedreiros de La Plata, a Sociedade Anticlerical “Giordano Bruno”, a *Unión Liberal* e a “Sociedad Internacional de Carpinteros, Ebanistas y Anexos”. O mesmo autor, que consultou coleções de jornais e revistas socialistas e anarquistas publicados na Argentina, menciona, pelo menos, mais duas conferências no formato de *controversias*: uma com o “socialista” José Ingenieros (no dia 28 de agosto de 1898, na Associação dos artesãos de Buenos Aires) e outro com o também militante socialista Adrián Patroni<sup>31</sup>, no dia 1º de janeiro, na sede da Associação dos padeiros. Na realidade, as “controversias” entre Gori e Ingenieros são numerosas e memoráveis, como veremos. Nos mesmos anos em que os dois intelectuais, o advogado italiano e o jovem estudante de medicina (coincidentemente nascido na mesma ilha da Sicília onde Gori também havia nascido, doze anos antes), colaboram na revista *Criminalogia Moderna*, os dois duelam em palcos de teatros, salas de associações profissionais e políticas, e nas páginas da imprensa socialista e anarquista (ALBORNOZ, 2014b).

Um numeroso público participa das conferências de Gori em Buenos Aires, no interior da Argentina e em outros países que ele visita. De maneira geral, a plateia que o ouve é formada por diversos públicos, de distintas classes sociais, que têm a oportunidade de presenciar as apaziguadoras e lúcidas palavras para alguns, entediadas e mesquinhas para outros (alguns socialistas ou os anarco-individualistas).

A imagem acima, de um local não identificado, ilustra uma destas conferências e nos traz a visão do espectador: a presença esguia de Gori, em traje social alinhado, bigode e cabelo afeitado, mão esquerda no bolso, braço direito rente ao corpo, demonstrando se sentir à vontade com a posição ocupada em um palco, diante do público a ouvi-lo.

As conferências são práticas de sociabilidade que se estabelecem no meio anarquista como forma de organizar o trabalhador, formar sua consciência de modo a amadurecer os procedimentos de luta contra a situação aviltante das condições de trabalho e, com efeito, é um dos exercícios de entretenimento da propaganda anarquista por meio do qual os grupos pretendem evitar um

---

<sup>31</sup> Nascido em Montevideu em 1867, filho de italianos, emigrou para Buenos Aires aos dezesseis anos de idade. Trabalhou como pintor de paredes e se tornou liderança socialista. Publicou, em 1898, *Los Trabajadores en la Argentina* (MARO, 2007).

anarquismo à matroca. Todos os autores que estudam o anarquismo argentino convergem no argumento de que Gori é um ser atilado com a organização da ideologia e prática libertária no país. Esse organizacionismo do italiano decorre ou se articula de sua experiência com o anarquismo de outros países, de sua participação nas conferências, de suas peças e canções publicadas e encenadas nos círculos anarquistas durante a residência portenha, de sua relação com os *obreros* e suponho, ademais, de sua circulação em alguns meios intelectuais e institucionais do Estado argentino.

A proposta do autor em formalizar as controvérsias tem respaldo no que ele percebe no decorrer de suas primeiras intervenções em terra portenha, a presença de boa parte dos antiorganizadores representados pelo periódico *El Rebelde* (1898-1903) e por uma tradição que remonta à vivência espanhola de 1881, ano da criação da *Federación de los Trabajadores de la Región Española*. Nesse esteio, os libertários espanhóis que emigram para Buenos Aires são os primeiros a implantar a organização do movimento anarquista na Argentina. Dentre esses, destaca-se outro catalão anarquista, Antonio Pellicer Paraire, que se dedica, desde sua chegada à capital em 1891, a auxiliar na criação das associações libertárias com o escopo de preparar os trabalhadores para reivindicarem melhores condições de vida e trabalho. Além disso, Paraire acentua a importância de que as associações devem ser regidas de acordo com os paradigmas federativos, organizados em grêmios de uma mesma província e separados por profissão. (SURIANO, 2001)

Pietro Gori intensifica essa perspectiva quando propõe, em menos de um mês de residência, os encontros (conferências) de controvérsias. Martín Albornoz (2014b) esclarece que o ponto central das controvérsias diz respeito ao ímpeto dos anarquistas em forçar a entrada nos atos socialistas<sup>32</sup>. A controvérsia é “mostrar mediante interacciones “cara a cara” la superioridad de las propias ideas y falsedad de la contrarias, para convencer, o convencerse, de dicha superioridad” (p. 187). Os anarquistas e socialistas vivenciam esses

---

<sup>32</sup> Sobre a organização socialista, Juan Suriano (2001, p. 69) diz: “cabe acotar que este tipo de estructura no es patrimonio del anarquismo y se inscribe en el patrón más amplio del movimiento socialista. Tanto el anarquismo como el socialismo presentaron en nuestro país el mismo modelo de veladas culturales. A pesar de las diferencias doctrinales de ambos sectores, lo himnos, las canciones, las piezas de teatro y el repertorio temático de las conferencias no reconocen una distancia muy marcada”.

encontros “cara a cara”, de controvérsias, com mais efervescência na Argentina do entre-séculos. Os anúncios e os relatos desses debates aparecem nos periódicos *El Obrero*, *La Vanguardia*, *El Perseguido*, *L’Avvenire* e *La Protesta Humana*, e eles permitem navegar no interior das estórias para além das discussões sobre a forma como conscientizar os trabalhadores, o papel do Estado, entre outras temáticas que perfilam o leque de perspectivas (doutrinárias e/ou organizacionais) a habitar esses encontros. Gori desfruta do fato de que os contraditados socialistas e o movimento libertário estão mais favoráveis à militância coletiva e gremial. Essa circunstância viabiliza, por um lado, no âmbito político, um horizonte discursivo das contraditas que tem relação com a participação dos trabalhadores nos processos eleitorais e com as condições de trabalho, e, de outro lado, um panorama presente por meio do espetáculo e teatralidade que significam as controvérsias.

Albornoz (2014b, p. 207) menciona uma nota, publicada sob o pseudônimo “Fulano”, no *La Vanguardia*, em julho de 1898, e, portanto, relativa à primeira conferência de Gori (*La función histórica del periodismo en la sociedad moderna*), que, entre outras indicações, parece nos informar que, pelo menos no começo, a língua utilizada nessas oportunidades é o italiano:

Quitando la vaporosidad azucarada de la lingüística, los vuelos poéticos, algunas veces demasiados vulgares, condimentados con el acostumbrado: “azzurro del cielo”, “la cappa del sole”, “la santa missione della tolleranza”, etc., etc., y estrechando todo en el puño para sacarle el zumo para saber cuál es la función histórica de la prensa, encontramos que, para Gori, está toda, o casi toda, en el título de la conferencia.

Entre o lusco e o fusco do XIX para o XX, o público e a disponibilidade de conferências e controvérsias são ampliados, também crescem os espaços de discussão, diversificam os meios propagandísticos, delimitam e reforçam as regras para o transcorrer dos duelos e convidam figuras de maior peso intelectual no interior das agremiações socialistas e anarquistas. Nesse contexto, as controvérsias têm o forte apoio das correntes organizadoras do anarquismo, e essa mudança de perspectiva na proa anarquista altera o sentido a as filigranas desses eventos à medida que o objetivo é atrair público. O notável escritor, editor

e militante anarquista espanhol, Diego Abad de Santillán<sup>33</sup>, e o socialista, e depois anarquista, Eduardo Gilimón<sup>34</sup> são testemunhas das peripécias de nosso personagem, e defendem a relevância das conferências proferidas por Gori na medida em que a participação do italiano no anarquismo argentino acaba por orientar boa parte do movimento libertário do país. Nesse sentido, Diego Abad de Santillán e Emilio López Arango (2014, p. 12) contam:

La personalidad de Gori y su elocuencia eran tan arrolladoras que, aunque proclamase bien alto sus ideales anarquistas, era disputado por los elementos liberales del país y supo imponer respecto hacía su persona y sus convicciones; una juventud brillante se aupó bien pronto a su alrededor; sus jiras de propaganda por las ciudades más importantes de la república fueron coronadas del éxito más lisonjero. Gori no sólo fue un factor de primer orden para el desenvolvimiento del anarquismo en Argentina, sino que influyó en el despertar intelectual del país; su influencia hizo de él un factor cultural inolvidable. Pero para los socialistas autoritarios el viaje de Gori a la Argentina ha sido fatal; en las controversias públicas en los teatros les ha infligido derrotas que jamás se volvieron a reponer.

Eduardo Gilimón (2011, p. 49-50) também compartilha seu ponto de vista sobre as destrezas propagandísticas de Gori:

Y cuanto entre ellos ha habido alguno, como Pedro Gori, de figura atrayente, de gestos elegantísimos y de una elocuencia florida y encantadora, deleitosa en la forma y profunda en el concepto, el éxito ha sido clamoroso y triunfal. En no pequeña parte débase el incremento del anarquismo a ese poeta, sociólogo, jurisconsulto, orador sin rival y hombre cariñoso, bueno, sin pose, que se llamó Pedro Gori. (...) Gori dio un impulso extraordinario en el anarquismo en la Argentina, cuyo territorio recorrió en todas direcciones, dando conferencias y captándose simpatías por su carácter, tanto como por su talento.

As controvérsias acabam por instigar o que Albornoz (2014b) chama de *cruces memorables* entre José Ingenieros<sup>35</sup> e o nosso personagem. Em um

---

<sup>33</sup> O leitor encontra a biografia de Diego Abad de Santillán no artigo de Julián Casanova (2004), publicado na revista *Historia Social*, nº 48, pp. 129-147, intitulado *Diego Abad de Santillán: memoria y propaganda anarquista*.

<sup>34</sup> Para maiores informações sobre a biografia de Eduardo Gilimón, ler o prólogo do livro de Gilimón, de autoria de Martín Albornoz, nomeado *Hechos y Comentarios y otros escritos* (2011). pp. 7-23.

<sup>35</sup> Tratamos da figura de José Ingenieros no terceiro capítulo da dissertação.

desses encontros, o *LN* anuncia a intervenção de Gori: “**Socialistas y anarquistas** – El Sr. Gori dará hoy a las 2 de la tarde una conferencia sobre este tema en el local de la *Fratellanza Artigiana*, Ruiz Díaz 375, Barracas al norte” (*LN*, 28 de agosto 1898). Albornoz (2014b), com o auxílio de *LV* e *La Protesta Humana*, informa que os dois encontros de controvérsias anarquistas-socialistas ocorrem em Barracas al Norte, Buenos Aires, e com a participação do estudante de medicina e socialista, Ingenieros.

No primeiro desses dois encontros, Gori defende a necessidade de organização dos trabalhadores, e é contestado pelos anarco-individualistas que afirmam que a organização é contrária à liberdade individual, mencionando o silêncio de Gori “fue la mejor forma de mostrar el absurdo de sus posiciones” (ALBORNOZ, 2014b, p.208). Nesse instante, Ingenieros pede a palavra para contra argumentar Gori, pois, para ele, é uma inverdade a crença de que os socialistas científicos são autoritários, e fundamenta sua afirmação a explicar sobre o materialismo histórico, a luta de classes, o Estado e sua função histórica. Ingenieros também critica os anarquistas que são contrários à organização e à vontade construída pela maioria. Gori observa o colega a falar, falar, fundamentar, falar, argumentar, e, depois, contesta as teorias materialistas da história, não aborda outras questões faladas por Ingenieros, que está prestes a problematizar a fala de Gori, “pero como se había hecho demasiado tarde no le fue permitido por los propietarios del salón, que lo habían concedido hasta las seis de la tarde y ya era pasadas las siete” (ALBORNOZ, 2014b, p. 209).

Assim, a temática central das duas controvérsias gira ao redor tanto da organização do proletariado quanto de questões teórico-doutrinárias, e o segundo evento ocorre diante de um público agitado com a performance dos pugilistas da palavra. Ingenieros inicia o discurso lendo um texto de difícil compreensão para o público, com entrelinhas de sarcasmo quando se refere aos anarquistas. O auditório estava cheio, os anarquistas irrequietos, e suas provocações ganham uma parte do público. Ele posiciona-se a favor dos preceitos marxistas e diz que os verdadeiros propagandistas do movimento trabalhador são os socialistas. Várias pessoas falam após as considerações do jovem estudante de medicina, Gori o contradiz ao dizer que o materialismo histórico de Marx é diferente do que é defendido por seus seguidores, e dá ênfase as práticas conservadoras dos socialistas ao rememorar o episódio da

expulsão dos delegados anarquistas do *Congreso Obrero Internacional de Londres* de 1896; Ingenieros o interrompe nesse instante, e utiliza palavras e expressões de baixo calão. A algazarra está instalada, agora a plateia dirige-se contra Ingenieros, e Gori retoma a palavra para alfinetar o jovem, insere Ingenieros como um adversário dessa baixa estirpe, que não aceita o argumento do outro. Ambos intervêm constantemente, partem para a grosseria, e transformam a controvérsia numa baderna. Anarquistas e socialistas aprovam o posicionamento de Gori. (ALBORNOZ, 2014b).

Embora não seja objetivo deste trabalho aprofundar nessa matéria, é notória as divergências teóricas e estratégicas entre marxistas e anarquistas, que começa, na Europa, em meados do século XIX. Elas emigram para a América do Sul em tempo real: os duelos entre Gori e Ingenieros são um dos exemplos mais esclarecedores. Tarcus (2013) mapeia a trajetória do marxismo na Argentina e relata o fato de que, apesar disso, Ingenieros, nesses anos, “encabeça” a corrente “antiautoritária” do socialismo argentino (TARCUS, 2013, p. 413), tendo sido, inclusive, o fundador e o diretor de *La Montaña*, periódico “Socialista Revolucionário”, publicado em 1897, teve apenas 12 edições e foi considerado, tanto por contemporâneos como por analistas sucessivos (TARCUS, 2013, p. 416; TERÁN, 2008, p. 290), de cunho “social-anarquista”. Além disso, ao longo da passagem de Gori pela Argentina, Ingenieros abandona a militância no Partido Socialista Argentino (1899) e, em 1902, desfilia-se do partido (TERÁN, 2008, p. 293). Como narra Tarcus (p. 425), “a partir de 1898, ya concluida la experiencia de *La Montaña*, puede comprobarse un claro desplazamiento en el discurso de Ingenieros hacia la ‘sociología científica’, que coexiste no sin tensiones con su militancia socialista”. É nessa fase que aumenta, no pensamento de Ingenieros, o peso do “determinismo histórico-econômico” (*Ibidem*, p. 426), ou seja, a sua interpretação do materialismo histórico, cujos rastros encontramos nas suas intervenções durante os embates públicos com Gori.

Os dois realizam controvérsias *memorables*. O choque de estilos e de posições é evidente em face das diferenças teóricas e políticas que demarcam a esfera de perspectiva de cada um: Ingenieros difunde seus argumentos a partir

dos escritos que ele leva aos encontros<sup>36</sup>, a retórica e a oratória de Gori, por outro lado, encantam os ouvintes. Entre eles há as pessoas que se posicionam no sentido de aprovar ou desaprovar a controvérsia. Assim sendo, esses duelos ganham uma dimensão cuja vivacidade é expressa nas memórias do anarquista madrileno Julio Camba<sup>37</sup> (apud Albornoz, 2014, p. 210-211):

La noche de la controversia anárquico-socialista entre Ingenieros y Gori, el teatro Iris<sup>38</sup> estaba lleno de gente. Ya había pasado la hora anunciada cuando llegó Ingenieros, agobiado bajo la carga de un enorme paquete:

- ¿Qué trae usted ahí?
- Cuartillas.
- ¿Cuartillas para leémosla ahora?
- Indudablemente. Esto es una cosa muy seria. Yo me estuve documentando durante tres meses y todo esto que traigo es indispensable.

Nos quedamos aterrados. Llegó el momento preciso y Gori se dirigió a la multitud:

- Aun cuando el amigo Ingenieros haya venido aquí con todo un expediente de cuartillas...

Entonces Ingenieros arrojó sus cuartillas al aire, sobre las filas de butacas próximas al escenario, y se puso a gritar:

- Si es una broma. ¡Están en blanco!

Esses encontros forjam espaços de sociabilidade na cidade portenha, a maturar a formação política e cultural das esquerdas. Do ponto de vista político, a formalização organizada, a dinâmica dos eventos, os conferencistas convidados e a possibilidade de participação das pessoas, são fatores que acabam por atrair os trabalhadores e suas famílias. Do ponto de vista cultural, alguns agentes do movimento anarquista, como Gori, têm destaque, e o *peso*<sup>39</sup>

<sup>36</sup> Tarcus (2013) e Terán (2008) apresentam análises detalhadas da produção de textos políticos e “sociológicos” de Ingenieros nesses anos. Em vários casos, eles refletem os seus embates com os anarquistas. Numa oportunidade, por exemplo, refere-se à revolução como algo que “queda archivado en el cofre hierático de las retóricas anti burguesas para uso de jóvenes sentimentales y de viejos jacobinos” (apud TARCUS, 2013, p. 432).

<sup>37</sup> A biografia de Julio Camba está disponível no endereço eletrônico: <<http://www.juliocamba.com/biografia/>>. Acesso em 05 de jan. de 17.

<sup>38</sup> Localizado no bairro La Boca, esse espaço foi palco de grandes manifestações políticas, desde os anos de 1890. “Ese salón, el de la Sociedad Verdi, y otros, fueron escenario de reuniones sociales, culturales, laborales y políticas. Allí se realizaban asambleas de obreros, y se celebraba el Estatuto del reino de Italia el primer domingo de junio de cada año. Del teatro Iris salió también, en 1902, una marcha hacia el centro de la ciudad por la realización de un monumento a Garibaldi” (BERNASCONI, 2009, p. 20).

<sup>39</sup> O trabalho de Pierre Bourdieu, *Campo Intelectual e Projeto Criador*, fornece subsídios

do nome é motivo para atrair a plateia não só para os duelos, mas também para o teatro libertário. Se nos anos 900 os embates ocorrem com mais frequência nos bares ou nas tabernas<sup>40</sup>, no entre-séculos há os círculos anarquistas a abrigar as diversas atividades culturais libertárias.

Convém mencionar que, na capital, a ascensão decorrente dos empreendimentos culturais anarquistas durante esse período se torna realidade diante do aumento dos locais a realizar os eventos, das publicações dos periódicos, dos livros e dos folhetos com canções, peças teatrais, poemas. O surgimento da editora e livraria *Librería Sociológica*, localizada na rua Corrientes 2041, criada pelo italiano Fortunato Serantoni<sup>41</sup>, que também dá origem, em

---

teórico e metodológico para entender o campo intelectual onde o criador manifesta a sua obra. A criação da obra é um ato de comunicação a estabelecer a posição do criador na estrutura de um campo específico, composto por um círculo de pessoas que revela um sistema de linhas de forças dispostas, opostas e compostas num determinado momento histórico. E a partir desse campo há a posição de cada um dos membros a atuarem de diversas maneiras “no campo cultural enquanto sistema de relações entre temas e problemas” a deflagrar “um tipo determinado de *inconsciente* cultural, ao mesmo tempo em que é, intrinsecamente, dotado daquilo que chamaremos de peso funcional” (BOURDIEU, 1968, p.106). O poder, ou a possível autoridade exercida, somente é possível de ser definida quando se determina a posição que o “agente” (BOURDIEU, 1968, p. 105) ocupa no campo. Bourdieu (1968) ensina que esse procedimento é concebível a partir do momento em que se define o campo intelectual organizado a partir de regras próprias que são definidas (in)diretamente pelos agentes.

<sup>40</sup> A figura do peregrino e sonhador está relacionada aos artistas e anarquistas que se dedicam não só à escrita, mas também à *bohemia* portenha. Na década de 1880, os boêmios de Buenos Aires muitas vezes são identificados como estudantes, caracterizados por uma juventude pachorra, de espírito romântico e zombadores; não são, nesses dez anos, revolucionários ou poetas marginais, mas, simplesmente, jovens sonhadores. A fome e a miséria acompanham a vida boêmia, e os escritores anarquistas que compartilham dessa experiência tinham como referência Charles Baudelaire, Paris ou outras cidades europeias. Nessa perspectiva, diz o historiador: “La perdurabilidad de bohemia, y su vigencia en la Buenos Aires del 900 y el Centenario se explica no sólo por el natural desfase temporal entre el centro y la periferia, sino por dos hechos que hacia fin de siglo, dan nuevo impulso a bohemia y hasta refuerzan sus alcances. Por un lado en 1896 se estrena está basado en la obra de ópera de Giacomo Puccini, cuyo liberto está basado en la obra de Murger, que, luego de un fulminante existo, se estrena en diversos teatro del mundo”. (ANSOLABEHERE, 2011, p. 150)

<sup>41</sup> A biografia de Fortunato Serantoni pode ser consultada no endereço eletrônico: < [http://www.archiviobiograficomovimentooperaio.org/index.php?option=com\\_k2&view=item&id=26551:serantoni-fortunato&lang=it](http://www.archiviobiograficomovimentooperaio.org/index.php?option=com_k2&view=item&id=26551:serantoni-fortunato&lang=it) >. Acesso em 02 de janeiro de 17. Vale lembrar que desde 1894 Serantoni (nascido em Florença e que havia chegado à Argentina em 1890) possuía uma livraria e papelaria em Buenos Aires (Piedad, 2095), onde era possível adquirir periódicos anarquistas europeus (CANALES URRIOLAS, 2016, p. 250) e que, portanto, deveria constituir um relevante espaço de sociabilidade cultural e política das esquerdas portenhas. Mais tarde, a Livraria se junta à editora, passa a se chamar “Librería Sociológica” e se muda para Corrientes. Ela continua a ser um ponto de referência para os anarquistas radicados ou de passagem por Buenos Aires: nela se podia adquirir ingressos para várias atividades político-culturais, se recebiam donativos, coletas de fundos, inscrições e se realizavam reuniões mais informais. Em novembro de 1902, portanto depois da saída de Gori da Argentina, no meio da repressão aos anarquistas seguida à promulgação da *Ley de Residencia* (veja adiante), a Livraria foi invadida pela polícia, que saqueou o local e apreendeu mais de seis mil folhetos e centenas de livros.

1897, à revista teórico-doutrinária, *Ciencia Social*, que publica, ademais, as notícias libertárias da Europa. A editora assume a responsabilidade de ser uma das mais eficientes propagadoras das lutas libertárias e, inexoravelmente, é uma referência para o movimento anarquista argentino, pois cumpre o papel de prover a literatura anarquista, a editar obras nacionais e estrangeiras<sup>42</sup>. O processo de formação de alguns grupos se dá, muitas vezes, na livraria, tendo em vista que nem todos os círculos têm um lugar físico para reunirem os membros de cada grupo. (SURIANO, 2001). As publicações da *Librería Sociológica* corroboram, portanto, com a interseção das ações artísticas e doutrinárias praticadas nos círculos. Para se ter uma ideia, são dois títulos publicados em 1898, quatro em 1899, dois em 1900 e cinco em 1901 – é desse modo que se torna a distribuidora oficial dos escritos anarquistas. (ZARAGOZA, 1996).

Finalizando esse aspecto da atuação argentina de Gori, destaca-se o fato de as dezenas de conferências e os outros atos que ele protagoniza, a discursar não só a anarquistas e operários, mas, também, a socialistas, liberais, empresários e comerciantes, apresentando as suas ideias sobre família, religião, ciência e guerra (CANALES URRIOLOA, 2016, p. 276). Nesse contexto, as várias fontes e os principais pesquisadores dessa época (SURIANO, CANALES URRIOLOA, ALBORNOZ, entre outros) parecem convergir para um aspecto peculiar da atuação de Pietro Gori na Argentina. Com efeito, no meio de ásperas contraposições entre anarquistas “individualistas”, “organizacionistas”, socialistas, socialistas “científicos”, comunistas, anarco-comunistas, entre tantas outras, o advogado siciliano parece ter condições de circular entre todas as tendências e correntes com a mesma “autoridade”, ao que parece, porém, exerce com leveza e com recurso a dotes e estilos oratórios reconhecidos por muitos, com que também circula entre setores sociais diferentes. Como veremos, é possível pensar em algo semelhante, quando, ao abordarmos a forma e os conteúdos da revista *Criminalogia Moderna*, o seu fundador e diretor parece saber equilibrar-se entre fundamentos epistemológicos, teóricos e

---

Serantoni já havia fugido para Montevideu (CANALES URRIOLOA, 2016, p. 308-309).

<sup>42</sup> As publicações, em finais do XIX e início do XX, são majoritariamente originais ou traduções de autores estrangeiros. A produção dos anarquistas sul-americanos começa a se consolidar com o despertar do século XX. (SURIANO, 2001)

políticos distintos. Um caso bem significativo disso se dá logo nos primeiros meses depois da chegada de Gori à Argentina. Desde maio de 1898, as várias facetas da esquerda internacional em Buenos Aires (anarquistas, socialistas e comunistas italianos, antes de tudo, mas, também, espanhóis e franceses) se mobilizam em solidariedade às vítimas dos “massacres” de Milão (a dura repressão do exército italiano contra as manifestações populares diante das terríveis condições de vida naquela cidade, entre os dias 6 e 9 de maio de 1898). Em Buenos Aires são dezenas de iniciativas ao longo dos meses restantes daquele ano, para arrecadar fundos a serem dirigidos aos familiares dos mortos.

Mas não só de militância e de agitação doutrinária é feita a passagem de Gori pela Argentina. Os teatros portenhos hospedam as conferências, os duelos oratórios e as peças teatrais libertárias.

O teatro libertário Rio-platense é executado para atingir um determinado público, os *obreros*, que têm características sociais e culturais bem demarcadas. Nessa região, os *criollos* e os imigrantes são a plateia das atividades festivas e da formação dos trabalhadores para a causa anarquista. Uma parcela significativa desse público é semianalfabeta, imigrantes que ainda não têm intimidade com a língua espanhola e com restrita disponibilidade de tempo e dinheiro para investir em cultura. As peças, assim, são representadas por meio de um cenário modesto, com dificuldade de encontrar atrizes para interpretar os papéis femininos, crianças para interpretar os papéis infantis, uma realidade penosa, de poucos investimentos, de poucos figurantes em cena e de autores que não procuram “modernizar” os textos, os motes, as temáticas.

Eva Golluscio de Montoya (2005) traça um panorama dos textos que dizem respeito à escritura dramática do Rio da Prata, entre 1880 e 1911, a partir de algumas obras que são encenadas pelos elencos *filodramáticos* libertários e perante um público específico, o que deságua na *velada* cultural e militante. Para essa análise, a pesquisadora apresenta os aspectos morfológicos e sintáticos ligados à extensão do drama, às opções de narrativa e a forma como se constrói as peças. Ela apresenta alguns elementos morfológicos que se conformam nas peças problematizadas: a economia do cenário (de atores, atrizes, figurantes, ornamentação, mobiliário); a brevidade da peça em face dos percalços econômicos; a mensagem clara e direta, de curta duração, porém capaz de influenciar ações coletivas; os contrastes materiais esgarçados pela luta dos

contrários (pureza-pecado, patrão-trabalhador, laico-religioso, homem-mulher); personagens com traços fortes, ainda que psicologicamente pouco ambíguos, contraditórios, mas que têm o efeito de instruir os trabalhadores; e a repetição temática como forma de propagar, didaticamente, as causas anarquistas.

Os aspectos sintáticos estão relacionados com a proposta desse teatro de proliferar a *Idea*<sup>43</sup>, com a finalidade de esclarecer o público e fortalecer a humanidade. São marcos a revelar a fluidez e ambientação interna das peças: a função da indicação dos atores nos palcos é pouco utilizada, por outro lado, as indicações voltadas à gestualidade dos personagens são abundantes; o monólogo é modalidade dramática preferida dos autores, tendo em vista a economia, clareza e brevidade que o caracterizam, capaz de prender a atenção de um público trabalhador, criado em contextos de oralidade, uma marca dos militantes libertários, a palavra cuja didática dá o tom do discurso preponderante na ação dramática, “el momento en el cual el actor se desprendía de los actores del tablado y avanzaba de cara al público para transmitir la Idea fue siempre un instante de profunda emoción en las veladas teatrales anarquistas” (GOLLUSCIO DE MONTOYA, 2005, p. 21); e os personagens-espelho com a função dobrada de, por um lado, ser protagonista e, de outro lado, “iluminar” a plateia com a doutrina anarquista<sup>44</sup>.

Devemos considerar que não era incomum as *veladas* culturais ocorrerem mediante a atuação polifônica de um ou de outro militante, que, numa mesma *velada*, pode ser conferencista, autor e ator das suas peças. O nosso personagem “solía recitar en persona monólogos de sus propias obras, dando lugar a un curioso uso de bilingüismo en el escenario” (GOLLUSCIO DE MONTOYA, 2005, p. 24), e isso evidencia uma outra face de um ser versátil que caminha e fala de múltiplas formas e modos. Pietro Gori foi um dos agentes a impulsionar o teatro anarquista argentino, cuja demanda aumenta e faz com que os círculos libertários atuem no sentido de criar concursos para renovar e ampliar os repertórios. Ainda assim, a dramaturgia teve como meta pulverizar a *Idea*

---

<sup>43</sup> Expressão utilizada nas peças de Gori como meio de referir-se ao anarquismo, às ideias libertárias.

<sup>44</sup> Vários aspectos ligados à linguagem, à propagação e à difusão cultural dos anarquistas de São Paulo são cuidadosamente objetivados por Antonio Arnoni Prado (2004), que traça e analisa as características gerais e específicas do anarquismo paulistano, com ênfase nos métodos utilizados para a formação do público libertário na capital paulista.

alinhada aos conflitos cotidianos, com um herói dramático a perpetuar o discurso esclarecedor, político-anarquista.

O italiano teve suas peças teatrais publicadas e representadas em Buenos Aires<sup>45</sup>. *Sin Patria* e *Primero de Mayo* são demonstrações de como seu teatro se relaciona com as suas conferências: “sus obras estaban entre las más elegidas por los grupos filodramáticos anarquistas y Gori fue un notable orador y conferencista que dio un gran impulso al movimiento anarquista en Argentina” (ANSOLABEHERE, 2011, p. 66).

O *Archivo General de la Nación*<sup>46</sup> possui o original de dois folhetos<sup>47</sup>, ambos publicados em 1901, *La Anarquía ante los tribunales* (48 páginas) e *Santos [sic] Caserio: apuntes históricos* (16 páginas), e duas peças teatrais, ambas publicadas em 1899, *Primero de Mayo* (32 páginas) e *Senza Patria* (em italiano, 51 páginas), de autoria de Pietro Gori. Houve uma tradução desta peça, publicada em 1911 na revista semanal de Alberto Ghirardo, *Ideas y Figuras*. A *Librería Sociológica* edita, publica e vende os folhetos.

Trazer à baila as duas obras dramáticas publicadas na capital portenha, relacioná-las ao contexto político, social e cultural de Pietro Gori em Buenos Aires, é uma forma de verificar não só em que medida esses textos são aceitos, reproduzidos e encenados na capital, mas também de compreender como eles podem sublinhar os traços multifacetados do cancionista italiano.

*Primero de Mayo* é uma peça dramática de um ato, que acompanha uma epistola de Gori destinada aos companheiros italianos da América do Norte (escrita em Kansas City, Estados Unidos, em março de 1896), o prólogo e a famosa canção *Primero de mayo*. A versão traduzida de *Senza Patria* não apresenta um dos textos de autoria de Gori, *Ai lavoratori d’America*, redigido em Buenos Aires no dia 10 de maio de 1899, embora a peça represente cenas sociais da realidade, dividida em dois atos e um intermédio.

---

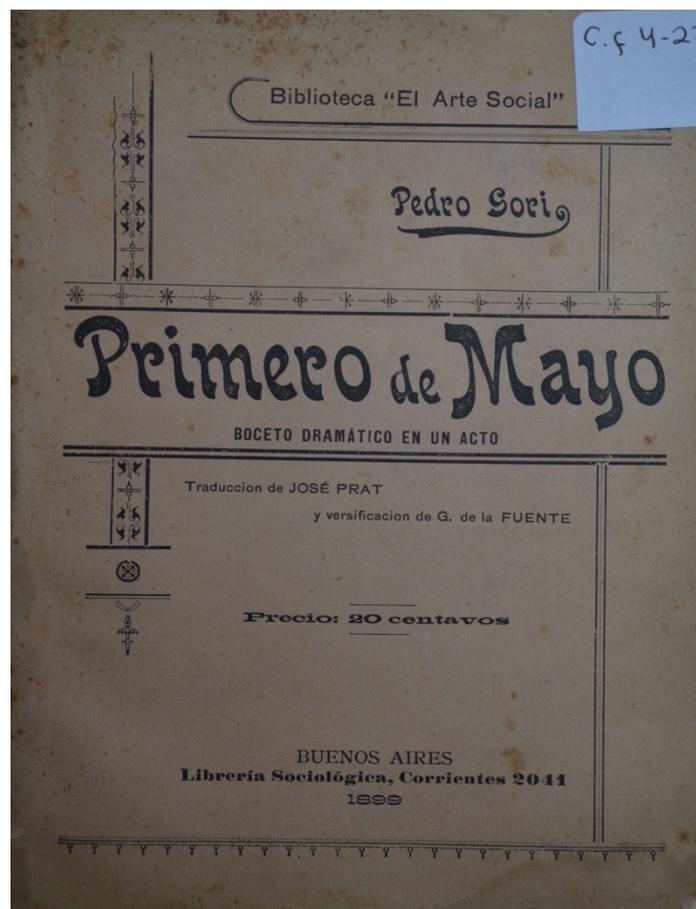
<sup>45</sup> Em *Nem Pátria nem Patrão!*, Francisco Foot Hardaman (2002) expõe, dentre outras questões, as semelhanças entre o anarquismo bonaerense e paulistano, a recepção dos textos dramáticos de Pietro Gori na cidade de São Paulo e de como sua trajetória e produção influencia, no plano cultural, os libertários de São Paulo.

<sup>46</sup> O mesmo *Archivo* também possui uma cópia de *Primo Maggio*, em italiano, impressa nos Estados Unidos em 1896 (40 páginas). Em Barre (Vermont), na tipografia de Salvatore Pallavicini, um anarquista italiano residente nessa cidadezinha do extremo nordeste dos Estados Unidos, que, em finais de Oitocentos, havia se transformado num reduto de anarquistas italianos.

<sup>47</sup> Trato dessas obras no subcapítulo 3.1 da dissertação.

A missiva de Gori na publicação bonaerense de *Primero de Mayo* pode justificar, de certo modo, a peça. O autor afirma que escreve o drama para vencer a solidão das horas de cárcere, das diversas prisões preventivas que ele sofre na Itália antes de sua chegada à América do Norte. Os amigos *filodramáticos* norte-americanos colocam a peça nos palcos libertários, Gori contracena como ator, e faz um giro “de Boston a Barre, de Barre a Chicago, y así continuando hasta San Francisco de California, y (...) por los Estados Unidos del Sud, (...) los compañeros (...) quisieron ver en escena al extranjero misterioso que viaja, siempre caminando” (GORI, 1899, p. 3). A leitura impressa da peça o faz rememorar as avenidas e os palcos que ele percorre com os companheiros, e significa seu drama como o “boceto de la Esperanza”.

**Figura 2.** Capa de *Primero de Mayo*.



Fonte: Fotografia retirada no *Archivo General de la Nación Dpto. Doc. Escritos. Buenos Aires. Argentina*.

A ação transcorre no norte da Itália, próxima ao mar e nos últimos anos do século de uma civilização que, segundo o autor, agoniza. A cena, durante o

prólogo e o ato, é descrita como uma colina abundante em natureza, onde há um parapeito, os campos floridos, e o mar a concluir o cenário. No meio do parapeito, uma decoração, depois, à direita, uma casa rústica e, de frente esta, uma casa senhorial – abertas estão as portas de ambas as casas, o sol ilumina copiosamente o dia de paz e alegria; abre-se a cortina e ouve-se as vozes que celebram o primeiro de maio. Os personagens: uma senhora velha; seu jovem filho; um campesino velho; uma campesina jovem; o estrangeiro; um *obrero*; um marinheiro e um coro interno. (GORI, 1899)

O prólogo é o monólogo de um ator que se dirige ao público para anunciar a trama da peça, a descrever as principais características de cada personagem. A jovem campesina, Ida, desejosa de um mundo mais justo, segue o estrangeiro misterioso, defensor da “Idea que lucha y que redime a todo aquel que entre cadenas gime” (p. 7). O estrangeiro é descrito como a pessoa responsável por levar a mensagem de paz e harmonia à população, o jovem, por outro lado, está nauseado com a condição de sua existência rica e com o amor que sente pela jovem campesina. O velho campesino simboliza a ignorância e a privilegiada dama simboliza a ostentação. Em seguida, o monólogo nos conduz para a contradição entre uma choça miserável e a casa grande, onde, na primeira, vive o famigerado trabalhador, e, na segunda, vivem pessoas que têm o que não produzem. As vozes altivas que se ouvem vêm do Oriente: é a *Idea* de paz, luz e harmonia para os que creem num amanhã assim estimado. O *primero de mayo* representa a ventura do *obrero*, por entre os campos e flores e frutos, cultiva a força de seu suor, está em diversos lugares, entoa o grito de indignação dos homens, imprime a marcha das pessoas que lutam, trabalham, e que querem ser ouvidas:

#### **HIMNO DEL PRIMER MAYO**

Ven, oh Mayo! Te esperan las gentes,  
te saludan los trabajadores;  
dulce Pascua de los productores  
ven y brille tu espléndido sol.

En los prados que el fruto sazonan  
hoy retumban del himno los sonos  
ensanchando así los corazones  
de los parias e ilotas de ayer.

Desertad, oh falanges de esclavos  
de los sucios talleres y minas,  
Los del campo, los de las marinas  
tregua, tregua al eterno sudor!

Levantemos las manos callosas,  
 elevemos altivos las frentes,  
 y luchemos, luchemos valientes  
 contra el fiero y cruel opresor.

De tiranos, del ocio y del oro  
 procuremos redimir al mundo,  
 y al unir nuestro esfuerzo fecundo  
 lograremos al cabo vencer.

Juventud, ideales, dolores,  
 primavera de atractivo arcano,  
 verde de Mayo del genero humano,  
 dad al alma energía y valor.

Alentad al rebelde vencido  
 cuya vista se fija en la aurora,  
 y al valiente que lucha y labora  
 para el bello y feliz Porvenir<sup>48</sup>.

(GORI, 1899, p. 11-12)

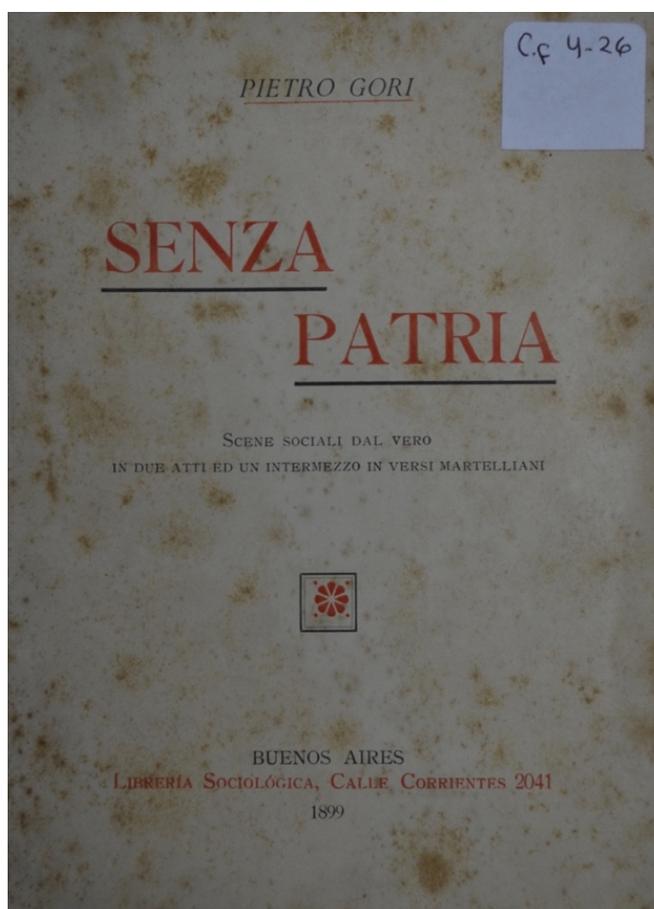
O único ato do drama de Gori funciona a partir dos contrários, de problematizar situações opostas que fazem parte da vida. A cidade do estrangeiro é a cidade da utopia, lugar onde os paradoxos são depostos e os seres vivem felizes, não se tem ócio nem ódio, mas liberdade e ciência. Aí está a mensagem do anarquista e criminólogo positivista a dar crédito a ciência como fator indispensável na cidade utópica propagada, onde a juventude pacífica é a dianteira do porvir, e, assim, “(...)¡caminamos, caminamos! Está allí el país venturoso... allí, hacia la parte donde se eleva el sol” (GORI, 1899, p. 16). A doença do jovem burguês, e sua incapacidade para seguir a amada, o estrangeiro e a *Idea* que eles defendem, me conduzem ao traço do dramaturgo libertário Pietro Gori, que determina a ruína do jovem como se fosse a ruína dos valores da casa grande. O excesso de amor da mãe sufoca o abastado jovem, por ser um amor individualista e contrário às perspectivas de uma civilização harmoniosa como o ensina a jovem campesina. Enquanto o campesino velho, que também é pai de Ida, aceita resignadamente a subserviência, sua filha, porém, luta pela cidade idealizada quando decide acompanhar o estrangeiro na marcha libertária.

*Sin Patria* é a primeira tradução castelhana, realizada pela revista

<sup>48</sup> A música libertária é um dos elementos que integram a cultura anarquista. O artigo de Rodrigo Rosa da Silva (2005) procura mostrar a relação entre a música e o anarquismo na realidade brasileira, ou, mais precisamente, na cidade de São Paulo. Embora nós não nos debruçamos sobre o anarquismo no Brasil, o artigo nos mostra a recepção das músicas de Gori nas memórias de diversos militantes (brasileiros e operários) das primeiras décadas de XX e nos cronistas que vivem esse período. A canção, *Primero de Mayo*, é destaque nos desfiles anarquistas pelas ruas de São Paulo.

semanal *Ideas y Figuras*<sup>49</sup>, número 46, em março de 1911, com o objetivo de levar ao conhecimento dos leitores o que o editorial da revista considera como “una revelación del talento escénico de aquel hombre todo generosidad, altivo y sereno, empapado para bien de sus contemporáneos en las nobles ideas y aspiraciones” (p. 2). A revista informa que a peça foi representada em diversas cidades argentinas durante o ano de 1899, e que retorna ao palco em 1911 como uma forma de homenagear Gori, que falecera em janeiro do mesmo ano. O editorial, contrariando o que pensa Gori sobre sua peça, julga que *Sin Patria* é uma obra de arte e uma boa ação do libertário.

**Figura 3.** Capa de *Senza Patria*.



Fonte: Fotografia retirada no *Archivo General de la Nación Dpto. Doc. Escritos. Buenos Aires. Argentina*.

No prefácio de *Senza Patria* de 1899, *Ai lavoratori italiani d’America*, o autor esclarece vários acontecimentos que dizem respeito à trajetória de

<sup>49</sup> Recordo que *Ideas y Figuras* (1909-1919) é dirigida por Alberto Ghirardo, amigo declarado de Gori, desde os tempos em que este reside em Buenos Aires, e um poeta que se destaca na cena cultural Argentina durante a primeira década do século XX.

publicação da obra. A impressão sul-americana ocorre após os originais da peça serem sequestrados pela polícia italiana – durante as revoltas de Milão em 1898 –, momento em que ele perde os originais e as obras impressas da segunda peça da série “*Teatro del Popolo*” (GORI, 1899, p. 3). Ele leva a Buenos Aires algumas provas do original e agradece aos amigos *filodramáticos* da Argentina que o ajudam a reconstruir o texto do drama. Essa peça acompanha o dramaturgo durante sua peregrinação por algumas cidades que beiram as margens do Atlântico Sul, como Mar del Plata, Bahía Blanca e outros lugares. Gori manifesta gratidão aos companheiros da América Latina que o recebem com a mesma alegria cordial dos amigos norte-americanos. *Sin Patria* parte de um episódio que ele lembra de ter visto aos 20 anos de idade (um velho *garibaldino*<sup>50</sup> que rasga a joha, como fosse um rapo velho, a bandeira italiana), no qual o autor procura dar voz não aos que negam a terra de origem, mas aos que lutam por um patriotismo “internacionalista” capaz de romper fronteiras e de conciliar os costumes da família nacional com a cultura de outros povos.

A cena sucede em uma aldeia marítima da Toscana no final do século XIX, os personagens são o agricultor Jorge, *ex-garibaldino*; Juana, velha aldeã e mãe de Jorge; Anita, filha de Jorge; Don Andrés, pároco da aldeia; Arturo, jovem *obrero*; Antonio, velho marinheiro; e Pepito, o carreteiro<sup>51</sup>. Os dois atos têm o mesmo cenário: um sítio campesino modesto com móveis e utensílios rústicos, e em um canto, próximo a chaminé, um baú da família. Jorge inicia o primeiro ato ao ler carta que o filho, Henrique, lhe envia desde os Estados Unidos, epístola em que o filho informa o pai sobre as benesses e as agruras do país em que ele vive, mas que é uma terra onde há segurança de vida e onde se pode conquistar o pão com certa dignidade. O filho envia três passagens para que o pai, a avó e a irmã vão para a América do Norte, e finaliza a dizer que “la patria es un lujo para nosotros, obligados a ganar la vida sin tregua ni descanso para mantener a los parasitas de que esa patria está llena” (GORI, 1911, p. 3).

---

<sup>50</sup> *Garibaldino* é, na historiografia italiana e no imaginário nacional desse país, o símbolo das lutas de Giuseppe Garibaldi (1807-1882) não só pela unidade e independência da Itália, mas também pela busca da justiça social. Não por acaso, a blusa de combate de Garibaldi e dos *garibaldini* era vermelha. Ele foi um precursor do “internacionalismo” que Gori também defende nesta peça, mas não só.

<sup>51</sup> No original italiano, os nomes das personagens são: Giorgio, Giovanna, Anita, Andrea, Arturo, Tonio e Peppino.

Jorge, após a leitura da carta do filho libertário, decide ir com Anita e Juana no mesmo dia; entretanto, sua mãe diz estar velha para esse tipo de viagem e quer morrer na cidade natal. Anita está aflita com a decisão desassossegada do pai, pois ela tem uma relação com Arturo e quer se casar com ele. Estamos no segundo ato, Anita revela à avó o amor que tem por Arturo, pede ajuda para salvar o amor jovem, e a avó, sensibilizada com a situação da neta diz que conversará com Don Andrés. Este e Jorge são grandes amigos, embora a relação tenha estremecido nos últimos anos em face das discordâncias de Jorge com o padre. Ainda assim, Jorge promete à mãe que vai visitar Don Andrés antes de partir, a mãe, conseqüentemente, vai ao encontro do padre para contar sobre o amor de Anita, e pede que o padre convença Jorge a permitir que Arturo vá com Anita para os Estados Unidos. No desenlace da trama, o padre e Jorge fazem as pazes, ele aceita que Arturo parta com a filha, a avó, apesar de nostálgica e saudosa, fica contente com os ajustes finais, e Jorge despede-se dos amigos e da mãe a dizer:

Jorge (*con fervor*) – Si, el verdadero, el santo ideal: una sola patria, el mundo: una sola familia, la humanidad...  
 Jorge: (...) Nosotros somos extranjeros en todas las patrias... ¡somos los rechazados! ¡somos los bastardos! (*con un esfuerzo violento y llevándose a Anita y Arturo*) Fuera... fuera de Italia.  
 (GORI, 1911, p. 13)

Vale lembrar que o tema dessa peça é o mesmo de uma das canções mais famosas entre as que Gori compôs: *Stornelli d'Esilio*, mais conhecida como *Nostra Patria è il Mondo Intero*, que ele provavelmente cria depois da expulsão da Suíça, e que relaciona o seu exílio pessoal e de tantos italianos em busca de melhores condições de vida e de trabalho, fora da “pátria”, e o centro da sua *Idea* de internacionalismo.

*Primero de Mayo* e *Senza Patria* são peças teatrais que revelam, de um lado, a face artística do libertário, e, de outro lado, demonstram o personagem que canta, crê na ciência, no homem trabalhador municiado com a *Idea* e desprendido da pátria. Essas peças são semelhantes aos melodramas, constituídos, portanto, de forma a comunicar de maneira clara e envolvente a propaganda libertária, mas os textos de Gori também preenchem a realidade penosa dos trabalhadores com a lírica de um estrangeiro ou de um Jorge onde

se vê Gori. Ele não quer se distanciar quando predica que escreve aquilo que vê e sente no cárcere ou nas cidades por onde ele passa. Uma percepção romântica dos textos é *démodé* na medida em que há um contexto onde eles são escritos, publicados e encenados, e essas circunstâncias indicam um libertário sonhador que vive a defender a *Idea* por meio de uma fé não religiosa. A formação burguesa de Gori não o impede de enxergar o outro, e lutar contra as visíveis desigualdades entre as pessoas que habitam o planeta.

As duas peças teatrais de Gori não são as únicas encenadas em Buenos Aires, conforme noticia o *LN* entre 1898 e 1902, o que demonstra a frequência, a articulação e a relevância das suas atividades em alguns círculos libertários, e realça a figura artística do nosso personagem. São elas:

**“Club Giordano Bruno** – Entre varios vecinos de la Boca, donde está radicado este centro, se ha lanzado la idea de iniciar una subscripción popular a beneficio de la biblioteca circulante del club. El cuadro dramático de este pondrá ensayo en breve la última producción teatral del Dr. Gori, titulada *Próximos tuns*. A dichos ensayos asistirá el autor”. (*LN*, 28 de julio de 1898).

**“In vino veritas** – Acusamos recibo al ejemplar del drama “In vino veritas”, con que nos ha obsequiado su autor Sr. Luigi E. Albasio. Lleva un prefacio del Dr. Pedro Gori”. (*LN*, 25 de junio de 1899).

**“Centro Libertario** – Mañana se celebrará en el salón de la Stella d’Italia una función dramática a beneficio de este centro. Se pondrá en escena la comedia en 3 actos de Andrés Costa y Gustavo Talarico titulado *Aurora* y el boceto dramático de Palmiro de Lidia, *Fin de Fiesta*. En uno de los entreactos el Dr. Gori dará una conferencia sobre *L’Aurora dei tempi nuovi*”. (*LN*, 8 de octubre de 1900).

**“En la Stella d’Italia** – en los salones de esta sociedad, se realizará hoy a las 8.30 una fiesta que promete resultar tema *El arte del pueblo*, representándose después el drama *¡Tempeste!* Y el juguete cómico *Un debu!*”. (*LN*, 14 de octubre de 1900).

A militância de Gori não é o único fator a desencadear o crescimento e a organização *obreira*, mas a sua presença em Buenos Aires, sem dúvida, é uma marca, porque sua atuação transita por diferentes espaços culturais e sociais, ganha dimensão, tornando-o um agente político e cultural do movimento anarquista argentino, e um agente a disputar um espaço no campo intelectual portenho. Alguns adversários anarquistas criticam Gori por criar uma revista que publica intelectuais burgueses que escrevem artigos, muitas vezes, para criticar os anarquistas. As conferências e o teatro para o público dos círculos libertários,

porém, confirmam o caminho de afirmação da sua figura no seio dos trabalhadores organizados, inclusive como advogado de vários sindicatos de *obreros* durante as greves que eclodiram em 1900 e 1901. Em particular, listo algumas conferências de Gori nos círculos libertários e na Casa del Pueblo de Buenos Aires, publicadas no *LN* entre 1898 e 1902:

Listo algunas conferências de Gori nos círculos libertários e na Casa del Pueblo de Buenos Aires, publicadas no *LN* entre 1898 e 1902:

**“Meeting de protesta** – Se ha publicado un manifestó invitando a la colectividad italiana a un meeting para protestar contra la política reaccionaria inaugurada por el gobierno italiano. El punto de reunión será en la plaza Rodriguez Peña esquina Paraguay, hoy a las dos de la tarde. Hablarán el profesor Iranni, el Dr. Gori y el Sr. Perseguiti”. (*LN*, 24 de julio de 1898).

**“Conferencia de Gori** – Más de dos mil personas asistieron ayer a la anunciada conferencia del Dr. Pedro Gori sobre “El ideal de la ciencia en su lucha contra el obscurantismo”. Dado el renombre del conferenciante y el interés del tema, era fácil augurar un éxito que fue superado por la realidad, pues muchos de los concurrentes no pudieron hallar cabida en el amplio salón de la Unione Operai Italiani. El Dr. Gori mantuvo sin decaer un instante el interés del auditorio, con su extenso trabajo, que tanto por la profundidad de sus conceptos como por la elegancia de la forma, fue interrumpido frecuentemente por los aplausos de los concurrentes. La velada se completó con algunos interesantes números de concierto”. (*LN*, 16 de agosto de 1898).

**“Conferencia** – Hoy a las 2.p.m. en el salón de la Unione Operai Italiani, Cuyo 1374, tendrá lugar una gran conferencia convocada por la sociedad Cosmopolita de Obreros Pintores y artes anexas, cuyo orador será el Dr. Pedro Gori, el cual disertará sobre el tema: La necesidad de la organización en la lucha y en la vida, y el deber de la resistencia. Luego hablaran otros conocidos oradores”. (*LN*, 2 de octubre de 1898).

**“Conferencia** – Esta noche a las 8 disertarán en la Casa del Pueblo, Callao 353, el Sr. P.Guaglianone sobre Autoridad y Libertad, el Sr. S. Fernández sobre El materialismo científico, y el Dr. Pedro Gori sobre la mentira política”. (*LN*, 18 de octubre de 1899).

**“Casa del Pueblo** – Mañana á las 3.30 el Dr. Pedro Gori dissertará en la Casa del Pueblo, (...), sobre el tema: “La evolución de las relaciones entre individuo y la sociedad. (*LN*, 8 de noviembre de 1899).

**“Conferencia** – Esta noche a las 8.30 dará una conferencia en el local de las Casa del Pueblo, calle Callao 353, el Dr. Pedro Gori. Disertará sobre el tema: Las leyes de la lucha y de la solidaridad en el campo económico”. (*LN*, 15 de noviembre de 1899).

**“Conferencia** – El Dr. Pedro Gori dará hoy a las 8.30 p.m.

en el local de la Casa del Pueblo, (...), una conferencia sobre *El origen y función del Estado*". (LN, 22 de noviembre de 1899).

**"Meeting de protesta** – En una reunión de delegados de las diversas asociaciones liberales, obreras, etc., relizada anoche se acordó llevar a cabo el 30 del Corriente un *meeting* de protesta contra los castigos a los menores de la correccional e invitar a todos los que simpaticen con la idea a tomar parte en dicha manifestación. Fueron designados para hacer de la palabra los Srs: Dres. Pedro Gori y Nicolás Repetto, Adrián Patroni, Alberto Ghiraldo, Horacio Iriani y otro que designará la masonería. La comisión encargada de llevar a cabo este movimiento se reúne el viernes en la calle Paraná, 516". (LN, 11 de diciembre de 1900).

**"Meeting de protesta** – La comisión organizadora del meeting que se celebrará el domingo 30 del corriente protestando contra los castigos de la cárcel correccional, acordó que los manifestantes se reúnan en la plaza Lorea, siguiendo de aquí por la avenida hasta Callao, de aquí hasta la Avenida República y por ésta a la Recoleta, donde hablarán los Dres. Gori y Repetto, y los Sres. Ghiraldo, Patroni e Iriani. Los delegados se reunirán mañana a las 8. p.m., en el local Paraná 516". (LN, 23 de diciembre de 1900).

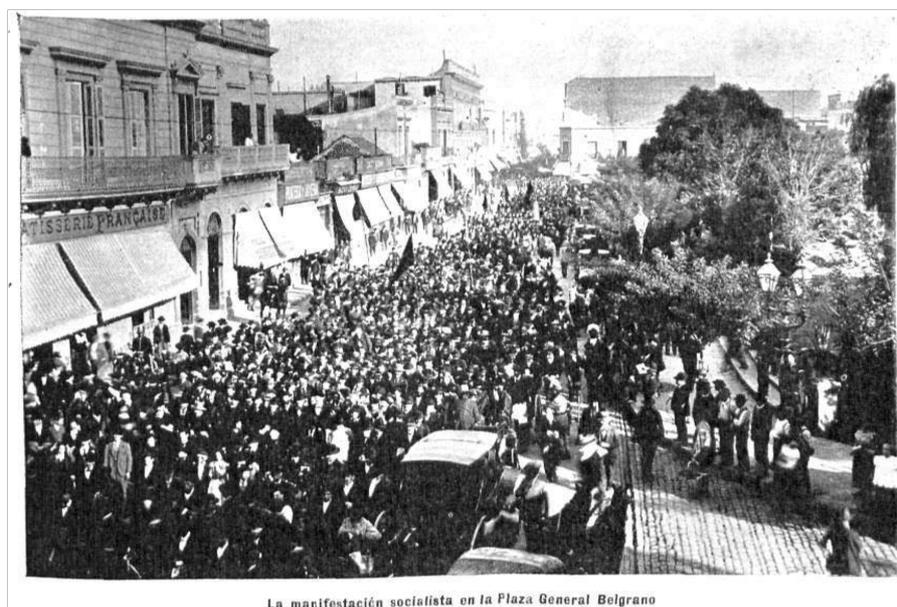
Em 1901, Gori é um dos delegados que votam para o nascimento da Federación Obrera Argentina, e se dedica, sobretudo, ao movimento anarquista. As comemorações do primeiro de maio em 1899, relatadas pela *Caras y Caretas* e pelo o *LN*, indicam o crescimento das correntes de esquerda (anarquistas e socialistas), e a suposta participação e convivência de Gori com os socialistas durante o primeiro de maio.

O *LN* noticia no 2 de maio de 1899, o meeting socialista que comemora a festa simbólica para seus membros. Os manifestantes se reúnem na Plaza Constitución a partir de uma hora da tarde e no decorrer do dia reverberam os hinos socialistas, levam plantas vermelhas, entregam folheto e diários para os que chegam, e, do outro lado da praça, segundo o *LN*, os anarquistas estão alheios ao ato socialista, embora o jornal reconheça que os membros e simpatizantes dos periódicos anarquistas, *La Protesta Humana* e *L'Avvenire*, estão presentes na comemoração convocada pelos socialistas. Às duas da tarde os participantes saem em marcha escoltados pela polícia na linha frente, a banda de música atrás, na retaguarda da polícia, os centros políticos e gremiais que formam a multidão, e numerosas bandeiras vermelhas (e uma branca) identificadas com as legendas alusivas às correntes políticas que caminham a festejar a data fatídica para os trabalhadores. O *LN* diz que os anarquistas

aproveitam qualquer circunstância para propagandear, acompanham o ato, bem como um grupo de *obreras* e um grupo de trabalhadores de braços dados com suas respectivas companheiras.

A *Caras e Caretas* de 6 de maio de 1899, nº 31, publica o texto, *El 1º de Mayo en Buenos Aires*. Diante do trajeto percorrido pelos manifestantes no relato de *LN*, suponho que a foto publicada na revista é na Plaza Rodriguez Peña, e não na Plaza General Belgrano como indica *Caras y Caretas*:

**Figura 4.** 1º de Mayo en Buenos Aires.



Fonte: Revista *Caras y Caretas*, nº 31, Buenos Aires, 6 de maio de 1899<sup>52</sup>.

Os manifestantes partiram da Plaza da Constitución pela rua Buen Orden, depois Artes até chegar na rua Córdoba, de onde se dirigem para a Plaza Rodríguez Peña. O grupo ocupa a rua e as calçadas próximas ao conselho nacional de educação, as bandeiras estão hasteadas de frente à sacada de um edifício que serve de tribuna. O tipógrafo Baldovino, argentino, inicia as intervenções pelo fato de ser delegado do comitê executivo nacional dos socialistas. Nesse momento, um grupo de anarquistas protesta por não

<sup>52</sup> A revista *Caras y Caretas* está digitalizada pela Biblioteca Nacional de España, de onde eu consultei a revista e utilizo algumas imagens na dissertação. O acesso à revista está disponível em: <http://hemerotecadigital.bne.es/results.vm?q=parent%3A0004080157&lang=es&s=0>. Acesso 20 de julho de 2016.

permitirem que um dos seus fale, o grupo insiste para que o Dr. Arturo Riva<sup>53</sup>, sócio do consultório jurídico de Gori, se pronuncie; entretanto, não lhe concedem a palavra. O segundo a falar é o estudante do 7º ano do curso de medicina, José Ingenieros e outros oradores. O delegado Baldovino encerra o ato com a banda a celebrar a data *obrera*.

**Figura 5.** Jornais anarquistas do Rio de la Plata.



Fonte: Revista *Caras y Caretas*, nº 97, Buenos Aires, 11 de agosto de 1900.

A abordagem da revista é um pouco diferente do que é noticiado pelo *LN*, primeiro porque ocultam a participação dos anarquistas – ou melhor, mencionam alguns nomes e fotos de socialistas e anarquistas, sem, contudo, identificá-los com o anarquismo – Gori, por exemplo, tem sua foto publicada e é descrito como diretor da revista *Criminalogía Moderna*; e, também, pelo motivo da revista chamar atenção para o crescimento dos ideais socialistas e das organizações

<sup>53</sup>

Tratamos do Dr. Arturo Riva no terceiro capítulo.

do socialismo na Argentina, que, segundo a revista, é um fenômeno sociológico a adquirir proeminência no cenário político, um fenômeno novo na ação política do país, com 15 mil filiados, e que pretende eleger um dirigente no congresso argentino.

A omissão aos anarquistas no primeiro de maio de 1899 não se repete na publicação de *Caras y Caretas* (nº 97) do dia 11 de agosto de 1900 e do dia 11 de maio 1901 (nº 136), em que pelo contrário, a revista decide tratar como o movimento que cresce e fortalece o movimento *obrero* argentino.

O ensaio de 1900<sup>54</sup>, *El anarquismo en el Río de la Plata*, é uma reconstrução histórica dos grandes nomes e fatos que dizem respeito ao anarquismo cultivado nessa região; a matéria retrata os adeptos dessa doutrina que reúne pessoas de todas as partes do mundo, uma comunidade de ideais, de caráter positivo. O texto diz ser uma boa oportunidade para contribuir com os debates acerca do anarquismo no Rio de la Plata, a fim de viabilizar uma compreensão mais acurada das ideias libertárias presentes nos diversos cantos do mundo, com maior expressão nos Estados Unidos e na Inglaterra, onde têm maior liberdade. A reportagem relata que os anarquistas na Argentina são, geralmente, teóricos, “de los que entre nosotros residen, acepta los crímenes de los Ravacho, Henry, Caserio y Bresei” (s/p). Informa que em 1876 funda-se o *Centro de propaganda obrera*, que Enrique [sic] Malatesta chega em Buenos Aires em 1884, e realiza várias conferências, publica o *La Question Sociale*, que é o primeiro periódico desse gênero na América Sul, o *El Perseguido*, um semanário que dura oito anos e, posteriormente, o texto de *Caras y Caretas* lista uma série de jornais libertários que fazem parte do rol de propaganda anarquista, publica as fotos das mulheres e dos homens militantes e colaboradores dos diversos periódicos. Além disso, a reportagem salienta que os grupos anarquistas logram criar uma grande casa de espetáculos, a *Casa del Pueblo*, situada na Calle Calao, onde frequentemente ocorrem conferências de Gori, Guaglianone e outros; “en dicho centro existía un escenario donde el grupo dramático “El Arte por la Anarquía”, dio representaciones del teatro revolucionario: obras de Ibsen, Sudermann, (...), Tolstoi, Mirabeau y Gori” (s/p). Algumas das atrizes que formam o elenco dos dramas libertários são também

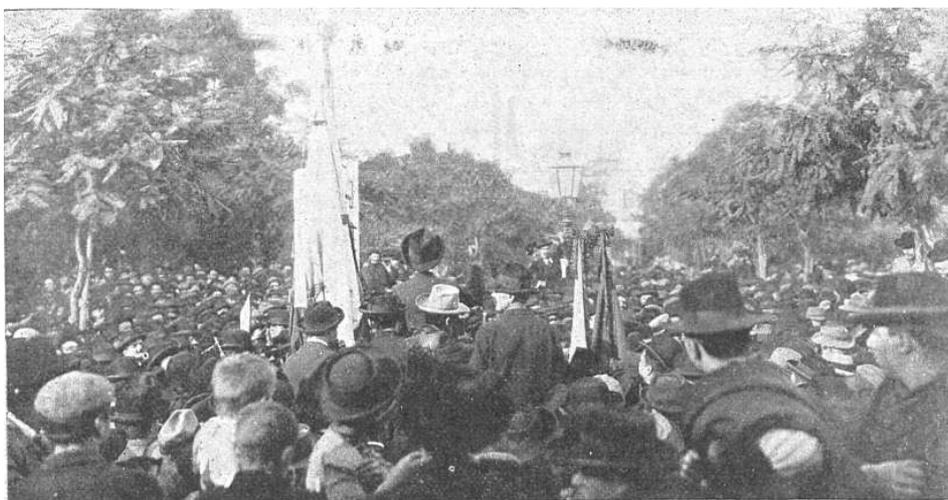
---

<sup>54</sup> Nessa edição de *Caras y Caretas*, após o ensaio, agora, em análise, pública uma fábula intitulada *Anarquismo*.

colaboradoras de jornais, como, por exemplo, Olga S. Bianchi (colaboradora de *L'Avvenire*), Antonia Benvenuto (propagandista de Montevideu) e Maria Calvia (redatora de *La voz de la Mujer*). No final do ensaio, o escritor pondera que os anarquistas da região de La Plata resistem à luta política, “teniendo la convicción de que el Estado, cuando las circunstancias de conservación se lo mandan, otorga la mejora que se impone seriamente, y aseguran que van a la revolución social” (s/p), que somente é possível à medida que os cérebros evoluírem ao ponto de enfrentar os preconceitos, o alcoolismo, a pachorra e o delito. Conclui-se que os anarquistas dessa região pensam desse modo, “no hay motivo para que sean molestados por la policía, y resultan tan inofensivos como los que creen en las metempsicosis” (s/p).

Em 1901, por ironia das circunstâncias, ou, quem sabe, da envergadura anarquista, a comemoração do primeiro de maio em Buenos Aires é noticiada pela *Caras y Caretas*, nº 136, e há uma página a retratar as manifestações socialistas e outra sobre as manifestações anarquistas. Estes ganharam espaço na imprensa em face do coletivo organizado nos últimos anos. E creio que por esse motivo o texto diz que os socialistas e anarquistas optaram por manifestarem-se separadamente.

**Figura 6.** Manifestações do 1º Maio em Buenos Aires (1901).



UN ORADOR ANARQUISTA EN LA PLAZA DEL ONCE

Fonte: Revista *Caras y Caretas*, nº 136, Buenos Aires, 11 de maio de 1901.

O percurso dos socialistas é tal qual o de 1899, militantes que creem nas doutrinas marxistas do seu tempo e estão representados pelas sociedades

obreras que participam da festa. A comemoração dos anarquistas, segundo a matéria, oferece os mesmos atos praticados pelos socialistas, isto é, hinos, canções, bandeiras vermelhas, brancas, azuis e verdes: “toda la escuela impresionista de la pintura moderna”, o público ouve com atenção os companheiros Basterra, Montesano, Orsini, Troitiño e Ghiraldo, que discursam na Plaza del Once.

Não é por acaso que os trabalhadores acabam por criar a *Federación Obrera Argentina (FOA)*<sup>55</sup>, alguns dias após o primeiro de maio de 1901, justamente porque as manifestações aquecem e expõem a realidade do trabalhador, organiza-os para a luta cuja eficácia pode ser ditada pela reunião do dia 25 de maio, realizada em Buenos Aires na Sociedad Ligure, onde se dá a abertura do Congreso Obrero Gremial, a participar 50 delegados que representam 27 sociedades obreras da capital e do interior da Argentina<sup>56</sup>. Gori, e seu amigo Gregorio Inglán Lafarga são delegados da sociedade de Ferrocarrileros de Rosario. Os militantes ácratas distinguem-se dos socialistas, a grande maioria dos representantes das sociedades é anarquistas. (OVED, 1978).

O congresso é realizado nos dias 25 e 26 de maio e 2 de junho. A pauta da primeira sessão do evento é extensa, as sociedades que participam são responsáveis por apresentar e dirigir o debate das temáticas, dentre as quais destaco a organização do trabalho no campo, a defesa da jornada de 8 horas de trabalho, abolição do trabalho industrial para menores de 13 anos de idade e aumento salarial. A segunda sessão converge para um item importante, a criação da FOA, tema que opõe anarquistas e socialistas. Enquanto os primeiros desejam a criação federação, os segundos são contrários à criação diante da pequena quantidade de sindicatos, e após as discussões decide-se pela fundação da entidade. A quarta sessão define que a federação publicará um jornal, *La Organización Obrera*, examina as questões relativas à redução da jornada de trabalho, à igualdade de salários para os trabalhadores de ambos os sexos e a arbitragem das disputas laborais, tema em que Gori se posiciona a

---

<sup>55</sup> A partir de 1904 o nome da entidade é alterado para *Federación Obrera Regional Argentina (FORA)*.

<sup>56</sup> Para maiores informações sobre a quantidade de sociedades obreras a participar do primeiro congresso da FOA, consultar Iacov Oved (1978, pp. 163-164).

favor e apresenta a seguinte moção:

La Federación Obrera Argentina, afirmando la necesidad de esperar solamente de los obreros la conquista integral de los derechos de los trabajadores, se reserva en algunos casos resolver los conflictos económicos entre el capital y trabajo por medio del juicio arbitral, aceptando solo por árbitro a aquellas personas que presenten serias garantías de respeto por los intereses de los trabajadores. (GORI apud OVIED, 1978, p. 168)

A votação da moção dá-se em um ambiente atribulado, e o resultado da votação é de 21 votos favoráveis, 17 contra e 4 abstenções. A tensão da acirrada contenda repercute por algum tempo no setor ácrata, já que a moção preparada por Gori, e votada na quarta sessão, é uma das mais interessantes disputas do congresso. A quinta sessão debate a legislação trabalhista, outra proposta que gera uma acalorada discussão, e resulta na decisão dos congressistas de lutarem pela proibição do trabalho das mulheres nas indústrias, do trabalho para os menores de 15 anos de idade, de contestar os patrões com o intuito de lograr melhores condições laborais, e a greve geral. O boicote e a sabotagem podem constituir-se meios de combate e a última resolução determina, por fim, que os *obrerros* devem se abster de trabalhar no primeiro de maio, organizar uma grande manifestação contra a exploração capitalista e com a propagação das reivindicações trabalhistas. Sobre o ato, “P. Gori declara que poco importa cómo se llama: manifestación, afirmación, fiesta; baste que la agitación en ese día sea poderosa” (OVIED, 1978, p. 169).

No domingo, dia 2 de junho realizam-se a sexta, a sétima e a oitava sessão do congresso no *Centro Socialista*, Buenos Aires, onde continuam as discussões sobre os assuntos das sessões anteriores, algumas considerações de moções propostas por alguns delegados, sobre o regime de pessoa jurídica da entidade e a decisão de aprovar a proposta pela qual a *FOA* se compromete a se solidarizar com as vítimas da propaganda, isto é, com os que sofrerem prejuízos por participarem das manifestações e das atividades da federação. A última sessão delimita as proposições a serem abordadas nas próximas reuniões e os estatutos por redigir. Além disso, os delegados, por meio de uma votação secreta, elegem o comitê administrativo da *FOA*, e o resultado da eleição atesta a predominância dos anarquistas e seus simpatizantes, dado que demonstra a influência do ideário libertário nos sindicatos *obrerros* nesse período.

O historiador Isaac Oved (1978) afirma que o *Congreso Obrero Gremial* é o início de um novo capítulo na história do anarquismo argentino. O fato de os anarquistas participarem massivamente da arena econômica e social merece outra observação: a de que é difícil não reconhecer o anarquismo como uma das variáveis no processo de desenvolvimento social e econômico do pós 1901, na Argentina, tendo em vista que “los procesos se nutrían en el pasado de factores distintos, que sólo en parte eran comunes. En 1901 *los procesos se encontraron y entrelazaron, uno con otro*”<sup>57</sup> (OVED, 1978, p. 173).

Os periódicos anarquistas *El Rebelde* e *La Protesta Humana* tratam sobre o congresso de constituição da FOA e o controverso tema da arbitragem. A crítica ácida do *El Rebelde* à realização do congresso, publicada no dia 9 de junho de 1901, se deve ao fato de que as tratativas em torno das legalidades são, para eles, sem serventia, e posicionam-se contrários às deliberações sobre as leis que instrumentalizam a ação da entidade, como a arbitragem, a legislação trabalhista, a greve geral e outras. Para o jornal, o apoio de Gori à arbitragem como meio de solução de conflitos entre *obreros* e patrões é uma ação questionável, ou, no mínimo, é dizer que Gori é demasiado a favor das leis, e, por esse motivo, alguns setores anarquistas o julgam como socialista. Essa publicação revela o desgosto de alguns ácratas, como, por exemplo, Altair, com a moção de Gori aprovada sobre o tema da arbitragem, inclusive entre os libertários organizacionistas que publicam uma crítica ao italiano no *La Protesta Humana* do dia primeiro de junho. Entretanto, o nosso personagem procura defender seus posicionamentos, quando este periódico, por exemplo, publica o artigo de Gregorio Iglán Lafarga, *La Conferencia del Domingo*, a discutir o tema da arbitragem e o posicionamento de Gori sobre o assunto. O escrito de Lafarga apresenta o argumento do advogado italiano:

Reconociendo a los trabajadores el derecho de poseerlo todo, debían limitarse a ir consiguiendo cada vez algo más. Hasta cierto punto, por eso había defendido él el arbitraje en el Congreso Obrero, con las consiguientes reservas, y sólo como recurso propio de emplearse en extremadísimos y decisivos momentos de la lucha proletaria, aun cuando lo rechazaba como principio y como medio de solucionar los conflictos entre el capital y el trabajo. Expuso que creía peligroso y aun autoritario que la Federación Obrera Argentina, por la influencia del

---

<sup>57</sup>

Grifo do autor.

doctrinarismo anarquista, hubiera tenido que renunciar a un recurso que pudiéramos llamar de última hora, y que empleado con las consiguientes precauciones, alguna vez podía evitar a los trabajadores derrotas catastróficas. Desde este punto de vista y considerando que cuando el arbitraje no pudiera ejercerse de potencia a potencia entre obreros y patrones, podrían intervenir en la solución de conflicto personas humanistas y de la completa confianza de los trabajadores no ministros, ni personajes oficiales. (LAFARGA, apud OVIEDO, 1978, p. 175-176)

A atividade anarquista no ano de 1901 é determinante para ampliação da propaganda dos círculos libertários da capital, principalmente na região suburbana da cidade, como Boca, Barracas, Belgrano, Cabalito, Flores e outras. Os periódicos anarquistas organizacionistas defendem que os membros de cada grupo libertário devem convidar companheiros de outros grupos para sua casa, para os cafés, onde puderem se encontrar, com o fim de organizar festas e toda uma estrutura que amplifique as ideias anarquistas. Enquanto uns grupos se dedicam a organizar festas, outros são responsáveis por levantar escola para adultos e crianças, alguns a promover cultura libertária através da música, do teatro, da ciência e outros dedicam-se aos assentamentos agrícolas – atividades com o fim de amplificar as ideias anarquistas. Nesse ano, os jornais *L'Avvenire* e *La Protesta Humana* adquirem um espaçoso local em Buenos Aires onde eles podem realizar assembleias, conferências, entrevistas, enfim, uma importante conquista do movimento libertário bonaerense.

No dia 18 de novembro de 1901, o *LN* publica a notícia:

#### **MOVIMIENTO OBRERO**

**Federación de los trabajadores del puerto** – En el teatro Iris de la Boca se llevó a cabo ayer la asamblea a que habían sido convocados los obreros del puerto para escuchar la conferencia que debía dar el Dr. Gori, acerca de la necesidad de organizar una federación de los trabajadores. Estaban presentes delegaciones de los obreros de Campana, Rosario, Bahía Blanca, San Nicolás, Montevideo y Paraguay y entre los trabajadores que asistían a la asamblea había estibadores, maquinistas, foguistas, pilotos, prácticos, marineros y de otros oficios del gremio. La conferencia del Dr. Gori versó, como decimos, sobre la organización de la federación obrera y habló con tal motivo que se hacía en Europa y Estados Unidos, siendo frecuentemente interrumpido por los aplausos de la concurrencia. Después del discurso del Dr. Gori la asamblea votó una orden del día, manifestando que los obreros del puerto prestarían su apoyo a los mecánicos de los talleres de

Mihanovich que se han declarado recientemente en huelga y llegado el caso harían causa común con ellos. En la federación que está en vías de formación entrarán todos los obreros del Río de la Plata, Alto Paraná y Paraguay, cualquiera que sea su oficio, pues hay el propósito de darle un carácter internacional.

Assim, a atividade anarquista na Argentina se move em franca ascensão em 1901. A luta libertária enraíza-se no tecido social argentino, alarga os horizontes da propaganda e age com absoluta liberdade de atuação tanto nas ruas quanto na escrita e na arte, a despeito de alguns episódios onde houve certas restrições, mas, até esse momento, sem caráter político, estatal, policialesco. Mas, em 1902, com a promulgação da *Ley de Residencia*, muda o cenário e a toada libertária.

A lei, de autoria do senador Miguel Cané, inspirada por uma solicitação da *Unión Industrial Argentina*, é redigida no ano de 1899 e legisla sobre a expulsão dos imigrantes do país, porém, só é promulgada em 1902 como forma de conter o movimento *obrero* argentino pujantemente influenciado pelos imigrantes trabalhadores, propagandistas libertários, dirigentes das sociedades ou federações, a engenharia anarquista que Cané pretende combater. O senador Cané<sup>58</sup> é de origem do patriarcado argentino, um membro da classe dirigente a iniciar a carreira como escritor dos periódicos *La Tribuna* e *El Nacional*, e a partir daí é diretor geral dos *Correos y Telégrafos*, depois deputado, senador, agente diplomático na Colômbia, Áustria, Alemanha, Espanha e França, prefeito de Buenos Aires e ministro do *Interior* e de *Relaciones Exteriores*. Além de todos esses postos da burocracia estatal, ele é escritor, se considera também cientista social, e com o fim do século ele se propõe a questionar os fundamentos e os defensores de movimentos libertários. Para Cané é inevitável acionar a força da ordem *vis-à-vis* a liberdade cuja ascensão é representada pelo movimento *obrero* e anarquista contra os setores hegemônicos da elite argentina. O olhar do senador em direção à sociedade argentina utiliza a lente de pensamento da elite europeia, onde os assassinatos de reis, rainhas ou presidentes, por anarquistas, e, portanto, são tachados pejorativamente uma vez que investem contra os valores da família, propriedade,

---

<sup>58</sup> Para mais informações sobre Miguel Cané, consultar: TERÁN, Oscar. **Vida intelectual en el Buenos Aires fin-de-siglo (1880-1910)**: derivas de la “cultura científica”. 2. ed. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2008. pp. 13-82.

direito, pátria, ordem. (TERÁN, 2008)

Na prática, a execução da *Ley de Residencia* em 1902 permite a imposição da censura à imprensa libertária e a expulsão dos anarquistas estrangeiros, principalmente os italianos e os espanhóis, como modo de impedir as greves e de eliminar a influência dos anarquistas sobre os trabalhadores. Em agosto desse ano há ataques à FOA, retaliação aos sindicatos, o poder estatal apodera-se dos documentos das entidades *obreras*, a polícia reprime os trabalhadores mobilizados nos portos da capital e do interior que reivindicam melhores condições salariais, laborais e o reconhecimento por parte dos patrões de suas entidades. Os conflitos instigam a repressão por parte do governo Roca, os *obreros* realizam a greve geral do dia 22 de novembro, mesmo dia em que é sancionada a lei 4144, a *Ley de Residencia*. Logo após a sanção da lei, “500 indivíduos foram deportados, o que desencadeou uma greve promovida pela *Federación Obrera Argentina*. O período (...) foi marcado pelo Estado de sítio, deportações, censura, fechamento de centros culturais e sociedades de resistência” (GERALDO<sup>59</sup>, 2012, p. 3)

Pietro Gori havia deixado sua residência e o continente latino-americano em janeiro de 1902, e não vivencia os trágicos acontecimentos que decorrem da sanção da lei, embora em 1903, da Itália, por meio do jornal *La Prensa*, ele se pronuncie criticamente em relação à promulgação da lei, que é, para ele, um instrumento autoritário, nocivo aos trabalhadores, e com poucas chances de durar na medida em que se contrapõe ao espírito liberal da república que ele conhece e só tem a agradecer. (ALBORNOZ, 2014a, p. 45).

---

<sup>59</sup> Para compreender a repressão das classes dirigentes aos trabalhadores imigrantes de São Paulo e Buenos Aires, consultar: GERALDO, Endrica. “Políticas de Expulsão de estrangeiros: Brasil: Brasil e Argentina nas primeiras décadas do século XX”. **Anais do XXI Encontro Estadual de História – ANPUH-SP**. Campinas, setembro, 2012.

## CAPÍTULO 2– O ANDARILHO: PIETRO GORI NA ESTRADA

Ele não resiste à caminhada que lhe é peculiar. Itália, Inglaterra, Estados Unidos, França, Palestina, Egito. Argentina e Chile e Uruguai e Paraguai. São quarenta e um anos a caminhar, ideias e ideais como força propulsora para seguir adiante, com a razão de sua busca e com o espírito a brincar com o animal político, artístico e intelectual. Entranha-se em várias cidades da Argentina, do Paraguai e da capital uruguaia com o manejo da palavra a cativar o público. Nesse ínterim, a *Sociedad Científica Argentina* financia Gori em uma viagem de pesquisa à região patagônica e, antes do retorno à residência provisória, visita duas cidades chilenas, a capital, Santiago de Chile, e Valparaíso.

O périplo representa um longo percurso, desde as viagens pela Argentina profunda, depois Montevideú e o Paraguai, onde esquadrinha do Alto Paraná ao Alto Paraguai, passando por Asunción e Concepción. O itinerário confirma o pendor para a atividade anarquista e intelectual do cultor da ciência e da *Idea*. Os diversos modos como Gori atua no transcurso de sua residência bonaerense identifica sua liderança nos espaços libertários e socialistas. Para além da circunscrição de Buenos Aires e do interior da Argentina, visita outros países sul-americanos com a tarefa de organizar o movimento anarquista, conciliar, na medida do possível, as divergências entre anarquistas e socialistas, e contribuir para a formação de *obreros*, de estudantes e de agentes culturais dos círculos libertários dos países que ele visita. Em 1901, Gori é convidado para uma excursão científica à *Tierra del Fuego*, região patagônica da Argentina e do Chile, e com a missão de estudar os presídios, os *delincuentes*, os indígenas e outros assuntos. Angiolo Tommasi, pintor italiano e amigo de Gori, o acompanha na viagem fueguina. O trajeto de Gori estende-se ao Chile e ele retorna pelo interior da Argentina a pregar a *Idea* e suas convicções científicas.

Os rastros de Pietro Gori pela América do Sul são a narrativa. Os motivos que guiam sua caminhada são de ordem pessoal, social, política e artística. O desassossego do italiano entoa as contradições de seu tempo, tanto no que diz respeito ao intelectual que visita presídios, conhece regiões, e relata suas impressões, quanto à figura que se sobressai do defensor de anarquistas e do artista que dramatiza e poetisa a vida por intermédio do caleidoscópio libertário.

## 2.1. – PIETRO GORI E ALGUMAS CIDADES SUL-AMERICANAS

A caminhada sul-americana caracteriza as múltiplas faces do italiano. Durante o itinerário, a palavra falada se sobrepõe – em verve – à palavra escrita, e é nessa toada que procuramos compreender e tecer algumas considerações sobre os caminhos de Gori por alguns países sul-americanos, entre finais do XIX e início do XX. As viagens por algumas cidades argentinas, chilenas, paraguaias e na capital uruguaia perpassam pelo acontecimento das veladas culturais, das conferências proferidas, da inauguração de monumentos, das reuniões *obreras* e das instituições públicas que o convidam para palestrar. No decorrer dos anos da estada bonaerense de Gori são notórias as acusações e as críticas de alguns setores anarquistas e socialistas dos países que ele visita, embora essa não seja a posição majoritária das fontes consultadas, que convergem para realçar a fecunda atuação propagandística e intelectual do nosso personagem.

Desde princípios de 1899 até meados de 1900 ele percorre as seguintes cidades argentinas: Luján, Mercedes, Chascomús, Ayacucho, Tandil, Benito Juárez, Puerto Belgrano, Bahía Blanca, Rosario, Santa Fé, Paraná e Córdoba. Em 1901, a viagem à Argentina austral, ao Chile, e o retorno para a Argentina a realizar suas conferências em San Martín de los Andes, Santiago del Estero, San Rafael e Mendoza. E no final desse ano, Gori embrenha-se no Paraguai durante dois meses. Antes de regressar a Itália e proferir a última conferência em Buenos Aires, participa da luta dos *obrer*os de Rosario.

A longa jornada de 1899, “(la primera gira de propaganda en América Latina, según *La Protesta Humana*)”, (ZARAGOZA, 1996, p. 241) tem como foco visitar os grupos anarquistas existentes e fomentar a criação de novos centros anarco-socialistas. Gonzalo Zaragoza (1996) investiga os rastros e as temáticas abordadas. Nos primeiros dias de janeiro de 1899, Gori faz uma conferência em Luján (na província de Buenos Aires), *El presente y el porvenir social*, e em Mercedes (também na província de Buenos Aires, a 100 km da capital), *Un siglo que nace y otro que muere*; ainda no mês de janeiro palestra em italiano, *Il presente e l'avvenire dei lavoratori*, oportunidade em que o *LPH* relata que aproximadamente 500 pessoas e uma banda de música o acompanham à estação de trem em Chascomús (ainda na mesma província, mas bem mais ao sudeste), entoando canções libertárias durante a caminhada. Dessa cidade vai

para Mar del Plata, numa viagem de mais de trezentos quilômetros, ou de quase seiscentos, se contarmos o ponto de partida em Buenos. Fica uma semana na cidade a realizar outra conferência em italiano, *Il principio della resistenza e le associazione di mestiere*, e sobre *La mujer y la familia en el presente y en el porvenir*. Em princípios de fevereiro está em Maipú (recuando aproximadamente 150 km, em direção noroeste), onde discursa em torno do *Il presente e l'avvenire della società umana*, e o periódico anarquista confirma o êxito da propaganda de Gori pelo número de pessoas que, no dia seguinte à conferência, criam um grupo socialista-anárquico. De Maipú a Ayacucho (80 km a oeste), local em que trata de *¿Que es la cuestión social?* e, no dia posterior, faz outra palestra a objetivar e defender a organização dos anarquistas como modo de garantia da liberdade individual. No terceiro dia em Ayacucho, em 8 de fevereiro, disserta sobre o tema *La humanidad de hoy y la de mañana*, e um grupo de anarquistas funda o grêmio, *Círculo Socialista Anárquico de Ayacucho*<sup>60</sup>. Dessa cidade, Gori vai a Tandil (mais 150 km a sudoeste), onde propaga, durante dois dias, *Los amigos y los enemigos de los trabajadores* e *Por nosotros y por la humanidad*, que resultou em estímulo para a fundação de um grêmio também nessa cidade. Já em Juárez (a 80 km de Tandil, ainda em direção sudoeste), entre os dias 14 e 16 de fevereiro, auxilia na constituição de um centro anarquista e faz as seguintes conferências: *La asociación como base indispensable de la anarquía*, *Quien somos y qué queremos* e *De la tiranía a la libertad*. De Juárez vai a Puerto Belgrano e Bahía Blanca, numa viagem de mais de trezentos quilômetros, e por questões de saúde regressa à capital portenha, provavelmente por via marítima.

Em finais de abril, Gori reinicia o ciclo de conferências em Rosario (na província de Santa Fé, a cerca de 300 km a noroeste de Buenos Aires), onde disserta sobre, *Il testamento sociale del secolo*, e no dia primeiro de maio apresenta a conferência intitulada *Il simbolo umano del Primo maggio*. No dia 3 fala sobre *Il delitto e la questione sociale* e, posteriormente, profere seus ensinamentos, dentre outros lugares, na *Facultad de Derecho* de Santa Fé, onde realiza a palestra *El testamento político-social del siglo XIX*, e no final do mês de maio está em La Plata (de volta, portanto, ao litoral) a falar sobre *La función moral del arte*. No dia 14 de agosto, o *LN* informa uma viagem de Gori por

<sup>60</sup> Tanto esse quanto os outros grupos gremiais citados pertencem, naqueles anos, à *Federación Libertaria de Buenos Aires*. (ZARAGOZA, 1996)

motivos de saúde, “el 20 corriente partirá para el Paraguay el Dr. Pedro Gori, quien se dirige a este punto con el objetivo de restablecer su salud (...)”. Em finais de setembro parte a Santa Fé e dirige-se a capital da província de Entre Ríos, Paraná (duzentos quilômetros ao norte), onde realiza uma palestra na *Escuela Normal de Profesores*. (ZARAGOZA, 1996).

A propaganda incansável de Gori, tanto através das aulas como das conferências e das veladas dramáticas, é a realização do imigrante anarquista que sabe articular as palavras de modo a atrair milhares de trabalhadores, mulheres, crianças e autoridades de instituições públicas, que ficam de duas a três horas a escutar sua oratória cativante. O periódico anarquista *L'Avvenire* (1896-1904) (apud ZARAGOZA, 1996, p. 240) envia um correspondente a Córdoba para assistir uma conferência de Gori em junho de 1900:

Se mantiene constante, a la altura de los grandes oradores, de los maestros de la palabra; fue hábil, sencillo, poético; tuvo frases y períodos felicísimos en su sereno entusiasmo; conmovió al auditorio (...) y, a veces blandiendo la fuerza de Juvenal, a veces la graciosa sátira de La Fontaine, en algunos momentos visionario y casi siempre digno discípulo de Hugo y Zola, recorrió, durante dos horas, todo el inmenso libro de la pisque humana, suscitando en su auditorio la admiración y la duda, el dolor y la alegría, el odio y el amor; en resumen, todos los sentimientos y las pasiones ante un público fascinado.

O andarilho não se restringe aos círculos anarquistas e às instituições argentinas, e em novembro de 1899 o *LPH* noticia a ida de Gori a Montevidéu, no mês seguinte, com a finalidade de ditar um curso de sociologia (ZARAGOZA, 1996). Já o *El Día* informa, no dia 4 de dezembro, a conferência do Dr. Gori no *Stella d'Italia*<sup>61</sup> (VIDAL, 2013). Nessa e em outras ocasiões, os folhetos e periódicos anarquistas enfatizam a onipresença do nosso personagem e a recepção calorosa do público, demarcando, dessa forma, o alcance do discurso ácrata por meio de uma das figuras mais expressivas do movimento, “los testimonios refieren a las mujeres de la alta sociedad que acudieron a oír sus palabras y, puede pensarse, de jóvenes de diversas procedencias que pudieron haberse interesado, luego, por sus abundantes escritos” (VIDAL, 2013, p. 104).

<sup>61</sup> O teatro *Stella d'Italia* foi fundado em Montevidéu, em 1895, por iniciativa da *Società Italiana di Mutuo Soccorso*. Informação disponível em: <<http://teatrostella.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 03 de março de 2017.

Em 1900 ele retorna à capital uruguaia para diversas atividades, desde o lançamento da primeira pedra de um monumento dedicado à memória de Giuseppe Garibaldi até as conferências e as veladas culturais. Com efeito, é importante apresentar uma visão panorâmica do anarquismo no Uruguai – mais detidamente em Montevideu –, a relação de Gori com o movimento libertário e com diversos atores da cena cultural ácrata da capital uruguaia.

A intelectualidade anarquista montevideana persevera as premissas do anarquismo internacional no que diz respeito à defesa da liberdade individual e da ação coletiva quanto na excreção dos partidos políticos e qualquer tipo de autoridade a suprimir a liberdade. O formulador e propagador anarquista tem a doutrina, a propaganda e a retórica como forma de oferecer um alento aos militantes e trabalhadores. O intelectual ácrata geralmente constitui-se por meio de ambiguidades e múltiplas características, é elogiado e ganha destaque no ambiente libertário na medida em que suas atividades são exitosas, a despeito do desagrado de algumas correntes quando o sucesso é demasiado evidente e a plataforma proposta não condiz com os interesses de alguns setores progressistas. (VIDAL, 2015)

A textualidade ácrata potencializa a linguagem verbal em direção à doutrina; Piotr Kropotkin (1842-1921), um dos maiores símbolos anarquistas, ressalva a imprescindível engenhosidade dos intelectuais e artistas desse campo no sentido de intensificar o exercício libertário (oral e escrito). Assim, é possível considerar que a agudeza de espírito dos formuladores está em curso no entre-séculos, isto é, o discurso anarquista, tanto na formatação oral quanto escrita, está permeado por uma série de lacunas que, porém, não atingem a importância central da produção de doutrinas e de propaganda. (VIDAL, 2015)

Os formuladores anarquistas são o eixo das diversas vertentes do movimento montevideano, e o *Centro Internacional de Estudios Sociales de Montevideo (CIES, 1897-1928)* é o espaço onde eles dão o tom e a sustentação ao anarquismo da capital uruguaia. As figuras que proferem a grande maioria das conferências são os diretores dos jornais, os professores dos círculos libertários e os poetas que publicam e recitam suas poesias. O *CIES* representa um espaço onde um coletivo de anarquistas, “que de hecho, respondió a la opción epistemológica respaldada en la palabra – en la razón – como instrumento cognitivo, educativo y redentor”. (VIDAL, 2015, p. 5). A hipótese de

Daniel Vidal (2015) consiste em afirmar que a intervenção dos intelectuais anarquistas no *CIES* possibilita a abertura do movimento a diversos atores do campo político, e acabam por promover esse local que habita a antítese e a contiguidade. Esse espaço edita o periódico<sup>62</sup> *Tribuna Libertaria*, constrói uma biblioteca, uma sala de leitura e um teatro, forma um elenco *filodramático*, realiza classes noturnas, conferências, debates, veladas, assembleias, ou seja, o *CIES* é um local de resistência, e propaganda e de formação da militância libertária.

O professor Daniel Vidal (2015) investiga o cenário anarquista montevidense entre 1878 e 1928 e menciona dois fenômenos que marcam o movimento libertário da cidade, o primeiro são as vinculações do anarquismo com o Estado e com o governo, e o segundo é a expansão da *Idea* em alguns setores liberais. Em ambas perspectivas é possível sublinhar o crescimento do anarquismo ainda que sob a convivência com as forças contraditórias desse contexto histórico.

O número de intelectuais que participam e orientam a linguagem e os modos de agir do anarquismo uruguaio é relevante a partir de 1900, embora a existência dos formuladores ácratas remonte desde os anos de 1880 através de “algunos de los primeros comuneros franceses exilados en el Uruguay” (VIDAL, 2015, p. 6). Entretanto, é em 1900 que Gori e outros personagens, como Pascual Guaglianone, Félix Basterra e Florencio Sánchez, frequentam o *CIES* com o intuito de propagar o ideário e contribuir com a organização e a ascensão do anarquismo no Uruguai. Nessa ocasião é discutida a questão da violência física como método de atuação libertária em face do assassinato, em julho de 1900, do monarca italiano Humberto I pelo anarquista Gaetano Bresci; em agosto, o grupo socialista-anárquico publica, na *Tribuna Libertaria*, o manifesto *In difesa*

---

<sup>62</sup> Sobre a dimensão dos periódicos e da literatura anarquista no Uruguai do entre-séculos, Daniel Vidal (2013) esclarece: “En Uruguay los lectores de periódicos estaban acostumbrados a la violencia retórica encuadrada en las cíclicas guerras civiles y en las disputas del poder. Pero el verbo nuevo descentraba el repertorio lingüístico y el eje social. Ya no hablaba de rivalidades caudillescas sino de eliminar a la burguesía y al capital y elevaba la mirada con proyección universal en procura de la emancipación total del proletariado. Si enfocamos este fenómeno en la literatura debemos imaginar que las “bombas sociológicas” (ZUM FELDE, 1930, II, p. 62) lanzadas por Ada Negri, Pietro Gori y Lorenzo Stechetti, deben haber conmovido un mercado de la lectura dominado por la poesía gauchesca, los sonetos de amor y los cantos a la naturaleza o a la patria, empantanado en un romanticismo tardío y en las notas aisladas del modernismo incipiente” (p. 101). Ada Negri (1870-1945) foi uma poetisa italiana. Socialista na juventude, se transformou, nos anos trinta, num símbolo da arte fascista, sob Mussolini. Lorenzo Stechetti (pseudônimo de Olindo Guerini, 1845-1916) foi um poeta italiano, apreciado pelos anarquistas por sua veia anticlerical.

*d'un ideale. Al popolo*, assinado por vinte pessoas e redigido por Pietro Gori. O manifesto descreve as circunstâncias de miséria do povo e o anarquismo como um pensamento vocacionado ao amor e à liberdade. Além disso, o documento inscreve “que la moral anárquica es la negación completa de la violencia [que] no puede formar el substrato doctrinario de ningún partido” (apud VIDAL, 2015, p. 11-12).

Meses após a manifestação contrária à violência anárquica, o dramaturgo ácrata Antonio Mario Lazzoni publica, em 1901, a peça *¡Mártir..!*, encenada no teatro Stella d'Italia com a finalidade de arrecadar um montante para a viúva de Bresci. A peça teatral de Lazzoni faz a defesa da violência (magnicida) como forma de fazer justiça aos desmandos dos poderosos. Em setembro de 1900, o debate entre Gori e Lazzoni no *CIES* gira em torno dos aspectos normativos que envolvem a atuação anarquista – a temática normativa é uma das zonas de maior conflito entre os pensadores anarquistas e está relacionada à função do discurso, da literatura e da propaganda. O vínculo dos intelectuais ácratas é “más discursivo que militante o estructural” (VIDAL, 2015, p. 20), e o *CIES* é o espaço que integra a pluralidade do pensamento libertário.

A edição e encenação da obra de Lazzoni destaca uma das disputas mais contundentes no anarquismo: a violência física por iniciativa de alguns anarquistas que pretendem romper as contradições através do regicídio. O folheto desse autor ganha notoriedade nos círculos libertários montevidéanos, ainda que determinados setores libertários da região do Río de la Plata vejam com perplexidade à defesa da violência como forma de luta, a publicação, portanto, abre caminho para que os membros do *CIES* censurem a peça de Lazzoni. O debate entre Lazzoni e Gori é anterior à publicação da peça, e marca a divergência de posições sobre essa temática. A defesa de Gori a Caserio<sup>63</sup> é um exemplo da posição de nosso personagem na medida em que ele não endossa a violência, mas preserva a figura do acusado em face das idiossincrasias de um sistema que oprime e, conseqüentemente, estimula esse tipo de comportamento de alguns militantes.

A oferta de títulos ácratas na capital uruguaia incrementa-se vertiginosamente na virada do século XIX para o XX. Esses livros são um dos

---

<sup>63</sup> A partir da obra de que tratamos no terceiro capítulo.

instrumentos de uma rede mais ampla que envolve editoras, bibliotecas, jornais, locais de leituras, grupos libertários, aulas e público. “Puede estimarse la participación de entre cuatro mil personas en este circuito a juzgar por la frecuencia de sus acciones, los testimonios gráficos” (VIDAL, 2013, p. 102), as veladas, os encontros de confraternização, os *meetings* e as manifestações. Se consideramos o livro e o leitor anarquista dos 900, notamos a autonomia relativa do leitor diante das possibilidades leitura, tendo em vista que o sistema cultural e parte significativa dos títulos são europeus, dos cânones anarquistas.

Em 1900, a biblioteca do *CIES* publica uma série de escritos, como, por exemplo, o poema *¿Dónde está Dios?*, de autoria de Miguel Rey, uma canção de autor desconhecido e três peças teatrais, *Primero de Mayo*<sup>64</sup> e *Senza Patria* de Gori, e *La canaglia* de Mario Gino. “Los 27 títulos restantes corresponden a las plumas de Piotr Kropotkin (5 títulos), Errico Malatesta (3 títulos), Agustin Hamon (3 títulos), Pietro Gori (2 títulos) (...)” (VIDAL, 2013, p. 102-103). As peças e o poema são amiúde encenados e declamados nos encontros artísticos do *CIES* e em outros centros anarquistas.

O público libertário compõe um amplo leque de setores da sociedade, embora a classe popular e *obrero* seja predominante, e constitui-se como um imprescindível ativo para o movimento. No Uruguai, todos os elementos que alinham a propaganda são demonstrações da iniciativa em diluir os impressos aos diversos públicos, o que comprova a simplicidade de muitas publicações literárias (libertárias e gauchescas) uma vez que parte considerável dos leitores são semianalfabetos. A tiragem massiva de periódicos e folhetos delineiam a ambição dos setores progressistas (socialistas e anarquistas) em atingir leitores para além da militância, e por esse motivo as publicações ocorrem a partir de uma alta tiragem e preços baixos. O contexto do movimento anarquista montevidense e rio-platense de 900 é marcado pelas diferenças que determinam o público consumidor da literatura anarquista, desde simpatizantes a ativistas, desde leitores eventuais a leitores assíduos. O aumento momentâneo de público não decorre do aumento da oferta de obras, mas sobretudo pelo fato de a

---

<sup>64</sup> Daniel Vidal (2013, p. 107) descreve as dimensões e as características do folheto: “Las dimensiones y el papel de algunos folletos son ejemplo de esta sintonía entre materialidad y masividad. Así sucede con el folleto de la pieza dramática Primero de mayo, de Pietro Gori, de 15 x 17 centímetros, en rústica, (...)”.

propaganda estar enraizada na cultura ácrata. Contudo, nos anos posteriores, o declínio ocorre em face de um público disperso, ligado às tradições culturais do país, o escasso hábito de leitura e a efêmera alfabetização do público popular. (VIDAL, 2013)

Após o primeiro contato com Montevidéu, em dezembro de 1899, nosso personagem retorna à capital no mês de setembro de 1900. Nessa ocasião, acontece a cerimônia de lançamento da pedra fundamental a acomodar o monumento em homenagem a Giuseppe Garibaldi. Acompanham a deferência a Garibaldi não só o neto do homenageado, mas também uma banda de música, a comissão do monumento, militares de alta patente, políticos, representantes do centro garibaldino de Montevidéu, numerosos imigrantes italianos e Gori. Os discursos são do ministro da Fazenda, do Sr. Joaquín Salterain, do advogado uruguaio Pedro Figari<sup>65</sup>, de Pietro Gori, como representante do *Círculo Garibaldino*, e de outras personalidades. A revista *Caras y Caretas* cobre o evento, divulga o número aproximado de dez mil pessoas que participam da homenagem e publica a imagem a retratar o instante do discurso de Gori.

**Figura 7.** Discurso de Pietro Gori na homenagem a Giuseppe Garibaldi



En el momento de pronunciar su discurso el Dr. Gori

Fonte: Revista *Caras y Caretas*, nº 104, Buenos Aires, 29 de septiembre de 1900.

<sup>65</sup> Pedro Figari (1861-1938) é jornalista, advogado, pintor, escritor e um dos discípulos da nova criminologia. Ele escreve um artigo para a *CM* em 1899.

No dia 20 de dezembro de 1900, o *CIES* organiza a velada cultural em prol do círculo libertário *Aurora*, evento que envolve os artistas de peso do campo anarquista rio-platense e a encenação de duas peças teatrais, uma canção, a declamação de duas poesias e dois discursos:

En dicha velada la filodramática «Aurora» representó «Primero de Mayo» y «Fin de Fiesta», Ramón Gesto cantó la «romanza» [y] «Santo Caserio», el reconocido anarquista italiano Pedro Gori – por entonces en Montevideo – declamó las poesías «Dopo Abba Garima» y «Agli eroissimi» de L. Stecchetti y concluyó la fiesta con dos discursos, uno del agitador Pascual Guaglianone y otro de Florencio Sánchez con un «chistoso discurso sobre la política uruguaya». Es probable que este chistoso discurso sobre la política uruguaya sean las Cartas de un Flojo que se menciona generalmente fueron leídas por estas fechas. (MUÑOZ, 2010, p. 10).

Esse evento pode ser o primeiro encontro entre Gori e Sánchez. Existe vestígios de que Sánchez, Gori e Pascual Guaglianone convivem durante alguns dias após a velada cultural. No dia 25 de dezembro, o periódico *El Día* (apud MUÑOZ, 2010, p. 11) informa que “esta noche se celebrará en el local del Centro Internacional una gran velada dramático literaria en la que toman parte el doctor Pedro Gori y el joven periodista Florencio Sanchez”.

O ano de 1900 caracteriza-se pela ebulição cultural anarquista montevideana, onde o *CIES* é palco e cenário de encontros artísticos e políticos. E a consequência dessa agitação estimula a existência de reuniões no decorrer do mês de janeiro com o objetivo de fundar, na capital uruguaia, uma *Casa del Pueblo* para funcionar como a federação dos *obreros* uruguaios. Uma reportagem do *LN* (apud MUÑOZ, 2010, p. 12) afirma que houve uma assembleia no *CIES* para tratar da fundação desse espaço, e participam mais de mil *obreros*, os ilustres Sánchez, Gori e Guaglianone – os participantes aprovam a execução do empreendimento por aclamação.

Na edição de 3 agosto de 1901, a revista *Caras y Caretas* publica a conferência de Pietro Gori em algum centro socialista de Santiago del Estero, no norte da Argentina.

A reportagem informa sobre a expansão dos centros socialistas na república argentina e cita como exemplo o centro dessa cidade “eminente católica como todas las del interior”. E tece algumas considerações sobre “El

orador popular Dr. Pedro Gori, que en breve tempo regresará a su patria, habiendo sido indultado últimamente”, e comentam sobre a condenação de Gori na Itália e o desterro forçado “por la propaganda violenta que hizo en Milán en 1898”. E encerra a notícia ao afirmar que ele acaba de realizar uma grande viagem pela Argentina, oportunidade em que Gori acumula um conjunto de dados sociais a partir de suas investigações pelo interior do país e visita a “los centros de propaganda avanzada, dando conferencias, tal como lo acaba de verificar en el Centro Socialista” de Santiago del Estero.

**Figura 8.** Conferência de Pietro Gori em Santiago del Estero, Argentina.



EL CENTRO SOCIALISTA EN LA NOCHE DE LA CONFERENCIA

Fonte: Revista *Caras y Caretas*, nº 148, Buenos Aires, 3 de agosto de 1901.

Gori visita a cidade de Bahía Blanca, pertencente a província de Buenos Aires, em setembro de 1901 – por onde já havia passado, como vimos, em fevereiro de 1899. Antes de contextualizar o episódio em que participa o nosso personagem, vamos problematizar a história de Bahía Blanca vis-à-vis a formação do movimento *obrero*, as questões políticas, econômicas e sociais como forma de compreender quais são os interesses em jogo na disputa entre trabalhadores e patrões.

A cidade é fundada em 1828, a elite que edifica Bahía Blanca corresponde à fatia econômica e política que define os rumos da cidade. Esse grupo de

oligarcas contempla os proprietários de terra, produtores de gado e agricultores que investem por intermédio dos capitais britânicos. Além disso, a Inglaterra detém uma parte significativa das propriedades rurais e das empresas de grande porte que se instalam na urbe, o que eleva os ingleses ao patamar de definidores do projeto de modernização urbana. Para se ter uma ideia da influência britânica, um dos principais mercados da cidade, *Victoria*, é construído pela empresa ferroviária *Bahía Blanca al Noroeste* e inaugurado em 1897 em homenagem a rainha Vitória. (RANDAZZO, 2007)

Em finais do século XIX, os diários comentam a favorável posição geográfica da cidade para o desenvolvimento de indústrias, o rio que banha o porto, o clima apropriado e a construção das indústrias manufatureiras – o desejo dos governantes e das elites econômicas é forjar uma cidade com a boca aberta ao oceano, ou melhor, a cidade a abrigar e transportar a colheita de cereal produzido no sul da província de Buenos Aires. Bahía Blanca e Ingeniero White são cidades vizinhas, e a zona que configura essas duas cidades é apelidada de *La Nueva Liverpool* diante do potencial inglês da região. No lusco-fusco do XIX para o XX, a imprensa local (oficial) funda “un ensueño social sobre los destinos de La Nueva Liverpool, una población que en las dimensiones que ellos afirmaban nunca existió” (RANDAZZO, 2007, p. 14). Essa imprensa é mesma que comemora os avanços e o suposto progresso na medida em que favorecem o projeto oligárquico do governo e ingleses. Não obstante, o progresso transfigurado pela quantidade de obras, crescimento populacional e urbano é semelhante ao que sucede em Buenos Aires, ou seja, essa prosperidade dignifica uma parte ínfima dos habitantes uma vez que impera o descaso e o abandono de boa parte dos imigrantes e dos trabalhadores e suas famílias. Esses setores povoam à margem da cidade e do porto, o descontentamento diante de uma realidade acre é a semente das lutas encabeçadas pelo movimento trabalhador *bahiense*. *La Tribuna*, além de ser um dos periódicos mais importantes da cidade, é responsável por denunciar a situação de desleixo de muitos imigrantes que vivem e chegam à cidade. (RANDAZZO, 2007)

O primeiro registro de greve em Bahía Blanca é de 1884. Todavia, a situação no entre-séculos acirra-se a partir da organização dos imigrantes em torno das ideias anarquistas e socialistas, e funda-se o *Centro Socialista Obrero* em 1897. Esse centro é um espaço que fortalece a luta das correntes

progressistas da cidade, estrategicamente situado próximo à zona portuária e onde funciona um centro de difusão marxista. No limiar entre os séculos acirra-se a disputa<sup>66</sup> entre anarquistas e socialistas.

A ascensão anarquista na cidade decorre do crescimento e da organização do movimento no país. A figura de Gori é demandada pelos representantes ácratas da cidade desde 1899, no final ano do seguinte, porém, o LPH informa a construção da *Casa del Pueblo* em Ingeniero White, inaugurada em fevereiro de 1901. No mês de setembro deste ano irrompe a maior greve da cidade de acordo com os periódicos locais, e a dimensão da greve corresponde ao significativo número de *obrer*os envolvidos.

O estopim da greve incendeia-se por causa dos funcionários que trabalham nas terras virgens, com o propósito de abrir caminho e instalar os trilhos que configurariam o *Ferrocarril del Sur*. Esses trabalhadores abrem a passagem, destroem as rochas e são os responsáveis por essa Argentina pretensiosamente moderna. O trabalho dos *obrer*os concretiza uma rede de ferrovias, o que significa a construção de estações e linhas a ligar as cidades e o país – a existência de uma linha ferroviária é uma das materialidades que significa a nação moderna argentina.

**Figura 9.** Os grevistas à espera da comissão



LOS HUELGUISTAS ESPERANDO LA LLEGADA DE LA COMISIÓN

Fonte: Revista *Caras y Caretas*, nº 153, Buenos Aires, 7 de septiembre de 1901.

<sup>66</sup> Segundo Frederico Randazzo (2007, p. 19), “La fuerte división ya había sido expresada por los máximos exponentes de ambas corrientes en 1864 en Londres, en la Primera Asociación Internacional de Trabajadores, donde Karl Marx y Federico Engels representaron a los socialistas, contra Joseph Proudhon y Mijail Bakunin, los voceros de los anarquistas”.

Essa greve ocorre entre Bahía Blanca e Coronel Pringles, é de curta duração e não repercute estrondosamente do ponto de vista sindical. A presença de Pietro Gori como representante dos *obreros* na negociação, porém, é o fato que dá notoriedade à greve. Ele arbitra o interesse dos trabalhadores e a demanda<sup>67</sup> é atendida quase na integralidade:

La presencia de Pietro Gori en Bahía Blanca para representar a los obreros en las negociaciones animaron de inmediato el interés del gerente del ferrocarril del Sur, señor Henderson, quien velozmente se presentó en el lugar de los hechos. Las fotos de la prensa muestran una locomotora atravesando una llanura con siete señores sobre su trompa, llegando al terraplén donde acampaban centenares de obreros y una custodia de policías armados. En el interior de un ferrocarril participaron de la negociación el gerente Henderson, el ingeniero director Dickinson, el ingeniero Súnico y el Dr. Moyano. En representación de los obreros, Pietro Gori acompañado por su secretario el «Ingeniero Sunic», leyó detalladamente las reivindicaciones que demandaban mejoras en las condiciones laborales y exigían la reincorporación de un grupo de cesanteados. (RANDAZZO, 2007, p. 25)

A imagem que segue abaixo é realizada após a rápida negociação que se encerra com o compromisso da empresa em atender boa parte das reivindicações. A vitória dos *obreros* a partir da liderança de Gori o deixa contente não só por mais uma vitória conquistada para os trabalhadores, mas também porque o triunfo endossa sua perspectiva de que a arbitragem é um dos caminhos de negociação do movimento *obrero*. Não é por acaso, portanto, que Gori se encontra com o semblante faustoso no centro da foto, e é rodeado por trabalhadores, empregados da empresa e funcionários dos diários que cobrem

---

<sup>67</sup> Segundo a revista *Caras y Caretas*, nº 153, de 7 de septiembre de 1901 (s/p.), “Los trabajadores solicitaban que el señor Dickinson cumpliera las cláusulas pactadas anteriormente de no despachar a ningún obrero hasta que se termine la construcción de los terraplenes; que se admitiese la intervención de un agrimensor cuyos honorarios correrían por su cuenta siempre que los obreros manifestasen disconformes con las mediciones del trabajo ejecutadas por los representantes de la compañía; que se abonase cuatro pesos por metro cúbico por la extracción de piedra mina a base de dinamita; que los precios de los artículos que le suministraba la proveeduría de la empresa sufriera una disminución módica; puesto que ellos tienen quien les venda bolsas de galleta a un peso cincuenta centavos por lo que se les exigía dos pesos, y en el caso que no se accediese a esta reclamación, que se les dejase libertad de adquirir los víveres donde los encontrasen más baratos; que se redujese de cincuenta a cuarenta metros las excavaciones de la longitud de la tierra; que se aumentase a treinta y cinco centavos el metro cúbico de tierra dura que no podía ser extraída sino mediante el pico; que la empresa les proporcionase los caballos necesarios en proporción a recorrido para la conducción de la tierra en zorras”.

a greve. A fotografia e a repercussão do episódio dão o tom da passagem e do prestígio do nosso personagem pela Argentina.

**Figura 10.** Pietro Gori entre os *obrer*os de Bahía Blanca



EL DR. GORI Y SU SECREARIO, EL INGENIERO SUÑIC, LOS SEÑORES GONZALES DE LA NUBIA, DE LA PENSAA Y DE LA NUEVA PROVINCIA, SEÑORES FERNÁNDEZ PIÑERO Y JALVO, EL JEFE DE LOS HUELGUISTAS SEÑOR IBALDI Y LOS CAPATAZES DE LAS CUADRILLAS BIANCHI, PERBIENSE Y BILBAO.

Fot. de Bilbao para CARAS Y CARETAS.

Fonte: Revista *Caras y Caretas*, nº 153, Buenos Aires, 7 de septiembre de 1901.

Em outubro de 1901, o imigrante andarilho realiza uma viagem<sup>68</sup> do Alto Paraná<sup>69</sup> ao Alto Paraguai<sup>70</sup>, e tem a companhia do poeta e pintor Cesare Pascarella<sup>71</sup> durante parte do percurso (ZARAGOZA, 1996). No decorrer da viagem, Gori é uma das principais figuras a proferir conferências em Asunción,

<sup>68</sup> O jornal *LN* informa sobre a conferência de Gori: “Bajo el patrocinio de la Sociedad Científica Argentina, el Dr. Pedro Gori dará una conferencia esta noche a las 8:30, en el local de la Unione Operai Italiani, Cuyo 1374, sobre el tema: Desde el Alto Paraná al Alto Paraguai. La conferencia será ilustrada con proyecciones luminosas que dirigirá el ingeniero Sr. Juan Abella.” (*LN*, 29 de noviembre de 1901).

<sup>69</sup> Essa região é uma subdivisão administrativa (*Departamento*) do Paraguai. A capital é Ciudad del Este.

<sup>70</sup> Essa região é uma subdivisão administrativa (*Departamento*) do Paraguai. A capital é Fuerte Olimpo. Entre as duas capitais, o trajeto é de cerca de 1200 km. A capital, Assunção, encontra-se aproximadamente a meio do caminho.

<sup>71</sup> Cesare Pascarella (Roma, 1858-1940) foi um dos mais célebres poetas italianos. De verve popular ou mesmo popularesca, suas obras mais conhecidas foram escritas em dialeto da cidade de Roma. Sua viagem à América do Sul é ainda pouquíssima estudada.

a organizar o movimento de trabalhadores da capital paraguaia com o fim de estimular a criação dos grêmios *obreros*. Além disso, Jorge Larroca (1971) afirma que Gori participa da greve dos trabalhadores de Mihanovich<sup>72</sup> em Asunción, e aponta que a direção da empresa no Paraguai comunica à sede de Buenos Aires sobre os numerosos maquinistas, marinheiros e *foguistas* que aderem à greve. O proprietário da empresa portuária, Nicolás Mihanovich, já havia cedido, meses antes, às pressões grevistas dos portuários de Buenos Aires influenciados pela atuação de Gori, e sucumbe, novamente, às pressões dos funcionários paraguaios. Uma das audaciosas reivindicações dos *obreros* portuários é a proposta de dobrar o salário que recebem – a solicitação encabeçada por Gori logra êxito na defesa dos ferroviários paraguaios.

Em seguida, Gori dirige-se a Villa Concepción<sup>73</sup>, onde o centro socialista da cidade realiza um banquete em homenagem ao nosso personagem. A revista *Caras y Caretas* cobre o evento e traça um panorama do percurso de Gori no Paraguai:

El doctor Pedro Gori, realizando el programa que se había trazado de conocer personalmente todas estas comarcas del Río de la Plata, para llevar a su país nociones exactas de su actual estado social, se interno hace dos meses hacia el Paraguay, cuyas poblaciones más importantes visito dando conferencias. En Asunción provoco primera huelga que ha habido entre obreros paraguayos, y sembró, según parece con éxito, la semilla revolucionaria que él se ha impuesto como misión de su vida, propagar y cultivar en el mundo entero. Dio una conferencia en Villa Concepción, lejana población del Norte, donde le recibió el pueblo con entusiasmo, preparando la recepción el doctor S. A. Perini, señor Cosme de Felice, señor Antonio Principi, señor Palemón Hidalgo y señor Víctor Naldonado, dándole la bienvenida en un conceptuoso discurso el doctor Celcio Detti. La conferencia se dio en el salón de la asociación italiana "Porvenir", y versó sobre la influencia del clero en las poblaciones latinas. Hay que convenir en que los conferencistas extranjeros hacen obra de civilización, cualquiera que sea su credo, y que conviene alentarlos en su tarea a fin de que, cuando menos, vayan habituado a las gentes al trato del extranjero, a quien no deben mirar como al indio. (*Caras y*

<sup>72</sup> O porto de Mihanovich tem uma de suas sedes no Alto Paraguay, e não em Asunción. A sede principal de empresa é em Buenos Aires. Diante dessas informações, acredito que Gori participa da greve dos trabalhadores de Mihanovich que trabalham em Asunción, ou, também, Gori pode ter participado da greve no Alto Paraguay, e não em Asunción, como informa Larroca (1971) e a revista *Caras y Caretas*, nº 153, 7 de septiembre de 1901.

<sup>73</sup> Atualmente a cidade chama-se Concepción, e é a capital do departamento paraguaio de Concepción, no leste do país.

*Caretas*, nº164, 23 de noviembre de 1901)

**Figura 11.** Banquete socialista em Villa Concepción



LOS COMENSALES, PRESIDIDOS POR EL DOCTOR GORI, EN OBEQUIO  
D<sup>NO</sup>. CUAL SE ORGANIZÓ EL BANQUETE

Fonte: Revista *Caras y Caretas*, nº 153, Buenos Aires, 7 de septiembre de 1901.

Em de janeiro de 1902 parte significativa dos grêmios de Rosário decidem apoiar as manifestações dos trabalhadores portuários da cidade. Gori é um dos personagens centrais do movimento *obrero* rosarino, dado que possui a carteira de delegado dos ferroviários de Rosário, e através desse documento ele é um dos delegados a fundar a FOA. Assim, na véspera de seu retorno à terra natal, Gori apoia a greve que envolve mais de 1000 homens a abandonar seus postos de trabalho com o fito de prestar solidariedade aos estivadores rosarinos. As consequências de sua intervenção nesse episódio são marcadas pelo diálogo: orientação aos dirigentes dos grêmios, participação das assembleias, “recomendó la unión del proletariado y, como método más aconsejable de la lucha en ese momento, preconizó el paro general” (LARROCA, 1971, p. 57).

As viagens de Pietro Gori pela Argentina profunda, pela capital do Uruguai e pelas diversas cidades paraguaias revelam um incansável propagandista, um homem que se move com a razão ditada pela *Idea*. A versatilidade, o arrojo e os empreendimentos do andarilho corroboram para a constituição de uma figura que percebe a organização como método de luta e a conciliação e o diálogo como ferramentas a azeitar a engrenagem ácrata, de modo que suas viagens

têm o objetivo inequívoco de organizar, expandir e divulgar os predicados anarquistas onde houver trabalhadores e famílias que se encantam com sua verborragia. Mas não é somente esse aspecto que sobressai quando percorremos os caminhos do italiano. Os meandros de sua relação com as instituições da elite portenha, como a *Sociedad Científica Argentina*, alinham, para além das fronteiras libertárias, uma teia mais complexa de relações, personagens e horizontes a preencher o imaginário e o capital simbólico de Gori para a região sul-americana do entre-séculos. A grande viagem ao extremo sul da Argentina e ao Chile destaca, sobretudo, o homem da ciência, o observador andarilho que se adequa às diversas nuances do progresso científico.

## 2.2. – A VIAGEM FUEGUINA: DA PATAGÔNIA A VALPARAÍSO

A viagem fueguina de Pietro Gori e Angelo Tommasi peca pelas informações esparsas, documentos perdidos no tempo e no espaço. Os desencontros das fontes sobre determinados episódios, circunstâncias ou lugares não limitam, porém, a nossa capacidade de alinhar a ventura dos dois italianos em direção à Patagônia e algumas cidades do Chile. Nesse sentido, reconstituir o trajeto e os rastros da viagem realizada em janeiro de 1901 é importante para compreender uma das realizações de maior envergadura do nosso personagem, a posição de destaque que ele alcança no campo intelectual argentino na medida em que o convite e o financiamento do périplo vêm da *Sociedad Científica Argentina*, e o horizonte de sua caminhada por essas regiões distantes reforça as múltiplas características de Gori. Enquanto na Patagônia o cientista/criminólogo, o artista e o poeta se sobressaem, no Chile o militante e propagandista ácrata empreende sua *Idea* em diversas conferências e reuniões nos centros anarquistas.

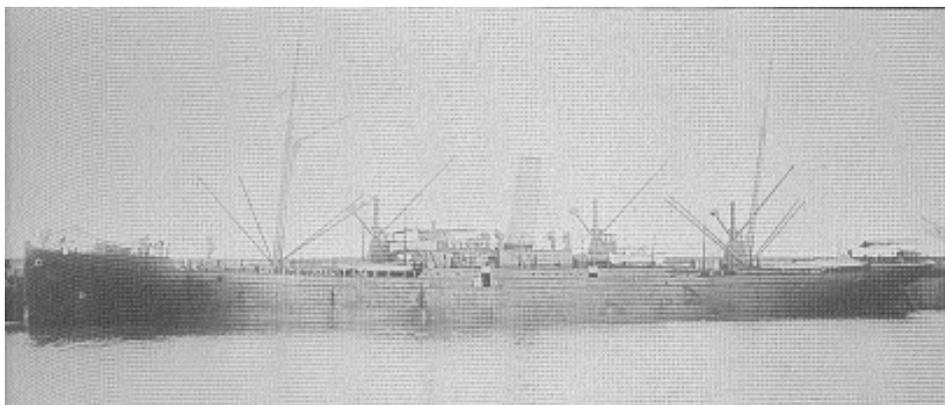
O periódico *La Protesta Humana* (apud ZARAGOZA, 1996, p. 242) menciona a ousada iniciativa de Gori como uma viagem de estudo financiada pela *Sociedad Científica Argentina*. O jornal explicita a intencionalidade do anarquista de estudar as prisões das regiões e proferir conferências no decorrer do percurso. Um jornalista libertário tece alguns comentários, “en el viaje recorrió un tesoro de fotografías y de noticias y observaciones importantes sobre las

razas salvajes de la Patagonia y sobre los indígenas de la Tierra del Fuego” (ZARAGOZA, 1996, p. 242).

Eu não tive acesso ao periódico de Buenos Aires *El Diario*, responsável por publicar uma crônica de Gori sobre a viagem. Ainda assim, um dos trabalhos centrais para essa parte da dissertação é *Nella Terra dei Lobos: in Patagonia con Pietro Gori e Angelo Tommasi*, de autoria do historiador italiano Tiziano Arrigoni (2012). Neste livro, o autor realiza a obra mais completa sobre a viagem fueguina dos dois italianos, e é no esteio das palavras de Arrigoni (2012) que alinhio os outros textos que dizem respeito aos caminhos de Gori e Tommasi nessa região da Argentina e de algumas cidades chilenas. Arrigoni (2012) utiliza não só a crônica do *El Diario*, mas também outros materiais inéditos, como, por exemplo, as cartas que Tommasi envia para o filho durante a viagem.

Em janeiro de 1901, Gori parte de Buenos Aires em direção à Patagônia, à *Tierra del Fuego* e ao Chile. Ele convida o pintor Angelo Tommasi para a expedição científica e artística. Dois conterrâneos, amigos, o primeiro aos trinta e seis anos de idade e o segundo com cinquenta anos, vão a bordo do navio *Guardia Nacional*, pertencente à marinha argentina, com mais de cem metros de comprimento, sete mil toneladas e em operação desde 1898. O militar dessa nau é o tenente Ezequiel Guterro. A embarcação, certamente, não viaja apenas com o cientista, o artista e o tenente a bordo. O navio transporta bens, como, por exemplos, o material para a construção da linha telegráfica em Cabos Vírgenes, Argentina, e pessoas que vão com a finalidade de povoar o sul-argentino. (ARRIGONI, 2012).

**Figura 12.** O navio Guardia Nacional



Fonte: Tiziano Arrigoni (2012, p. 22)

A situação da Patagônia e do sul do país, diante da disputa da fronteira da *Tierra del Fuego* com o Chile, é bem diferente da “febre” de modernidade que vive, no entre-séculos, a cidade de Buenos Aires. O sul-argentino é considerado um território “despovoado”, com fronteiras não consolidadas, embora a *Conquista del Desierto* (1878-1885), campanha argentina com a finalidade de povoar as regiões desérticas, que, para o Estado, são regiões não ocupadas pelos brancos, ainda que habitadas pelos indígenas. Essa ação militar argentina acaba por funcionar por meio de uma aliança entre a elite do país e o exército nacional comandado pelo general Julio Argentino Roca – presidente da Argentina por dois mandatos, entre 1880-1886 e 1898-1904. (ARRIGONI, 2012)

A ideia de progresso na perspectiva positivista da elite intelectual portenha de finais do XIX é a negação da mentalidade que representa o atraso, os nativos. Confrontar e transformar os indígenas é uma forma de combater o imaginário que representa, para essa elite, o antanho. Assim, o poder estatal da Argentina passa a “constituir” uma nova forma territorial através da campanha militar, do estabelecimento de um sistema de transporte, de comunicações e da ocupação das terras por brancos com o fim de estimular (e ocupar) o território pela agricultura e pecuária. A campanha comandada pelo general Roca é uma tomada de posição a envolver, também, os líderes religiosos católicos<sup>74</sup> que atuam no sentido de cristianizar os “selvagens”.

Esse processo de colonização (ocupação) do território habitado pelos povos originários também inclui a ciência, ou, nesse caso, os estudos geográficos e antropológicos. Na verdade, os embarques para a região patagônica são acompanhados por naturalistas e antropólogos que procuram os aspectos científicos relacionados às culturas “selvagens”. O Instituto Geográfico Nacional da Argentina, fundado em 1879, é uma das instituições com papel central na exploração da Patagônia. No contexto do entre-séculos, os indígenas são vistos como testemunhas de um passado que corre o risco de se extinguir. Francisco Pascaio Moreno (1852-1919), botânico, geógrafo, cientista

---

<sup>74</sup> O Padre Lino del Valle Carbajal (1871-1906) nasceu em Salto, Uruguai, em 1871. Estudou o magistério em Buenos Aires e, posteriormente, Teologia. Ele também foi um grande estudioso da história e da geografia da Patagônia. Tornou-se sacerdote e missionário salesiano em 1896, e vai pregar na região patagônica a partir desse ano. O padre e escritor é um dos missionários que, após a investida militar argentina, participa da cristianização dos indígenas. Ele vai para a região patagônica em 1896 com a responsabilidade de organizar a presença salesiana na Patagônia.

pertencente à geração de 1880<sup>75</sup>, propõe a exposição de artefatos indígenas em 1884. (ARRIGONI, 2012, p. 14).

A ciência positiva fundada sob a orientação da noção de progresso começa a prevalecer no país a partir de 1880:

A partir de 1880 cobraron protagonismo las ciencias aplicadas al reconocimiento del territorio nacional y la explotación de sus recursos naturales, todavía con una presencia extranjera predominante, al tiempo que se daba prioridad a la formación técnica y profesional. El poblamiento extranjero masivo de la Capital y la pampa húmeda motivó la erección de fábricas y la implantación de una infraestructura de urbanización y agroexportadora que demandaron estudios, proyectos y empresas de ingeniería. La minería y la explotación del petróleo impulsaron los estudios geológicos y mineralógicos, la construcción de puertos y canales, los estudios hidráulicos, mientras la química era reclamada por la industria, la botánica por la farmacopea y la agronomía, la zoología por la veterinaria. La matemática, la astronomía y la paleontología eran curiosidades, las ciencias humanas y sociales eran cultivadas por aficionados. Hubo mayor demanda de ciencia aplicada que de investigación básica, que era invocada por la prédica más bien retórica del positivismo cientificista en boga. (CAZAUX, 2010, p. 113)<sup>76</sup>

Além de Gori e Tommasi, outros italianos conheceram a Patagônia. O tenente piemontês Giacomo Bove, que se impressiona com o vasto e inexplorado território, e o jornalista Giuseppe Modrich (apud ARRIGONI, 2012, p. 15), que aborda, em 1890, a Patagônia brutalmente natural, e sentencia: “Passeranno varie generazioni di argentini, prima che il governo di Buenos Aires sappia esattamente ciò che possiede laggiù. Rari esploratori si inoltrano in quei paraggi che sono oggidì, dopo lo sterminio degli indiani, quasi spopolati”

Em linhas gerais, essas características estão presentes na ciência argentina e nas regiões exploradas pelos governos desde finais do século XIX. Essa região sul-argentina, fronteiriça, é a paisagem investigada pelo cientista Pietro Gori, que embasa seus estudos através da imprensa e dos livros

---

<sup>75</sup> Trato da geração de 80 no terceiro capítulo.

<sup>76</sup> A historiadora Diana Cazaux (2010, pp. 102-131) trata da *Ciencia del progreso (1880-1905)* e traça um panorama da ciência na argentina no período. Para maiores informações, consultar: CAZAUX, Diana. **Historia de la divulgación científica en la Argentina**. Buenos Aires: Teseo; Asociación de Periodismo Científico, 2010. 348p. Além desse título, consultar, também, **El Desierto en una vitrina: museos e historia natural en la Argentina (1880-1890)**, de Irina Podgorny e Maria Margarete Lopes (2014).

publicados na Argentina e nas obras do geógrafo libertário francês Élisée Reclus (1830-1905)<sup>77</sup>. Gori conheceu Reclus na Suíça em 1894<sup>78</sup> e este vai ser uma referência constante nos textos e nas peças jurídicas do advogado. (ARRIGONI, 2012, p. 16). Dessa forma, é possível supor que na véspera de iniciar sua viagem à Patagônia, Gori conhece os textos do geógrafo francês sobre a América do Sul e, também, as venturas libertárias de Reclus com essas áreas longínquas e pouco exploradas. O nome do geógrafo está entre os precursores de uma geografia científica, sustenta uma visão organicista do homem, critica o marxismo, ainda que nas suas obras a menção à luta de classes seja recorrente. (PEDROSA, 2013). A obra *Histoire d'un ruisseau* (1869), de autoria de Reclus, é uma das mais admiradas por Gori.

Em 1861 Reclus escreve sobre a Patagônia como uma imensa região sul-americana que recebe muitos imigrantes. Para o geógrafo, estes povoam a região habitada pelos indígenas, e esse encontro pode significar a reconciliação de diferentes povos em nome de uma humanidade de paz e alegria. Essa visão da Patagônia como uma terra da utopia é defendida por Reclus e outros intelectuais do período, como é o caso de Jules Verne no romance *Les Naufrages du Jonathan*, de 1891, um lugar a coabitar a paz e a justiça social. (ARRIGONI, 2012, p. 19).

Esses intelectuais, o que eles escrevem e o afã de Gori pela ciência,

---

<sup>77</sup> A trajetória de Élisée Reclus na geografia, “que utiliza o arcabouço metodológico do darwinismo, é anarquista e militante de esquerda. Reclus luta na Comuna de Paris e apesar de sua obra repercutir entre a classe popular e a intelectualidade da época obterá reconhecimento institucional no campo de forma generalizada somente no final de sua vida Reclus é claramente evolucionista devido a sua inspiração naturalista (...). Nesse sentido, existe uma ligação importante entre a estética e a ética no seu pensamento que busca traçar a relação harmoniosa com a natureza e sua transformação ao invés de um fetichismo conservacionista, que concebe a natureza como algo intocável. Assim o anarquismo engaja-se em uma visão de mundo prática que busca criticar, analisar e reorganizar a sociedade e a geografia (...)” (PEDROSA, 2013, p. 28-29).

<sup>78</sup> Gori (apud ARRIGONI, p. 16-17) relata nostalgicamente o encontro com Reclus: “era nell’inverno rigidamente glaciale del 1894–95, quando l’uragano della reazione crispina – che aveva trovato modo di sollevare contro noi in onde burrascose perfino le tranquille acque repubblicane dei laghi elveticos – ci aveva cacciati verso il nord e fatti cadere (eravamo in quindici, espulsi dalla Svizzera ) nella capitale belga. Nella Maison du Peuple, dove eravamo andati in cerca di altri compagni nostri, che dovevano averci preceduto, ci incontrammo con Eliseo Réclus, che era venuto a *chercher les camarades chassés de la libre Suisse* (com’ei diceva). Fummo con lui, che era particolarmente affettuoso con i giovani, – caratteristica comune a quasi tutti i grandi della scienza, – e andammo insieme a casa sua (una casetta linda, che ricorda curiosamente quella di *Guglielmo Froment* in *Parigi* di Zola) e vi trovammo tutto il confort morale, di cui più abbisognavamo in quell’ora triste, in cui ci si cacciava da tutte le parti, mentre non sapevamo neppure dove avremmo potuto essere l’indomani”.

criminologia e arte são os estímulos que o leva à Patagônia. As ideias do nosso personagem aderem ao imaginário criado em torno da região e cumprem, portanto, a proposta da *Sociedad Científica Argentina* que o convida e financia a viagem. Gori interessa-se pelo imaginário da região a partir dos escritos e relatos sobre a Patagônia (a partir da segunda metade do século XIX) e é enviado para a Patagônia como cientista convidado pela instituição científica argentina. Mais uma vez, como defendemos no decorrer deste trabalho, essa viagem significa o encontro, a dialética, a articulação entre duas facetas de Pietro Gori: a do “sonhador”, anarquista não violento, apaixonado por uma ideia de sociedade que, talvez, ele pense mais realizável nas letras de uma canção ou na dramaturgia libertária, e a do cientista, convencido de que a ciência é um dos potenciais mecanismos para mudar o mundo. As palavras de Gori (apud ARRIGONI, 2012, p. 22) auxiliam no entendimento da figura do cientista que descreve sua viagem, seus objetivos e pontos de vista:

La metropoli del Plata già si perde in lontananza nella penombra crepuscolare, coperta dal sudario melanconico della pioggia. Sul ponte del Guardia Nacional, il piccolo popolo cosmopolita si agita, mosso dai naturali preparativi della partenza. Da questo momento incomincia il mio studio psicologico, ma i soggetti in vista sono tanto svariati nel loro insieme e tanto complessi nella loro singolare individualità, che qualsiasi analisi a prima vista è impossibile. Con tutti mi azzardo di fare un'osservazione preliminare, limpida, semplice, eloquente e... disegno. La traccia, il bozzetto ha un idioma universale, che caratterizza nazioni e razze ben diverse.

Para o governo argentino, a Patagônia e a *Tierra del Fuego* são terras para serem colonizadas também pelos presos, e, portanto, uma oportunidade para estes se reintegrarem socialmente. O governo assume a tarefa de reorganizar o sistema prisional e o faz no horizonte do pensamento positivista europeu<sup>79</sup>. Assim, vários presos, condenados por diversos tipos de crimes, são levados para essa região do país com o objetivo de colonizá-las. Os condenados, embora distantes dos ilustres viajantes Gori e Tommasi, estão a bordo do navio para desembarcarem no Presídio de Ushuaia.

Segundo Tiziano Arrigoni (2012), as notas da viagem são publicadas no

---

<sup>79</sup> Tratamos da relação e da influência do positivismo e da criminologia europeia na ciência criminológica argentina no terceiro capítulo deste trabalho.

periódico portenho *El Diario*. O autor não menciona qual é a edição do jornal e data de publicação<sup>80</sup>. Mas o relato publicado por Arrigoni (2012, pp. 22-26) é interessante pela forma como Gori expõe suas impressões da viagem, como ele narra aquilo que vê, supostamente com seu juízo de valor intermediado pelas ideias libertárias e científicas que defende o italiano. E tece elogios aos soldados que embarcam no navio em que ele se encontra por acreditar que eles vão às terras longínquas com o fim de realizar o importante trabalho de povoar e trabalhar a região que ele considera a Austrália da América.

Para Gori, o soalheiro segundo dia de viagem passa custosamente. Menciona que no convés há um cinema que agrega as diversas pessoas que se encontram na nau, diferentes classes, raças e pensamentos convivem nesse espaço. A diversidade de rostos e de pessoas causa estranheza a Gori, que menciona, por exemplo, uma autêntica mulher parisiense, assim como um casal de ingleses que leva consigo a mudança no navio. Essa multiplicidade de pessoas, gestos e intenções é, para Gori, “la vera conquista del deserto” (apud ARRIGONI, 2012, p. 24).

O dia soalheiro termina com o navio a enfrentar as bruscas ondas que o interpelam e Gori comenta sobre como a população que está a bordo se confraterniza de diferentes formas e humores. O casal inglês é, mais uma vez, tema de seu relato, por se dedicarem, durante uma hora, a encontrar uma gaiola para o papagaio que os acompanha durante a viagem. Em seguida, observa Tommasi, o pintor a assoviar enquanto retrata as atitudes das pessoas que estão mal do estômago diante de um mar que chacoalha intempestivamente. E fala dos prisioneiros que vão para Ushuaia e outros presídios da região austral, “*Isolati completamente dai passeggeri che si dirigono verso l’ignoto, da basso, alla prora, incatenati alla stessa sbarra di ferro e affratellati dallo stesso dolore si trovano i condannati al presidio militare dell’isola de los Estados*<sup>81</sup>, o alle carceri dei recidivi di Ushuaia” (apud ARRIGONI, 2012, p. 24). Em seguida fala sobre a assustadora impressão diante dos corpos frágeis dos condenados, e avalia que

---

<sup>80</sup> A “chegada” desse livro entre os materiais da minha pesquisa se deu em data depois da qual já não conseguiria mais voltar a Buenos Aires para averiguar essas informações diretamente.

<sup>81</sup> Arrigoni (2012, p. 24) diz onde estão estas penitenciárias dos Estados: “L’Isola de los Estados è un’isola di 534 Kmq., ad est della Terra del Fuoco, ancora oggi disabitata (vi si trovano di stanza temporanea solo quattro marinai della Marina Argentina)”.

o crime é perceptível no preso não só pelas manifestações externas, mas também através do caráter biológico. E comenta sobre o jovem norte-americano condenado pelo tribunal militar por ter assassinado sua amante, e depois descreve outros condenados (jovens ou não) que têm o destino sob juízo e vão cumprir a sentença na Argentina Austral.

Uma história romântica se destaca entre as demais. Um sargento é condenado por homicídio e está entre os presos do navio. Sua amante embarca clandestinamente e é descoberta pelas autoridades. Ela suplica, porém, ao comandante da embarcação que a deixe acompanhar o sargento na viagem, e o logra o consentimento de seguir viagem. A mulher pretende, segundo Gori, conseguir um emprego próximo ao presídio e ficar próximo de seu amado. (ARRIGONI, 2012, p. 25). Nesse trecho podemos notar a característica do criminólogo Gori a ressaltar nas entrelinhas do texto, pois, para ele, esse caso de uma história de amor conturbada pode nascer uma nova família desse caso: “(...) *potrà nascere prole degna, come tra gli antichi deportati in Australia; sortirà da questa coppia esuberante di selvaggia energia, la stirpe più adatta a dominare l'indomita violenza della natura australe*” (ARRIGONI, 2012, p. 26). Assim, o nosso personagem encerra o relato a incentivar que o amigo criminólogo italiano, Scipio Sighele (que escreve alguns artigos para a *CM*), poderia ter mais uma observação sobre os temperamentos criminais, a ser inserida em seu livro *La donna nova* (1898). (ARRIGONI, 2012, p. 26).

O relato de viagem de Pietro Gori define também os traços do anarquista que crê na *Idea* de humanidade mesmo diante das contradições que ele percebe em face de suas observações sobre os passageiros e dos presos que estão a bordo. E mais: as impressões do anarquista se mesclam às pinturas de Tommasii. Gori observa os presos, pessoas e a arte do pintor, que enquadra, na tela, a tempestade do oceano no mesmo instante em que os passageiros se sentem enjoados com as intempéries que balançam a nau.

A presença de um pintor no navio pode parecer incomum *vis-à-vis* a finalidade científica da viagem, no entre-séculos, porém, a pintura tem valor documental. Outro meio de documentar a viagem é a câmara fotográfica que Gori leva consigo – a fotografia é recorrentemente utilizada entre a intelectualidade positivista por serem reproduções objetivas, “naturais”, antropológicas, ou, no mínimo, um desejo de deflagrar a realidade. (ARRIGONI,

2012).

A viagem é conturbada no decorrer do trajeto. Ventos impiedosos obrigam a embarcação a realizar sucessivas paragens em Puerto Piramides, na Península de Valdés, depois em Cabo Raso, local onde os viajantes têm a oportunidade de observar as colônias de “lobos” do mar, ou melhor, os leões marinhos que fascinam Tommasi, que os retrata em uma de suas pinturas:

**Figura 13.** Quadro de *Angelo Tommasi, Lobos Leon (studio), 1901. Olio su cartone 10,4x 15,*



Fonte: Tiziano Arrigoni (2012, p. 54)

Antes de chegarem a Ushuaia, aportam no Puerto Cook, na *Isla de los Estados*, com o fim de desembarcar boa parte dos prisioneiros. Os dois italianos ficam admirados com a exuberante da paisagem, de cachoeiras, florestas virgens e uma quantidade infindável de frutas e vegetais. Gori e Tommasi são recebidos pelo governador Felix A. Carrie, responsável por governar uma cidade de 250 habitantes (ARRIGONI, 2012, p. 29). Depois vão para Ushuaia, que no entre-séculos se torna uma cidade eminentemente habitada pela grande penitenciária a partir da chegada dos militares nos anos oitenta do século XIX. A Penitenciária de Ushuaia<sup>82</sup> surge para seguir o modelo australiano, onde os ex-prisioneiros se tornam residentes da cidade após cumprir a sentença. A

<sup>82</sup> Para maiores informações sobre a Penitenciária de Ushuaia, consultar Giuditta Creazzo (2007), principalmente o subcapítulo que trata desse presídio, *El Presidio de Ushuaia: el lugar físico-simbólico de la eliminación*. (pp. 206-218).

prática, porém, diverge do modelo, e no início do século há relatos que atestam para maior quantidade de presos que de ex-prisioneiros na cidade. É possível que Gori tenha visitado a penitenciária de Ushuaia durante a viagem. (ARRIGONI, 2012).

Eles permanecem nessa região durante 15 dias e são recebidos com grande reverência pelas autoridades locais (Tommasi, inclusive, tem a oportunidade de ganhar quinhentos pesos do governador que encomenda um quadro com o retrato de sua mãe), as credenciais do governo argentino e em especial pelo Ministro da Marinha Argentina. O almirante Daniel de Solier (1845-1903) – um militar de prestígio da Marinha Argentina, que nesse período tem sob sua responsabilidade a Divisão da Bahía Blanca até Ushuaia – convida Gori e Tommasi para explorar os arredores de Ushuaia, e comenta que “fummo invitati a pranzo dall’ammiraglio del quale diventammo buoni amici” (p. 31).

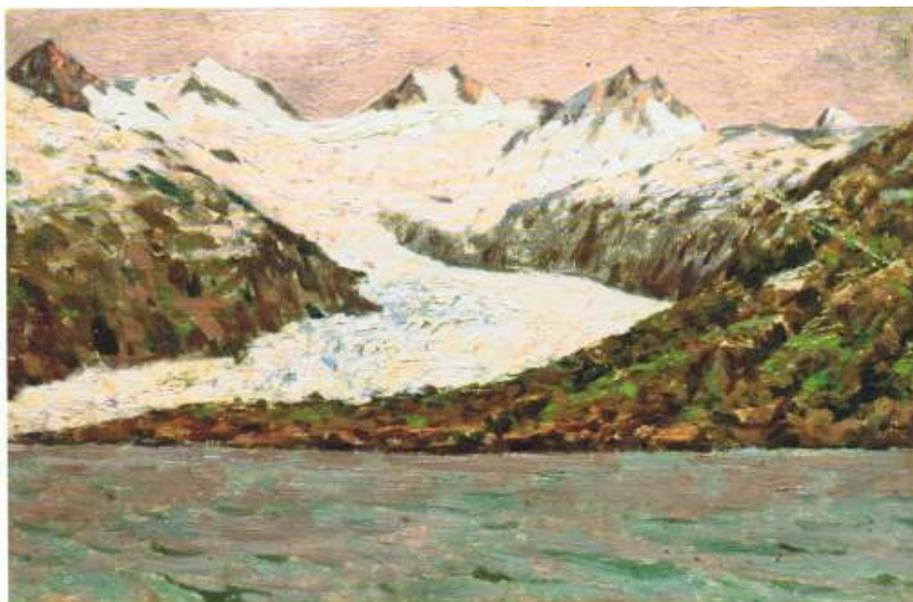
Pietro Gori esbanja sua emoção ao ver essas paisagens através de sua poesia. Uma delas é “Bahía Trágica” (apud ARRIGONI, 2012, p. 33):

*enorme visione  
tutta di spume bianca  
per la mareggiata,  
gola d’enorme ciclone  
nel gran buio urlante  
innanzi a la prua flagellata  
è la baia ululante  
de la Desolazione.  
(...) Poi, culmine cinto  
di ghiacci perpetui e d’enormi  
nuvole d’oro, il monte Sarmiento,  
più là dei selvosi  
dirupi di Brenock, a fronte  
de l’oceano glaciale,  
che muggia sotto il pampero, Monte Sarmiento.  
ne la notte invernale. (...)  
Oh, amico, la voce  
che ti sfuggì sul tramonto  
di questo giorno, da gli attimi brevi  
tutti meravigliosi  
di bellezza! “Che io possa,” dicevi  
“dipingere una sola  
di quelle gemme, di quelle  
luci ed ombre, che niuna parola  
può ridire!.*

Desta Ushuaia em diante, a viagem para Gori e Tommasi é mais motivadora. Passam ao longo do canal Beagle com a perspectiva de chegar em

Punta Arenas, no território chileno, onde um navio os levaria a Valparaíso. Durante o longo e interessante trajeto até a cidade chilena, mares, costas desertas e geleiras são as paisagens que inspiram as pinturas primitivas de Tommasi, uma delas, por exemplo, indica, supostamente, o Romanche Glacial que desce sob o canal de Beagle. Um trecho da carta que Tommasi (apud ARRIGONI, 2012, p. 32) envia ao filho é um sintoma da emoção que ele e Gori estão a viver: “vedere a 50 metri da noi che si passa i ghiacciai eterni grandi montagne strane, piene di vegetazioni e tra una e l'altra una di ghiaccio profondamente screpolato e nell'interno di queste spaccature un colore bleu violaceo”.

**Figura 14.** *Quadro de Angelo Tommasi, Canale del Beagle Terra del Fuoco. Ólio su tela 16,2 x 22,8 cm*



Fonte: Tiziano Arrigoni (2012, p. 53)

A viagem, apesar de bela e potencialmente poética, fica refém de outra terrível tempestade que faz o navio perder suas âncoras e ir à deriva. Gori teve outras experiências navegando, Tommasi (apud ARRIGONI, 2012, p. 33), entretanto, fica à espreita do amigo italiano, “io e Gori s’andò in cabina e ci attaccammo alla bottiglia del cognac” e o pintor teme perder a vida diante do temporal – o navio retorna para Ushuaia. No dia seguinte partem, novamente, para Punta Arenas, onde chegam depois de três dias de viagem. Gori e Tommasi permanecem ali por seis dias, para depois embarcarem no vapor inglês “Ovissa”

(ARRIGONI, 2012, p. 34) que os leva, definitivamente, a Valparaíso.

Em abril de 1901 (ZARAGOZA, 1996; SEPÚLVEDA, s/d), a partir de Punta Arenas a viagem se torna mais política na medida em que Gori realiza numerosas propagandas libertárias nas grandes cidades chilenas. Se antes percebemos o cientista e o artista em realce, agora é o anarquista propagandista que visita as cidades do Chile e estabelece contato com os anarquistas dessas cidades, como, por exemplo, em Coronel e Talcahuano, onde profere uma conferência, e chega a Valparaíso com a responsabilidade de realizar diversas reuniões com o movimento *obrero*. Tommasi, contudo, aproveita essas ocasiões para observar as paisagens de Valparaíso, que, para ele, é uma cidade puramente artística. E os dois vão a Santiago do Chile onde o ácrata profere duas conferências, uma na *Sociedad de Artesanos* (fundada em 1861) sob o tema *Il presente ed il futuro economico dei lavoratori* e a outra na casa de ópera de Santiago. *La guerra e la missione storica del XX secolo* é o tema de Gori (ARRIGONI, 2012, p. 34), no Teatro Lírico da cidade (ZARAGOZA, 1996, p. 243). Além disso, ele também é convidado para uma conversa informal sobre criminologia e sociologia na Universidad de Valparaíso. (SEPÚLVEDA, s/d)

Em outra perspectiva, Sepúlveda (s/d) menciona que as visitas de Gori a Valparaíso e Santiago do Chile têm o fito de proferir as conferências de cunho científico, sociológico e de visitar os presídios dessas cidades. Assim, apesar de o autor não comprovar essas visitas às penitenciárias, e do teor das conferências identificarem mais o militante do que o cientista, a contribuição de Sepúlveda (s/d) deixa rastros de que a faceta criminológica de Gori permanece do início ao fim da viagem. Com efeito, ele mantém a ideia de que há uma recepção calorosa do movimento anarquista, da comunidade italiana e de representantes do Partido Democrático diante do desembarque do nosso personagem. O jornal *El Ácrata* (apud SEPÚLVEDA, s/d, p. 5) tece uma série de elogios a Gori, e diz que ele “es apreciado hasta por sus mismos adversarios políticos, quienes ven en él, no al propagandista revolucionario, sino al filósofo, al científico y al notable orador”.

Em 1950, Benito Rebolledo<sup>83</sup> (apud SEPÚLVEDA, s/d, p. 6) recorda, em uma carta endereçada ao amigo Fernando Santiván, uma das conferências de

---

<sup>83</sup> Benito Rebolledo (1880-1964) foi um pintor chileno que se inspirou nos temas sociais em suas primeiras obras, principalmente a partir de sua experiência próxima aos trabalhadores. As obras que ganham notoriedade, porém, retratam as paisagens naturais, cenas bíblicas, retratos de pessoas e outros tipos de telas.

Pietro Gori no Chile:

Vino especialmente a Chile a dar una conferencia contra la guerra cuando nos querían hacer pelear con Argentina. Era el tipo del señor italiano, muy elegante en el vestir, parecido al músico violonchelista Estéfano Giarda<sup>84</sup>, de recordada memoria entre nosotros. Era un orador exquisito. Recuerdo que terminó su pieza oratoria, llena de humanismo, con estas palabras: “Espero ver la estrella solitaria de Chile y el sol de la Argentina juntos, resplandeciendo en el cielo ¡in alto!, ¡in alto...!”

O *LPH* de 22 de junho de 1901 (apud SEPÚLVEDA, s/d), relata a visita do italiano no país através do texto *Desde Chile*, de autoria do anarquista chileno Manuel Montenegro que relata a visita do italiano em seu país. Manuel pontua o quanto a influência do anarquista auxilia no fomento, desenvolvimento e organização do movimento libertário chileno. E também conta que os jornais burgueses foram fundamentais na difusão das ideias de Gori, justamente por não estarem de acordo com o horizonte ideológico do italiano, o tiro, contudo, sai pela culatra e mais pessoas aderem às conferências.

No Chile, nosso personagem encerra sua oratória libertária. Ele e Tommasi retornam a Argentina sem maiores contratempos, seguem o caminho da Cordilheira dos Andes, menor e mais prudente que a navegação da Patagônia. Na etapa inicial do retorno, utilizam o trem que os leva até uma aldeia; desta localidade eles vão por intermédio de uma locomotiva da *Ferrocarril Andina*. Eles passeiam pela cidade de Los Andes, onde fica a estação de partida do trem andino, que os leva até Salto del Solado, onde conhecem o vale do Aconcágua. Os dois se vestem adequadamente para atravessar esse trecho da viagem, e colocam coletes, calças, meias de lã e óculos escuros contra o brilho das pedras e da neve. De Salto eles vão com a ajuda dos cavalos por Las Cuevas, Portillo – cidade que fica a 3842 metros acima de Combres – e sentem dificuldade diante do cansaço e da falta de ar nas altas altitudes. (ARRIGONI, 2012, p. 35)

---

<sup>84</sup> Luigi Stefano Giarda (1868-1952) foi um compositor e violoncelista italiano, ativo no Chile desde 1905 e onde ficaria até a sua morte.

**Figura 15.** Angelo Tommasi e Pietro Gori durante a excursão.



Angelo Tommasi, l'avvocato Gori e una guida, durante un'escursione nella Terra del Fuoco.

Fonte: Tiziano Arrigoni (2012, p. 50)

As imensidão e beleza das paisagens inspiram o poeta Gori (apud ARRIGONI, 2012, p. 36) a escrever versos que recordam o retorno da viagem fueguina. O poema é doado para a República Argentina no centenário da independência do país:

I vertici e l'abisso! L'Aconcagua  
s'aderge sul cielo aurorale (...)  
La carovana sale  
silenziosa... La giù, dopo i limpidi  
corsi dell'acqua che si frange e va;  
ben più ad imo de le ghiacciaie  
eterne, più giù de le ripide balze, più lunge de l'aspre giogaie,  
oltre i fumanti refugi, più là  
de' villaggi e de' pascoli, nel fondo  
a questa minacciosa maestà  
andina, giganteggia al tremolio  
de' primi raggi il fortunoso oceano  
sol di nome, Pacifico,  
che di rupestri e di marine tèmperè  
sui golfi e de le sierre sul pendio  
cresce dal tuo vecchio ceppo, Araucaria,  
o estrema Tule del civiltà

latina un popolo nuovo.(...).

A revista *Caras y Caretas* (nº 141, de 15 de junho de 1901) publica o ensaio *Los últimos Reyes de la Pampa*, de Pietro Gori. O texto é um relato de um índio que ele e o pintor conhecem durante os dias que eles se hospedam em Punta Arenas. O horizonte de análise de Gori abarca desde os aspectos físicos, antropométricos, até os jurídicos, históricos e sociais. Seu personagem é um velho Tehuelche<sup>85</sup> que eles veem a caminhar pela cidade. A figura do ameríndio chama atenção de Gori e Tommasi, “a mi compañero de viaje, desde el punto de vista artístico, a mi desde el científico” (s/p).

**Figura 16** – Retrato de Gori e Tommasi<sup>86</sup>



Fonte: Fotografia retirada no *Archivo General de la Nación Dpto. Doc. Escritos. Buenos Aires. Argentina*.

<sup>85</sup> Essa denominação costuma se referir, genericamente, a várias etnias ameríndias presentes no extremo sul da Argentina e do Chile.

<sup>86</sup> O *Archivo General de la Nación* não menciona o local onde é retirada a foto, mas suponho que seja no estúdio de Tommasi em Buenos Aires. Gori observa o pintor a trabalhar na imagem do indígena Tehuelche. Na parte inferior, à direita da fotografia, há um quadro que retrata a imagem de Domingo Faustino Sarmiento (1811-1888), a ilustre personalidade para a nacionalidade e as letras argentinas, que preside o país entre 1868 e 1874.

As informações que Gori obtém dos habitantes da cidade é de que o “cacique Mulato” (s/p) outrora foi um grande guerreiro e caçador destemido dessa região chilena: o *Rey de la pampa*. E o que leva o cacique à cidade é uma questão judicial. Está com ele a esposa, a filha e dois sobrinhos, “dignos de la leyenda corriente en el viejo mundo acerca de los gigantes de la Patagonia”. (s/p). O cientista propõe ao ancião Tehuelche que ele e seu amigo pintor conheçam-no um pouco melhor, e a contribuição que eles oferecem é “Tommasi, un estudio artístico del natural, yo, un retrato antropológico. Mi agujoneaba el deseo de poseer, entre tantas cabezas sin corona, el índice cefálico de aquel soberbio dominador de los desiertos” (s/p).

Um leitor que desconhece a autoria do texto, e lê esse último trecho, pode achar que Cesare Lombroso assina o ensaio. Aliás, vários trechos dessa publicação de Gori demonstram a intrigante relação do criminólogo e anarquista com o ideário do pai da criminologia. Nós procuramos compreender essa relação no decorrer deste trabalho. Por ora, vamos nos ater à tessitura do texto de Gori.

**Figura 17.** Pintura de Tommasi na primeira página do ensaio de Pietro Gori.

### Los últimos reyes de la Pampa



Fonte: Revista *Caras y Caretas*, nº 141, Buenos Aires, 15 de junho de 1901.

O cacique relata para o italiano que *El Comercio*, um importante jornal da província de Magallanes (Chile), compadece com sua causa e defende os interesses do ancião e de sua tribo em face dos abusos dos vizinhos. Gori o convence a acompanhá-lo até uma sala dos bombeiros onde há uma “con galería de cristales” (s/p) de onde podem ter uma excelente visão da cidade. E o criminólogo observa:

(...) partían de sus labios frases inarticuladas, exclamaciones toscanas, que pretendían ser – con audaces terminaciones castellanas y tehuelches, al mismo tiempo – disculpa y ruego a aquella paciencia, concediendo algunos minutos más, con su regia cortesía de caballero de la Pampa, como homenaje al artífice venido de lejos, por tierras y por mares, hasta esta última Thule del sur, para conversar la tela los recuerdos de esos fulgores australes y de esos vestigios majestuosos de razas moribundas (...) Los ojos del viejo soberano, que respondía con breves frases, cual si estuviera aluciendo, tenían extraños reflejos de metales irisados; las pupilas, en que estaba impresa la austera serenidad de la Pampa, tornándose repentinamente dura y aguzadas, como puntas de acero. (s/p)

Para Gori é imprescindível que a arte e a ciência retratem esse personagem como um modo de eternizar esses povos que, segundo ele, estão em processo de extinção. No caso do *Rey de la pampa*, a grande injustiça vem direto dos Tribunais, “donde los filibusteros de la palabra le agredían con discursos, que él no comprendía, leyendo en ciertos libros de cábala los pretextos de la expoliación” (s/p). Essa injustiça leva o cacique e sua família, a duras penas, a Santiago, para defender-se das infâmias contra seu povo. E o tom dramático do texto de Gori se assemelha às tonalidades de seus escritos teatrais. O drama do cacique, de sua família e de seu povoado não tem sorte nas instâncias jurídicas, e o relato derradeiro de Pietro Gori poderia ser a cena que encerra uma peça de sua autoria: o indígena, a esposa, a filha e os sobrinhos estão em uma rua de Punta Arenas, Gori e Tommasi os encontram desamparados e expostos ao sol escaldante: “La pobre reina de la Pampa tenía los brazos cargados de largas zanahorias y de enormes coles: las soberbias coles negras del extremo sur”. (s/p.).

Três meses após a publicação do texto pretensamente antropológico de Gori, a *Caras y Caretas* informa sobre *La exposición de Tommasi* (nº 150, 17 de agosto de 1901) em um dos locais de exposição mais badalados de Buenos

Aires de entre-séculos, a casa Freitas y Castillo<sup>87</sup>. A matéria (não assinada) valora o trabalho do artista por intermédio da valentia do pintor em viajar para os rincões do sul argentino a bordo de um grande navio e apresentar uma pintura que retrata a maneira que o italiano extrai a viagem nas telas. “Estas telas son los primeros trabajos artísticos que de tan apartadas regiones se exhiben en un país civilizado, y la colección de Tommasi adquiere por ello un inmenso valor”. (s/p.). As paisagens fueguinas, segundo a matéria, “nos sorprenden por el contraste que presentan los elementos que constituyen, como son riberas marítimas, selvas impenetrables (...)”. (s/p.).

As informações prestigiam o trabalho e a característica do pintor sem se aprofundar nos aspectos técnicos, como a reportagem mesmo informa, não possuindo condições de fazer esse tipo de análise. Porém, acredito que as imagens dos quadros expostos, a mostrar uma região ainda pouco conhecida e visitada naquele período, podiam impactar os leigos, ou melhor, os que estimam a grandiosidade da paisagem retratada da mesma forma que a paisagem influencia o pintor no ato da pintura:

En la exposición desfilan todos los puertos de la Patagonia Austral hasta la Isla de los Estados, y al lado de la vida exuberante de la costa atlántica se extasia el visitante contemplando los escuetos y abruptos peñascos del Pacífico que barre y pule el sudoeste, impulsando el oleaje bravío a cuyo embate formidable parecen desmenuzarse las altas montañas que lo limitan. Aquellos paisajes de la Isla Quemada y de Bahía Desolación entristecen con su melancólica grandeza y están fielmente reproducidos por Tommasi (...)”. (s/p.).

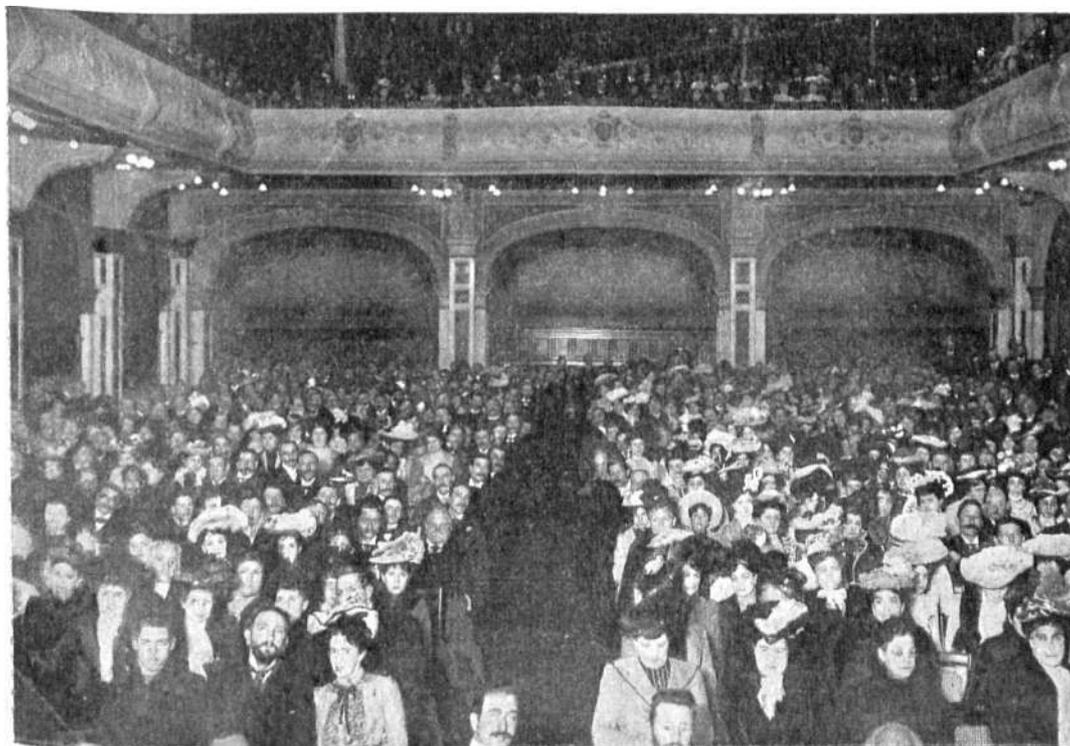
E a notícia se encerra com a informação de que a Marinha adquire um quadro de Tommasi que retrata a Bahía de Ushuaia e os navios argentinos quase em linha, no momento em que o almirante Daniel de Solier visita-os na ilha. Além disso, a reportagem menciona as pinturas que retratam regiões mais rupestres, como, por exemplo, Tandil. Comentam, portanto, que a obra de

---

<sup>87</sup> A historiadora da arte Ana María Fernández García (1997, p. 79) nos conta um pouco sobre essa casa: “(...) Después que la casa Witcomb modificase la finalidad de tal espacio dedicado en principio a la muestra de reproducciones fotográficas, Freitas y Castillo se apresuraron a rectificar también sus planes primigenios. El espacio concebido como un lugar de muestras de fotografías se convirtió en una de las salas de arte más importantes del Buenos Aires de entre-siglo. Aunque la galería Castillo no tuvo el empaque y la variedad que existió en de la Witcomb, demostró una actividad expositiva firmemente entroncada con la pintura española (...)”, mas que, na presente exposição, abriga o trabalho de um italiano.

Tommasi não pode ser desprezada e que os rastros do artista influenciam outros pintores que pretendem continuar a obra do pintor italiano sobre a região da *Tierra del Fuego*.

**Figura 18.** Conferência de Gori no *Prince's Georges Hall*



EL PRINCE GEORGE'S HALL, DURANTE LA CONFERENCIA DE LA SOCIEDAD CIENTÍFICA

Fonte: Revista *Caras y Caretas*, nº 152, Buenos Aires, 31 de agosto de 1901.

Uma das últimas conferências de Gori em Buenos Aires comprova a unimultiplicidade que o caracteriza e o alcance e o prestígio do intelectual entre os cientistas e a população bonaerense. No dia 21 de agosto de 1901, a *Sociedad Científica Argentina* prepara uma conferência de Pietro Gori no *Prince George's Hall*, onde o “homem da ciência” relata a sua viagem a *Tierra del Fuego*, “ilustrándolo con proyecciones luminosas reproduciendo paisajes de la región recorrida la que tan poco conocido es entre nosotros y tanto interés despierta”. (*Caras y Caretas*, nº 152, 31 de agosto de 1901, s/p). O relato do italiano percorre desde sua saída de Buenos Aires a bordo do buque *Guardia Nacional* até as minúcias da viagem à região patagônica. A plateia está lotada e o público ovaciona o intelectual.

Depois de sua partida da Argentina em janeiro de 1902, Gori publica o artigo *Alcoholismo y criminalidad en Chile* no primeiro número da revista que

sucede à empresa iniciada pelo criminólogo libertário. *Archivos de psiquiatria, criminología, medicina legal y ciencias afines*, criada e dirigida por José Ingenieros, com publicações bimestrais, editada entre 1902 e 1913, é a empresa científica que dá continuidade ao trabalho iniciado pela *Criminalología Moderna*. A revista de Ingenieros aprofunda nas temáticas criminológicas, psiquiátricas e nas áreas correlatas, estende o número de colaboradores latino-americanos, nacionais e se torna um centro de referência na criminologia da região<sup>88</sup>.

O empreendimento de Ingenieros é a continuidade do trabalho iniciado por Gori sob uma perspectiva científica ainda mais aguçada e precisa. O médico, ainda estudante de medicina, contribui frequentemente com a revista *CM*. Supomos que a aprendizagem e o amadurecimento de Ingenieros nos anos de vida universitária, a militar no partido socialista e a cursar Medicina, são experiências fulcrais a escolha de Ingenieros por se dedicar de cabeça na sua formação e vivência intelectual.

O último artigo de Gori publicado na Argentina, o único publicado na revista de Ingenieros, revela, de soslaio, dois aspectos: a tênue relação de amizade e a experiência criminológica de Gori no Chile.

Nas pesquisas que realizei nos arquivos de Ingenieros sob os cuidados do *CEDINCI*, não há nenhum documento que comprove a correspondência entre eles durante os anos de residência de Gori em Buenos Aires e muito menos com a publicação da nova revista criminológica. Existem, por outro lado, algumas correspondências de outros criminólogos que escreveram para *CM* e, agora, desejam vida longa e exitosa à iniciativa do jovem médico. Acreditamos que o espaço concedido por Ingenieros no primeiro número da revista pode ser um agradecimento velado a Gori, mas não necessariamente um reconhecimento da qualidade intelectual (e criminológica) do nosso personagem.

---

<sup>88</sup> Alejandra Mailhe (2014, p. 662) define o perfil de colaboradores da revista: “*Archivos* diseña un perfil internacional a través de la constante intervención de científicos de Francia (como M. Mignard, G. Petit y A. Laissant), Italia (como C. Lombroso, E. Ferri y J. Segi), Suiza (como A. Nicéforo) y España (como B. de Quirós, S. Ramón y Cajal, y P. Dorado Montero). También intervienen numerosos autores latinoamericanos pertenecientes a las principales instituciones de cada país. Entre los países latinoamericanos con mayor gravitación en la revista, cabe señalar la presencia de Perú (con textos de L. Avedaño, M. Barrios, G. Olano y H. Valdizán, entre otros) y Brasil (con textos de A. de Araújo Leal, F. da Rocha, E. de Moraes, R. Nina Rodrigues, F. Pacheco y A. Peixoto). Sin embargo, los autores brasileños se concentran solo en los dos primeros años de la revista, probablemente como consecuencia de una dura polémica teórica, suscitada en 1902, entre Nina Rodrigues e Ingenieros, en torno a cómo interpretar el “estado de multitud”. También se editan colaboraciones de psiquiatras, criminólogos, juristas e historiadores de Guatemala, Bolivia, Chile, México, Venezuela, Costa Rica, Uruguay y Cuba.”

A revista do médico começa com o nome *Archivo de Criminología, Medicina Legal y Psiquiatría (ACMPA)*. No texto de Gori, publicado no primeiro número da revista, é revelador o fato de ele assumir a visita aos carcereiros e às penitenciárias de Valparaíso, Santiago do Chile e de outras cidades menos importantes da “república transandina” (p. 31). O criminólogo e cientista diz que lhe chama atenção a imensa “miseria fisiológica de una gran parte de los criminales allí cerrados, especialmente aquellos cuyo delito agravado, sociológica y jurídicamente, por la insignificancia o la ausencia de motivos determinantes” (p. 31).

Embora ele não cite os nomes dos penalistas que o acompanham nas “tristes excursiones” (p. 31), Gori diz que seus colegas criminólogos observam uma variável determinante nesses criminosos, o uso abusivo de álcool, a utilização desmedida da bebida é amiúde utilizada pelos *delincuentes*. Ainda assim, a constatação é de que boa parte dos homicidas não estão alcoolizados durante o cometimento do delito, mas, para Gori, é a herança patológica somada ao consumo de álcool um dos grandes responsáveis pelos crimes no Chile. Para ilustrar seu argumento, Gori relembra um dos episódios relatados pelos presos de Valparaíso; eles sabiam que um companheiro possuía algumas moedas, e o assassinaram para satisfazer à necessidade de beber algo alcoólico. Esses casos se repetem insistentemente segundo nosso personagem.

O fenômeno da utilização desenfreada de bebidas alcoólicas é um fator determinante para compreender a criminalidade no Chile. E, nesse ponto do argumento é possível perceber o sociólogo e antropólogo criminal dialogarem, pois são dois os fatores que interferem nesse processo, o de natureza ética e o de índole econômica. Assim, Gori afirma que povos araucanos, “diferentemente de los otros indígenas de la Patagonia y del archipiélago fueguino, tenían una pasión desesperada por las bebidas alcohólicas, y el parentesco étnico nos es fácil de quebrantar” (p. 31-32)

Uma das variáveis que estimula o consumo de bebidas alcoólicas é o preço das bebidas, já que os vinhos e os licores são baratos e acessíveis, e os alimentos, porém, são caros. O sociólogo criminal reforça sua percepção ao dizer que o uso imprudente do álcool é uma forma de esquecer o preconceito e a humilhante situação econômica e alimentar dos desafortunados:

Las condiciones de las clases trabajadoras en Chile desde el punto de vista material, no son peores que en otros países, y quizás las crisis industriales y la desocupación sean menores que en la Argentina, dada la menor inmigración; es por eso que la inclinación al alcoholismo crónico no debe imputarse solamente al déficit fisiológico, sino en primer término al déficit intelectual y moral. En ningún país sudamericano (los he visitado casi todos) he encontrado tan profunda como en Chile la división de las clases sociales; un abismo de cultura y de educación separa a las clases dirigentes de las proletarias. (GORI, 1902, p. 32)

O ponto central para Gori é a condição de miséria crônica na região chilena, capaz de fomentar (e aumentar) a criminalidade transandina. Ele menciona que no momento em que escreve vê as fotos dos diferentes *delincuentes* chilenos “y en casi todos sus fisionomías es visible la mezcla de dolores y de embrutecimiento” (p. 32).

A psicologia criminal no Chile é outra consideração problematizada, sem maior profundidade, pelo italiano. Os preconceitos, os hábitos transgressivos e os erros coletivos contribuem para a criminalidade. Ele menciona que os militares são também responsáveis pelo uso desmedido do álcool, “hacen del proletariado chileno un terreno fértil de corrupción y de delito” (p. 33). Essa atitude dos militares é contrária aos destinos de uma humanidade onde a saúde do corpo é sobretudo a inteligência e benevolência nas atitudes. Para Gori, a penosa realidade do Chile, na iminência de uma guerra com a terra irmã, é incompatível com a vontade de conquistar territórios e aniquilar vidas.

A viagem fueguina em companhia de Angelo Tommasi é um percurso sinuoso onde os tripulantes a bordo do Guardia Nacional, os presídios, as paisagens, mares, cordilheiras, políticos, *obreros*, estudantes, indígenas e presos representam o mosaico de pessoas e lugares e circunstâncias que interpelam o cientista/criminólogo para análise dos condenados à prisão, ou, também, à perda de sua cultura e de suas terras como demonstrado no ensaio sobre o *Rey de la Pampa*. Entrementes, no território chileno há um equilíbrio entre a atuação libertária, o criminólogo que visita os presídios e o conferencista nas universidades e nos grupos (círculos) anarquistas e socialistas. Além disso, a relação amistosa com as autoridades locais parece circunscrever uma zona de respeito em relação às figuras de Pietro Gori e Angelo Tommasi.

A escolha de Pietro Gori para realizar a viagem fueguina nos indica, de

certa forma, que o anarquista teve o respeito do governo argentino. Imaginar que a viagem faz parte de uma intenção importante do ponto de vista político, nos leva a crer que a atuação de Gori em Buenos Aires é acompanhada pelo governo local, e que supostamente suas ações são vistas com, no mínimo, interesse. Sob esse aspecto, cabe, portanto, adentrarmos em uma de suas principais contribuições intelectuais do período, a revista *Criminalogia Moderna*, empresa fundada por Gori em 1898, três anos antes da viagem custeada pelo governo argentino. A revista propicia um espaço de debate, discussão e publicação de textos, artigos de intelectuais argentinos e estrangeiros sobre criminologia e assuntos correlatos. O periódico pode ter sido um dos caminhos de abertura à confiabilidade do governo argentino em escolher Gori para adentrar, analisar e relatar suas viagens às terras longínquas.

Dessa forma, o próximo capítulo aborda a empresa de Gori, primeiro por intermédio do advogado que atua no campo criminológico e intelectual argentino do entre-séculos, depois faz uma análise “radiográfica” da *CM* e investiga as publicações do nosso personagem na revista que ele funda e dirige durante boa parte de sua residência em Buenos Aires.

### CAPÍTULO 3 – A REVISTA *CRIMINALOGÍA MODERNA*

O diretor da revista *Criminalogía Moderna* chega a calle Talcahuano 379, onde funciona o escritório de advocacia e a direção e administração do periódico. Estamos no mês de novembro de 1899. Buenos Aires exala as deletérias impressões do século vindouro. Após mais uma conferência a instigar o público com a palavra ululada, ele senta-se na cadeira, alumbrado com as ideias estimuladas há poucas horas; e aguarda os convidados. A revista do criador está de aniversário. A sala tem uma única (e mísera) claraboia. Resta a opção de admirar o quadro pintado pelo amigo<sup>89</sup>. O olhar firme, decidido a apreciar a pintura de pessoas próximas ao porto, lugar que ele conhece bem.

Alguém bate à porta. A frequência e a intensidade da batida indicam a única pessoa a imprimir esse gesto. “Adelante, Ingenieros”. Ele pede para deixar a porta aberta e brinca com o criminólogo, dizendo que a juventude estava nas suas mãos. O jovem, impelido pela vontade da verdade, carregando inúmeros artigos sobre psiquiatria, loucura e a prova que acaba de receber do professor de Medicina Legal. “Yo estaba pensando”, Ingenieros diz, e o amigo o escuta com a generosidade do silêncio, “que la locura es la clave”.

“Buenas tardes, queridos amigos! Hoy no es día para locura, Ingenieros.”, Dellepiane interrompe o diálogo, avança sobre o escritório com um livro e um *chianti*. Ele saúda os amigos, acomoda-se naquele sitio de tertúlias criminológicas, e os três passam a conversar em italiano. A história da delinquência a brindar os intelectuais. Entre algumas *tazzine* de café e *tazze* chá, entra Juan Vucetich com as digitais ainda sujas, visivelmente cansado com a antropometria.

Passado alguns minutos, entram Arreguine e Lancelotti debatendo sobre o governo Roca, os *lunfardos* e os problemas da criminalidade. Às vezes, o escritório do italiano fica repleto de intelectuais, homens da ciência, como eles se consideram. Gori está incomodado com algo, revolve-se na cadeira e nos pensamentos enquanto os amigos colocavam a ciência no centro do debate. Despertou-se: “por favor, Ricardo, tráeme el saca corcho”. Entra Ricardo del Campo no círculo de amigos, e fecha a porta.

---

<sup>89</sup> Refiro-me ao quadro, *Partenza Degli Emigranti* (1896), de Angelo Tommasi.

A ficção pode ser um instrumento a fortalecer o texto caso nós tivéssemos encontrado documentos que, de uma forma ou de outra, estimulassem a imaginação a partir da verdade factual. A ideia que tínhamos, num primeiro momento, de demonstrar o funcionamento de um possível círculo intelectual criado e liderado por Gori, cai por terra diante da inexistência de provas que evidenciem os valores compartilhados e propagados pelos membros do círculo. Assim, alteramos a estratégia ao apresentar a presença de Gori no panorama do positivismo criminológico argentino, que resgata os aspectos históricos, sociais e intelectuais para o surgimento e consolidação da criminologia na Argentina, e traça os principais personagens e empreendimentos que são realizados antes da criação da revista e durante o seu período de existência.

E em 1898 nasce, no campo intelectual argentino, a *Criminalogía Moderna*, revista criada e dirigida por Pietro Gori. O primeiro número é de novembro de 1898 e o último é de janeiro de 1901. A periodicidade é mensal, ainda que nos meses de maio e julho, e entre setembro e dezembro de 1900 não ocorre publicação; ou seja, são, no total, vinte e uma edições. A revista apresenta uma lista de colaboradores locais e internacionais, desde intelectuais, passando por dirigentes de Estado, advogados, e até os delinquentes condenados à pena de morte<sup>90</sup>.

O período de publicação da *CM* compreende dois anos e três meses de duração. Existe algumas lacunas em 1899 e 1900. Parto do pressuposto de que a existência da revista, dirigida e criada três meses após a chegada de Gori em Buenos Aires, representa não só um projeto do italiano, que, provavelmente, pretende disputar um espaço no campo intelectual por intermédio dessa publicação, como também um espaço a revelar nomes que, aos poucos, despontam no cenário intelectual bonaerense. Ao mesmo tempo, considero que a revista é também um “produto” de época, “determinado” pelo panorama social (com rebatimentos policiais, criminais e criminológicos) da Buenos Aires de entre-séculos que comento no primeiro capítulo.

A “radiografia” da revista, que proponho neste trabalho, significa uma

---

<sup>90</sup> Uma das seções da revista chamava-se *Documentos Humanos* – a parte do periódico que publicava cartas, textos e as últimas palavras de alguns presos (argentinos e estrangeiros) condenados à pena de morte. Destaco a primeira publicação nessa seção, *La confesión de un gran criminal*, o relato de punho do primeiro serial killer dos Estados Unidos. Essa confissão está publicada na *CM* número 6 (de abril) e 7 de (maio) de 1899.

análise de conjunto da *CM*, com o fim de construir um quadro comparativo e evolutivo dos temas mais recorrentes, dos autores mais citados, dos eixos teóricos e dos distintos ramos do Direito presentes no periódico, incluindo a apresentação de um índice temático e seccional da empresa de Gori<sup>91</sup>.

### 3.1. – GORI: UM ADVOGADO ITALIANO NO POSITIVISMO CRIMINOLÓGICO ARGENTINO

O desenvolvimento da escola criminológica argentina ocorre através de uma ressignificação da ciência europeia. As terminologias e os conceitos positivos são travestidos pelos paradigmas da ciência moderna. A complexidade que emerge no velho continente após a revolução industrial, e a crise do liberalismo no entre-séculos, faz com que os Estados têm maior protagonismo na intervenção política, econômica e social. O positivismo e suas vertentes são infalíveis no intuito do Estado de produzir um discurso e uma prática que controle a crise.

O parâmetro social é decisivo no continente europeu. Os problemas de saúde advindos da cólera, o crescimento populacional, a desigualdade, o desemprego – o explorado estigmatizado com a temática do alcoolismo, da prostituição, dos crimes e das ideologias revolucionárias a serem desenvolvidas na década de 60 do século XIX. O Estado interventor apropria-se do positivismo para legitimar o controle social. É nesse ambiente que nasce a antropologia criminal, posteriormente conhecida como criminologia<sup>92</sup>, uma ciência positiva e (pretensamente) humana.

A raiz desse pensamento está nas ideias evolucionistas de Darwin e deterministas de Spencer, que alinhadas ao método positivo de Comte, têm o pretexto de implantarem a ordem. A sociologia também está imbricada no objetivo de pensar a ordem social. O método proposto pela ciência social pretende ser um discurso isento de tonalidades políticas, oferecendo uma

---

<sup>91</sup> O índice temático e seccional está nos Anexos deste trabalho.

<sup>92</sup> Sobre a utilização do termo criminologia como ciência: “O termo criminologia para qualificar esta ciência surge posteriormente, ao ser adotado por Paul Topinard, em 1889. Garofalo, provavelmente, foi o primeiro a utilizá-lo, ao chamar assim seu livro publicado em 1885, na Itália” (OLMO, 2004, p. 38).

abordagem cientificamente criteriosa sobre as questões sociais. E esses são os referenciais para o surgimento da antropologia criminal enquanto ciência a sepultar o delito e a focar o delinquente. Aprofundar o estudo sobre o delinquente está relacionado às conveniências do Estado em promover uma ciência que o auxilie a estabelecer a ordem. Por isso, o positivismo induz a argumentos que têm de estar rigidamente comprovados pelas premissas de leis universais, experimentais e classificatórias. (OLMO, 2004).

A obra a inaugurar os estudos nessa área é *L'uomo delinquente*, de Cesare Lombroso (1835-1909), publicada em 1876. O livro é um marco que procura se desvencilhar da escola clássica do direito. O delito condicionado à prática de responsabilidade individual, e vinculado à ideia católica de culpa, determina o livre arbítrio do indivíduo a realizar suas decisões e assumir as possíveis consequências. Para essa escola, o alvo da punição é um castigo pelo delito praticado.

A tese de Lombroso trata do exame individualizado do criminoso, confrontando a aceção clássica de que todos os criminosos são iguais. Resguarda-se na morfologia dos corpos e na singularidade das pessoas com os preceitos da frenologia, fisionomia e a teoria da degeneração, examinando vários crâneos de delinquentes mortos<sup>93</sup> que o levam a conhecer a origem atávica dos desvios de conduta. A influência do darwinismo aporta uma leitura biológica da conduta delitativa do transgressor, que Lombroso apresenta como uma das causas a apontar forças regressivas:

El delincuente era, en otras palabras, un resabio del pasado evolutivo cuyo mal se manifiesta en morfologías cráneas, orejas, bocas, cejas. A estos datos exhibidos en mosaico repletos de pequeñas fotografías faciales, Lombroso agregaba una colección sumamente ecléctica de evidencia, que incluía estudios de lenguaje de sus sujetos, datos obtenidos en autopsias de cadáveres delincuentes, reproducciones de sus tatuajes (en los que veía rastros de los lenguajes primitivos en las clases bajas de la Italia en vías de modernización), dichos populares sobre el

---

<sup>93</sup> A professora Rosa del Olmo (2004) auxilia na compreensão do contexto político e social italiano em que se dava o surgimento da sua escola criminológica. Segundo a autora, o movimento pela independência nacional e unificação da Itália têm características particulares que estão presentes no paradoxo existente entre a Itália setentrional centralizadora e a Itália meridional, que era conhecida como a região pobre em contraposição ao norte rico. A autora recorda que “os primeiros estudos de medição de Lombroso foram feitos com soldados, mas esses soldados eram do sul da Itália. A inferioridade racial era a única inferioridade que a ideologia dominante podia aceitar para justificar as diferenças que a exploração originava” (p. 51).

criminal y ejemplos extraídos de la ficción. (CAIMARI, 2012, p. 89)

A obra fundacional da criminologia não prospera imune às confrontações levadas a cabo nas conferências científicas internacionais. A escola francesa<sup>94</sup>, influenciada por Alexandre Lacassagne (1843-1924)<sup>95</sup>, fundamenta a tese de que os fatores sociais despertam o ânimo para a delinquência e o delito. Os franceses lutam contra a conjectura atávica e as causas exógenas ao delito, que desde meados de 1850 fazem parte do rol interpretativo da escola clássica. E a França não foi o único país a abrigar ideias notadamente mais progressistas que o pensamento de Lombroso. Na sua terra natal, o seu próprio discípulo e socialista, Enrico Ferri (1856-1929)<sup>96</sup>, autor da terminologia *criminal nato*, se distancia das ideias lombrosianas sugerindo que as causas do crime colocam múltiplos fatores que não são condicionados pela biologia, mas pelas condições (deterministas) do meio ambiente. (CAIMARI, 2012).

Ainda assim, não há como desacreditar a Lombroso o papel de fundador da ciência que estuda o delinquente e o crime, embora a sua teoria é passível de críticas e múltiplas reformulações. O intelectual italiano insere essa ciência no universo positivista, quando, por exemplo, faz um aporte do modelo matemático e experimental de Beccaria<sup>97</sup> em sua tese. E ainda que se façam

---

<sup>94</sup> Sobre as diferenças entre a escola francesa e italiana, o historiador Gabriel Ignacio Anitua diz: “Si la italiana prestaría más atención a lo antropológico, la francesa lo haría con lo social. En realidad, ambas se reducían sobre el hombre delincuente, pero los franceses prestarían atención a que ese hombre se hace, mientras los italianos nos dirían que, predominantemente, nace”. (ANITUA, 2005, p. 192).

<sup>95</sup> O historiador também nos conta sobre o autor francês: “El médico legista Alexandre Lacassagne fue el fundador de esta escuela y de la revista “Archives de Anthropologie Criminelle” de Lyon. Entre sus obras merece destacarse *El hombre criminal comparado con el hombre punitivo*, de 1892, y los distintos manuales de medicina legal que publicaría posteriormente”. (ANITUA, 2005, p. 193).

<sup>96</sup> Sobre o controvertido lado político e ideológico de Ferri: “Primeiro combateu o socialismo, objetando as concepções de Turati em matéria criminológica. Depois se proclamou socialista e teve que citar Marx junto com Darwin e Spencer entre seus grandes ídolos (...) Posteriormente, em um artigo intitulado *Facismo e escola positiva na defesa social contra a criminalidade*, acusava todos os liberais de não terem tido feito nada em sentido positivo e afirmou que o fascismo em poucos anos de existência havia realizado muito mais que a democracia em tantos decênios”. (ASÚA apud OLMO, 2004, p. 51)

<sup>97</sup> Cesare Beccaria (1738-1794) é um dos representantes da escola clássica que vinha difundido uma perspectiva teórica de transição que desagua na escola positiva. A sua obra mais conhecida, *Dos delitos e das penas* (1764), é um exemplo do esforço de Beccaria para inserir o direito penal como algo insubstituível na compreensão do delito e as alternativas de combate, procurando propor sugestões de uma política legislativa. (OLMO, 2004)

ressalvas à escola italiana, os métodos experimentais têm um eixo central nos argumentos que respaldam o conhecimento dos criminólogos italianos sobre a sociedade. O hábito de visitar as penitenciárias para observar os presos e suas patologias possibilita que eles criem classificações e coletâneas amiúde expandidas sobre os delinquentes. Essa prática é um legado lombrosiano. (CAIMARI, 2012).

Os primeiros propósitos latino-americanos no sentido de viabilizar a criminologia, mais especificamente a escola positivista italiana, ocorrem em três países – Argentina, Brasil e México. Contudo, há indícios críveis de que a Argentina se desponta na consolidação e difusão dos ensinamentos da (nova) ciência criminal. Norberto Piñero (1858-1938) é o primeiro catedrático argentino a participar do *I Congresso de Antropologia Criminal* (1885) realizado em Roma. Dois anos após a conferência, o discurso do professor na *Facultad de Derecho e Ciencias Sociales* da UBA é um marco que introduz o positivismo no âmbito acadêmico argentino.

Em 1888, um grupo de intelectuais do meio acadêmico e cultural bonaerense, pertencentes à pequena e média burguesia da cidade, mais conhecido como a “geração de 1880”, criam a *Sociedad de Antropología Jurídica* (SAJ), instituição com a especificidade de tratar dos assuntos relacionados à delinquência, e presidida por Norberto Piñero. Nessa oportunidade, o presidente publica um texto, *Problemas de Criminalidad. Sobre las causas del Delito*, que entoa as preocupações do organismo recém criado. (CREAZZO, 2007)

A geração de 80 é substancialmente positivista. Alguns membros dessa geração ocupam postos de trabalho na burocracia estatal e outros são catedráticos da UBA. A plêiade é composta por diversos grupos intelectuais, mas, nesse caso, interessa destacar os universitários, ou seja, os egressos da *Facultad de Derecho y Ciencias Sociales* e da *Facultad de Medicina*: Luis Maria Drago, Rodolfo Rivarola, Norberto Piñero, José Maria Ramos Mejía, Manuel T. Podestá, Ernesto Quesada, entre outros estudiosos da ciência positivista. Parte do grupo tem interesse expresso na criminologia, mas todos se dedicam a promover a escola positiva:

El positivismo constituyó en Argentina una etapa cultural cuyas proyecciones se hicieron sentir en todos los campos del espíritu. El fenómeno europeo se presentó en este país en estrecho

acuerdo con caracteres propios de su realidad política-social. Son precisamente las particularidades de la historia socio-política y las condiciones especiales del desarrollo de la ciencia argentina las que permiten hablar de unas modalidades propias y de una orientación del positivismo argentino diferente al europeo (CODES, 1988, p. 199).

Esses intelectuais tentam elaborar um projeto de nação a partir dos pressupostos positivistas, tanto na dimensão filosófica quanto na científica. A geração de 80 representa uma época em que a Argentina se constitui como um Estado nacional. O poder centralizado é exercido pelo primeiro governo do militar Julio Argentino Roca, que federaliza a cidade de Buenos Aires e imprime uma perspectiva republicano-conservadora por meio da qual tenta articular o país com o mercado mundial.

Esse projeto envolve as políticas imigratórias para atrair estrangeiros europeus que vêm a tonificar a engrenagem do desenvolvimento industrial do presidencialismo de Roca. Isso provoca não só a concentração urbana e o desenvolvimento do proletariado, como também a formação de uma elite intelectual que acompanha esse processo a partir da ótica positivista de pensar e explicar a realidade com a utilização de dados empíricos. Para esses intelectuais, o mundo é produto de um conjunto de comportamentos individuais observáveis e, portanto, todo o saber é passível de ser ordenado e classificado.

A criminologia argentina do entre-séculos está resguardada na utilização das teorias científicas europeias, fossem elas francesas ou italianas. Os pensamentos importados têm a tendência de intervir sobremaneira no debate, o que envolve uma adaptação das teorias à realidade local. O hábito dos cientistas argentinos de publicar os textos em francês indica uma pista de como eles podem ter se comunicado e participado, em igualdade de condições, nas inúmeras conferências internacionais. Além disso, eles começam a publicar no idioma nativo. A obra do argentino Luis María Drago (1859-1921), *Los hombres de presa*, publicada em 1888, é considerada a primeira obra do positivismo criminológico latino-americano – o primeiro esforço em transplantar as teorias criminológicas para o contexto argentino. (CAIMARI, 2012)

A participação dos intelectuais argentinos nos congressos europeus possibilita o acesso ao produtivo ambiente cultural do velho continente. Em 1889, ocorre o *II Congresso de Antropologia Criminal* em Paris. Nessa ocasião, um dos

secretários da *SAJ* relata uma breve charla com Lombroso, que parabeniza as iniciativas da intelectualidade argentina em promover os estudos criminológicos e anuncia a tradução italiana da obra de Luis M. Drago<sup>98</sup>.

A relação entre Buenos Aires, Roma, Paris, Milão sucede em uma velocidade em que não há cabos de fibra óptica para conectar as pessoas no além mar. A apropriação dos mecanismos positivista-criminológicos ingressa pela intelectualidade argentina e auxilia na consolidação e sistematização da ciência. A coragem de Drago ao enfrentar alguns pressupostos do atavismo lombrosiano, significa, nas entrelinhas, uma luta contra o estereótipo que os viajantes europeus elaboram sobre os habitantes platenses. Lombroso acredita que os não europeus são selvagens, cruéis e sanguinários, e Drago questiona o paradigma lombrosiano ao relativizar o conceito do atavismo.

A valentia do intelectual argentino traz à baila certos aspectos do paradigma criminológico positivista – o delinquente como um indivíduo biologicamente diverso e o delito como um fenômeno produzido por fatores sociais e biológicos. Pretende-se confrontar o delinquente para defender a sociedade. Por outro lado, a *SAJ* e a iniciativa de Drago não representam o progresso consistente e poroso da ciência criminológica no campo intelectual argentino, pois falta vitalidade para se aprofundar nos princípios que eles defendem com fervor:

Ninguno de estos autores propone una modificación sustancial del derecho penal argentino sobre la base de los principios de la nueva escuela, pero, sobre todo, a solo tres años de la fundación de la Sociedad Antropológica Argentina, la Comisión de reforma del Código Penal – compuesta por aquellos mismos hombres que dieron vida a la Sociedad – elabora un proyecto de línea decididamente liberal que es elogiado por toda la doctrina. (...) El dominio indiscutido del positivismo permanece en la enseñanza universitaria, donde aún falta de debate que caracteriza el pasaje de consignas entre el “clásico” Obarrio y el “positivista” Piñero en la cátedra de Derecho Penal en el cual el recambio de corrientes de pensamiento se produce con extrema facilidad de acuerdo con el “viento cultural” proveniente de Europa.” (CREAZZO, 2007, p. 49)

A crise da década de 1890, com as suas idiossincrasias previamente expostas, desafia os intelectuais do campo criminológico argentino a elaborar

---

<sup>98</sup> Em 1890, o livro de Luis M. Drago foi traduzido e publicado na Itália com um prefácio de Lombroso.

um discurso científico que não representa a oratória estatal, porém estimula a juventude acadêmica bonaerense e os intelectuais da geração de 80. Há instituições que são criadas e/ou aperfeiçoadas para compreender o cerne da tese criminológica italiana: o delinquente.

E há um fator político e ideológico que contribui a ampliar o horizonte sobre o contexto. A vinda massiva dos imigrantes encoraja o surgimento e a solidificação das ideias anarquistas e socialistas, que disputam espaço ideológico não só na política, mas também na ciência. Nesse bojo, os criminólogos socialistas e anarquistas e os periódicos de um e de outro lado, que interpretam o modelo de Spencer e auxiliam na compreensão do paradoxo que significa a relação do anarquista e do socialista com a ciência positivista-criminológica. Predicam sobre a ciência para fisgar o delinquente, isto é, o controle social para defender a sociedade.

Independente da linha ideológica a que estão alinhados, os periódicos portenhos passam a publicar, desde os anos 50 do XIX, artigos que abordam as causas criminais mais famosas. Reproduziam o lado da defesa, da acusação, da sentença. Os casos com maior repercussão são editados e publicados e comercializados mediante a assinatura desses periódicos<sup>99</sup>. Essa característica originada pelo jornalismo daquela época, oferece ao público um cenário, atores e autores. Escrevem crônica sobre um criminoso famoso, sobre as atualidades jurídicas ao redor do crime e sobre documentos do arquivo policial. (GELI, 1992)

Os imigrantes saem de seus países esperançosos com uma vida digna. A realidade são as imagens dos sonhadores estampadas nos periódicos científicos e informativos. Encontram uma cidade violenta e sem postos de trabalho. A paradoxo tem de ser resolvido pela criminologia. Por um ângulo, “el estudio vía Le Bon<sup>100</sup> del nuevo sujeto social, la multitud y la legalidad que

---

<sup>99</sup> O professor argentino, Gabriel Anitua, nos ajuda a entender a difusão do pensamento criminológico por intermédio dos periódicos: “El éxito de este pensamiento y su actualidad no deben hacernos pensar que eran ideas limitadas al campo “científico” o de elites ilustradas. Las descripciones eran provenientes de la nueva ciencia “criminológica” serían usuales a partir de entonces en las más diversas publicaciones, incluso populares”. (ANITUA, 2005, p. 179)

<sup>100</sup> Sobre Gustavo Le Bon ver o artigo de Maria Cristina Consolim: “a obra de Gustave Le Bon é bastante vasta e diversificada: o autor - que nasceu em 1841 e começou a escrever na década de 60, após um curso incompleto de medicina prática – escreveu sobre fisiologia, ótica, antropologia, adestramento de animais, civilizações orientais e, finalmente, sobre psicologia e política. Sua carreira, na contramão da tendência à especialização no mundo científico da época e nunca premiada, para seu desgosto, com o ingresso na academia, seguiu um curso peculiar: ainda que bastante próximo aos meios intelectuais, Le Bon tornou-se conhecido como um grande

determinaba su comportamiento” (GELI, 1992, p. 9). Por outra perspectiva, uma análise individualizada dos componentes patológicos do delincente – o modelo lombrosiano para afiançar as certezas a identificar o inimigo da sociedade.

As teorias criminológicas transcorrem, progressivamente, a tonificar a figura do delincente como o inimigo da nação. Na esfera do controle social reside a eficácia do pensamento de Lombroso. Os jornais e a literatura legitimam a conveniência de reverberar a identidade do criminoso segundo os pressupostos científicos da nova escola italiana. A taxonomia não diz respeito, como outrora, somente ao delito. O *criminal nato* representa um tipo biológico e socialmente inferior, impelido pelo atavismo selvagem e classificado segundo o discernimento da antropometria, da fisionomia e de outros caracteres que, segundo eles, realçam a selvageria – as tatuagens, o vocabulário preenchido por gírias do crime, o jogo, o álcool. Os jargões em torno do delincente são questionados pelos cientistas, tendo em vista a dificuldade em delinear quadros clínicos com tantas variáveis de complexa absorção e comunicação teórica. Entretanto, o altifalante lombrosiano vigora para a realidade cotidiana como um bálsamo a perfumar o ambiente do crime:

Articulación con las creencias colectivas cuya caladura tan profunda se explicaría, quizás, por las pretensiones del sistema lombrosiano de convertirse en una interpretación totalizadora de la marginalidad, puesto que la dilución del delito en el escabroso labirinto de las enfermedades mentales ocasionaría un desplazamiento de la observación hacia otros personajes lindantes cuyo singular comportamiento devendría en conducta patológica: el artista u hombre de genio y el anarquista. En este sentido la nueva ola de regicidios y magnicidios anunciaba que había tenido lugar el sobrecogedor encuentro entre la política y la degeneración palpablemente corporizado en la imagen del terrorista. (GELI, 1992, p. 11)

A nova ideologia científica e criminal estimula a criminalização dos anarquistas. Parte majoritária da escola italiana subverte o militante ácrata em terrorista de Estado, prefigurando a acepção do século XXI. Mas, em finais do XIX, a construção do discurso criminológico contra o anarquismo está pautada no perigo antissocial atribuído aos partidários dessa ideologia. De fervorosos

---

divulgador e vulgarizador do pensamento científico, tanto pelo conteúdo de seus escritos quanto pelo trabalho como editor à frente da Flammarion entre os anos 1902 e 1931.” (CONSOLIM, 2004, p. 1)

propagandistas de suas causas, paulatinamente eles passam a ser tachados de criminosos.

No transcorrer da década de 90 cresce abruptamente o número de publicações e bibliografia em torno do crime, do delinquente e dos fatores sociais que envolvem a criminalidade. As faculdades de Direito e Medicina incentivam conferências, o jornal *LN* exalta o fato de ter, entre seus colunistas, figuras de destaque no meio acadêmico internacional, Lombroso, Max Nordeau, Scipio Sighele. A imperiosa conveniência da defesa social articula as instituições, o Estado e os intelectuais que se unem contra o criminoso e o crime.

É nessa conjuntura inquietante em que se dá o nascimento da primeira revista argentina disposta a enraizar o debate científico sobre a criminologia. O fato, isoladamente, identifica uma preocupação de uma parte da intelectualidade portenha com o tema. A maior excentricidade dessa criação está na circunstância de nascença do projeto do criador: um anarquista e advogado italiano que desembarca em Buenos Aires, aparentemente compelido a somar esforços na compreensão da *Criminalología Moderna*.

A passagem de Gori pela capital portenha conforma-se a partir de uma polivalência de ambientes, e atores – criminólogos, libertários e pensadores – que adquirem prestígio no campo intelectual argentino entre o lusco-fusco do século XIX e XX. As fontes bibliográficas que abordam o período de residência do italiano em Buenos Aires demonstram a maneira como se articula e age no *ethos* anarquista. Essa característica revela, em profundidade, o libertário e, numa proporção mais superficial, o advogado.

O criminólogo também é tangenciado nos diversos textos que problematizam a criminologia desse período histórico. E não há relatos ou fontes que indiquem a vivência de Gori nos espaços de sociabilidade da elite intelectual portenha. Ainda assim, podemos imaginar o encontro dos “homens da ciência” nos “Cafés Principales”<sup>101</sup>, provavelmente a tergiversar sobre as estadísticas

---

<sup>101</sup> Sobre os cafés como espaços de sociabilidade de Buenos Aires, Sandra V. Gayol (1993, p. 262) afirma: “En la edificación, símbolo de una lucha del pasado con el presente y de la interposición entre ambos del porvenir que se anticipa, algunos Cafés comienzan a separarse de los despachos y cafecitos y pasan a llamarse “Cafés Principales”. Es que, en esta transformación de la ciudad, desapareja, pero decidida los despachos y cafés no permanecen al margen. Ellos señalan y entrañan los cambios. Son partícipes y definidores de las transformaciones sociales y culturales de la capital. Si algunos modifican la fachada exterior es en el interior del local donde las mutaciones son más evidentes: no encontramos los mismos dueños y la disposición interna del local también se ha modificado”

criminais, as reformas legislativas, as questões médico-legais, a conjuntura política, econômica e, não podemos duvidar, sobre o social, principalmente diante da inserção de Gori e Ingenieros no campo intelectual portenho.

O desafio de reconstruir a trajetória do advogado, do criminólogo, do professor e do intelectual passa por compreender as iniciativas do anarquista, do artista e do dramaturgo. Os vestígios encontrados indicam pontos de interseção a caracterizar uma identidade não só em duas frentes (a anarquista e a intelectual), mas em diversas linhas de atuação que evidenciam a polivalente figura de Gori durante os anos em que ele vive na Argentina.

As peripécias do intelectual e do criminólogo têm repercussão tanto no campo intelectual como no campo anarquista do país. O empreendimento nomeado *Criminalogía Moderna* reverbera nos periódicos libertários e de grande tiragem, como o *LN*. Pietro Gori funda e dirige a revista de sua autoria, convida vários intelectuais a compor a lista de ilustres colaboradores de peso no campo intelectual argentino e de outros países, grande estudiosos e referências da criminologia positivista que nasce sob os auspícios de Cesare Lombroso, intelectual italiano que tem suas ideias amplamente repercutidas na América Latina, a despeito de suas teorias não obterem o mesmo êxito na Europa.

A argentina encontra, nas palavras de Lombroso e na escola que surge a partir dele, as formulações, teorias, teses e leis que fundamentam e determinam o controle e o poder do Estado sob as pessoas, o poder punitivo na polícia de Buenos Aires, nos Presídios do país, nos hospícios, na observação dos alienados, nas medidas sanitaristas, um universo preocupante para elite portenha que comanda o Estado no entre-séculos.

A profissão de advogado que exerce o nosso personagem vai desde a defesa aos companheiros anarquistas do movimento *obrero* até a direção da revista localizada na sede do escritório de advocacia, rua Talchvano, 379<sup>102</sup>,

---

<sup>102</sup> Esse endereço aparece na página 122 da *CM* nº 4, de fevereiro de 1899. As versões digitalizadas referentes aos números 1, 2 e 3 da revista não identificam o endereço. Porém, Albornoz (2014a, p. 35) afirma que a edição nº 1 da *CM* situa o consultório jurídico de Gori e Riva “en la calle Artes 629 y con una sucursal en la calle Olavarría al 500 (...)”. De todos os modos, é interessante notar que a poucos metros do endereço estabelecido da *CM* nº 4 a nº 19, ou seja, na Talcahuano, 224, funcionou diversos estabelecimentos anarquistas (CANALES URRIOLA, 2016, p. 256, 274, 286, 295 e 297), como, por exemplo: o “Circolo Internazionale di Studi Sociali”, o jornal *L’Avvenire* e a “Federazione Libertaria dei Gruppi Socialisti-Anarchici”. Por fim, o último número (21) da revista, de janeiro de 1901, indica o endereço do escritório de advocacia dirigido por Pietro Gori na rua Lavalle, 1053. Nesse último endereço, Gori, aparentemente, não tem sócio.

local onde ele e Arturo Riva<sup>103</sup> são os advogados responsáveis por temáticas penais, cíveis e comerciais da Argentina e “en Italia y demás países de Europa y América donde el Consultorio tiene colegas corresponsales. Se absuelven consultas verbalmente y por correspondencia en español, italiano, francés e inglés” (CM, nº 4, 1899, p. 122). A advocacia é a maneira encontrada por Gori para se sustentar, defender clientes e companheiros libertários, e para colaborar com o campo criminológico argentino quando publica a primeira revista latino-americana especializada em criminologia.

A explosão demográfica em Buenos Aires exige novas formas de controle do Estado, e a antropologia criminal parece ser a base científica que serve de esteio para o estudo da criminalidade, de modo a provocar os meios de combate e prevenção do crime e do criminoso. Nesse sentido, é curioso pensar na aparente contradição entre o libertário, o advogado e o criminólogo, ainda que o caráter científico dessa disciplina adquira prestígio entre os próprios anarquistas, principalmente dos criminólogos ácratas que defendem as causas sociais (miséria, marginalidade e outras) como um dos fatores determinantes para a existência dos crimes. Lombroso, o pai dos criminólogos, escreve, em 1894, *Gli Anarchici*<sup>104</sup>, com o propósito de problematizar o anarquismo como um fenômeno criminoso e os anarquistas delinquentes cujas características estão delineadas nos tipos criminais definidos pelo autor. O interesse de Lombroso pelo anarquismo decorre da quantidade de seguidores das ideias libertárias, e essa atitude revela um proveito político do autor e sua justificativa do estudo:

---

<sup>103</sup> Anarquista e advogado italiano que chegou a Buenos Aires no dia 6 de Agosto de 1898, no barco *Aquitaine*, procedente de Marselha (França). Seus dados de origem são: 28 anos de idade, casado, advogado e católico. As informações sobre a chegada de Riva na capital argentina foram obtidas por intermédio do *Centro de Estudios Migratorios Latinoamericanos (CEMLA)*, que está vinculado a Universidad Nacional de Tres de Febrero, localizado no *Museo de la Inmigración* de Buenos Aires. Arturo Riva foi o primeiro sócio de Gori (a revista *CM* nº 6 indica que Emilio J. Marengo é novo sócio de Gori até a *CM* nº 19, no lugar de Riva) no escritório de advocacia. Além disso, tive acesso as *Actas de sesiones del consejo directivo de la Facultad de Derecho*, sob posse do *Museo y archivo histórico de la Facultad de derecho de la UBA*, revelam que Arturo Riva solicitou a revalidação do diploma: “en la solicitud de reválida del abogado italiano Arturo Riva, doctor de la Universidad de Pavia, se resolvió exigir a éste que acentuara la reciprocidad con esa Universidad. Y que el señor decano recabara por los órganos correspondientes, del señor ministro de la república de Italia, si la Universidad de Buenos Aires está comprendida en el artículo 140 de la ley de Instrucción Pública de aquel reino”. (p. 188). Além disso, o *LN* noticia, no dia 4 de outubro de 1898, a conferência (Centro Socialista Obrero) do advogado italiano, Arturo Riva, um dos condenados, segundo o jornal, a quatorze anos de prisão pelos distúrbios que ocorrem em Milão – a fala do advogado é intitulada *La función educadora del socialismo*.

<sup>104</sup> Publicado em castelhano (em Madri) no mesmo ano.

descrever como o anarquismo é visto pela sociedade, ou seja, o anarquismo através dos atentados ácratas que ocorrem na Europa, das ideias libertárias e, principalmente, a quantidade de seguidores é uma ameaça daninha à ordem social (ANSOLABEHRE, 2011). Sobre essa (aparente) contradição entre anarquismo e criminologia, veja o que escreve Albonorz (2014a, p. 35):

Para los anarquistas de su tiempo, la aparición de *Criminalología Moderna* representó, si no una razón para condenar al excepcional compañero, al menos un llamado de atención sobre las eventuales connotaciones de su adscripción a la criminología. Los redactores de *El Rebelde* – que no consideraban a Gori uno de los suyos– recusaron de un plumazo el lema “*contra violentiam ratio*” que coronaba la ilustración de la portada de la revista (*ER*, 23 de abril de 1899). En cambio, para los redactores de *La Protesta Humana*, el principal aliado de Gori, el asunto requería una mayor elasticidad interpretativa. Mariano Cortés, alias Altair, uno de sus más conspicuos colaboradores, dedicó un extenso artículo a subrayar los peligros de la mentada guerra al delito, en la cual, según su opinión, reverberaba peligrosamente el mantra lombrosiano del delincuente nato. El autor sostenía que el delincuente, tanto como el obrero, era una víctima y una consecuencia social y oponía a esa guerra al delito el amor sin forma ni clase propio de la afectividad anarquista: “*tiéndasele una cuerda para que lo ahorquen, nosotros le alargaremos nuestra mano amiga y procuraremos extraerlo de la senda que le conduce al abismo*”. Según esta perspectiva, la dolorosa ambigüedad del programa de la revista dirigida por Gori residía en el hecho de que aquello que en un reducido grupo de intelectuales y académicos podía resultar una discusión progresiva habilitaba los comportamientos más reaccionarios en “la generalidad de la masa social”, ya que ésta “*cuando oye gritar guerra al delito se arroja sobre el primer gañán desharrapado o pervertido, sobre el primer vago o naufrago de la vida, y ayuda al esbirro a aplicarle cadenas o apalearlo*” (*LPH*, 18 de diciembre de 1898).

O processo de criminalização do movimento ácrata iniciado por Lombroso é fundamentado a partir das publicações jornalísticas, da escassa observação direta e da designação dos casos que configuram delitos anarquistas, também reconhecidos por ele (e outros intelectuais) como terroristas. Esses elementos compõem o heterogêneo discurso lombrosiano, que se ancora, por exemplo, na biografia do atentado cometido por Sante Caserio com o fim de o enquadrá-lo no rol dos *delinquenti passionali*. Lombroso não descarta a pena de morte como uma possibilidade, embora talvez seja dispensável, pois ele não considera os anarquistas criminais natos. E

recomenda, portanto, medidas filantrópicas que abarcam os postulados do partido socialista, valendo destacar a melhora das condições de vida da classe trabalhadora, a realização de reformas legais que contribuem para essa mudança e investimento na educação como um dos métodos mais eficazes para coibir a violência. Antes que seja possível implementar essas propostas, ele determina outras, de cunho prático e punitivo, como a restrição de liberdade da imprensa, o controle da polícia no âmbito nacional e internacional e a deportação e reclusão dos ácratas nos manicômios. O anarquismo, para ele, é uma enfermidade internacional que deve ser fiscalizada, uma enfermidade que resulta na tipificação biográfica do criminoso anarquista. (ANSOLABEHRE, 2011)

O intelectual argentino Francisco de Veyga, médico higienista, professor do curso de Medicina da UBA, publica nos *Anales del Departamento Nacional de Higiene*, em 1897, o trabalho, *Anarquismo y anarquistas. Estudio de antropología criminal*. O escrito de Veyga apresenta ideias semelhantes às de Lombroso, porém é importante delimitar certos aspectos atinentes à realidade argentina, onde os libertários ganham espaço, aumenta o número de seguidores, mas não houve, naquele contexto, atentados anarquistas abordados pelos criminólogos do país. Para o médico, a origem popular dos militantes ácratas é negativa ao movimento libertário em face do anarquismo se aperfeiçoar por intermédio de *obreros*, que, segundo ele, são ignorantes. Veyga visa compreender a intrigante relação do anarquismo como o povo, tendo em vista que os atos de terror individual são insignificantes perante o entendimento da ligação das ideias libertárias com as pessoas. O estudo do autor define os anarquistas a partir de grupos, como místicos, neurastênicos, fanáticos, piedosos, a sentenciar o desequilíbrio mental de seus integrantes e a ventura anti-organizativa da doutrina ácrata, e conclui: “Cada anarquista es hoy un predispuesto el crimen. Todos igualmente fanáticos, todos igualmente decididos”. (VEYGA, apud ANSOLABEHRE, 2011, p. 219)

A percepção do anarquismo e dos anarquistas por Veyga e Lombroso contrasta com o fato de que eles colaboram com a empresa criada e gerida pelo advogado italiano. Eles publicam artigos na *Criminalogía Moderna*, onde Lombroso, inclusive, envia uma mensagem à revista a desejar sucesso ao empreendimento do colega italiano. Eles ignoram o anarquismo do fundador da

primeira revista especializada em estudos criminológicos da América Latina, ou, talvez, procuram colaborar com um “intelectual”, um “colega”, sem se confrontar, entretanto, com o libertário, o imigrante e o criminólogo. Afinal de contas, entre eles, é a ciência, o positivismo<sup>105</sup> e a criminologia que estão em pauta, e Gori é percebido pelos dois (e por tantos outros), tanto na Itália como na Argentina, como um “moderado”.

A advocacia exercida pelo nosso personagem é relacionada à defesa de anarquistas e do movimento *obrero*. Em 1901, a *Librería Sociológica*, publica em Buenos Aires dois escritos do advogado. Esses textos revelam também o militante. A narrativa exposta nesses folhetos se apresenta como uma espécie de peça jurídica de autodefesa de Gori, tendo em vista que ele utiliza os postulados libertários, os instrumentos jurídicos e as injustiças sociais como o fundamento da defesa de seus clientes ácratas. Enquanto Santos<sup>106</sup> Caserio é uma dedicatória à trajetória desse humilde anarquista, a celebrar um trabalhador que foi açoitado pela realidade cotidianamente vil, *La anarquía ante los tribunales* é a defesa de Gori aos *Anarquistas de Génova*, como o processo é conhecido.

Em Santos Caserio, o autor evoca a figura do anarquista que é condenado à pena de morte em agosto de 1894 por assassinar o presidente da França, Marie François Sadi Carnot no mesmo ano. O relato parte do que Gori sabe da vida do jovem trabalhador, descrito como uma pessoa afável, desejosa de um mundo onde as pessoas vivem com paz e amor. Em Milão, Caserio trabalha

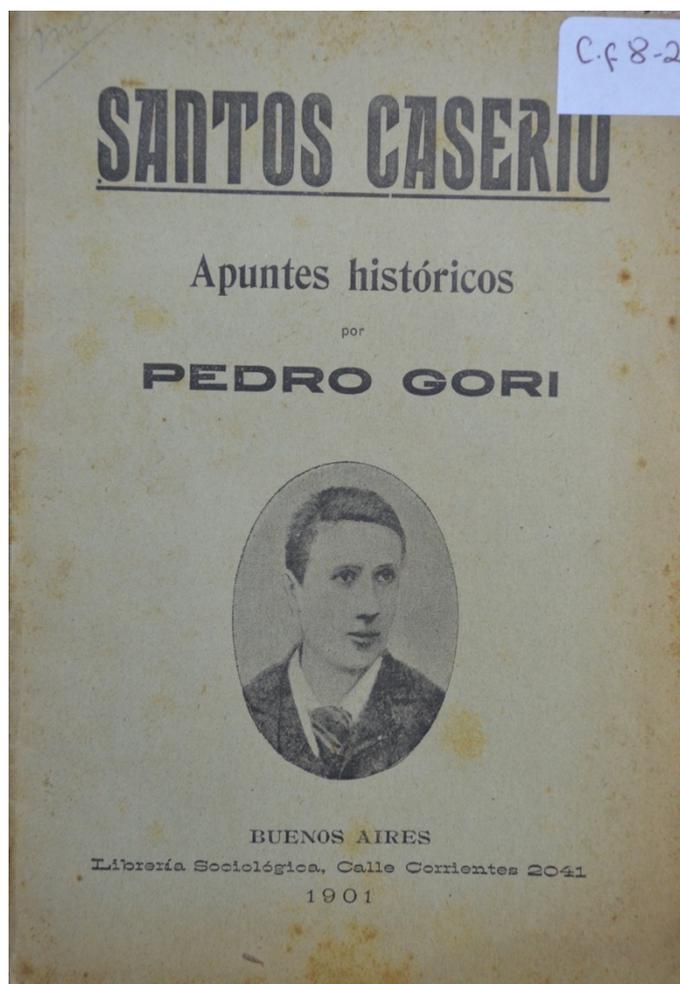
---

<sup>105</sup> O historiador Eric Hobsbawm tece alguns comentários sobre o positivismo: “Sem dúvida alguma, a influência do marxismo foi, desde o início, muito considerável. Em termos gerais, a única outra escola ou corrente de pensamento, visando à reconstrução da história dotada de influência no século XIX, era o positivismo (grafado ou não com maiúscula inicial). O positivismo, filho tardio do Iluminismo do século XVIII, não conseguiria conquistar nossa admiração irrestrita no século XIX. Sua maior contribuição à história foi a introdução de conceitos, métodos e modelos das ciências naturais na investigação social, e a aplicação à história, conforme parecessem adequadas, das descobertas nas ciências naturais. Não foram realizações insignificantes, mas eram limitadas, ainda mais porque a coisa mais parecida com um modelo de mudança histórica, uma teoria da evolução nos moldes da biologia ou geologia, e extraindo tanto estímulo e exemplo do darwinismo a partir de 1859 (...) A fragilidade do positivismo (ou Positivismo) era que, a despeito da convicção de Comte de que a sociologia era a mais elevada das ciências, tinha pouco a dizer sobre os fenômenos que caracterizam a sociedade humana, em comparação àqueles que poderiam ser diretamente derivados da influência de fatores não sociais, ou modelados pelas ciências naturais. As concepções que ele representava sobre o caráter humano da história eram especulativas, quando não metafísicas”. (HOBBSAWM, 1998, p. 158)

<sup>106</sup> Esse é o título do folheto publicado em Buenos Aires. Na realidade, como se sabe, o nome do anarquista italiano que apunhalou, em 1894, o Presidente da República Francesa, é *Sante* Caserio.

numa padaria e a experiência provoca a consciência da exploração legal do seu trabalho, uma violência de uma classe que nada produz, e, entretanto, vive do suor e do sangue do trabalhador – é por esse motivo que Sante Caserio se torna anarquista. (GORI, 1901)

**Figura 19.** Capa de *Santos Caserio*.



Fonte: Fotografia retirada no *Archivo General de la Nación* Dpto. Doc. Escritos. Buenos Aires. Argentina.

Com efeito, o texto de Gori propaga o anarquismo, descreve a trajetória de Caserio, relata que o conhece em um meeting de trabalhadores, e destaca sua dedicação militante enquanto distribui folhetos e periódicos libertários nesse evento. A perseverança do anarquista é a conquista do direito universal, de bem-estar e liberdade para todos, e a fé de Caserio é crer que os ideais ácratas podem conduzir a sociedade a uma espécie de terra prometida. A perseguição ao jovem, tanto pela polícia da França quanto da Itália, aliadas aos periodistas burgueses, serve de prerrogativa aos guardiões da ordem pública:

(...) Y aun esa escuela tan adversa a los anarquistas, capitaneada por Lombroso, quien se complace enumerando las físicas anomalías de este partido atrozmente perseguido, derivando su información de datos que le suministran ciertos magistrados – ¡Oh, los magistrados italianos! (...) obligados a afirmar que el joven panadero era un *onesto nato*, un hombre por naturaleza. (GORI, 1901, p. 7)

A última vez que Gori vê Caserio é como seu defensor na Corte de Apelação de Milão, quando este é acusado de distribuir folhetos contra os militares e, conseqüentemente, é condenado a onze meses de prisão. A defesa de Gori apresenta aos magistrados a tese de que não é a prisão que consegue castrar uma ideia e conclui ao afirmar que a sentença é a aversão, o ódio que brota no pensamento de Caserio diante das sangrentas calúnias contra um pensamento reprimido; os juízes, porém, confirmaram a sentença, e Caserio prefere a vida de desterrado que a de prisioneiro. E o trágico destino do jovem trabalhador é a guilhotina em terras francesas.

*La anarquía ante los tribunales* apresenta a defesa de Gori aos trinta e seis anarquistas de Gênova, antes, porém, a versão publicada em Buenos Aires traz um relato biográfico de Pietro Gori assinado por Altair<sup>107</sup>. A biografia, datada de 23 de abril de 1901, elucida alguns aspectos da trajetória do nosso personagem e, por outro lado, o texto provoca uma série de dúvidas em relação às fontes utilizadas por Altair para enquadrar as peripécias de Gori. Após descrever a origem, a infância e a adolescência do biografado, Altair relata que o Italiano conclui o curso de Direito, em 1889, na Universidade de Pisa, afronta os catedráticos ao dedicar a tese, *Miseria e Delitto*, às novas correntes da sociologia criminal, e o insulto aos professores não impede que ele conquiste a láurea de doutor Pietro Gori.

A militância do anarquista inicia-se na juventude, quando distribui folhetos, escreve artigos e poesias em vários jornais, profere numerosas conferências de propaganda, e a militância acaba por acarretar no primeiro processo contra Gori, acusado de delitos de imprensa em detrimento dos trabalhos publicados no periódico *Pensieri ribelli*. Segundo o relato de Altair, a Universidade acompanha,

---

<sup>107</sup> Altair é o pseudônimo do anarquista Mariano Cortés. Ele é quem escreve a biografia de Gori no *La anarquía ante los tribunales*, e é um dos críticos à arbitragem sugerida por Gori durante as negociações de fundação da FOA.

em peso, o deslinde do processo e os ilustres defensores de Gori, os deputados Muratori, Ferri e Panattoni logram a absolvição do réu. Em seguida, ele vive em Livorno, conforma a profissão de advogado com a propaganda anarquista até o dia em que ele é convocado pelas associações *obreras* a pronunciar uma conferência no primeiro de maio em que declara que o dia deve ser festejado como um descanso geral, preenchido por artes e ofícios, após a conferência ele é preso e condenado a um ano de prisão pelo Tribunal de Livorno. A corte de cassação de Roma anula a sentença, mas isso não impede que ele resida no cárcere por alguns meses, período em que ele escreve poesias, posteriormente publicadas sob o título *Prigione e Bataglie*. Ele sai da prisão e participa do congresso socialista-anárquico a ocorrer em Lugano, onde estão Malatesta e outros anarquistas com objetivo de organizar o movimento libertário.

Em abril de 1891 ele faz parte do congresso que ocorre em Milão e trata do direito ao trabalho, um encontro reúne os líderes de partidos populares da Itália, França, Espanha, Rússia, e recria o Congresso Internacional dos Trabalhadores, inativo desde a primeira internacional socialista de 1864. De 1892 em diante, Gori participa das agitações dos trabalhadores de Milão, faz várias viagens de propaganda na Itália, organiza *meetings*, sociedades de resistência nos moldes dos círculos libertários bonaerenses, funda uma revista científica, *La lotta sociale*, e um periódico, *L'Amico del Popolo*, que é sequestrado pela polícia desde o primeiro número. Os responsáveis são acusados por delitos de imprensa, Gori faz a defesa do gerente do jornal e logra a absolvição do acusado pelo Jurado. Nos anos de 92, 93 e 94 ele é preso em diversas ocasiões, e o processam, penalmente por propagar o ideal libertário:

En el mismo año, como abogado, (habiéndose formado una extensa clientela) toma parte en ruidosos procesos: en el doble asesinato efectuado por Amadeo Carreano, llevado a la Corte de Assies de Milán; el de los hermanos Mondaini, que comparecieron en la Corte de Assies de Bologna y además defiende varios procesos políticos, con absolución, en toda Italia, en Torino, Alejandria, Venecia, Firenze; aquel proceso famoso de Galleani y otros anárquicos en el tribunal de Génova: el otro Schichi en la Corte de Assies de Viterbo, y cien y cien más... Alternando la defensa en las aulas judiciares con las conferencias en los teatros y en las salas populares. (...) Por aquel tiempo comenzaron a representarse en los teatros de Italia sus primeros dramas populares: *Proximus tuns*, *Primo Maggio*, *Senza Patria*, *L'Ideale*, *Due ladri* y muchos otros que más tarde

se perdieron (...) A causa de la censa no pudieron representarse otros dramas de importancia, que hasta el presente están inéditos: *Gente Onesta, Il 93, Messidoro, I cavalieri della morte* y otros (...) Colaboró en una infinidad de revistas científicas, literarias y políticas, italianas y extranjeras; publicó muchísimos opúsculos, de entre los cuales han aparecido ediciones de la *Sociología anárquica, Pobreza e delincuencia, Veglie libertarie, L'arte sociale* y muchas otras publicaciones de índole política y de criminología (...) Y cuando ocurrió la muerte de Carnot, por mano de Caserio, los diarios oficiosos de Roma y de París como si obedecieran a una palabra de orden, acataron a Pedro Gori, atribuyéndose la responsabilidad moral del hecho. (ALTAIR, apud GORI, p. 6-7)

Em 1894 vive em Lugano, depois em Bruxelas, onde conhece Élisée Reclus, que o apresenta a *L'Université Nouvelle* para iniciar suas lições de sociologia criminal, mas seu estado de saúde o impede de dar aula. O governo italiano pressiona o governo belga para expulsá-lo, e Gori vai para Inglaterra, depois Holanda, Estados Unidos, Itália, França, Espanha e Argentina. Em princípios de 1898, o Tribunal de Guerra de Milão decreta Estado de Sítio e o condena a oito anos de reclusão por rebeldia, três anos de vigilância pessoal, e depois de ter perdido a liberdade condicional, cinco anos de prisão domiciliar por uma lei de 1894 e mais cinco por outra lei de 1898, resumo: “Total: 21 años de privación de la libertad personal, si no se hubiese libertado el mismo apelando al destierro voluntario” (ALTAIR, apud GORI, p. 10).

Na parte final do relato de Altair, ele menciona que, em Buenos Aires, Gori mantém correspondência científica com notáveis criminalistas de diversos países em face da *Criminalogia Moderna*, e que é convidado pela Universidad de La Plata e pela Universidad de Córdoba a proferir cursos de criminologia. O biógrafo menciona, de soslaio, o curso que Gori realiza, em 1898, na Universidad de Buenos Aires, e comenta que no mês de fevereiro de 1900, o Ministro de Instrução Pública, Dr. Oswaldo Magnasco, faz o convite para que Gori participe do concurso para preencher a vaga na cátedra de idioma italiano que seu ministério cria no Colégio Nacional. Ele participa dos exames, tem excelentes resultados segundo Altair, mas ocorre o que Gori manifestara anteriormente ao Dr. Oswaldo Magnasco, ou seja, prevalece as intrigas de adversários políticos e pessoais de Gori, e eles pressionam o governo que o impede ser professor da disciplina.

Altair finaliza a trajetória de Gori ao comentar que ele está de viagem a

Patagônia argentina e chilena com a finalidade de estudar o estado de natureza dos homens selvagens e contribuir para o esclarecimento de determinados impasses da ciência antropológica. Segundo o biógrafo, o criminalista e antropólogo Lombroso envia uma carta para Gori felicitando-o pela empresa. E, por fim, informa que o anarquista, aproveitando a viagem para visitar e proferir conferências em Santiago do Chile, ingressa na Argentina pela cordilheira dos Andes, e hospeda-se por alguns dias em Mendonza, atendendo a solicitação dos admiradores que desejam ouvir suas palavras.

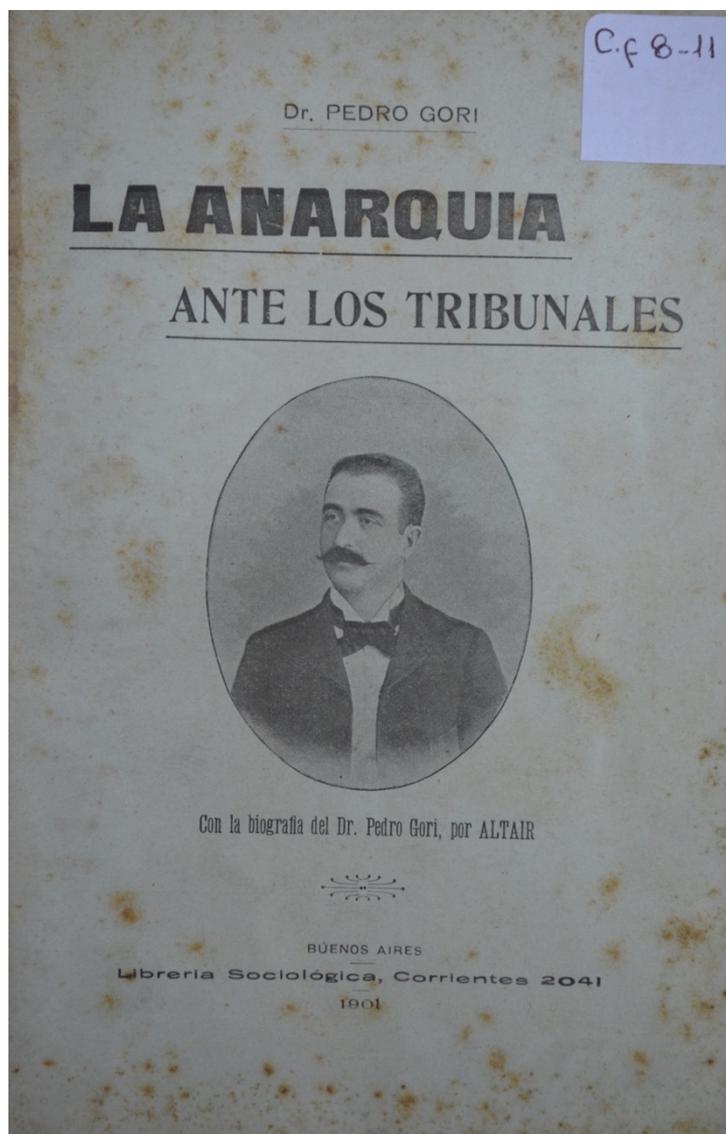
Essa primeira parte de *Los anarquistas ante los tribunales* são as percepções de Altair sobre a trajetória intelectual e política de Gori, são as palavras de um amigo, de um companheiro libertário que admira o percurso e o perfil do italiano, imigrante, criminólogo, professor e anarquista. Faço essas ressalvas com o objetivo de delimitar a profundidade, o alcance e isenção dessa biografia de Gori, já que não é um estudo biográfico de uma pessoa falecida e distante do tempo que o biógrafo está a problematizar, mas um relato sobre as vicissitudes da vida de uma pessoa com o qual o escritor tem proximidade, amizade e admiração. Em suma, é uma biografia a ser lida com essas restrições.

Agora, chegamos ao processo contra os anarquistas de Gênova, que constitui o tema central do folheto de autoria de Gori. O processo é dirigido contra 35 pessoas, entre artistas, estudantes, trabalhadores, que são acusados de associação ilícita, nos moldes do artigo 248 de Código Penal Italiano de 1889, em consequência de professarem os princípios anarquistas e comunistas. A sessão de pronúncia de Gori ocorre no dia 2 de junho de 1894, a defesa perpassa por advertir os adversários de que o processo em questão é político na medida em que a manifestação de ideais que são contra as iniquidades econômicas e sociais é um direito dos trabalhadores, dos oprimidos, a despeito do Tribunal os definirem como *malhechores*, o que, para Gori, é uma forma de manifestar-se em prol dos acusados no decorrer de sua sustentação oral.

A defesa do italiano determina que não há lei penal no país que tipifica o crime dos acusados, pois conceber princípios humanitários e ansiar o alcance de fins político-sociais não tem previsão legal; Gori refuta, portanto, o argumento da acusação de que os acusados cometem um delito intencional, tendo em vista que para se enquadrar nesse delito é necessário estabelecer a relação da intenção com o tipo penal que, nesse caso, não existe, e “esto es ya el colmo,

no de la represión jurídica, sino de la represión policiesca” (GORI, 1901, p. 22).

**Figura 20.** *Capa de La anarquía ante los tribunales.*



Fonte: Fotografia retirada no *Archivo General de la Nación Dpto. Doc. Escritos. Buenos Aires. Argentina.*

A peça jurídica é, para além desses aspectos, um texto de propaganda anarquista em que a defesa dos acusados é o pano de fundo para Gori propagar seus ideais: defender os militantes anarquistas é defender-se, é assegurar aos magistrados do Tribunal que esse processo está circunscrito na luta secular entre as novas e velhas ideias, em um contexto a reverberar episódios sintomáticos de tempos históricos de inegável decadência, “mejor dicho, de derrumbamiento del paganismo burgués, sin más misión civil y sin más ideales,

y el derrumbamiento apocalíptico del antiguo paganismo arrestado por la gallarda corriente del joven cristianismo” (GORI, 1901, p. 23). Gori ancora-se na obra *El socialismo contemporáneo*, do economista belga, socialista e cristão Émile de Laveleye, para embasar seu entendimento de que os socialistas e anarquistas modernos culpam os exploradores pelas misérias sociais porque eles acreditam que a conjuntura de pobreza “fisiológica, intelectual y moral de la plebe engañada, debe atribuirse a todo un sistema de cosas que inevitablemente convierte a unos en esclavos y en tiranos a otros” (p. 24-25). Ele utiliza o exemplo de Cristo, o retrata como o anarquista de camisa vermelha, o “rebelde de Galilea”, que somente após alguns séculos a história condena aqueles que o crucificaram, e defende o homem que diz ser o defensor dos pobres e oprimidos, rebelde que defende a causa humana e a palavra divina. Posteriormente Gori traz o exemplo de Giuseppe Garibaldi, outro *malhechor* condenado à força pela dinastia de sua pátria, pela qual ele luta e conquista dois reinos.

Para o advogado, a ciência equipara os anarquistas aos socialistas, porém com a diferença (na perspectiva de Gori) que os ácratas são um pouco mais radicais. Estes consideram que o objetivo do anarquismo é um horizonte sem qualquer tipo de exploração, sem propriedade privada e, ademais, a abolição da autoridade do homem contra o homem, do Estado ou do Governo, isto é, eliminar os órgãos centralizadores que pretendam impor a vontade de uns poucos à multidão; e ele cita a obra de Juan Bovio<sup>108</sup>, *La doctrina de los partidos en Europa*, para corroborar com suas percepções. E antes de abordar o que está estritamente previsto na peça de defesa que ampara a acusação de seus clientes, ele tece o comentário:

Y estos trabajadores, obligados a fatigarse eternamente sobre las tierras de los *otros*, sobre las máquinas de los *otros*, en el fondo de las minas de los otros pasaron de la condición de siervos a la de asalariados. Los *amos* tuvieron en su mano la vida fisiológica de estos esclavos modernos: los *asalariados*. ¿Podrá a estos quedarles aun una vida intelectual, una vida moral? (GORI, 1901, p. 33)

Gori passa ao exame do artigo 248 do Código Penal Italiano que estabelece o crime de associação ilícita quando o grupo atentar contra a

---

<sup>108</sup>

Giovanni Bovio (1837-1903), filósofo e político republicano italiano.

administração da justiça, da fé ou da incolumidade pública, contra os bons costumes a ordem das famílias e contra o indivíduo ou a propriedade, e questiona os acusadores quais são os fatores que podem imputar aos agentes qualquer um dos ilícitos estabelecidos no artigo. E refuta cada uma das possibilidades previstas no artigo, reclama aos juízes que nenhum dos acusados falsifica documentos com a inciativa de se beneficiar, que não há qualquer espécie de fraude econômica por parte dos réus (onde o único meio de prova apresentado pelos acusadores é um tubo vazio que estava sob a posse de um deles), que o amor livre professado pelos anarquistas não é um atentado contra a família e os bons costumes, e certifica que seus clientes não atentam nem contra o indivíduo nem contra a propriedade privada, a despeito de considerar que eles desejam o fim do privilégio burguês que é a violência oficial e institucional contra o homem<sup>109</sup>.

No final da peça de defesa, Gori suplica aos juízes que julguem a partir da reflexão de que uma sentença pode ser o estopim de uma grande revolução, “Espartaco, Guillermo Tell, Danton, Kossuth, Garibaldi: he aquí la revolución. Cristo, Confucio, Lutero, Giordano Bruno, Galileo, Darwin: he aquí la revolución”. (1901, p. 42). Independentemente do veredito dos juízes do Tribunal, as palavras de Gori pretendem atingir a absolvição do povo e assegura que a história absolverá os acusados e as causas que eles evocam quando o anarquismo prevalecer.

A obra, *Contra los jueces: el discurso anarquista en sede judicial*, do professor Aníbal D’Auria (2009) é importante na medida em que avalia os discursos anarquistas, e sua relação com a ordem jurídica vigente de finais do século XIX. O processo contra os anarquistas de Génova é um dos discursos analisados por D’Auria. E ele traça as características mestras da sustentação de Gori, que são: a identificação do advogado com os acusados; a definição de Gori de que o anarquismo é uma variante metafísica do jus-naturalismo, quando, na verdade, “es una suerte de platonismo jurídico que subordina el derecho positivo a un supuesto orden eterno e inmutable de valores (derecho natural)” (p. 70), ou seja, ele não deixa claro ao que ele se refere quando menciona lei natural, embora é provável que faça na perspectiva de Bakunin e Kropotkin, que consiste

---

<sup>109</sup> Para afiançar seus argumentos ele cita Ibsen, Reclus, Marx, Victor Hugo, Tolstói e tantos outros.

em considerar a justiça não vinculada a um ordenamento jurídico, coativo. Além desses aspectos, D'Auria (2009) destaca as duas frentes que revestem o discurso de Gori; de um lado a propaganda anarquista e de outro o discurso jurídico do advogado dos acusados, que encerra sua defesa perante o juízo legal e o juízo da história, acreditando que se o veredito do tribunal condenar os trinta e cinco libertários, a história os absolverá.

Os dois textos de Gori retratam o forte apelo emocional do anarquista e a verve jurídica do advogado a sustentar seus fundamentos, principalmente no modo como nosso personagem demonstra as contradições internas do direito positivo, quando aborda, um por um, os elementos que compõem o tipo penal previsto no artigo 248 do Código Penal Italiano. Ele cita vários pensadores, personagens históricos e explora mais o capital simbólico do que o pensamento de quem ele menciona.

Se antes percorremos a extensão e o alcance das iniciativas de Gori nos círculos libertários, no movimento *obrero* da capital, e apresentamos o bacharel em Direito, o advogado formado sob a influência da nascente escola positiva e criminológica, agora vamos tatear os rastros que sugere um intelectual que não se consolida como tal em vida, talvez porque é o *Ideal* que o move, e não a especialização, a vida acadêmica ou as instituições estatais.

Gori aterrissa na região latino-americano onde a origem de uma elite ilustrada nasce marcada sob certas particularidades que se formam, sobretudo, durante e após a independência dos países do continente. Ao compararmos o universo intelectual ibero-americano, francês e inglês do século XVIII<sup>110</sup>, nota-se que os ilustrados espanhóis, portugueses e coloniais são fortemente influenciados pela temática do ser nacional, o que significa dizer que enquanto a Ilustração – nos países com o capitalismo desenvolvido – colabora e justifica as revoluções burguesas em que o nacional é irrefutável, a Ilustração ibero-americana corrobora e defende reformas comedidas onde o nacional está a ser preparado. Nesse período, a inteligência ilustrada ibero-americana começa a definir formulações mais precisas sobre o nacional, falam de si próprios, (in)conscientemente, e sempre a mostrar o vínculo político que têm com a metrópole. “En este contexto de “difusión de las luces” los empeños innovadores

---

<sup>110</sup> Nesse parágrafo acompanho a visão do filósofo e historiador das ideias, panamenho, Ricaurte Soler (1932-1994).

se convierten en tareas preeminentes”. (SOLER, 1994, p.105). Entretanto, o universo intelectual dos ilustrados é marcado por tensões, conciliações, ecletismo e outras características que demonstram o quanto os ibero-americanos promoviam suas ideias ancorando-se no Estado monárquico, e os ilustrados da França e da Inglaterra dirigem suas ideias contra esse mesmo Estado. Com efeito, a criação do Estado democrático liberal burguês orienta a perspectiva dos sábios que optam pela independência das colônias, mas sem, necessariamente, desfazer a relação com a metrópole. Os atos dos pensadores com o processo de independência são perceptíveis se demarcarmos o que é o conservadorismo e o liberalismo da região no século XVIII; o primeiro tem como traço marcante a dissimulação de seus propósitos econômicos e sociais, o segundo, porém, acaba por triunfar para a maioria dos ilustrados de países hispano-americanos durante e após a ação independentista, momento em que eles revelam seus horizontes, metodologias e o paradigma político pautado nos valores democrático liberais. (SOLER, 1994)

O século XIX pode representar o momento em que o conceito de intelectual<sup>111</sup> vislumbra alguns elementos que o definem, como, por exemplo, a divisão entre o trabalho manual e intelectual; a sociedade pensada em classes, camadas sociais. Aumenta, nesse período, a quantidade de pessoas que se mantém através de um trabalho em que as ideias são, cada vez mais, valorizadas, institucionalizadas; esse acréscimo influencia no amadurecimento de ideias que postulam valores universais (democracia, justiça, razão, outros); e, aos poucos, os intelectuais passam a se relacionar com as diversas correntes políticas do século XIX e XX. O engajamento político de Emile Zola no Caso

---

<sup>111</sup> A carreira jurídica promovida nas universidades latino-americanas no início do século XIX forma um profissional para ser jurista das instituições públicas criadas após a independência dos diversos países. Essa formação letrada é mantida durante o século, porém se acentua o caráter político, de ciências políticas, na formação dessa carreira. O estabelecimento e a solidificação dos estados nacionais são processos lentos no continente. O surgimento de uma consciência nacional e de uma cidadania acompanha a letargia dos processos históricos, mas é durante o século XIX que os graduados em direito podem ser declarados como intelectuais, à medida que são considerados como possuidores de um “saber superior” e que possuem habilidades para a escrita e a oralidade. Portanto, os juristas são profissionais que têm um elevado conhecimento do estudo jurídico e multidisciplinar, pois escrevem livros de direito, política, criminologia e/ou desempenham funções como professores nas universidades. Diante desse contexto, é importante destacar que uma parte significativa dos juristas formados no continente abraçam as causas da independência. Entre os líderes civis estavam, também, os juristas como constituintes, e, portanto, são os grandes ideólogos do novo regime pelo fato de terem planejado os novos estados e mudado a legitimidade do poder (PERDOMO, 2008).

Dreyfus é um episódio paradigmático de como um intelectual pode intervir num contexto político determinado, sobretudo quando ele pública o *Manifesto Intelectual* assinado por vários intelectuais franceses, e a atitude de Zola demonstra o quanto o engajamento e prestígio dos intelectuais, dos indivíduos da cultura e da ciência, pode expressar força como poder político. (MAXIMO, 2000).

A obra de Oscar Terán (2008), *Vida intelectual en el Buenos Aires fin-de-siglo* (1880-1910), traça as determinantes intelectuais desse período a partir de cinco nomes que representam, para o autor, o cerne da vida intelectual portenha no entre-séculos: Miguel Cané (1851-1905), José María Ramos Mejía (1849-194), Carlos Octavio Bunge (1875-1918), Ernesto Quesada (1858-1934) e José Ingenieros (1877-1925). A ideia, aqui, não é apresentar uma resenha da obra de Terán ou a trajetória dos intelectuais que ele estuda, e sim um aspecto que nos ajuda a compreender, grosso modo, o panorama intelectual e cultural abordado pelo autor, a maneira como ele articula a trajetória desses pensadores que corroboram, confrontam ou dialogam com o Estado argentino, disputam o imaginário da elite e das instituições nacionais com a ideia de nação, de positivismo, de *delincuencia*, de raça e de tantas outras efemérides que integram o que o autor define como *derivadas de la "cultura científica"*<sup>112</sup>. Além disso, o trabalho de Terán, apesar de não ter relação direta com o nosso personagem, serve como baliza para perceber a ventura de Gori no campo intelectual hegemônico (e institucional) argentino. O italiano não tem seu nome ou sua empresa mencionada na pesquisa do historiador, porém, três<sup>113</sup> dos cinco intelectuais contribuíram com a *Criminalología Moderna*, e um deles – Ingenieros – tem uma ligação comprovadamente estreita com Gori.

A identidade nacional é uma das temáticas a provocar os intelectuais argentinos que constroem, permanentemente, a ideia de nação, principalmente desde a independência do país até o *Centenario*, sendo essa, uma das preocupações centrais do pensamento político-intelectual bonaerense e,

---

<sup>112</sup> Essa expressão é o subtítulo da obra em tela.

<sup>113</sup> José María Ramos Mejía, indiretamente, pois seu nome consta entre os colaboradores locais da *CM*, mas não publica nenhum artigo na revista, Ernesto Quesada, que publica o ensaio *Sobre Propiedad literaria*, na *CM* nº 21, de janeiro de 1901, e a ampla participação José Ingenieros, conforme procuro demonstrar no decorrer do deste capítulo.

também, uma atitude que interfere no modo de organização do Estado, fortalece a elite cultural, política e econômica. Miguel Cané é um exemplo de como o nacional emerge como um ideário político e intelectual, de como uma controvérsia simbólica permanece desde 1890 até 1910; intervalo de tempo em que a nação é uma contenda a demarcar e interferir amiúde num modelo que evoca a nacionalização das massas por intermédio de uma nova identidade nacional, pautada, de um lado, por um nacionalismo que imita as referências de outras nações e se lança universalista, e, de outro lado, por um caráter permeado por valores culturais, simbólicos, que a afasta da primeira perspectiva. Os imigrantes são um dos elementos que mais se destacam na abordagem dos cientistas por atingirem parcelas mais amplas da sociedade argentina:

(...) Ese vacío societal trató de ser cubierto por el activismo estatal, que montó un dispositivo nacionalizador destinado a cumplir los siguientes objetivos: dotar a los inmigrantes de símbolos identitarios para incorporarlos de manera homogénea a la nación, y así inducir efectos de gobernabilidad; definir una posición de supremacía de los criollos viejos ante los extranjeros; producir nuevas identidades para limitar los efectos de anomia en los recién llegados, y competir de tal modo con otras propuestas identitarias (como las respectivas nacionalidades de origen, pero también otras como la católica o la anarquista); transferir y/o tramitar una crisis de legitimidad dentro de la elite; construir como fundamento simbólico estable en medio del proceso modernizador. Además, y por tratarse precisamente de una construcción simbólica, este emprendimiento ofreció un espacio de intervención y legitimación para los intelectuales. (TERÁN, 2008, p. 58-59)

Assim, a criação ou o fortalecimento das instituições de ensino, como é o caso da Faculdade de Filosofia y Letras da *UBA*, pensada por Cané e criada em 1896 para servir de esteio a uma minoria portenha, de ilustração clássica e com o propósito de moralizar a república. Até esse período, a Faculdade de Direito da *UBA* ocupa lugar de destaque na promoção de quadros estatais, mas essa responsabilidade é realizável dentro de um particularismo, isto é, uma instituição voltada aos interesses de seus membros docentes, discentes, e que pensam no Direito em consonância com os interesses do Estado. Nesses anos, a ciência e o trabalho estão cada vez mais especializados, Cané corporifica a luta contra o *especialismo* da ciência e do trabalho por meio do impulso de uma

cultura estética clássica<sup>114</sup>, propagada como universalista. (TERÁN, 2008)

No entre-séculos, o positivismo influencia e determina a criação de discursos que têm a ciência como horizonte de análise, embora nem todos os textos atendam à metodologia e às concepções positivistas. Ainda assim, esse sistema de pensamento se identifica como o progresso constante, é otimista quanto ao futuro da humanidade e procura problematizar as variantes presentes no mundo e na vida. Na Argentina, não se pode desconsiderar a autoridade, e, portanto, o prestígio da ciência positivista norteia o pensamento desse período “tanto como una filosofía de la historia que venía servir de relevo a una religiosidad jaqueada, cuanto como organizador fundamental de la problemática político-social de la elite entre 1890 y el Centenario” (TERÁN, 2008, p. 85)

O pensamento fecundado por Augusto Comte tem grande abertura entre os jovens estudiosos e os integrantes da moderna *escuela*, principalmente na medida em que as obras de Comte, Taine, Le Bon, Sighele, Zola, Spencer, Darwin e tantos outros chegam as mãos dos leitores. O positivismo, portanto, constitui-se o como uma ideologia que apoia e sistematiza o saber das ciências, caracteriza a figura do intelectual como portador da verdade, como um homem douto, quase um padre da laicidade. O monismo materialista<sup>115</sup> e o cientificismo naturalista<sup>116</sup> são vertentes que embasam o ideário de simpatizantes socialistas, alguns setores das classes subalternas, e, panoramicamente, representam a propagação da ciência nos setores progressistas cuja fé recai na combinação da ciência com o progresso, ou na assunção de que a Verdade é a ciência, a Moral é a fraternidade e a Justiça é o socialismo, ou seja, a somatória inequívoca chama-se progresso. A elite, porém, não corrobora com essas vertentes, utilizam o cânone positivista coerentemente com os pressupostos por meio dos quais contribuem e apoiam, de maneira irrestrita, a cultura científica.

O médico José María Ramos Mejía é um dos grandes expoentes da elite

---

<sup>114</sup> Miguel Cané faz a seguinte consideração sobre o que ele entende por estudo clássico: “Entiendo por estudios clásicos la especial manera de cultivar es espíritu de los hombres durante la infancia y la adolescencia, puesta en práctica en el mundo occidental a partir del Renacimiento, sistema que, combinado la luz griega y el poder de organizar de los romanos con la fuerza moral del cristianismo, ha dado por resultado la civilización actual, que, buena o mala, es lo mejor que hasta ahora se ha conocido sobre la tierra” (CANÉ, apud TERÁN, 2008, p. 76-77).

<sup>115</sup> Consultar as páginas 94 e 95 da obra de Oscar Terán (2008).

<sup>116</sup> Consultar a página 97 da obra de Terán (2008).

intelectual argentina a perseverar para a utilização dos códigos positivistas nas instituições estatais que ele cria, dirige, trabalha e nas obras que ele deixa como legado de seu pensamento. Ele funda a Asistencia Pública de Buenos Aires, a cátedra de Neuropatologia, o Departamento de Higiene e o Círculo Médico Argentino, exerce cargo político como deputado, é professor da Faculdade de Medicina da *BUA*, assume a presidência do Consejo Nacional de Educación em 1898, ocupando o cargo até 1913, um ano antes de sua morte.

Mejía é um dos intelectuais responsáveis por entoar os matizes positivistas na cultura argentina. Ele parte da medicina para a interpretação da vida social, a sociedade é tratada como um organismo e a crise como enfermidade, de modo que seus trabalhos não estão despidos da falta de pretensão de ocupar um lugar de destaque no campo intelectual argentino. *Las multitudes argentinas* é um dos livros em que ele aborda o tema imigratório na perspectiva do darwinismo social e da defesa de um integracionismo paternalista onde não se pode prescindir o papel dos estrangeiros para a construção de uma nação moderna (positivista), a despeito de pontuar que a presença imigrante estimula conflitos no tecido social. Assim, Mejía acredita ser possível enfrentar os conflitos decorrentes da presença imigrante com o estímulo de virtudes morais que modifiquem o cosmopolitismo corruptor da capital portenha – a crença do intelectual reside na capacidade integradora e pedagógica do meio argentino sobre a psique do imigrante, ao ponto de ele considerar que a primeira geração de estrangeiros é portadora de uma consciência futura de nacionalidade afinçada sob a ótica moderna (TERÁN, 2008).

Outra obra do autor que sublinha o cientificismo positivista é *Los simuladores del talento en las luchas por la personalidad y la vida*. Publicada em 1904, o autor dedica a obra ao futuro Presidente da República Argentina, Roque Sáenz Peña<sup>117</sup>, e ancora-se em Darwin para denunciar as práticas mercantis decadentes, o dinheiro como hostil à vida social e outras formas de criticar o materialismo econômico. Essa crítica é apresentada por outros intelectuais, mas o que é original nesse livro é a análise apreensiva de fatos considerados modernos, como o jornalismo e o mercado de leitores:

(...) la opinión del propio Mejía en su libro sobre Rosas (“Como

---

<sup>117</sup>

Roque Sáenz Peña é presidente da Argentina entre 1910 e 1914.

se ha dicho, el lector de un periódico dispone de más libertad de espíritu que el simple oyente. Puede reflexionar lo que lee en silencio”), pero al interpretar sus efectos en una sociedad “auditiva y visual por excelencia” como la que observa en Buenos Aires, el diario (junto con otras innovaciones como la fotografía y el cine) se le aparece como un producto dañino porque configura el medio más eficaz de engaño y sugestión. ¿No es acaso evidente la apelación a registros irracionales en la propaganda que allí aparece sobre las bondades del “Chocolate Pereau”, equiparable al conocido grito de “¡Mueran los salvajes asquerosos unitarios!”? (TERÁN, 2008, p. 125)

Buenos Aires é estranha ao olhar que Cané e Mejía têm sobre a cidade. A imagem da urbe que o médico elabora diz respeito às transformações revoltas que mudam a dinâmica da cidade e às multidões argentinas povoadas por indivíduos desviantes dos bons costumes. Posteriormente, ele acentua essas características com a constatação de que os colonizadores espanhóis vocacionam a capital da Argentina para o regionalismo, o que implica na concentração das riquezas na capital e significa que o localismo mesquinho é contrário à unidade nacional. O discurso de Mejía tem apelo acentuadamente nacionalista. (TERÁN, 2008)

Ernesto Quesada nasce na capital portenha e vive a infância e a adolescência sob os auspícios do pai diplomata, que proporciona ao filho as condições para viver e estudar em diversos países. No início da década de 80 ele retorna a Buenos Aires e gradua-se na Faculdade de Direito. Na década de 90, entretanto, ele estabelece relações de poder com o segundo governo Roca e intensifica sua atividade intelectual até o ponto em que é indicado a ocupar a cátedra de Sociologia na *Facultad de Filosofía y Letras* da UBA. O testemunho do intelectual sobre a modernidade diverge da abordagem de Mejía e Cané na medida em que ele celebra as vicissitudes mercantis que impactam na mobilidade urbana da capital, do país, e o faz asseverar que a capital portenha não desmerece nenhuma das nobres capitais ocidentais. O autor estabelece os critérios da sociologia a partir dos traços norteadores de Spencer, que, diferentemente de Comte, insere a psicologia entre a biologia e a sociologia e, mais do que isso, a sociologia desenvolvida por ele mune o poder de coerção estatal identificando-o como responsável às soluções dos problemas que envolvem políticas sociais. A sociologia desenvolvida por Quesada observa, portanto, os eventos modernizantes que interpelam a sociedade argentina e a

cidade de Buenos Aires. (TERÁN, 2008)

Após a apresentação do ideário legitimado e propagado por Cané, Mejía e Quesada, resta saber se Gori tem algum vínculo com esses pensadores positivistas bonaerenses e, num sentido mais amplo, com o campo intelectual argentino. Durante os dois períodos de pesquisa de campo em Buenos Aires não encontrei nenhum num rastro documental (fotos, correspondência, etc.) que apontasse para laços de sociabilidade do imigrante italiano com esses pensadores. Essa constatação, porém, não me faz vaticinar o não vínculo entre Gori e esses personagens. É provável que Gori não estabeleça nenhuma espécie de relação com Cané, até porque as posições políticas e artísticas de ambos são completamente divergentes. Esse horizonte, porém, não me leva considerar o mesmo para Mejía e Quesada, pois ambos têm alguma participação na empresa de Gori: o nome do médico consta na lista de colaboradores nacionais do primeiro ao último número de *Criminalogía Moderna*, ainda que Mejía não escreva sequer um artigo para a revista; o nome de Quesada não consta na lista de colaboradores embora ele publique um artigo no último número da revista (*CM*, nº21), *Sobre propiedad literaria: vista fiscal en el asunto Colombo Bietti*. Essas constatações não convergem para eu garantir a ocorrência de laços afetivos e de amizade de Gori com esses autores, e, portanto, são vestígios que amparam uma das minhas hipóteses: o fato de que ele transita na elite intelectual portenha quando cria a revista, ministra alguns cursos livres na Faculdade de Direito da UBA ou, quem sabe, por influência do médico e (posteriormente) criminólogo José Ingenieros. Ainda assim, independentemente da existência dessas relações, é importante perceber as entrelinhas do discurso da elite pensante portenha sobre a capital, as instituições fundadas (ou existentes) como porta vozes de uma ideia de nação e subservientes à organização do Estado.

O inesperado, quiçá, é confrontar os vestígios de como o Gori anarquista e artista percorre e intervém no ambiente intelectual da elite portenha. A criação da revista não é o único motivo para o “homem de ciência”<sup>118</sup>, propagandista da

---

<sup>118</sup> Utilizo essa expressão a partir da perspectiva desenvolvida por Lilia Schwartz (1993) no livro, *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)*. No terceiro capítulo abordo a maneira como a análise da antropóloga é importante para o exame radiográfico do empreendimento de Gori, a revista *Criminalogía Moderna*. A característica que diferencia Gori dos “homens de ciência” (p. 25) de Lilia é que o discurso do italiano é direcionado não só aos destinos da nação, mas também à ambição de superar a cartografia argentina, conforme procuramos demonstrar no terceiro capítulo.

moderna criminologia, alçar voo no campo intelectual portenho. Os *cursos libres* que Pietro Gori ministra aos estudantes de Direito da *UBA*, de agosto a outubro de 1898, são, também, uma moldura a enquadrar o positivista, defensor da sociologia criminal, criminólogo formado pelos representantes da escola clássica de Direito Penal italiano, e libertário que defende a ciência como um ideal para a Justiça, para o Direito e para o Anarquismo.

O *LN* informa a primeira conferência do nosso personagem a ocorrer no dia 06 de agosto de 1898, na *Facultad de Derecho*, onde “el inteligente periodista italiano Sr. Gori disertará sobre la evolución de la sociología criminal”. O ensaio apresentado nessa data fará parte de uma coletânea de textos do italiano, intitulada *Ensayos y Conferencias*, e é o único registro<sup>119</sup> que encontrei de suas classes dentre as outras aulas que ele profere durante o primeiro semestre de 1898. O ensaio de Gori, *Evolución de la sociología criminalista*, que é exposto aos alunos do curso de Direito da *UBA* é um dos textos que compõem a coletânea<sup>120</sup>.

Pietro Gori (1898) abre sua “*libre exposición del pensamiento científico*” (p. 6) a alertar os ouvintes para o tema a ser expor, o estudo do delito, que é um mal social a ser estudado à luz das enfermidades morais dos indivíduos. Ele estrutura sua fala da seguinte forma: primeiro ele procura demonstrar que há uma série de fatores que demarcam o delito como uma ação contrária à sociedade (ao organismo social de acordo com a expressão recorrente entre os intelectuais modernos), depois questiona as “*legislaciones que tratan de reprimirlo*” (p. 6) e, por último, proclama as bases naturais da “*nueva terapéutica social*” (p. 6) que tem o objetivo de sanar as atividades delituosas entre os homens.

No início do ensaio Gori cita os autores da escola clássica de direito penal

<sup>119</sup> A *Biblioteca Virtual Antrocha* ([www.antorcha.net](http://www.antorcha.net)) disponibiliza uma coletânea, de alguns escritos do Gori, intitulada *Ensayos y Conferencias*, e publicada no ano de 1947 pela editora mexicana, *Vértice*. Esse trabalho está disponível no endereço eletrônico: <<http://www.kclibertaria.comyr.com/lpdf/l117.pdf>>. Acesso em 8 de julho de 2014.

<sup>120</sup> O ensaio “*Evoluzione della Sociologia Criminale*” foi publicado no quinzenal anarquista italiano *Il Pensiero* (dirigido por Gori, na cidade de Roma), no seu sétimo, oitavo e nono números, em 1905; republicado, em 1968, na coletânea *Scritti Scelti* di Pietro Gori. A *CM* (nº 12, p. 349) informa que esse trabalho é publicado pela revista: “*Además de la Evolución de la Sociología Criminal del Dr. Pedro Gori, Director de esta Revista, que ha sido ya publicada y distribuida gratuitamente a nuestros abonados anuales (...)*”, embora não descrevem maiores detalhes sobre essa publicação.

italiano, Cesaria Beccaria (1738-1794) e Giovanni Carmignani (1768-1847), e afirma (sem se aprofundar nas premissas da escola ou nas obras desses autores) que o delito, para escola clássica, é uma violência contra o direito, e para a escola criminológica o delito ocorre na medida em que um homem limita (ou não concede) os direitos naturais do outro, direitos estes que corroboram para convivência civil. Ele cita, de passagem, vários outros autores que estudam a jurisprudência francesa para discorrer sobre os métodos inquisitoriais utilizados antes da revolução francesa, e outros personagens que, segundo ele, sintetizam o espírito moderno, como Hegel e Kant. Ainda assim, faz um aparte ao filósofo italiano, Gian Domenico Romagnosi (1761-1835):

(...) [que] previó, con una intuición asombrosa, la sociología moderna respecto a lo criminal y reunió en tres grandes clases las causas infinitas del delito: defecto de subsistencia, defecto de educación, defecto de la justicia. Desde aquel momento, el profundo pensador acusó al verdadero delincuente: a la sociedad, demostrando matemáticamente, con infinidad de hechos, el conocido aforismo de Quetelet en su Phisiquo Social: *La sociedad prepara los delitos; el delincuente los ejecuta.* (GORI, 1898, p. 6)

Em seguida, considera que a escola antropológica de direito penal é responsável por realizar os estudos de criminologia, desde as questões do delito, da pena, até a observação empírica do homem com a finalidade de descobrir as causas internas e externas do sujeito que comete o delito. “Lombroso, primero; Garófalo, Ferri, Puglieri y muchos otros, después, pusieron la premisa de un razonamiento matemático” (p. 7). Dentre esses, destaca Enrico Ferri e uma obra do autor, *La teoría de la imputabilidad y la negación del libre albedrío* (1878), que provoca os ortodoxos pensadores do direito.

A moral, na perspectiva da escola criminológica, é uma das bases para atribuir responsabilidade penal por atos do indivíduo, e o estudo do *delincuente* é realizado a partir de seu “organismo psicofísico con relación a la naturaleza del agente exterior” (p. 7). Assim, Gori define o que significa o estudo da moral para os criminólogos: “en este estudio objetivo de patología moral, que no indaga los secretos de la psiquis enferma, pero que compulsa y busca las causas de la vida fisiológica y escruta (...) las degeneraciones (...) del cuerpo humano” (p. 7). Esse trabalho conta com o apoio de numerosos pensadores que acabam, também,

por pesquisar os mistérios que envolvem a existência do homem, como, por exemplo, dos sentimentos de satisfação, de dor, a genialidade, a loucura e vários temas que podem contribuir com o desenvolvimento da civilização.

Após abordar sucintamente os traços principais da escola de antropologia criminal, Gori se preocupa em problematizar o ambiente externo que modifica e determina as características físico-psíquicas do agente transgressor. Para o professor italiano, as causas do delito não dizem respeito, exclusivamente, ao estudo do *delincuente*, e seus impulsos interiores, mas esse horizonte de análise deve vir combinado com o ambiente que afronta, cotidianamente, as pessoas. Assim, ele discorre sobre o método experimental da doutrina criminológica positivista, que fixa suas atenções no *delincuente* e desvenda o atavismo como “una aparición de los caracteres degenerativos del hombre salvaje en medio de la civilización moderna, con los impulsos felinos de las razas primitivas que ahogan el sentido moral” (p. 9), para atentar para o fato de que a degeneração é adquirida lentamente pelo indivíduo, através dos fatores que constroem a vida do homem, “o de alcoholismo crónico, o de atrofia moral e intelectual por exceso de fatiga, o una cualquiera de aquellas iniquidades e imprevistos sociales que después de haber flagelado y embrutecido a los padres, renace en los hijos” (p. 9). Cabe a todas as vertentes da antropologia criminológica, o labor de acumular acontecimentos, os documentos humanos (relatos dos *delinquentes*) a servir de fonte imprescindível de conhecimento, uma das bases da nova ciência. (GORI, 1898).

O professor Gori critica os “misoneístas”<sup>121</sup> (p. 9) que creem nas medidas antropométricas dos crâneos de *delinquentes* como sinais da causa fundadora do delito. Ele menciona que as investigações dos criminólogos da antropometria criminal são perigosas ao ponto de colocar em risco a seriedade da ciência, porque dizer “que basta tener las mandíbulas enormes, la frente oprimida y las orejas anormales para verse comprendido entre los criminales natos” (p. 9) não é o suficiente para defenestrar a batalha da luta pela vida vis-à-vis os ataques

---

<sup>121</sup> Gori não menciona quem, precisamente, são os misoneístas. Mas o texto sugere que são os seguidores da linha criminológica de Lombroso, ou seja, os que estudam os criminosos a partir da antropometria criminal. À propósito, Gori cita Lombroso uma única vez nesse texto ao afirmar que o pai da criminologia é um dos criminólogos que parte da premissa matemática para estudar o *delincuente*.

antissociais. Cita o jurista italiano liberal Francesco Carrara (1805-1888)<sup>122</sup> e a posição defendida por este – de que nenhum magistrado humano envia ao cárcere a pessoa que comete um roubo por necessidade –, pois se o direito a vida está em confronto com a propriedade, o fruto por necessidade não é delito como também não é matar aquele que deseja nos tirar a vida. (GORI, 1898)

Ele assegura que enquanto uma lei proíbe o ataque à vida de outro indivíduo, a realidade cotidiana confronta a vida humana, “sujeta como se encuentra a la miseria: fisiológica, intelectual y moral” (p. 12). O professor italiano afirma que os países de raça latina têm condições econômicas menos favoráveis para a maioria dos trabalhadores e que isso gera problemas ao progresso da vida. Em seguida, identifica a criminologia como um dos ramos das ciências sociais, uma corrente de pesquisa que se empenha no estudo de três fatores da delinquência, os antropológicos, os sociais e os cósmicos. E comenta:

(...) La generación intelectual de que salgo – aunque bastante más heterodoxa que los heterodoxos – no es tan vieja para inclinarse, supersticiosamente, ante la escolástica de los antiguos dogmas científicos; pero no es tampoco tan juvenilmente temeraria para escarnecer la memoria del pasado, aun cuando sus doctrinas no fueran más que ruinas venerables en la construcción de las nuevas verdades conquistadas que forman la gran corriente del pensamiento moderno. Del pensamiento que hará feliz a la sociedad. (GORI, 1898, p. 13)

E termina a sua aula a se dirigir ao público a considerar a sociologia criminológica um instrumento apto para mentes jovens:

Cábeme a mí el honor de traer a estas aulas universitarias de la Atenas Sudamericana, la palabra de la joven escuela italiana del Derecho Penal; a mi, que soy nada más que el último de sus discípulos. (...) y al ofrecer la amplia hospitalidad de estas aulas aun proscrito por delito de pensamiento, se ha demostrado que la tolerancia científica es un hecho en los Ateneos de esta América, la que tiende los brazos a los peregrinos de ultramar, los cuales, como los gallardos y serenos, llevan consigo la única riqueza buena: la voluntad de hacer.

<sup>122</sup> Carrara foi professor do jovem Pietro Gori, quando este era aluno do curso de Direito em Pisa (1885-1888) e teve grande influência na sua formação. Como veremos, em 1898, Gori publica na *Criminalogia Moderna* (nº 13 y 14) um artigo (“Francesco Carrara y la moderna criminalología”), em comemoração aos dez anos da morte de Carrara. Sobre essa influência, ver o artigo de ANTONIOLI, Maurizio; BERTOLUCCI, Franco. “Una vita per l’ideale”. **Rivista Anarchica**, nº 355, anno 40, estate 2010. Disponível em: <[http://www.arivista.org/riviste/Arivista/355/dossier\\_Gori2.htm](http://www.arivista.org/riviste/Arivista/355/dossier_Gori2.htm)>. Acesso em: 05 ago. de 2016.

Yo haré, desde esta cátedra, cuanto me sea posible para no desmerecer vuestra confianza. No buscaré la paradoja para parecer original, pero tampoco me pararé ante las tradiciones, por más respetables que sean, para entrar en olor de santidad. Diré lo que siento, lo que pienso, lo que modestas y pacientes investigaciones personales han acumulado en el bagaje de mis conocimientos sobre el problema del delito y de las legislaciones penales que he tenido ocasión de estudiar de cerca en mi peregrinación internacional. (GORI, 1898, p. 14)

*La Nación* informa sobre as sucessivas participações de Gori na *Facultad de Derecho* de Buenos Aires, que abarcan um período de cerca de trezes meses, entre agosto de 1898 e setembro de 1899:

**“Conferencia** – Esta noche, a las 8, disertará el profesor Gori en la Facultad de Derecho sobre la noción del delito y la distinción sociológica entre los honrados y los delincuentes”. (*LN*, 24 de agosto de 1898)

**“Conferencia de Gori** – En la Facultad de derecho y ante un núcleo numeroso de estudiantes y catedráticos, dio anoche el doctor Pedro Gori su anunciada conferencia sobre las causas del delito con respecto a las varias teorías de prevención y represión. El conferenciante desarrollo el interesante tema con su brillantez acostumbrada, siendo interrumpido frecuentemente por los aplausos de la concurrencia” (*LN*, 01 de septiembre de 1898)

**“En la facultad de Derecho** – Esta noche a las 8 tendrá lugar en la Facultad de derecho a la 5ª Conferencia de la serie que se propone a dar el Sr. Pedro Gori. El tema elegido por el Sr. Gori para su disertación de hoy, es el siguiente: “Las relaciones científicas entre la antropología y la sociología criminal”. (*LN*, 7 de septiembre de 1898)

**Criminalología** – Esta noche a las 8.30 el Dr. Pedro Gori disertará en su curso libre de criminología, en la Facultad de derecho, sobre el siguiente tema: La sociología en relación con las ciencias antropológicas y las leyes penales” (*LN*, 5 de octubre de 1898)

**Condiscípulos estudiantes de derecho** – En el local de este centro, calle Viamonte 541, dará hoy a las 8.30 p.m. na conferencia el Dr. Pedro Gori. Tema: Bases positivas de la criminología”. (*LN*, 2 de septiembre de 1899)

Nos transcurros dessas classes, mais precisamente no dia 5 de outubro de 1898, o professor Gori solicita ao *Consejo Directivo* do curso de Direito a possibilidade de lecionar, segundo informações extraídas das atas<sup>123</sup> do próprio

<sup>123</sup>

Durante minha pesquisa de campo tive acesso ao livro de *Actas, nº 3, del Consejo Directivo* do curso de Direito da UBA. O documento encontra-se no Museo y archivo histórico de la Facultad de derecho – UBA.

conselho, no curso de Direito da *UBA*: “se pasó al esbirro de la Comisión de enseñanza la solicitud del profesor de la Universidad de Pisa para dictar gratuitamente un curso libre de Sociología Criminal” (ACTAS, nº 3, 1898, p. 177). No dia 9 de novembro, o conselho se reúne para debater, dentre outras pautas, a solicitação do professor da Universidade de Pisa, Dr. Pietro Gori; e um dos conselheiros, o professor Tezanos Pinto apresenta a posição, da maioria dos membros do conselho, de que o professor Gori é obrigado a justificar o pedido à comissão indicando “la síntesis de las doctrinas que iba a sostener y las conclusiones a que arribaría”. (p. 181). O professor Bibiloni<sup>124</sup> diverge da maioria formada por acreditar que não há razões para solicitar requisitos prévios de Gori diante de uma proposta inovadora de curso livre. O *LN* publica a opinião do professor Bibiloni no dia 05 de novembro:

El Dr. Juan J. [sic] Bibiloni ha firmado en disidencia con ese dictamen, fundándose en estas consideraciones: Pienso que no hay inconveniente en que se conceda al permiso solicitado, sin someterlo a la condición de la aprobación de un programa por la Facultad. Ningún reglamento lo exige, y entiendo que no hay motivo para apartarse en el presente caso de las disposiciones vigentes. Es exigido el programa a los profesores de la Facultad que desempeñan cátedra como titulares, o a los suplentes que solicitan hacerse cargo la existencia de los alumnos habilita para ganar curso, y los profesores reciben la remuneración que la ley o las ordenanzas del consejo superior establecen. Esos profesores no dictan un curso propio sino un curso de la Facultad: enseñan una parte del plan de estudios que ha fijado. El Dr. Gori no es profesor ni aspira a serlo. No pide desempeñar un curso del plan de estudios de la Facultad. No pretende que los asistentes sean considerados como tales para los efectos reglamentarios. No desea remuneración alguna. Lejos de creer que la iniciativa del señor Gori hay de ser coartada, pienso que hay interés en favorecerla. Es el primero que ha iniciado cursos libres en esta casa. Y desearía que su ejemplo fuese inmediato por muchos otros. Despertaría la emulación; se formaría el plantel de que saldrían los profesores de la Facultad probados ya en la tarea; se estudiarían ramas de la ciencia que no se enseñan con la extensión conveniente. La Facultad debe abrir sus puertas sin temor, invitando a todos los que se consideren con talento y saber suficientes, a ensayarse en la cátedra libre; y la selección se haría por sí sola, porque únicamente los hombres de mérito logran asegurar auditorio permanente; el vacío cierra las conferencias de las medianías. (*LN*, 5 de

---

<sup>124</sup> David de Tezanos Pinto (1849-1934) e Juan Antonio Bibiloni (1860-1930) foram catedráticos de Direito Civil na Facultad de Derecho. Bibiloni, em 1907 e 1908, ocupou durante seis meses, o Ministério da Justiça e da Instrução Pública da Argentina. Tezanos Pinto foi também o último catedrático de Direito Canônico da faculdade.

noviembre de 1898).

É sugestiva a ideia de que o professor Bibiloni tem razão ao afirmar que o Dr. Gori não é, e não tem pretensão de ser, professor. O próprio italiano se propõe a ser um livre expositor do pensamento científico, sem amarras à instituição, aos planos de estudo, aos ditames burocráticos. Gori insinua um passo em direção aos estudantes de Direito para angariar mais leitores para sua revista ou, quem sabe, projetar-se no campo intelectual através de *cursos libres* direcionados aos discentes da faculdade. Suponho que os professores do conselho o impedem de dar essas aulas por inveja, preconceito, ou pela revelia de Gori ao recusar escrever um plano de estudos para seus cursos.

Entrementes, para compreender o criminólogo e o “homem da ciência” em profundidade, resta comentar a recepção das ideias lombrosianas na América Latina e na Argentina, discorrer sobre a relação de Gori com José Ingenieros, tratar dos pontos de contato do Gori anarquista com o Gori criminólogo, e expor a conferência do italiano patrocinada pela *Sociedad Científica Argentina*<sup>125</sup> em agosto de 1901.

A filha do antropólogo criminal, Gina Lombroso, e seu marido, o também criminólogo Guglielmo Ferrero, fazem uma visita, em maio de 1907, ao Uruguai, Brasil e Argentina. Ela acompanha o marido que é convidado a proferir um ciclo de palestras em Buenos Aires e promove a obra do pai<sup>126</sup>. A visita da filha de Lombroso é um dos sintomas simbólicos que apontam para a recepção das ideias lombrosianas na Argentina. Na capital portenha, ela visita a *Penitenciaria Nacional*, observa os presos, os laboratórios, as celas e elogia a instituição carcerária ao dizer que o legado do pai é bem representado no modo como tratam os *delincuentes*. (CAIMARI, 2009).

Além das obras de Lombroso<sup>127</sup>, o jornalismo está interessado sobre a

<sup>125</sup> Para maiores informações sobre a *Sociedad Científica Argentina*, consultar o artigo de SÁNCHEZ, Norma Isabel. **La sociedad Científica Argentina, 140 años de historia**. Disponível em: <<http://www.cientifica.org.ar/site/index.php/es/mnuhistoria>>. Acesso em: 10 de jan. de 2017,

<sup>126</sup> Em 1908, Gina Lombroso publica suas percepções da viagem no livro, **Nell' America Meridionale (Brasile-Uruguay-Argentina)**. Note e Impressioni. Milano: Fratelli Treves Editori, 1908.

<sup>127</sup> Trato, neste capítulo, da obra fundadora de Lombroso, *L'Uomo delinquente*, e de sua influência no campo criminológico e intelectual argentino. Contextualizo, agora, a recepção de suas ideias num sentido mais amplo. A criminologia não é uma novidade na Argentina

ideia do *delincuente nato*, as análises craniométricas, faciais, ou seja, o jornalismo é cativado pelo método experimental de Lombroso e influencia a opinião pública com as publicações de artigos do criminólogo. O LN, por exemplo, é um dos jornais de grande circulação no país que publica artigos de Lombroso entre 1898 e 1902. Destaco o *La emigración intelectual en Italia* (especial e exclusivo para o La Nación), publicado em 24 de junho de 1898.

Nesse artigo<sup>128</sup>, Lombroso confessa seu desconforto com a não reação dos compatriotas diante da emigração de pensadores italianos; se antes a Itália abrigava intelectuais de outras nações, no fim do século sucede o contrário, pois são os artistas dramáticos, os pintores, os cientistas e os literatos que saem do país em busca de público e sobrevivência. Para ele, a emigração é o efeito das políticas econômicas gestadas por um partido conversador, que considera rebelde os contrários às ideias constitucionais, e persegue seus colegas do partido socialista que, agora, se dirigem ao desterro. Na perspectiva de Lombroso, a tragédia da emigração de intelectuais é em decorrência da opinião pública, “que en vez de abrir pasó a toda nueva corriente, parece sublevarse indignada contra ella, con declarada violencia o lo que es peor, con el arma terrible del silencio y de la indiferencia”. Além de citar vários nomes da intelectualidade, da política e das artes italiana, declara que não só os porta-vozes da nova escola penal são tachados (e julgados) por escreverem obras originais, mas também os ortodoxos do direito penal. E exemplifica como as criações científicas italianas têm respaldo em outros países:

Esto sucede en Italia con esos ingenios científicos, mientras se ve que la misma escuela hace camino y se extiende cada vez más en América del Sur, donde puede decirse que tiene casi un puesto oficial, gracias a los trabajos de Piñero, Ramos Mejía, de Veyga, Drago, Nina Rodrigues, Peixoto, Pechana, Silva (...) (LN, 24 de junio de 1898)

A menção de Lombroso aos intelectuais sul-americanos é uma maneira de mostrar a influência de seu pensamento em outros países. Com efeito, os

---

(principalmente em Buenos Aires) quando Gori chega à capital justamente pela influência de Lombroso. Embora Gori divirja das posições do pai da criminologia, o anarquista funda sua revista e ressalta o papel central das ideias lombrosianas para o nascimento da moderna criminologia.

<sup>128</sup>

O artigo é assinado por Cesare Lombroso e datado: Turin, mayo 27 de 1898.

pensadores mexicanos, cubanos, argentinos e brasileiros conhecem o debate que funda a criminologia positivista, pois as obras são familiares em face da tradução dos autores que mais se destacam nas últimas décadas do século XIX, além do surgimento de revistas especializadas nesses países que estimulam que os científicos locais comecem a publicar seus trabalhos. A escola italiana tem presença fulcral na Argentina, onde a proposta lombrosiana alimenta as instituições científicas e ideológicas do país, e reflete na ação do Estado no que diz respeito aos imigrantes e na criminalização do anarquismo. (CAIMARI, 2009). Na Argentina do entre-séculos há numerosos adeptos da teoria criminológica italiana, a despeito de a teoria não ter influência na legislação penal argentina, e sua força reside, portanto, no impacto sobre a forma como o Estado se organiza para coagir e sobre os intelectuais que percebem, nessa escola, um porto seguro para se fazer ciência e influenciar a juventude estudante da capital portenha.

A atuação profícua de Gori nos primeiros meses de sua residência bonaerense acaba por desencadear na criação da *Criminalología Moderna*. E dentre os colaboradores da revista, o estudante de medicina, José Ingenieros, se destaca entre os demais. O jovem socialista que participa das controvérsias com Gori é, também, o estudante de medicina que publica resenhas bibliográficas e artigos na revista do conterrâneo. Ingenieros é o terceiro autor com mais publicações na *CM*<sup>129</sup>.

Em 1898 José Ingenieros cursa a disciplina clínica de *Enfermedades nerviosas* com José Ramos Maria Mejía, e no ano seguinte a disciplina de Medicina Legal com o professor Francisco de Veyga, responsável por apresentar o positivismo criminológico na medicina por meio da antropologia criminal, além de iniciar a colaboração com a *CM*, *La Vanguardia* e outros. “Dentro del espacio académico, Ramos Mejía va a representar para Ingenieros una suerte de padre y De Veyga un hermano mayor”. (TARCUS, 2011, p. 23). Em junho de 1900, Ingenieros conclui o curso de Medicina com a tese, *Simulación de la locura ante la Sociología Criminal y la Clínica Psiquiátrica*, ainda nesse ano assume a chefia, da cátedra de *Enfermedades nerviosas*, até 1905, e da cátedra de *Medicina Legal*, até 1902 – ambas pertencentes a *Facultad de Medicina* da UBA. Ainda em 1900, publica seu primeiro livro, *Dos páginas de psiquiatria criminal*, em 1901

---

<sup>129</sup>

Verificar a Tabela nº3 desta dissertação.

assume o *Servicio de Observación de Alienados* fundado por De Veyga. Em maio desse ano é um dos cientistas a participar em Montevideu, do II Congresso Científico Latino-americano e em janeiro de 1902 funda e dirige o *Archivo de Criminología, Medicina legal y Psiquiatría*<sup>130</sup> como forma de continuar o trabalho iniciado por Gori. (TARCUS, 2011)

Paralelamente à formação de Medicina, o jovem Ingenieros integra a boêmia intelectual portenha e se relaciona com os escritores Rubén Darío, Leopoldo Lugones, expressa opiniões bruscas nos periódicos socialistas até que em 1898 adota uma perspectiva de uma sociologia científicista até que a ciência, lentamente, retira-o das controvérsias e intrigas políticas e dedica-se, consubstancialmente, aos afazeres profissionais da Medicina e traça produtiva trajetória institucional e intelectual.

A relação de Gori com Ingenieros inicia-se logo após a chegada do anarquista, passa pelos debates e controvérsias políticas que já mencionamos, mas se mantém correta e amistosa, posto que Ingenieros denuncia, na revista *La Vanguardia*, a tentativa das autoridades do curso de Direito de proibir os *cursos libres* em que Ingenieros é um dos alunos de Gori. O trabalho acadêmico do libertário, tanto em relação aos *cursos libres* quanto em relação à cátedra livre de língua italiana, é interrompido devido as proibições e preconceitos da elite intelectual portenha dirigente da *UBA*, e os seus compromissos na arena libertária provocam, simultaneamente, um menor envolvimento com a ciência. O oposto dessa perspectiva é vivenciado por Ingenieros, que se envolve cada vez menos com a militância socialista, deixa de escrever para os periódicos militantes, dedica-se a *Criminalología Moderna* e persevera no caminho da ciência. Ambos promovem os discursos positivos, criminológicos, em que Gori, para além desse aspecto, propaga o ideário anarquista e Ingenieros a ideologia socialista. Enquanto o primeiro equilibra-se entre a ciência e a causa libertária, o segundo faz uma passagem da militância socialista para a academia, afasta-se, em 1902, do Partido Socialista Argentino<sup>131</sup> por não lograr compatibilizar suas

<sup>130</sup> Para maiores informações sobre os *Archivos* de Ingenieros, consultar o artigo: GALIFONE, María Carla. “Delincuente”, “anormal” y “peligroso”: bases conceptuales para la invención clínica de la criminalidad en José Ingenieros”. **Estudios de Filosofía Práctica e Historia de las Ideas**, Vol. 15, nº2, diciembre de 2013. p. 9-21.

<sup>131</sup> Sobre a participação de Ingenieros nos círculos socialistas, Oscar Terán (2008) diz: “Tanto en la casa como en la biblioteca paternas habría hallado pues José Ingenieros lo primeros

crenças políticas com os afazeres científicos, e sua ascensão intelectual é vertiginosa. É interessante, contudo, o fato de Gori ser ocultado por Ingenieros, já que este não o menciona em suas obras e não há vestígio<sup>132</sup> que comprove os laços de amizade entre os dois. (ROUVROY; MANULI, 2012). Para além das controvérsias, dos impasses políticos e intelectuais, Ingenieros desconsidera, esquece, ou passa em branco, a contribuição de Gori para o início de um campo intelectual em torno das temáticas criminológicas.

O italiano José Ingenieros adapta seu nome e sobrenome (Giuseppe Ingenieri) para o idioma da pátria que o abriga. A obra médico e criminólogo é o que tonifica o peso do nome de Ingenieros no campo intelectual argentino. Além disso, ele propõe (como Cané, Mejía e Quesada) debater sobre a nação moderna, que contemple, dentre outras coisas, a imigração, o direito à diferença desde que se respeite a governabilidade. Defende não intervir nos indígenas, pois, segundo suas crenças sócio-darwinistas, a extinção dos índios é inevitável: “en los países templados, habitables por las razas blancas, su protección [de los indios] sólo es admisible para asegurarles una extinción dulce (...)”. (INGENIEROS, apud TERÁN, 2008, p. 296). Em 1911, Ingenieros é protagonista de uma circunstância que indica a sua poderosa autoestima intelectual:

(...) al mismo tiempo se abre como un indicador de la declinación de la cultura científica, estrechamente vinculado, una vez más, con la tensión entre ética y científicidad. El episodio se produjo cuando se presentó a ocupar la cátedra de psicopatología de la Facultad de Medicina de la Universidad de Buenos Aires. Sus antecedentes intelectuales indujeron al consejo directivo a ubicar su nombre en el primer término de la terna presentada al Poder Ejecutivo. No obstante, éste desconoció la jerarquía propuesta, obedeciendo probablemente a presiones provenientes de la Iglesia católica. Espectacularmente, Ingenieros renunció a todos sus cargos, cerró su consultorio y decidió una suerte de autoexilio, que se prolongaría hasta mediados de 1914, mientras el entonces presidente, Roque Sáenz Peña, siguiera al frente del Estado. (TERÁN, 2008, p. 297)

---

estímulos para inclinarse a esa actividad de corte social anarquizante que desplegó entre los años 1895 y 1898 en diversos escritos (especialmente, *¿Qué es el socialismo?*, de 1895), a través de su militancia en el Partido Socialista Argentino y desde el periódico *La Montaña*, que en 1897 dirigió junto con Leopoldo Lugones (...) Mas en su caso resultará explícita además la influencia del marxismo” (p.290).

<sup>132</sup> Pesquisei o fundo de José Ingenieros abrigado no *CEDINCI*, porém não encontrei absolutamente nada que pudesse me atestar qualquer tipo de relação entre Gori e Ingenieros, para além das que já foi possível documentar neste trabalho (nos palcos políticos, em 1898 e 1899, e na revista *Criminalología Moderna*).

O discurso criminológico revela enunciados programáticos para o poder de coerção estatal, e a primeira publicação periódica (e especializada) na área criminológica não foge às perspectivas do poder de polícia do Estado, abastecendo intelectualmente o poder de controlar a vida social sob o discurso de *defensa social*. Ainda assim, não só a revista dirigida pelo libertário Gori, como também o *La Protesta Humana* reformula, em diversos artigos publicados no jornal anarquista, os preceitos positivistas em torno da criminalidade. A propósito, a presença de um anarquista entre os quadros dirigentes do país, como Mejía, De Veyga, Juan Vucetich, Ingenieros e outras personalidades da elite intelectual portenha, revela, segundo Patricio Geli (1992), uma identidade bifronte de Gori e de outros pensadores progressistas (anarquistas e socialistas) vis-à-vis a justaposição das transformações propagadas no front popular com a aceitação do prestígio ou o diálogo com os valores de uma esfera reduzida da elite intelectual portenha. Os setores dominantes de Buenos Aires não se preocupam, ostensivamente, com a presença de anarquistas de peso, como Gori, até 1902, ano que indica uma ruptura da elite com os dirigentes populares em face da promulgação da *Ley de Residencia*.

### 3.2. – A RADIOGRAFIA DA REVISTA

Em *O Espetáculo das Raças*, Lilia Schwartz (1993) exhibe um recorte histórico (de 1870 a 1930) a analisar as ciências, as instituições e a questão racial no Brasil. Para isso, a estratégia metodológica utilizada por ela é de comparar as revistas vinculadas a instituições que podem ter relevância para a compreensão do período e do tema examinado.

As primeiras faculdades de Direito criadas no Brasil são estudadas pela autora mediante o exame da *Revista Acadêmica da Faculdade de Direito do Recife* e da *Revista da Faculdade de Direito de São Paulo*. A partir da coleta dos dados dos temas mais recorrentes, dos autores mais citados, dos eixos teóricos e dos distintos ramos do Direito, com o fim de estabelecer quadros comparativos e evolutivos que permitem, de certo modo, aferir como se edificava, intelectualmente, uma interpretação particular do país, pautada pelo positivismo jurídico – sendo a antropologia criminal e a medicina legal – recorrente nos

artigos das revistas.

O método utilizado pela autora é empregado neste trabalho uma vez que a coleta de dados comparativos e evolutivos possibilitam traçar o percurso e o perfil intelectual da *CM*. Assim, é possível notar de que modo se apresentam os eixos teóricos utilizados pelos autores, a possível influência onipresente de um intelectual específico, as proposições sobre o Direito, Processo Penal, Sociologia, Antropologia, Medicina Legal; sobre quais teorias servem de pretexto para a investigação das questões locais, a que público se destina a revista e de que modo a meta proposta pelo periódico é contemplada ao longo das publicações.

A pesquisa bibliográfica do projeto de Gori auxilia o entendimento das problemáticas mencionadas, do perfil e do percurso intelectual de alguns autores argentinos e do diretor da revista. Além disso, a metodologia qualitativa é utilizada com o objetivo de analisar “microprocessos, através do estudo das ações individuais e grupais” (MARTINS, 2004, p. 292).

Pietro Gori coordena e dirige a *CM*<sup>133</sup> a ser publicada mensalmente desde novembro de 1898 até janeiro de 1901. Levando em conta os meses sem publicação, são, no total, 21 edições. O corpo de redação da revista é composto por jovens catedráticos de Direito e estudiosos da antropologia criminal, da sociologia criminal e da medicina legal argentina, como, por exemplo, Luis M. Drago<sup>134</sup>, Osvaldo M. Piñero<sup>135</sup>, Antonio Dellepiane<sup>136</sup>, Victor Arreguine<sup>137</sup>, Juan Vucetich<sup>138</sup>, Manuel T. Podestá<sup>139</sup>, Ricardo del Campo<sup>140</sup>, Miguel A. Lancelotti<sup>141</sup>, o (ainda) estudante José Ingenieros e os famosos intelectuais da “nova escola”

---

<sup>133</sup> Sobre a *Criminalología Moderna*, o historiador argentino assevera: “[...] Al igual que la labor en este sentido de Gori, duro dos años la publicación y allí escribieron los consagrados positivistas italianos y los que fueron máximos representantes del positivismo argentino, tanto profesores y legisladores cuanto policías”. (ANITUA, 2005, p. 206)

A informação da ocupação desses colaboradores foi retirada da *CM* nº 16, de fevereiro de 1900:

<sup>134</sup> Catedrático da Faculdade de Direito de Buenos Aires.

<sup>135</sup> Idem.

<sup>136</sup> Catedrático suplente da Faculdade de Direito e catedrático no Colégio Nacional da Capital.

<sup>137</sup> Catedrático no Colégio Nacional da Capital.

<sup>138</sup> Chefe das oficinas de Estatísticas e identificação antropométrica da Polícia da Província de Buenos Aires.

<sup>139</sup> Subdiretor do Hospital Nacional de Alienados de Buenos Aires.

<sup>140</sup> Redator-chefe da *CM*.

<sup>141</sup> Secretário da redação da *CM*.

italiana de antropologia criminal, fundada por Cesare Lombroso, e reinterpretada pelos discípulos mais ilustres, Enrico Ferri e Raffaele Garofalo. Além destes, existem outros autores nacionais e estrangeiros que publicam seus artigos científicos cujos eixos teóricos versam sobre os distintos ramos do positivismo criminológico, e relaciona-os às questões do contexto histórico, social e político da Argentina e de outros países.

A *Revista Criminal* é o intento mais próximo da *CM*. Ela é publicada e dirigida por Pedro Bourel entre janeiro e outubro de 1873. A *Revista Criminal* trata de aspectos que envolvem a figura do criminoso – iniciativa que apresenta algumas sugestões sobre as causas e as condicionantes que implicam na criminalidade, partindo das crônicas criminais que mais repercutem na Argentina e no exterior. Ainda assim, essa revista não tem a carga simbólica e as possibilidades políticas que a existência da *CM* representa para esse extenso grupo de intelectuais, “homens da ciência”, que contribuem para a reflexão positivista-criminológica nos artigos publicados, ou através do peso do nome, da sua *funcionalidade* dentro do campo intelectual e institucional argentino.

É através do sistema de relações sociais estabelecidas pelo criador com o conjunto de agentes, conformando o campo intelectual de um dado período do tempo – os editores, os críticos, o público – que se realiza a caracterização progressiva da obra. Bourdieu lembra:

que o campo intelectual como sistema autônomo ou pretendente à autonomia é o produto de um processo histórico de autonomização metodológica, autorizando a pesquisa da lógica específica das relações que se instauram no interior desse sistema e o constituem enquanto tal (...) esse sistema não pode ser dissociado das condições históricas e sociais de sua constituição (1968, p.113).

O projeto de Gori não está atrelado a um organismo público ou privado, a *CM* não é um periódico que pertence a uma instituição, diferentemente das primeiras revistas das faculdades de Direito do Brasil. Portanto, o positivismo amalgamado ao campo criminológico é o que une os membros colaboradores da revista. Esse campo intelectual contempla desde pensadores argentinos, imigrantes, até os estrangeiros da Itália, França, Austrália, Estados Unidos, Uruguai. Eles perseveraram a dar fôlego e substância à criminologia argentina e internacional. A estadia de Gori em Buenos Aires, e as consequências que a sua

revista deixa para o fomento do campo criminológico argentino, podem ser significados com o surgimento sucessivo de um periódico e de uma instituição: *Archivo de Criminología, Medicina Legal y Psiquiatría (ACMPA)* de 1902 e o *Instituto de Criminología* de 1907, ambos fundados por José Ingenieros.

A primeira página da revista declara guerra a seu inimigo – o delito, mostra-se armada por intermédio da ciência, e dirige o discurso aos interessados pela conturbada vida criminal: desde os curiosos até os jovens que se sintam capazes de discutir e contribuir sobre os aspectos teórico-metodológico que estavam relacionados às temáticas criminológicas. O editorial da revista é assinado pela redação e defende, logo, a *Guerra ao delito*. O título indica o inimigo e a orientação intelectual da revista – modernos nos métodos e na compreensão da realidade delituosa, procurando na figura do delinquente a forma de empreender os esforços no combate a manifestação antissocial que é o delito.

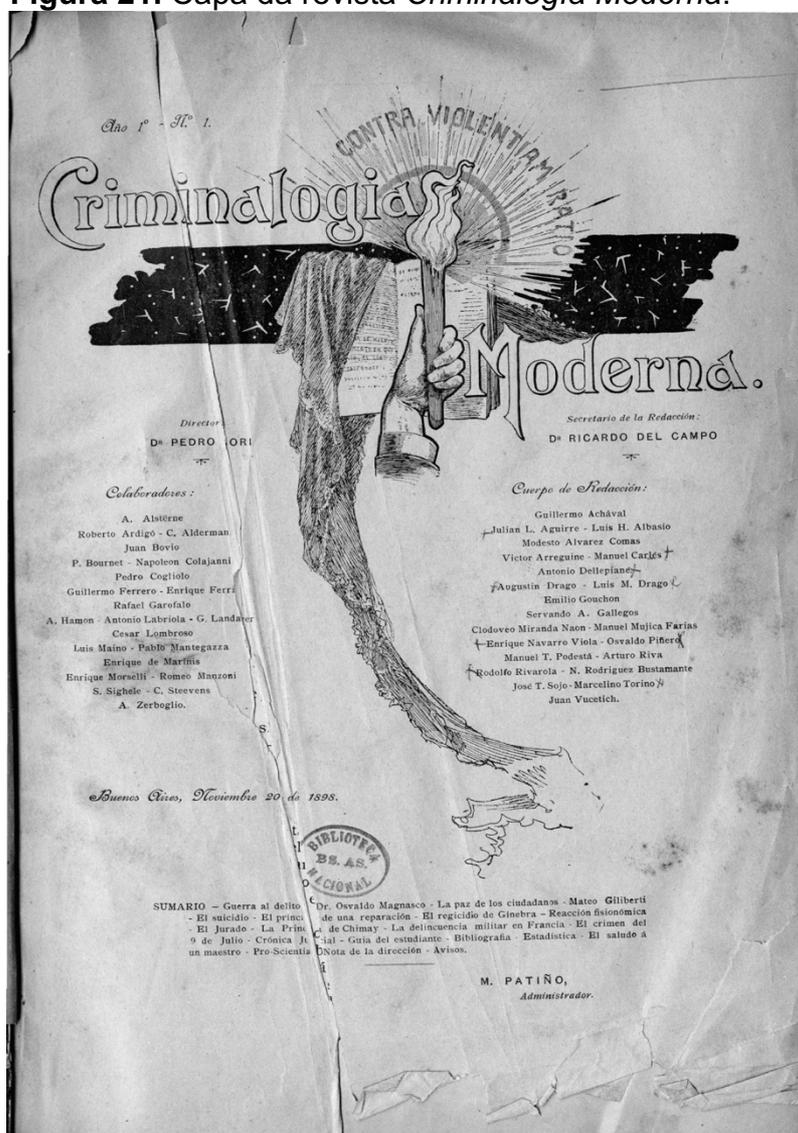
A prisão, os criminosos e a ciência são os elementos que fundamentam a reflexão dos intelectuais, advogados, dirigentes públicos, professores e acadêmicos do Direito e da Medicina. A pretexto da novidade, busca-se projetar as diretrizes da escola criminológica italiana nas consciências “investigadoras de este joven país al que transmigran del viejo mundo no solo las actividades creadoras en el bien, sino también las actividades criminosas del hombre contra el hombre” (REDACCIÓN, 1898, p. 1).

Não é por acaso que a *CM* dirige a publicação da revista, principalmente, para sabedoria das inteligências jovens do país, ainda que tenha sido feito uma ressalva em relação à juventude – não entendida numa perspectiva de idade, mas de energia propulsora para o novo –, pois é provável que os criadores estavam cientes de que o positivismo criminológico não era hegemônico nas leis, nas doutrinas e tampouco nas instituições acadêmicas ou estatais. Assim, não é de se estranhar que o primeiro editorial rasga elogios a esta “Atenas del Sud”, onde está “la obra adelantada y fecunda de la pléyade de criminalistas argentinos y del mundo jurídico de la América Latina” (REDACCIÓN, 1898, p.1); isto é, convoca os intelectuais argentinos, que advogam a favor da ciência e da criminologia positiva, a assumirem a responsabilidade de polo intelectual das ideias europeias no continente latino-americano.

O programa exposto nas primeiras linhas do periódico também pode ser

entendido com o auxílio de uma leitura sóbria da imagem da capa da revista, que foi a mesma do primeiro ao último número. Procurar decompor cada uma das figuras a constituir a imagem auxilia a perceber o conjunto, embora a cultura ocidental esteja submersa em perceber a realidade com a bengala da escrita. É válido recordar que, desde meados do século XIX, as revistas ilustradas atingiram um determinado grau de maturidade e sucesso. A *CM* segue essa perspectiva não só por ter a imagem na capa da revista, mas também por envolver a escrita com fotografias e outras imagens, reproduções que provocam uma empatia com o leitor, a despeito de ser um periódico sem a finalidade de estimular o entretenimento.

**Figura 21.** Capa da revista *Criminalogía Moderna*.



Fonte: Revista *Criminalogía Moderna*, n. 1, novembro de 1898.

Vivemos em uma cultura onde a palavra prevalece sobre a imagem. As alternativas de significados que a imagem pode oferecer como fonte histórica sofrem vários percalços diante do preconceito epistemológico em relação às imagens. O intuito é apresentar uma leitura da capa da revista com o propósito de oferecer uma melhor compreensão do contexto histórico, social e cultural em que ela surge:

lo que les da sentido y explica su creación, sea su carácter comunicativo, es el hecho de que toda imagen cuenta, unas veces de manera voluntaria e involuntaria, una historia. Es un mensaje en el tiempo, un texto que fue compuesto para ser leído. (...) la polisemia es una característica intrínseca de las imágenes, entre otras cosas, porque la mayoría de ellas están “escritas”, como mínimo, como forma, como colores, dos planos de significación distintos y diferenciados. (VEJO, 2012, p. 23)

A tarefa não é simples na medida em que não se procura explicar a imagem como as premissas de um texto escrito, e, portanto, continuar a prevalecer a escrita em detrimento da imagem. O critério é encontrar os códigos a partir dos quais a imagem foi desenvolvida, e olhar com os olhos do período estudado. “Os significados não são tomados como dados, mas como construção cultural (...). É nesse terreno que se estabelecem as disputas simbólicas como disputas sociais”. (KNAUSS, 2006, p. 100).

Os membros do corpo editorial da revista, representado pelo diretor, secretário de redação e administrador, provavelmente desejam estampar a criatura por intermédio de uma imagem que, para eles, exprime a maneira como entendem a ciência criminológica moderna, a oferecer ao público uma versão positivista desse entendimento. E eu busco compreender essa imagem me reportando ao contexto social, cultural e político a que estavam inseridos os membros da revista, tentando ver com os olhos de Gori, porém assumindo os riscos e a peculiaridade de estabelecer hipóteses com esse olhar.

Os positivistas dessa época estão convencidos quanto a necessidade de promover a verdade através da ciência. Na capa de *CM*, o livro iluminado pela tocha representa o conhecimento. O livro está praticamente despido pelo véu a cobrir a verdade: explico-me: a verdade que está nos livros, segundo os “homens da ciência”. A simbologia da tocha, na perspectiva positivista, é o canal que

permite chegar até ele, ou seja, é a liberdade<sup>142</sup>. Esta viabiliza o acesso às ideias datilografadas nos livros. A liberdade aliada à razão é o caminho para compreensão do universo criminoso e do combate à violência do sistema social: *Contra Violentiam Ratio*.

É o homem quem leva a tocha, “amante da liberdade” (GORI, 1900, p. 522), ele é o responsável por fazer a escolha de compreender a verdade que está nas doutrinas, na jurisprudência, nos experimentos, nas perícias médico-legais, nas estatísticas criminais, nos gabinetes antropométricos. A alegoria da verdade reproduzida na pintura do italiano renascentista, alcunhado de Tintoretto mas que se chama Jacopo Robusti (1518-1594), é uma pintura que me provoca a fazer alusão ao tecido que está despindo o livro da capa da revista.

**Figura 22.** “Alegoria da Verdade”, por Jacopo Robusti (1518-1594).



Fonte: disponível no site WahooArt: <[http://pt.wahooart.com/@/@/8Y3JUG-Tintoretto-\(Jacopo Comin\)-Alegoria-da-Verdade](http://pt.wahooart.com/@/@/8Y3JUG-Tintoretto-(Jacopo Comin)-Alegoria-da-Verdade)>

A alegoria da verdade me remete ao manual intitulado *Iconologia*, de autoria do italiano Cesare Ripa (1555-1622)<sup>143</sup>, publicado na Itália em 1593 e traduzido em vários idiomas. O trabalho de Ripa é referência para os criadores

<sup>142</sup> Vale a pena recordar que a Estátua da Liberdade foi inaugurada nos Estados Unidos em 1886. A França presenteou o país que comemorava o centenário da independência. A escultura, projetada pelo o escultor francês Frédéric Auguste Bartholdi, está permeada por símbolos maçons, como, por exemplo, a tocha e o livro.

<sup>143</sup> Cesare Ripa foi membro da *Accademia degli Intronati di Siena*, um lugar que foi ponto de encontro da aristocracia de Siena. Esse centro se dedicava ao estudo de obras clássicas e outras temáticas que tinha a finalidade de envolver o círculo de artistas e estudiosos da arte daquele período. As imagens coletadas e descritas no livro, *l'Iconologia ovvero Descrittione Dell'imagini Universali cavate dall'Antichità et da altri luoghi*, mas conhecido como *Iconologia*, são extraídas de alegorias da antiguidade e de outros lugares.

de imagem até o século XIX, tendo em vista o diferencial da obra em apresentar cada uma das imagens (alegorias) com a respectiva descrição. Existe uma versão<sup>144</sup> da obra traduzida para o inglês, e publicada em Londres pela editora P. Tempest em 1709. A descrição de Verità é:

Esta beleza nua, segura um Sol em sua mão direita; Na sua mão esquerda, um Livro aberto, com uma Palma; debaixo de um Pé o Globo do Mundo. Nua, simplesmente porque a Simplicidade é natural para ela. O Sol mostra seu grande Prazer na Claridade. O Livro, que a Verdade das Coisas pode ser encontrada em bons Autores. A palma, ela definha quanto mais se deprime. O Globo, que sendo imortal, ela é a mais estranha de todas as Coisas do Mundo, e, portanto, pisa sobre ele<sup>145</sup>. (RIPA, 1709, p. 78)

E esta é a alegoria da verdade exposta no manual de Cesare Ripa:

**Figura 23.** “Verità”, “Verity”. Número 311. Página 78.



Fonte: Disponível em:  
<<https://archive.org/details/iconologiaormora00ripa>>.

<sup>144</sup> A versão em Inglês que está digitalizada (em 2009) e publicada no site *Internet Archive* ([www.archive.org](http://www.archive.org)). A digitalização foi realizada através de fundos da University of Illinois Urbana-Champaign. A imagem e o texto que eu utilizo neste trabalho está disponível no endereço eletrônico: <<https://archive.org/details/iconologiaormora00ripa>>. Acesso em: 24 nov. 2016.

<sup>145</sup> Tradução minha a partir da versão em inglês: “This naked Beauty, holds a Sun in her right Hand; in her left, a Book open, with a Palm; under one Foot the Globe of the World. Naked, because downright Simplicity is natural to her. The Sun shews her great Delight in Clearness. The Book, that the Truth of Things may be found in good Authors. The Palm, her Rising the more she is depressed. The Globe, that being immortal, she is the strongest of all Things in the World, and therefore tramples upon it”. (RIPA, 1709, p. 78)

A abordagem positiva-criminológica, diferentemente do direito penal clássico que considera a pena como uma punição ao delito cometido, entende a pena como uma proteção social em defesa da vida. Combater a violência e defender a vida também é perceber, segundo os criminólogos daquela época, os fatores sociais e cósmicos, entendidos como a atmosfera, o clima – as leis naturais do universo representado na faixa negra com os símbolos e pontos que me remete às estrelas que compõem a escuridão, e em contraposição ao sol nascente da tocha.

A meta do periódico é transcrita no final do primeiro editorial e corrobora com a nossa análise da capa de *Criminalogía Moderna*:

Creemos trabajar en esta obra por la ciencia y por la sociedad que, si tiene la razón jurídica de defender contra toda lesión los derechos individuales y colectivos, tiene también la obligación de suprimir o atenuar, estudiándolas a fondo, las causas generadoras o estimulantes de la criminalidad. (REDACCIÓN, 1898, p. 2)

O primeiro número da revista delinea algumas temáticas. Inicia-se homenageando o Dr. Osvaldo Magnasco, antes catedrático da Faculdade de Direito da UBA e que acabava de ser nomeado para o *Ministerio de Justicia e Instrucción Pública*, e fecha o primeiro número com o artigo C. del Campo (hijo), que escreve o *Pro Scientia*, a defender os propósitos lançados no editorial e a ciência a se constituir como o novo horizonte dos pensadores bonaerenses.

A primeira publicação contém artigos que versam sobre o código penal argentino, como é o caso de *La paz de los ciudadanos*, de Osvaldo Piñero; outro que debate sobre o suicídio na cidade de Buenos Aires, *El suicidio*, escrito por Victor Arreguine; e até os artigos que tratam dos anarquistas homicidas, assinado por CM e intitulado *El regicidio de Ginebra*. Esse ensaio é interessante por tratar da questão do anarquismo, informando que o homicida não ocasiona o atentado por causa de sua crença no ideário anarquista, e por imprimir uma crítica ao pai da criminologia, tendo em vista o artigo de Lombroso publicado em outubro de 1898 no jornal LN<sup>146</sup>. O texto assinado pelos fundadores de CM,

---

<sup>146</sup> O artigo de Lombroso, publicado exclusivamente para o LN, *Luccheni y el anarquismo en la raza latina*, do dia 28 de outubro de 1898, é uma de suas contribuições para condenar os anarquistas assassinos e o anarquismo enquanto uma corrente política a disputar o espaço, a militância e a opinião pública com os socialistas.

afirma que Lombroso não promove um juízo sóbrio da realidade e condena Luccheni (o homicida) por fatores políticos e antropológicos superficiais, “olvidando casi por completo la vasta importancia del factor social o considerándolo, al menos, subordinado a los dos primeros”. (1898, p. 12). *La princesa Chimay* é o ensaio de Arturo Riva, que relata sobre a vida e o possível falecimento da princesa *Chimay*, que trai o príncipe da Bélgica com um violonista italiano, acusado de ser anarquista.

Além disso, a revista abre suas páginas aos colaboradores estrangeiros. O primeiro a publicar é o advogado e socialista italiano Adolfo Zerboglio, que traz o texto *La psicología de la abogacía*, a abordar dos aspectos físico-psíquicos dos advogados. Por outro lado, há os ensaios que tratam de temas internacionais que ecoam na imprensa local, como é o caso de *La delincuencia militar en Francia*, que não está assinado e discorre sobre o processo jurídico-militar contra Dreyfus, o militar acusado de traição ao exército francês. Outro artigo sem assinatura aborda um crime ocorrido no dia 9 julho (de 1898) em Buenos Aires, relatando, timidamente, alguns aspectos relativos à classificação psicológica do delinquente que comete o crime, definindo-o como *loco moral*. Mais uma terminologia classificatória que traduz o universo criminológico diz respeito ao ensaio de Luís H. Albasio, *Mateo Gilberti*, que após inúmeras classificações da antropologia criminal, desde os aspectos psicológicos até os antropométricos e fisiológicos, declara Mateo Gilberti um *criminal* nato. E o secretário de redação da revista, Ricardo del Campo, também apresenta aspectos da antropologia criminal em *Reacción Fisionómica*, descrevendo as alterações fisionômicas do delinquente.

O ensaio de Julian L. Aguirre sobre *El jurado en Materia Criminal* traz um tema frequente ao longo das publicações. A defesa do jurado criminal e popular é amiúde discutida em vários artigos da revista. Aguirre reafirma o conceito social, histórico e jurídico do jurado popular, defendendo-o como uma garantia constitucional que é omissa pelos legisladores ordinários da república argentina.

O primeiro número abre algumas seções que vão existir ao longo de boa parte de suas publicações, como é o caso de *Guía del Estudiante* e a *Crónica Judicial*. A crônica, que com o segundo número virá nomeada de *Jurisprudencia y Crónica Judicial*, apresenta alguns casos reais da criminalidade argentina. O guia vem assinado por “Bruno”. Ele apresenta essa seção com o objetivo de

elaborar uma história bibliográfica por meio de resumos das principais obras dos autores da escola criminológica italiana, “teniendo siempre a la mejor consecución de los fines que esta Revista se propone llenar un notable vacío en el campo jurídico y científico sud-americano”. (BRUNO, 1898, p. 29). O último artigo do primeiro número da revista faz uma confissão, desafiando os autores argentinos a atravessar, definitivamente, o Atlântico: “(...) en efecto, hasta ahora no hemos hecho más que acumular conocimientos importados”. (CAMPO, 1898, p. 33).

A empresa de Gori é recebida nos meios intelectuais e jornalísticos argentinos com sucesso, embora seja conveniente lembrar a desconfiança dos anarquistas com o intercâmbio intelectual do italiano com alguns representantes da extrema direita argentina, como, por exemplo, Manuel Carlés<sup>147</sup>, Servando A. Gallegos<sup>148</sup>, Ricardo del Campo, e circulando entre as personalidades que ocupavam cargos no Estado. Ainda assim, são inegáveis os elogios a *Criminalogía Moderna*. Francisco de Veyga, professor da Faculdade de Medicina da UBA, docente que lecionou e promoveu José Ingenieros no círculo intelectual argentino, e fundador da revista de medicina *La semana médica*, anuncia no seu periódico:

Pocas revistas argentinas han aparecido con un programa más vasto y más atrayente y un cuerpo de colaboradores tan selecto como la Criminalogía Moderna, cuyo primer número empieza a circular, ni tampoco ejemplar alguno de periódico del país ha sido repartido con un material original más abundante ni más conforme con el programa trazado. Constituye, pues, esta revista una manifestación real del progreso intelectual para el país y revela estar dirigida por mano práctica y espíritu capaz. (VEYGA *apud* CREAZZO, 2006, p. 100).

O jornal com maior tiragem no país não fica atrás das palavras proferidas

<sup>147</sup> Manuel Carlés foi presidente da *Liga patriótica argentina*, instituição de cunho nacionalista e patronal, que durante os governos conservadores de Hipólito Yrigoyen (1916-1922) e Marcelo Torcuato de Alvear (1922-1928) auxiliou na repressão ao movimento de greve dos trabalhadores. Além disso, Carlés foi professor do Colégio Militar e da Escola Nacional de Guerra. Para maiores informações, consultar: <<http://www.elortiba.org/liga.html>>. Acesso em 20 de novembro de 2015.

<sup>148</sup> Servando A. Gallegos foi jornalista e membro da maçonaria argentina, ocupando o cargo de Pro Gran Maestre (1896-1900) – essa informação foi extraída do endereço eletrônico: <<http://nuestrotiempohistoria.blogspot.com.br/2009/11/la-masoneria-argentina.html>>. Acesso em 20 de nov. de 2015. E, também, foi membro do Partido Nacionalista e candidato a Deputado pelo partido na legislatura de 1914, informação disponível em: <<http://www.acciontv.com.ar/soca/politica/socialista/2.htm#>>. Acesso em 20 de nov. de 2015.

por Veyga, e informa aos leitores, na seção *Bibliografía*, o nascimento de *CM*:

El distinguido emigrado italiano Dr. Pedro Gori, cuyo nombre es ya bien conocido en nuestro país, como lo era en Italia, acaba de indicar la publicación de una revista mensual “Criminalología Moderna”, cuya naturaleza y objetos están expresadas en el título. No puede menos de ser acogida con simpatía, especialmente en los círculos intelectuales, una publicación que viene a tratar problemas tan intenso interés como lo que envuelven la ciencia del delito y de la penalidad, enriquecida en los últimos tiempos con estudios que han descubierto para ella horizontes inexplorados. A este interés se agrega en la “Criminalología Moderna” el prestigio del nombre que la patrocina y de los colaboradores que cuenta entre los cuales figuran autoridades como Ferri, Garofalo, Lombroso, Sighele, y en una palabra, los más avanzados representantes de las escuelas modernas. (*LN*, 28 de noviembre de 1898, p. 5).

Um dos maiores desafios para tentar compreender, e propor uma leitura “radiográfica” da revista, diz respeito à quantidade de publicações e temáticas envolvidas em torno da criminalidade. Como alertado anteriormente, o periódico não está vinculado a uma instituição, isto é, não teve a intenção de construir uma agenda intelectual ao redor de uma instituição. Entretanto, a revista estabelece a missão de propagar e consolidar a ciência criminológica na Argentina e, se possível, na América Latina. A leitura da *Criminalología Moderna* na íntegra me alerta para a necessidade de sistematizar uma apresentação da revista que fosse além da reflexão e exposição dos artigos.

Nesse sentido, me parece oportuna a elaboração de um índice temático e seccional da revista, que acaba desaguando na primeira tabela a distribuir os artigos por tema e ano de publicação. A partir da leitura e do fichamento de todos os números do primeiro ano de existência do periódico, algumas temáticas sobressam, apesar de que determinados artigos não abordam uma única temática, e transitam por em alguns dos eixos temáticos que eu criei após ter concluído a leitura integral da revista, das 656 páginas que perfazem do primeiro ao último número da *CM*<sup>149</sup>.

<sup>149</sup> Não é possível realizar a leitura, na íntegra, dos números 17 y 18, 19 e 21 da *CM*. Esses números estão disponíveis através do microfilme da biblioteca do *CEDINCI*, e, portanto, não estão digitalizados. O *CEDINCI* possui um equipamento relativamente danificado, que impede, dessa forma, uma leitura legível de alguns artigos. Assim, tirei fotos do microfilme a ser explorado por intermédio do equipamento do *CEDINCI*. Não obstante, consegui ter a versão completa da revista e a leitura de parte significativa dos artigos dos números supracitados. Por fim, a tabela nº 1 contempla todos os números e artigos da revista *Criminalología Moderna*.

**Tabela 1.** Distribuição dos artigos por tema e ano de publicação de *Criminalogia Moderna*.

TEMAS	ANO	ANO	ANO	ANO	ANO	ANO	ANO	ANO	ANO	ANO	ANO	ANO	ANO	ANO	ANO	ANO	ANO	ANO	ANO	Total	%
	1 1898 Nº1	1 1898 Nº 2	2 1899 Nº 3	2 1899 Nº 4	2 1899 Nº 5	2 1899 Nº 6	2 1899 Nº 7	2 1899 Nº 8	2 1899 Nº 9	2 1899 Nº10	2 1899 Nº11	2 1899 Nº12	2 1899 N13 y14	3 1900 Nº15	3 1900 Nº16	3 1900 N17y 18	3 1900 Nº19	3 1900 Nº20	4 1901 Nº21		
ANTROPOLOGIA CRIMINAL	2	3	3	3	3	1	2	0	1	2	1	1	5	1	1	1	0	0	0	30	16,48 %
CIÊNCIAS SOCIAIS E SOCIOLOGIA CRIMINAL	0	1	3	2	2	0	0	3	3	0	0	0	4	2	3	1	2	0	2	28	15,38 %
REFORMA JUDICIAL E JUÍZO POR JURADO	1	0	0	0	2	1	3	2	2	4	2	0	2	1	0	1	2	2	0	25	13,74 %
CÓDIGO PENAL E PROCESSO PENAL ARGENTINO	1	1	1	1	0	0	0	1	2	2	0	1	2	0	0	3	2	0	3	20	10,99 %
PRO SCIENTIA	3	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	2	1	0	1	0	1	0	10	5,49%
MEDICINA LEGAL	0	0	0	1	0	1	0	0	0	0	0	1	1	1	0	1	1	1	2	10	5,49%
LOUCOS E ALIENADOS	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	2	0	1	1	7	3,85%
PSICOPATOLOGIA CRIMINAL	0	1	1	1	0	0	0	1	0	0	1	1	0	0	0	1	0	0	0	7	3,85%
REGICÍDIO, MAGNICÍDIO E TIRANICÍDIO	2	0	2	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	6	3,30%
LITERATURA E <i>DELINCUENCIA</i>	0	0	0	0	1	2	0	0	0	1	0	0	1	0	1	0	0	0	0	6	3,30%
DIREITOS INDIVIDUAIS, DIREITOS POLÍTICOS E RÉU POLÍTICO	0	2	0	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	5	2,75%
PENA DE MORTE	0	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	1	0	5	2,75%
ESTUDOS CARCERÁRIOS	0	0	0	0	0	1	1	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	4	2,20%
CRIMINAL ROMÂNTICO E DELITOS DO AMOR	0	1	1	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	4	2,20%
PROCESSO DREYFUS	2	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	4	2,20%
ADVOGADOS	1	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	3	1,65%
ANARQUISTAS HOMICIDAS	2	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	3	1,65%
SUICÍDIO	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	2	1,10%
ESTUDOS GRAFIOLÓGICOS	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0	0	0	0	0	2	1,10%
JURISDIÇÃO	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0,55%
<b>TOTAL</b>	<b>16</b>	<b>12</b>	<b>13</b>	<b>11</b>	<b>11</b>	<b>8</b>	<b>6</b>	<b>8</b>	<b>9</b>	<b>10</b>	<b>6</b>	<b>6</b>	<b>18</b>	<b>6</b>	<b>6</b>	<b>13</b>	<b>9</b>	<b>6</b>	<b>8</b>	<b>182</b>	<b>100,00 %</b>

Fonte: Revista *Criminalogia Moderna*, 1898 a 1901 (n. 1-21)

O desafio de construir um índice temático, que sirva de auxílio a pesquisadores e interessados sobre a empresa de Gori, começa por delimitar e sociologia criminal, quando, na verdade, existe uma contiguidade entre a acepção do pai da criminologia, Lombroso e seus vastos estudos antropométricos, e a literatura do discípulo, Enrico Ferri, a trazer o fator social para o centro da teoria criminológica.

Os números ajudam a entender as afirmações. De acordo com os dados levantados, a temática mais recorrente na revista é a antropologia criminal, representando, no total, 30 textos, 16,48% do total de artigos escritos. É importante ressaltar que a porta de entrada da criminologia no país são as traduções das obras de Lombroso e da sua eloquente publicação no *LN*, antes mesmo da existência da *CM*. Não é por acaso que Lombroso é o intelectual mais citado na revista, sendo que seu nome é mencionado em 20,96% das publicações.

**Tabela 2.** Os quinze intelectuais mais mencionados na *Criminalogia Moderna*.

AUTORES	ANO 1 1898)	ANO 2 (1899)	ANO 3 (1900)	ANO 4 (1901)	Total	%
CESARE LOMBROSO	5	22	8	0	35	20,96%
ENRICO FERRI	5	13	7	1	26	15,57%
RAFAEL GARÓFALO	1	7	5	0	13	7,78%
GABRIEL TARDE	1	6	3	2	12	7,19%
CESARE BECCARIA	0	5	4	0	9	5,39%
ENRICO MORSELLI	1	7	1	0	9	5,39%
SCIPIO SIGHELE	1	5	2	0	8	4,79%
NAPOLEÓN COLAJANNI	1	5	2	0	8	4,79%
HEBERT SPENCER	0	7	1	0	8	4,79%
FRANCISCO CARRARA	1	3	3	0	7	4,19%
ÉMILE ZOLA	0	7	0	0	7	4,19%
WILLIAM SHAKESPEARE	0	5	2	0	7	4,19%
GIAN DOMENICO ROMAGNOSI	0	4	2	0	6	3,59%
GUILLERMO FERRERO	3	3	0	0	6	3,59%
FILIPPO TURATI	1	5	0	0	6	3,59%
TOTAL	20	104	40	3	167	100,00%

Fonte: Revista *Criminalogia Moderna*, 1898 a 1901 (n. 1-21)

É um pouco mais fácil definir os escritos que traduzem os aspectos da antropologia criminal, pois as varáveis, como, por exemplo, atavismo, degeneração, controle dos corpos pela polícia, a negação do livre arbítrio, a matança dos índios do Chaco e a delinquência de raça e de cor, estão consolidadas nos paradigmas positivistas da antropologia criminal. Por outro lado, o segundo autor mais citado da revista, Ferri, com 15,57% de citações ao seu nome, teve o papel de oxigenar a teoria criminológica com os seus estudos sobre sociologia criminal<sup>150</sup>. Identificar as minúcias de alguns artigos, permitindo que fosse aportado no eixo teórico da sociologia criminal, faz com que eu perceba o desenvolvimento da teoria sociológica criminal ancorado nas ciências sociais. Por esse motivo, o segundo eixo é denominado de Ciências Sociais e Sociologia Criminal, valendo 15,38% dos ensaios. Portanto, antropologia e sociologia criminal perfazem 31,86% dos 182 artigos da revista, e as palavras de “Bruno” deflagram esse universo:

Y tal error de método fué la causa primera, si no única, de que las mentes selectas se formaran prematuramente contra la nueva escuela criminal, ó poniendo contra esta acerba crítica, especialmente con respecto á una pretendida preponderancia absoluta de la Antropología. Este peligro se verificaría, por ejemplo, sin una premisa se iniciase el estudio de la criminología por los primeros trabajos de César Lombroso que, a pesar de esto, es el verdadero padre de la nueva escuela, paternidad científicamente entendida como afirmación inicial de un método y de un principio, desarrollados y perfeccionados mediante el concurso de las ciencias jurídicas y sociológicas. (1898, p. 60)

Outros dois eixos que prevalecem na revista, somando, juntos, 24,73% do total de artigos, são os que versam sobre a legislação do direito e do processo penal, e os que estão relacionados à reforma judicial e ao juízo dos jurados. Esses dois eixos se comunicam na medida em que discorrer sobre a legislação, propondo mudanças ou novas interpretações, também é uma forma de alinhar ao inquérito convocado pela revista com o intuito de tratar os principais pontos dos projetos que estavam em pauta no poder legislativo, e dizem respeito à

---

<sup>150</sup> Gabriel Anitua diz: “(...) Las reformas que plantea aquí Ferri son claramente antiliberales pues a su juicio tales garantías jurídicas – juicio por jurados, presunción de inocencia, *in dubio pro reo* – no tienen sentido frente a la necesaria actuación que elimine ese determinismo individual (...). Su insistencia en que la prisión podría resocializar si tenía el marco favorable para hacerlo – como en las colonias agrícolas – era común a la prédica ya habitual de los penalistas del resto del mundo”. (ANITUA, 2005, p. 189)

reestruturação da justiça argentina. O primeiro ensaio dedicado ao plebiscito está no editorial da edição nº 9 (1899), com o título, *Referéndum Jurídico: sobre la organización de la justicia penal en Argentina*, assinado pela direção e redação da revista.

“La Argentina intelectual está en el deber de educar el espíritu al gran principio de la legislación directa ” (p. 253). Assim como, segundo os autores, o inquérito tem o fito de interpelar os legisladores do país com a investigação científica que eles dizem estar a cumprir com o plebiscito: “esta Revista desea tomar una iniciativa práctica por el triunfo de los principios de la verdadera y elevada justicia (...) invita pues al mundo jurídico argentino a un plebiscito intelectual”. (p. 253).

O questionário pergunta aos entrevistados se é possível instalar o júízo por jurados em matéria criminal, no atual estado do país; as razões pelas quais o arguido aceita ou rechaça a reforma; se o princípio da oralidade e publicidade dos júízos deve ser aceitado, ou não, pela nova reforma; os argumentos que são a favor do procedimento em voga ou do sistema oral, público e contraditório; solicita que o entrevistado indique, se achar pertinente, outras garantias constitucionais que podem assegurar o controle público, transparente, contínuo e direto sobre o trabalho da magistratura; se o interpelado prefere o magistrado único *vis-à-vis* o tribunal colegiado, na condução da justiça penal de primeira instância; e, por fim, elencar quais são as vantagens ou desvantagens que podem incutir nas instituições ou no campo intelectual argentino.

O referendo é respondido por vários intelectuais através de cartas enviadas ou de artigos publicados. O júízo por jurados em matéria criminal é o ponto central de defesa da revista, porém a forma como o questionário é proposto demonstra a preocupação da direção do periódico com a possibilidade de certas reformas, como, por exemplo, a do magistrado único prejudicarem os direitos e as garantias constitucionais, isto é, à possibilidade de revisão de sentença. E, também, no momento em que incita os entrevistados sobre a necessidade de dar publicidade aos atos emanados pela justiça, bem como sobre o controle público do trabalho das autoridades judiciárias. Os artigos ou as cartas não conjugam uma resposta padrão. Contudo, é fácil perceber a precaução de boa parte dos intelectuais que escreveram sobre o júízo dos jurados, alegando que o país ainda não está preparado para o estabelecimento desse

juízo.

É importante salientar que o Ministro da Justiça, Osvaldo Magnasco, tinha preparado os projetos que envolvem a reforma, e em breve os remeteria ao congresso para a apreciação. Assim informa o *LN* no dia 10 de abril de 1899, na seção *Ecos del Día*, com o título *Reforma Judicial*. As discussões em torno da reforma, e dos aspectos que ela envolve, não se deram a partir do referendo de *CM*. Desde o primeiro número há um esforço dos colaboradores locais da revista em defender o juízo por jurados em material criminal. Não obstante, é no editorial de maio de 1899, *La reforma Judicial*, que Ricardo del Campo patrocina uma reforma judicial, e trata desse tema para além dos aspectos do juízo criminal. Nesse texto, ele faz uma defesa enfática do procedimento oral e público, da implantação do juízo por jurados em matéria criminal e de reformas contundentes na legislação processual. Para del Campo, boa parte dos males ocasionados pela criminalidade tem a ver com os “defectos de justicia, el verdadero núcleo del mal. Es necesario, entonces, buscar las causas generales del mal, no ya en las personas, sino en las instituciones y en las leyes”. (p. 196)

Com isso, pretendo demonstrar que a direção e a redação da revista provocam o debate sobre a reforma judicial antes mesmo de ela ser enviada ao congresso e do referendo proposto pela revista. Acredito que tenha sido uma forma de estimular a intelectualidade bonaerense e os formadores de opinião pública a se debruçarem sobre o impacto positivo e/ou negativo de alterações na legislação judiciária. O jornal *LN*, em *La justicia criminal*, responde à *Criminalogía Moderna*:

(...) Ha llegado la oportunidad de instituir el juicio oral y público, la mejor y más preciosa garantía de buena justicia, que hayan alcanzado los progresos de la legislación. Una vez que los hayamos incorporado a la nuestra de una manera estable, habremos dado un paso adelante. Se ha hablado también de crear el juicio por jurados y a su favor ha iniciado una lúcida campaña la revista *Criminalogía Moderna*. Hace días sus redactores nos pedían que La Nación manifestara su opinión sobre el asunto, y hemos querido esperar oportunidad para expresarla. No creemos, sin entrar a examinar las discutibles ventajas del jurado, que estemos todavía habilitados para implantarlo con éxito. En otras esferas que ofrecen muchas dificultades y contingencias tan graves, vamos frecuentemente que no ha llegado nuestro país aún nuestro país al grado de perfección administrativa que el jurado exige para responder a sus fines (...) por ahora bastaría el juicio oral y público. Dado el primer paso, no faltará tiempo para llevar adelante,

paulatinamente, las bases de la legislación. En este sentido se inclinan todas las opiniones más autorizadas. (*LN*, 31 de mayo de 1899, p. 4)

Os temas ligados à Medicina Legal, Loucura e Alienação e Psicologia Criminal representam 13,19% dos artigos publicados na revista. Não por acaso, obviamente, pois o Estado visa o controle e a higienização dos corpos. E a intelectualidade portenha daquele período acredita que estudar o delinquente e o louco-delinquente é uma forma de precaver-se diante da avassaladora criminalidade, ou seja, o que de mais moderno a criminologia tem como fim naquele período – compreender os fatores que envolvem o criminoso, criar mecanismos de análise dessa figura através de uma ação medicamentosa nos delinquentes. Afinal, segundo eles, a criminologia moderna deve funcionar como uma clínica social.

Esses três eixos se comunicam à medida que são vários os autores a expressar diferentes perspectivas sobre um ou outro ponto que me fez alocar o artigo em um ou outro eixo temático. Gori, por exemplo, a pedido do juiz criminal Eduardo French, realiza a perícia médico-legal sobre o processado Juan B. Paso, procurando as causas físiopsíquicas que leva Paso a assassinar Fernando Ramayon. O laudo pericial é publicado nos números 20 e 21 de *CM*. Os dois textos demonstram a habilidade de Gori com os aspectos atinentes à perícia médico-legal, e identifica-os como as causas psiquiátricas que coadunam com a perícia criminal.

Entretanto, é José Ingenieros que se destaca na elaboração das temáticas ligadas à área médica. Naquela altura, Ingenieros ainda não era um dos grandes intelectuais argentinos do século XX, mas um estudante de Medicina da *Facultad de Ciencias Médicas de la UBA*.

Os primeiros escritos do médico argentino para a *CM* compilam os temas da relação entre a literatura e a delinquência, além das numerosas resenhas bibliográficas, de livros e revistas, que ele escreve para a revista. Ainda assim, ao se aproximar da conclusão do curso de Medicina, em junho de 1900, Ingenieros passa a escrever densos artigos sobre a loucura. Esse tema, inclusive, é o ponto de partida para o primeiro livro publicado por ele, *Dos Páginas de Psiquiatria Criminal*, divulgado na *CM* com os comentários de Antonio Monteavaro (1900, nº 20). De acordo com Monteavaro, a grande

preocupação do autor é delinear e definir os critérios metodológicos e positivos para estudar os alienados (loucos) delinquentes. Ele afirma que o livro de Ingenieros analisa os três locais onde abrigam os loucos e os loucos-delinquentes: enfermarias das penitenciárias, manicômios criminais e manicômios comuns. O autor do artigo informa que a segunda parte do livro de Ingenieros traz uma seção especial para os *Alienados Delincuentes en el Hospicio de las Mercedes de Buenos Aires*. Essa seção especial do livro de Ingenieros é integralmente publicada nos números 17 e 18 da *CM*, de março e abril de 1900.

Ainda assim, as bases do estudo do autor sobre a relação entre loucura e criminalidade estão criteriosamente definidas no ensaio, *Criterios generales que orientaran los estudios de los locos delincuentes*:

Como trataremos de ponerlo en evidencia, está aún por escribirse este largo e importante capítulo de la ciencia positiva, destinado a ejercer en el porvenir una notable influencia sobre los criterios fundamentales del derecho penal y de la psiquiatría, de la medicina legal y de la antropología criminal (...) Pero a nuestro objetivo del momento basta señalar que la locura y la criminalidad tienen su ubicación en el ramillete morboso de las anomalías degenerativas." (INGENIEROS, 1900, n. 16, p. 486-487)

E o autor do texto vocifera contra as leis e os juristas que negam os critérios científicos, as tendências da nova criminologia e acusam as interpretações da nova corrente de defenderem os criminosos, quando, na verdade, Ingenieros esclarece que a substituição do critério de defesa social (escola positiva) pelo da responsabilidade (escola clássica) direciona ao tratamento dos delinquentes – cada indivíduo será tratado de acordo com o temor que sua anomalia indica. Nesse sentido, não é ousadia afirmar que a *CM* foi o espaço intelectual onde Ingenieros propaga seus estudos iniciais de uma de suas mais importantes contribuições para psiquiatria argentina – a loucura.

O chefe da oficina de Estatísticas e Identificação antropométrica da polícia da Província de Buenos Aires, Juan Vucetich (1850-1925)<sup>151</sup>, acompanha Gori

<sup>151</sup> Segundo o professor Anitua, Juan Vucetich foi “inmigrado de lo que hoy es Croacia que hiciera carrera dentro de la policía de la provincia de Buenos Aires y alcanzara reconocimiento internacional por la sistematización del método dactiloscópico, o de identificación en base a las huellas dactilares (...). Vucetich logró en cinco años hacerse con más de un millón de fichas distintas de habitantes de la provincia de Buenos Aires gracias el fuerte apoyo de las autoridades argentinas, las primeras en adoptar este sistema primero para los delincuentes, luego para los

nas visitas a penitenciária de Sierra Chica<sup>152</sup>, e é o responsável por contribuir não só com as impressões do italiano, como também com as fotos tiradas durante a visita. A figura de Vucetich é conhecida por ter revolucionado o sistema de identificação antropométrica através do conjunto dactiloscópico criado por ele. Além disso, ele publica na seção de *Estadística Criminal* da *CM* um “*Resumen Trimestral de Estadística: especial para Criminología Moderna*”:

Hemos confiado esta parte delicadísima de la estadística a nuestro distinguido colaborador, el Sr. Juan Vucetich, cuya competencia en la materia es por todos conocida, quien de vez en cuando irá expresamente agrupando en clases especiales, que pueden ser de interés para los estudios de que se ocupa nuestra revista, todo el movimiento estadístico de la criminalidad en la Provincia de Buenos Aires, no sola, de toda la Argentina, en la cual esa clase de servicios públicos sea hábil y sistemáticamente activado y dirigido, bajo la inteligente dirección de nuestro colaborador, señor Vucetich. Esta vez publicamos sin determinadas deducciones, esos cuadros llenos de números, de los cuales, sin embargo, emanan, con elocuencia matemática, demostraciones, argumentos, indicios sobre ese doloroso fenómeno de la delincuencia, como hecho sociológico, puesto en relación con las probables influencias de raza, profesión, condición y hasta de las fluctuaciones cósmicas que, particularmente en un ambiente atmosférico tan variable como el de la Argentina, tienen una importancia muy característica. (REDACCIÓN, 1899, p. 245)

Víctor Arreguine é outro grande colaborador da revista, um uruguaio que se muda para Buenos Aires em 1892, com 29 anos de idade. Professor, historiador e escritor que se consagra, naquele período positivista, tanto pela vasta obra literária e historiográfica quanto pelos artigos publicados. Um intelectual que escreve 5,49% dos artigos da revista, pulverizando seus escritos

---

inmigrantes, tras ellos los funcionarios públicos y los que realizaban el servicio militar y, finalmente, para toda la población masculina (...). Para ello trabajaría aunado a otras “invenciones” del momento primero el “Registro de Ladrones Conocidos”, en 1884 el “Registro de Vecindad”, en 1889 el sistema de Bertillon que en 1903 asumiría el “Sistema de Identificación Dactiloscópico” ideado por Vucetich, el “prontuario” en 1905, y luego la cédula de identidad” en 1906” (ANITUA, 2005, p. 208-209).

<sup>152</sup> O trabalho de Gori na penitenciária de Sierra Chica é abordado no subcapítulo 3.3. deste trabalho. É importante sublinhar que as fotos foram realizadas por Vucetich, conforme indica Gori na página 178 de *Criminología Moderna* (nº 6, abril de 1899): “El Sr. Vucetich empieza por fotografiar el blanco *girono* de las penas, mientras se desencadena en la atmosfera, como sobre las *bolgia* dantescas, un violento huracán”. Ainda assim, não excluo a possibilidade de Vucetich ter utilizado esse material no departamento de polícia de Buenos Aires. E, por fim, afirmo que não há um fotógrafo ou um desenhista da revista – essa informação não foi disponibilizada nas páginas da *CM*.

em diversas temáticas. Há vários textos interessantes do uruguaio, mas, por ora, dou ênfase ao ensaio, *La matanza de los de indios en el Chaco*, estampado na *CM* de março de 1899. O texto traz um conceito bastante utilizado como instrumento de dominação no século XIX, a questão da raça<sup>153</sup>. Apesar dele estar contra o extermínio dos índios do Chaco e, paralelamente, defender o processo civilizatório na acepção positivista. Nesse sentido, Arreguine protesta:

¿Habremos de exterminarlos como si fueran animales feroces, sin peligros, impunemente, y alzándonos contra los sentimientos altruistas? Si eso se hiciera, descenderíamos por debajo del indio y consagraríamos definitivamente la superioridad y el derecho de los que disponen de armas perfeccionadas y carecen de escrúpulos morales. (marzo de 1899, p. 138)

Miguel Ángel Lancelotti é outro imigrante italiano (nascido em 1872), intelectual que escreve para a revista antes mesmo de ter obtido o título de doutor em Jurisprudência, em 1903, na faculdade de Direito da *UBA*. Ele assume a direção da seção *Guía del Estudiante*, substituindo “Bruno”, e apresenta, por exemplo, a resenha bibliográfica de Raffaele Garofalo, e publica importantes ensaios que versam sobre temáticas da sociologia criminal, suprimindo uma outra lacuna da revista – os delitos ligados à propriedade. A partir do número 13 e 14 da revista, ele se torna o secretário de redação e Ricardo del Campo assume o posto de redator chefe da *Criminalología Moderna*.

**Tabela 3.** Tabela de autores da *Criminalología Moderna*.

AUTORES	ANO 1 (1898)	ANO 2 (1899)	ANO 3 (1900)	ANO 4 (1901)	Total	%
GORI, PEDRO	1	12	5	1	19	11,59%
CAMPO, Ricardo del	3	11	0	0	14	8,54%
INGENIEROS, José	0	5	4	1	10	6,10%
ARREGUINE, Victor	1	7	0	1	9	5,49%
BRUNO	2	4	0	0	6	3,66%
LANCELOTTI, Miguel A.	0	2	4	0	6	3,66%
MALAGARRIGA, Carlos	0	5	1	0	6	3,66%
RIVA, Arturo	3	3	0	0	6	3,66%

<sup>153</sup> Na revista há alguns artigos que estabeleceram a relação entre o indígena e o crime. Essa relação foi tratada no artigo de Pedro Gori, *La agonía del bandolerismo* (1899, nº 3), no artigo de Victor Arreguine, *La matanza de los indios en el Chaco* (1899, nº 5), no terceiro artigo de Gori sobre a visita a penitenciária de Sierra Chica, *III – Los Penados* (1899, nº 8) e o artigo do criminólogo australiano Charles Alderman, *Escuela y Criminalidad* (1900, nº 16).

BUSTAMANTE, N. Rodriguez	1	3	1	0	5	3,05%
DOMINGUEZ, José	0	3	1	0	4	2,44%
VUCETICH, Juan	0	2	2	0	4	2,44%
AGUIRRE, Julian L.	1	1	1	0	3	1,83%
CARLÉS, Manuel	1	2	0	0	3	1,83%
HAMON, A.	0	3	0	0	3	1,83%
VIAZZI, Pio	0	3	0	0	3	1,83%
ALBASIO, Luis H. Mateo Gilberti	1	1	0	0	2	1,22%
ALDAO, Adolfo	0	2	0	0	2	1,22%
ALDERMAN, Charles	0	1	1	0	2	1,22%
ARGERICH, Jorge.	0	0	1	1	2	1,22%
BARRENECHEA, Evaristo	0	0	1	1	2	1,22%
CAMPO, C. del.	0	1	1	0	2	1,22%
COLAJANNI, Napoleón	0	1	1	0	2	1,22%
FERRERO, Guillermo.	1	1	0	0	2	1,22%
FLORIANI, A.	0	0	2	0	2	1,22%
GALLEGOS, Servando A.	0	2	0	0	2	1,22%
LARROQUE, A. M	0	1	0	1	2	1,22%
LOMBROSO, Cesare	1	1	0	0	2	1,22%
MERCANTI, V.	0	1	1	0	2	1,22%
SIGHELE, Scipio	0	2	0	0	2	1,22%
SITTONI, G.	0	1	1	0	2	1,22%
X. Augusto de	0	0	2	0	2	1,22%
ZERBOGLIO, Adolfo	1	1	0	0	2	1,22%
ASTIGUERA, Francisco B	0	0	1	0	1	0,61%
BERNARD, Dr. L.	1	0	0	0	1	0,61%
CARRERAS, J. Alba	0	0	1	0	1	0,61%
CASTRO, E	0	0	1	0	1	0,61%
CHERUBINI, C.	1	0	0	0	1	0,61%
COUSTAU, Juan	0	0	1	0	1	0,61%
CURIOSO	1	0	0	0	1	0,61%
DELLEPIANE, Antonio	0	1	0	0	1	0,61%
DEMARÍA, Cristian	0	1	0	0	1	0,61%
FERRIANI, Lino	0	1	0	0	1	0,61%
FIGARI, Pedro	0	1	0	0	1	0,61%
GACITUA, Carlos Moyano	0	0	1	0	1	0,61%
GIRIBALDI, A.	0	0	1	0	1	0,61%
GRANDIS, Valentin	0	0	1	0	1	0,61%
LAFINUR, Luis Melian	0	1	0	0	1	0,61%
MARIA, Domingo P.	0	1	0	0	1	0,61%
MARTINEZ, Juan Angel	0	0	1	0	1	0,61%
MERCANTI, Ferruccio	0	1	0	0	1	0,61%
MONTEAVARO, Antonio	0	0	1	0	1	0,61%

MORAES, Evaristo de	0	0	1	0	1	0,61%
MORENO, Martín Ruiz	0	1	0	0	1	0,61%
OTTOLENGUI, S.	0	1	0	0	1	0,61%
PIÑERO, Osvaldo	1	0	0	0	1	0,61%
PODESTÁ, Manuel T.	0	1	0	0	1	0,61%
QUESADA, Ernesto	0	0	0	1	1	0,61%
RICCI, G. P.	0	0	1	0	1	0,61%
SETTER, James	0	1	0	0	1	0,61%
STEEVENS, C.	0	1	0	0	1	0,61%
URIEN, C. M.	0	1	0	0	1	0,61%
Total	21	95	41	7	164	100%

Fonte: Revista *Criminalogía Moderna*, 1898 a 1901 (n. 1-21)

Ricardo del Campo, depois de Gori, é o autor que mais escreve na revista. Ele realiza uma trajetória central na construção, divulgação e consolidação do empreendimento. Encontrei pouquíssimas informações<sup>154</sup> sobre del Campo até o presente momento, a despeito de seu legado na revista com a publicação de 8,54% dos artigos e com a assinatura de múltiplos informes e homenagens ao longo dos vinte e um números. A lista de escritórios de advocacia publicada ao final de cada número me permite afirmar que ele também foi advogado. Na *CM*, foi, primeiro, secretário de redação e depois redator chefe. Certamente, sua presença não pode ser menosprezada diante da escassez de informações. Ele é fundamental na propagação das ideias positivas-criminológicas, às vezes apresentando uma visão personalíssima do desenvolvimento das teorias criminológicas na Argentina.

A edição de comemoração do aniversário de um ano da revista é uma publicação chave pelo tamanho, qualidade e quantidade de publicações. Em novembro-dezembro de 1899, é publicada a *CM* nº 13 e 14, a primeira edição extraordinária, com 63 páginas. Lombroso tem um ensaio nesse número, *El juego entre los criminales y entre los salvajes* – o pai da criminologia, uma grande referência para os autores da revista, porém contribui com apenas dois artigos na *CM*<sup>155</sup>. Entretanto, o fato não diminui a presença do artigo e o surgimento de

<sup>154</sup> A única fonte biográfica que encontrei de Ricardo del Campo menciona que ele foi um dos candidatos a Deputado Federal na legislatura de 1914, e filiado ao Partido Nacionalista. Informação disponível em: <<http://www.acciontv.com.ar/soca/politica/socialista/2.htm#>>. Acesso em 20 de nov. de 2015.

<sup>155</sup> A revista nos informa que os artigos de Lombroso são especiais e exclusivos para a *Criminalogía Moderna*. Todavia, estou atento ao fato de que era comum a reprodução de artigos de outros periódicos europeus. A revista pode vender a ideia de exclusividade com o intuito de

novas seções, como os *Estudios Grafológicos* assinado por Adolfo Aladao. Essa edição está recheada com os textos de Lancellotti, Ingenieros, Arreguine, del Campo, Gori, Dellepiane e outros. Esse é um número que representa a confraternização entre os companheiros de trabalho intelectual.

**Figura 24.** Imagem dos colaboradores da *CM*.



Fonte: Revista *Criminalogía Moderna*, número 13 e 14 de novembro-dezembro de 1899.

*Nuestra Obra* é o editorial dessa edição especial. O texto agradece a todos os autores que têm colaborado, intelectual e coletivamente, com a publicação no periódico. Estes são os que se propõem a colaborar com a ciência e a sociedade argentina. Segundo o editorial, a ação dos colaboradores de *CM* permiti que a revista represente um marco na região sul americana dentre as publicações periódicas do pensamento moderno<sup>156</sup>. Afirmam, portanto, que os

destacar o diálogo com as grandes personalidades do “mundo civilizado”.

<sup>156</sup> Essa percepção pode ser uma forma de autopromoção da revista. É difícil mensurar o real alcance do empreendimento de Gori. Ele precisava promover a *CM* para vender. Porém, a edição de número 16 estabelece os preços para assinatura da revista, e a cobrança para assinantes do exterior pode ser um indicativo para o seu alcance fora da Argentina. Os preços para a Capital e La Plata eram 3,50 pesos (trimestral), 6,00 pesos (semestral) e 12.000 pesos (anual); os preços para o interior eram 4,50 pesos (trimestral), 8,00 pesos (semestral) e 15.000 pesos (anual); os preços para o exterior eram 2.40 pesos ouro (trimestral), 4,50 pesos ouro (semestral) e 8,50 pesos ouro (anual) – todos os valores descritos são praticados para pagamentos antecipados. A venda de um número solto custava 1,50 pesos e de um número já publicado custava 2,00 pesos. A coleção do primeiro ano da revista era 20,000 pesos. E há uma

argumentos estão fundamentados nas doutrinas e nas circunstâncias relativas à prática jurídica nacional no que diz respeito ao delito e as penas, investigando-os com os métodos positivos.

As análises publicadas pelos companheiros de trabalho intelectual fornecem possibilidades de combate à criminalidade. Alegam o árduo trabalho de propagar os métodos positivos da criminologia, e por isso entendem que é necessário ser paciente com os intelectuais ignorantes que têm medo das engenhosas novidades teóricas. “Guerra al delito! Repetimos con renovada fe (...) con la cual empeñamos la primera batalla (...) un doble ideal, contribuir (...) al estudio de la clínica del delito, (...) y eliminar (...) los elementos criminógenos” (p. 381). Finalizam o artigo afirmando que a nova escola argentina de criminologia positiva trabalha na revista em cooperação com os professores internacionais e nacionais<sup>157</sup>, e recebendo os trabalhos das inteligências jovens que querem estudar e ajudar no desenvolvimento da ciência criminal. O jornal *LN* anuncia o aniversário da revista:

Con un excelente número extraordinario de sesenta páginas, ha señalado la revista *Criminalogía Moderna* el primer aniversario de su fundación. Conocido el grupo de colaboradores con que cuenta la revista, es excusado decir que el número a que nos referimos se halla formado en su totalidad de valiosos materiales inéditos suscriptos por las firmas más autorizadas. Entre los del exterior figuran Lombroso, Figari; entre los del país Gori, Malagarriga, Aldao, del Campo, Dellepiane, etc. En conjunto el número es un testimonio bien elocuente del éxito alcanzado por *Criminalogía Moderna* en su primer año de vida, éxito que demuestra, contra la opinión general, que hay ambiente entre nosotros para publicaciones puramente científicas, siempre que sepan mantenerse a la altura que éxito un programa de esa índole. La revista trae el retrato de los autores que han colaborado en este número. (*LN*, 4 de diciembre de 1899, Bibliografía).

Antonio Dellepiane é um nome que me chama atenção pelas entrelinhas do artigo que ele publica nessa edição especial. Além disso, o fato de ele ter publicado esse único artigo na revista, e paradoxalmente ter uma opinião menos apaixonada em defesa das ciências sociais e da sociologia criminal.

---

nota a indicar que os assinantes anuais tinham direito às publicações extraordinárias da revista. Além disso, os últimos números da *CM* evidenciam a publicidade nas páginas finais de cada edição.

<sup>157</sup> Outra ideia corrente para valorizar o periódico.

Consequentemente, a opinião de Dellepiane é alicerçada na premissa de estudar as sociedades por meio do método histórico, “sobre todo porque pone en relieve la acción constante de algunas fuerzas sociales como es la raza, a través de todas las vicisitudes del Pueblo considerado” (p. 397), e defende o método dedutivo e experimental para as investigações sobre a atmosfera moral da sociedade. Inclusive, a sua trajetória biográfica descreve o fato de ele ter sido professor da faculdade de Direito e Ciências Sociais da *UBA* (conclui o curso de Direito nessa faculdade em 1892); organiza, em 1898, o primeiro curso de Sociologia da *UBA* e foi diretor do Museu de História Nacional de Buenos Aires. Em 1899, ele se destaca no círculo intelectual argentino e pode ter se relacionado com Pietro Gori a partir do que eles têm em comum: as ciências sociais e a sociologia criminal como lema intelectual.

Em sua tese de doutorado, *El positivismo italiano en la Argentina*, a professora Giuditta Creazzo (2007) realiza um excelente trabalho a mostrar a influência e repercussão do positivismo gestado na Itália e enaltecido por diversos intelectuais argentinos. Ela dedica um capítulo da tese à problematização da *Criminalogía Moderna*. No primeiro eixo, ela contextualiza o engajamento da revista na luta da ciência contra a criminalidade, diz que a empresa de Gori se afirma “como la primera revista que propone un estudio científico del delincuente” (pg. 97); em seguida, apresenta ao leitor uma pequena resenha da trajetória do fundador do periódico, elenca os nomes de pesos que figuram como colaboradores da revista e traz uma informação essencial ao sentenciar que a *CM* é a primeira publicação periódica especializada no âmbito criminal. No segundo eixo, a autora apresenta algumas seções que do periódico, argumenta que a guerra ao delito anunciada pelo editorial da revista revela um certo otimismo ingênuo diante das novas possibilidades que oxigenavam a discussão positiva e criminológica do país. E o terceiro eixo do capítulo realça a influência das questões de psiquiatria criminal nas análises criminológicas de fim do século.

O capítulo da autora tece considerações que me ajudam a sanar determinadas dúvidas e a propor uma análise da revista mais consequente que as discussões realizadas pela autora. Ela objetiva alguns debates que foram realizados na revista, porém escolhe, aleatoriamente, algumas perspectivas de investigação. A professora de Bolonha comenta que boa parte das análises

antropológicas publicadas em alguns artigos da *CM* têm base em dados processuais e em dados obtidos da crônica judicial argentina. Entretanto, ela se esquece de mencionar que esse tipo de versão não é predominante na revista. A visita e o estudo de Gori na *Penitenciária de Sierra Chica*, as contribuições de Ingenieros, Vucetich e de outros servem para madurar e aumentar em número e em qualidade as seções de *CM*.

Não obstante, acredito que a revista é passível de ser condenada de ingenuidade se julgarmos que a primeira iniciativa periódica sobre a doutrina criminológica na América Latina deveria ser a mais consistente publicação. Pelo contrário, a aparente ingenuidade dos fundadores e colaboradores da revista tem a ver com o escasso número de instituições<sup>158</sup> que pensavam e trabalhavam, exclusivamente, para a criminologia. A *CM* é uma liderança que resplandece e provoca o círculo intelectual portenho, argentino e sul-americano do entre-séculos. Não é insignificante o número de colaboradores de países da América do Sul. É através da revista que surge um dos grandes nomes da intelectualidade argentina, José Ingenieros, que depois do retorno de Gori para a terra natal, cria outra revista na área criminológica, continuando os passos do anarquista, e, posteriormente, funda, em 1907, o Instituto de Criminologia em Buenos Aires.

### 3.3. – PIETRO GORI NA *CRIMINALOGÍA MODERNA*

O fundador e diretor responsável pelo empreendimento científico é o autor que mais publica na revista, somando 11,59% do total de publicações. Para além de anarquista e dramaturgo, ele procura imprimir o trabalho intelectual ao garantir a sustentabilidade e o sucesso do projeto por meio de assinaturas, de publicidade, da participação de nomes ilustres do pensamento criminológico argentino, e de ter a sua identidade libertária significada pelo discurso positivista e criminológico, que ele busca realçar em seus ensaios sempre com ênfase no fator social a influenciar na formação do delinquente. A capacidade de envolver o público com a palavra oral é notadamente conflagrada em seus escritos. São

---

<sup>158</sup> Até 1907 não houve a criação de uma instituição com a finalidade de estimular e impulsionar a doutrina criminológica. Mas, de alguma forma, ocorreu a pulverização das ideias criminológicas em determinadas instituições, pois vários dos intelectuais que escreveram para a *CM* eram funcionários de instituições do Estado, como, por exemplo, o Judiciário, a Polícia, a Universidade e outras.

textos que têm a capacidade de envolver o leitor, alguns quase panfletários, porém, numa maior ou menor medida, os escritos de Gori na *CM* nos ajudam a perceber o que há de cientista no italiano<sup>159</sup>.

O primeiro texto publicado, *Delitos contra la Libertad: a propósito de la conferencia de Roma* (nº2, 1898), ele faz uma defesa enfática da liberdade como um direito individual conquistado pela luta coletiva dos povos. A defesa social, para Gori, é o patrimônio intangível que deve ser resguardado pela sociedade. “El ciudadano violador pasa del orden de las garantías constitucionales a la jurisdicción del Código Penal” (p. 39). Assim, ele distingue a visão da escola clássica e positivista para demonstrar como os professores de direito penal e constitucional, do velho e do novo mundo, atribuem a responsabilidade criminal ao indivíduo que possa vir a cometer um crime e turbar a ordem social.

O direito internacional, segundo alguns doutos nessa vertente do direito, destaca que o delito político é aquele que é cometido por razões políticas, que pode ser apenado pela ordem jurídica do território onde se comete o crime. Isso, entretanto, não obriga moral ou juridicamente a repressão ou extradição por parte dos governos onde se refugia os réus políticos, justamente pelo fato de um governo republicano não ter a obrigatoriedade de perseguir um delito político. (GORI, 1898)

Para Gori, os fatos considerados crimes por um governo monárquico, despótico, absolutista, podem ser perfeitamente lícitos para um governo constitucional e republicano. Na esteira desses argumentos, ele critica a *Conferência Internacional de Roma para a Defesa Social contra os Anarquistas*, realizada entre os meses de novembro e dezembro de 1898, promovida a partir do atentado cometido pelo anarquista Luigi Lucheni contra a Imperatriz de Baviera<sup>160</sup>. Essa conferência congrega diversos países que definem os critérios de segurança contra os anarquistas. Gori, por outro lado, acusa as diferentes nações que violam as regras constitucionais internas ao se utilizarem de princípios e sistemas de governos estranhos ao regime constitucional de cada país, “y claudicando después de un siglo de la declaración de los derechos del

<sup>159</sup> Não vou exaurir todos os textos publicados por Gori na revista. O propósito é apresentar as principais ideias e posicionamentos do autor. Percorro boa parte dos ensaios publicados ao longo do período de vida de seu empreendimento intelectual.

<sup>160</sup> O episódio é abordado pela edição número 1 da *CM*. O texto *El Regicidio en Ginebra* (nº 1, 1898, p. 11-13) é assinado com o título do periódico.

hombre, el más sagrado de los derechos, el derecho de asilo que en las más siniestras épocas de la tiranía medioeval, fue (...) respetado y defendido” (GORI, 1898, p. 41). Para mim, esse texto também é uma peça de autodefesa de Pietro Gori, da mesma forma que *La anarquía ante los tribunales*.

*La agonía del bandolerismo* é o terceiro texto do nosso personagem (nº 3, 1900). É quase uma crônica em que ele compartilha observações e informações inéditas que foram ditas por seu pai (militar superior de artilharia da Itália) sobre a campanha de repressão ao bandoleirismo, um crime coletivo comum nas regiões napolitanas ao redor dos anos de 1860. Segundo Gori, o bandoleirismo é a primeira atividade coletiva entre as pessoas que se guiam “en un doble instinto fundamental: de conservación y de asociación” (p. 72). Embora essa atividade seja condenada pelo autor, ele defende a análise do ato coletivo por intermédio de uma perspectiva sociológica:

Que las formas de lucha por la vida han cambiado radicalmente a través de los tiempos, y así como a la guerra, que es una expresión internacional del delito de violencia, vino sustituyéndose poco a poco la astucia y quizá el engaño de las cancillerías en el conflicto de los intereses entre pueblo y pueblo – así también en el campo antijurídico del delito común, a los actos de espoliación y de sangre que unían primitivamente el asesinato y el robó casi siempre en un mismo acto, se sucedieron gradualmente la espoliación y las raterías” (GORI, 1900, p. 74)

Para Gori, a república argentina é o melhor exemplo de como essas mudanças afetam o país. Basta consultar as estatísticas criminais da província de Buenos Aires e analisar os resultados de como a delinquência tem se transformado – diminuindo os delitos cometidos com violência e aumentando os crimes em que a arma é o engano proporcionado pelas fraudes, frequentemente cometidas por pessoas de classes privilegiadas.

Um informe assinado pela redação de *CM*, *En viaje de estudio* (nº 4, 1899), compartilha com os leitores o fato de a empresa de Gori vir a se constituir com um papel vital na formação das novas disciplinas penais argentinas, sem que se configure um mero reflexo das teorias europeias, mas que colabora na confluência entre os professores, estudiosos locais e os saudosos pensadores estrangeiros. Todavia, o informe se queixa dos poucos elementos de estudo que oferecem as instituições argentinas que cuidam dos aspectos criminológicos.

Para cumprir essas lacunas, o texto diz que algumas investigações de campo são realizadas pelos esforços materiais da revista, financiando, por exemplo, a viagem que Gori está a realizar naquele momento, com o objetivo de estudar as colônias penitenciárias do sul do país. “Así, pues, el sacrificio que representa el largo y dispendioso viaje hasta las inhospitalarias regiones fueguinas, emprendido al solo efecto indicado; tendrá su ventajosa compensación, dada la vasta preparación del Dr. Gori”. (p. 120)

Os *Estudios Carcelarios*, escritos por Gori, é uma seção da revista, com publicações do número 6 ao 9 de *CM*. As impressões do pensador siciliano estão previstas nos quatro ensaios em que ele relata a sua visita à *Penitenciaría de Sierra Chica*, na provincia de Buenos Aires. O primeiro ensaio trata da penitenciária, o segundo sobre os trabalhos realizados, pelos condenados, na penitenciária, e o terceiro e o quarto a respeito dos presos. E já na primeira página ele – “un amigo sincero y huésped agradecido de la Argentina, voy acumulando en mi *álbum* de observador y estudioso de sociología, particularmente en lo que atañe la criminología” (1899, p. 176) – declara que encontrou alguns vestígios e levantou dados que podem ser uteis aos intelectuais, chamando o “pensamiento científico dese joven país” a aprofundar as discussões em torno da criminologia.

**Figura 25.** Foto da *Penitenciaría de Sierra Chica*.



Fonte: Revista *Criminalogía Moderna*, n. 6, abril de 1899.

Ele afirma ter realizado uma jornada às casas e colônias penais

argentinas sob o pretexto de conhecer o sistema carcerário do país, e as pessoas que sofrem e vivem e padecem no cárcere. A sua análise é descritiva, partindo das anotações tomadas no campo de investigação estudado, dialogando com o diretor do presídio, buscando nos documentos institucionais e interrogando os delinquentes presos. Ele conta desde a origem da penitenciária, fundada em 3 de novembro de 1882, até o atual estado do presídio, sentenciando a sua tarefa em investigar a situação “carcerária-antropológica” da penitenciária.

No ensaio da *CM* número 6, ele faz um relato sobre o presídio e alguns rituais que ocorrem semanalmente. Miguel Costa, o diretor da penitenciária, contava aos visitantes Gori e Vucetich a história da *Sierra Chica*, dos abusos e crueldades que havia em outro tempo. O diretor convida-os a assistir a missa. E o criminólogo-anarquista conta que o sermão se sucede com a pronúncia de um espanhol imprudente, tendo em vista o sotaque italiano do padre; e, além disso, afirma que a verbosidade aborda dos pecados que dominam o pensamento, das suposições que provocam maldades, da falta de sinceridade com o outro – para Gori, um discurso propício para ser entoado num “auditorio de honestas comadres, y que me hizo pensar, con melancolía, que en la vorágine obscura de muchos de estos espíritus, en que quizá palpitaban aún pensamientos de estragos y de sangre, era pueril hablar así” (p. 180). Com efeito, ele também reflete sobre a habitualidade da missa que ocorre todas as quintas-feiras e não cumpre o propósito de salvar as almas já condenadas em vida, “entre aquella gente muerta y que espectralmente vive” (p. 180). E ele conclui o final do primeiro ensaio, diante do relato do diretor do presídio, afirmando que o governo deve se comprometer em investir na penitenciária com o que há de mais moderno disponível cientificamente. Para Gori é difícil imaginar o motivo da falta de recursos a *Sierra Chica*, o mais importante estabelecimento da grande Buenos Aires, e que pode ser um espaço propício à criação de um instituto que desenvolva a moderna criminologia na penitenciária.

O artigo do diretor da revista para edição número 7 discorre sobre os trabalhos realizados no presídio. Ele faz uma defesa enfática da forma como o trabalho pode vir a significar na vida do preso e do presídio, sentenciando que os defensores da antropologia criminal ainda são céticos com relação ao poder de reabilitar o criminoso por uma espécie de “ortopedia moral” (p. 205). Gori rememora a viagem ao reformatório de Elmira no período em que ele viveu nos

Estados Unidos, e expõe a sua surpresa com um jovem recluso acusado de estupro, que encontrou no trabalho o seu consolo, uma forma de felicidade e “me hizo más creyente aún en la virtud pasmosa del trabajo aún en las disciplinas penales; porque si en la vida de los honestos es una necesidad, en la de los condenados es una dulzura” (p. 206). Para além da utilidade moral do trabalho nas penitenciárias, há a utilidade material que o trabalho dos condenados pode aportar aos recursos públicos, viabilizando uma economia na manutenção do presídio. Ao visitar a colônia da penitenciária, ele se recorda das visitas que ele tinha realizado nos outros países: “una sensación de alivio en comparación de la pesadilla que, como hombre y como estudioso de las disciplinas penales, he sufrido siempre al visitar las casas de reclusión” (p. 211). E finaliza o artigo afirmando que, em comparação com as penitenciárias da Europa e dos Estados Unidos, a de *Sierra Chica* é um exemplo dos esforços empreendidos por aqueles que acreditam na existência e na reformulação dessa instituição, ainda que o Estado seja omissos nos investimentos e na elaboração de uma política carcerária.

**Figura 26.** Os trabalhos na *Penitenciária de Sierra Chica*



Fonte: Revista *Criminalogía Moderna*, n. 7, mayo de 1899.

A imagem a retratar os trabalhos na penitenciária ilustra a maneira como o criminólogo, que visita as penitenciárias de outros países, procura fortalecer o discurso de um Gori que se utiliza da antropologia criminal, a analisar os

condenados na penitenciária, ainda que sua perspectiva recaia, preponderantemente, na sociologia criminal. Ele está identificado na fotografia, no primeiro plano, e creio que um agente penitenciário e o diretor de *Sierra Chica* a seu lado. Alguns trabalhadores, no segundo plano, a trabalhar, outro na companhia dos bois e o solitário ao fundo. O estudioso entre os condenados a defender a ideia de que o trabalho do delinquente é algo benéfico para o Estado e para o indivíduo encarcerado.

O ensaio do anarquista-criminólogo realizado nos números 8 e 9, de julho e agosto de 1899, aborda os presos com relação aos pressupostos da antropologia criminal, estabelecendo a relação entre os diversos tipos de pena imposta aos vários tipos de criminais. Nesse sentido, Gori diz:

“Si la antropología general enseña que no existe la abstracción del tipo hombre, y sí la realidad positiva de los nombres en la multiforme realidad de razas, sexos, formas y fuerzas físicas, intelectuales y morales, la antropología criminal, á su vez, ha triunfado ya demostrando (aunque sin uniformidad de definiciones y desclasificaciones, que poco importan) que no existe el criminal prototipo, sino las diversas categorías de delincuentes, según el mayor ó menor desarrollo de ciertas cualidades ó facultades, y la mayor ó menor atrofia del sentido moral, ya sea esta debida á las causas congénitas ó á las sociales.” (CM, julio de 1899, p. 228)

Assim, ele propõe uma análise de uma condicionante social que está em quase todos os acusados, conforme ele teve oportunidade de observar em sua experiência profissional: a embriaguez. A luta moralizadora contra o álcool é uma luta contra o delito; a batalha, segundo Gori, que se torna eficaz por meio de uma resolução simples e eficaz – o alimento para o estomago, para o intelecto e para o sentimento. Outra categoria que ele analisa, enquanto percorre a penitenciária a observar os presos, é a tatuagem, e sentencia que “las hipótesis de Lombroso acerca del valor que debe atribuirse á este indicio, no tiene en Sierra Chica una seria comprobación” (p. 233).

A fotografia contribui para que as instituições policiais retratem o delinquente de acordo com os pressupostos de suas convicções. A polícia se beneficia do avanço das técnicas fotográficas que barateia o custo da produção de imagens. Nos anos 60 e 70 do século XIX, Estados Unidos e Europa, e na década de 80, Argentina, se apropriam da fotografia como instrumento a identificar o delinquente. A polícia de Buenos Aires utiliza a reprodução da imagem de um criminoso durante quase dez anos, e em 1889 cria a *Oficina de*

*Identificación Antropométrica*, uma instituição a seguir os passos de Alphonse Bertillon<sup>161</sup>. (FERRARI, 2010)

Nos anos de 1880 a polícia da capital cria a *Galería de ladrones conocidos*, espaço incorporado às delegacias da polícia bonaerense. E com o auxílio da fotografia a instituição procura retratar uma espécie de *álbum* das classes baixas da cidade. Os policiais afirmam que *los ladrones conocidos* não representam os mais perigosos, e sim “una gradación de pequeños delincuentes, desordenados, maldicientes, ebrios, aquellos que precisamente dejaban ver en las calles y eran “conocidos” por la policía gracias generalmente a su torpeza”. (FERRARI, 2010, p. 56). E esse período tem um ponto de viragem com a publicação da *Galería de los ladrones de la Capital*, criada em 1887 e dirigida por José Sixto Álvarez, mais conhecido como Fray Mocho<sup>162</sup>, jornalista vinculado ao departamento de pesquisas da polícia durante o tempo de existência do periódico que veicula os retratos dos ladrões, com a respectiva descrição da imagem do retratado. (FERRARI, 2010)

Durante os anos de 1890, a representação do criminoso ocorre na *Oficina de Identificación Antropométrica*, e vai além do projeto das fotografias dos *ladrones conocidos* por edificar uma “Galería reservada” (FERRARI, 2010, p. 56). Esse departamento da polícia cria um *álbum* para uso institucional, com fotografias a retratar indivíduos que, segundo eles, são os mais perigosos. De

<sup>161</sup> Alphonse Bertillon (1853-1914) foi um criminólogo francês que criou o primeiro laboratório de identificação dos delinquentes, e inovou na utilização de técnicas que se baseavam na pictografia a partir das medidas do corpo humano (de frente e de perfil). Essa técnica foi alcunhada de sistema bertillon, replicado na Europa e nos Estados Unidos até 1970. Para maiores informações sobre as técnicas de identificação do sistema de Bertillon, consultar o endereço eletrônico: <<http://www.nleomf.org/museum/news/newsletters/online-insider/november-2011/bertillon-system-criminal-identification.html>>. Acesso em 02 de dez. de 2016.

<sup>162</sup> Fray Mocho foi o pseudônimo de José Sixto Álvarez. Nascido em Gualeguaychú, na província de Entre Ríos, em 1858. Estudou em Concepción do Uruguay (Argentina), e nessa cidade iniciou o trabalho como jornalista. Ele foi viver em Buenos Aires aos 21 anos. Seus amigos o chamavam de “Mocho”, posteriormente agregaram o pseudônimo de “Fray”. Ele escreveu em diversos jornais da Argentina. O empreendimento de maior envergadura de Fray Mocho foi como fundador e primeiro diretor da revista *Caras y Caretas*. Nessa revista, ele publicou diversas ilustrações de sujeitos argentinos e estrangeiros. O periódico foi relevante não só por ter um excelente trabalho de editoração, mas também por ter escritores e caricaturistas que souberam comunicar a política, a cultura, a caricatura, a aristocracia e o Estado num só balaio. Além disso, Fray Mocho foi um autor de várias obras literárias. Para consultar a biografia de Mocho acessar o endereço eletrônico: <<http://www.mcnbiografias.com/app-bio/do/show?key=alvarez-jose-sixto>>. Acesso em 02 de dezembro de 2016. Outro trabalho importante sobre essa galeria, ver: ROGERS, Geraldine (Org.). **La galería de ladrones de la Capital de José S. Álvarez, 1880-1887**. La Plata: Universidad Nacional de La Plata, 2009. Disponível em: <<http://bibliotecaorbistertius.fahce.unlp.edu.ar/02.Rogers>>. Acesso em 02 de set. de 2016.

alguma forma, as novas tecnologias fotográficas dão suporte às preocupações da polícia:

(...) el retrato tiene la doble característica de describir al individuo y la a vez inscribirlo en una identidad social. Identidad individual e identidad social son indisolubles en este tipo de imágenes. Probablemente por esa razón la fotografía fue la tecnología más resistida y cuya aplicación más puritos despertó incluso dentro de la propia Policía. Esta capacidad estuvo también en la base de la explosiva demanda de retratos fotográficos, que aún hoy no encuentra sus límites ante cada nueva revolución en las tecnologías o las formas de producción. (FERRARI, 2010, p. 56)

A *CM* não é um periódico policial, tampouco uma galeria a propagar numerosas fotografias de presos, ladrões ou delinquentes. Há alguns artigos em que determinados colaboradores utilizam a imagem do transgressor da ordem – na perspectiva positivista – como meio de análise criminológica de linhagem antropológica. A foto que segue abaixo é retirada por Juan Vucetich durante a visita à *Sierra Chica*. Gori descreve o condenado número 267, nascido em Turim, condenado a oito anos por homicídio, e deixa seu rastro de antropólogo criminal: “tiene una completa asimetría facial y un estrabismo convergente acentuadísimo, orejas asimétricas” (p. 232).

**Figura 27.** Foto do condenado número 267.



Fonte: Revista *Criminalogía Moderna*, n. 8, julio de 1899.

Na revista número 9, ele apresenta a última avaliação de sua visita na penitenciária. A influência do fator social do condenado, perseverando sobre as últimas circunstâncias em que se deu seu último delito, confirma o paradigma da antropologia criminal de que é indispensável o estudo físiopsíquico do delinquente como forma de estabelecer uma avaliação crítica e positiva. Para o italiano, a visita a *Sierra Chica* significa um fragmento de psicologia criminal e carcerária a partir de suas anotações no campo de investigação, com o objetivo de contribuir, através de suas impressões, com as mentes que se dedicam ao estudo da delinquência, propagado numa perspectiva moderna, de direção biosociológica, como uma forma de prevenção contra o delito. Ele menciona que pretende publicar outros estudos carcerários na medida em que ele visite outras penitenciárias argentinas, porém não há nenhum outro artigo dedicado aos estudos carcerários.

*Recuerdos Forenses* é outra seção de autoria do italiano. Ele se utiliza das reminiscências de advogado com mais de dez anos de trabalho forense exercido em diversos países. Essa seção pretende “deportar una simple contribución testimonial y documentada, más bien que teórica, al interesante debate abierto de estas columnas”. (1899, p. 299). São quatro textos publicados nessa seção.

O primeiro (nº 10) e o segundo (nº11), *Justicia popular y justicia togada*, ele conta como fica admirado com a dinâmica dos magistrados populares durante os anos de atuação profissional; e defende os juízes populares ao dizer que eles têm maior propensão para absolver que para condenar, pois há mais afetividade no brio do jurado se comparado ao juiz profissional, e é de grande valia que a Justiça não se referencie, somente, nos ditames da legislação. Na continuidade do texto publicado na edição de número onze, ele defende que a reforma judicial ocorra a partir de uma perspectiva científica moderna. Nesse sentido, Gori argumenta a favor do Jurado em matéria criminal, que, segundo ele, “esta institución es un verdadero mandato y una garantía constitucional” (1899, p. 321).

O terceiro artigo dessa seção é *Justicia Pública y justicia clandestina* (1899, nº 12). Esse texto surge a partir de uma reflexão que ele fez logo que chega a Argentina, relatando a surpresa de perceber que os debates públicos não são correntes na Justiça Argentina, a despeito do código de processo

criminal prever a publicidade e a oralidade dos atos. O espanto é grande, “tengo presente la exclamación que, ante tal manifestación, se me escapo: Pero esta es una justicia clandestina!”(1899, p. 353). Para ele, o código de processo penal argentino está atrasado e viciado com que existia nas instituições judiciais espanholas; a legislação penal da Argentina é indiferente, por exemplo, ao controle público da Justiça. Sugere a reformulação do processo criminal à luz da legislação de países avançados, e prevê o juízo e a sentença pública, oral e contraditória.

Na edição especial de números 17 e 18 de 1900, Gori publica o último ensaio da seção de lembranças forenses. *Cárcel Preventiva* é a temática que ele problematiza a partir de suas experiências de fora e de dentro da Argentina. O autor destaca que os métodos de investigação Inglês e Norte-Americano evitam que se façam prisões arbitrárias. As prisões preventivas são injustas e fomentam a delinquência nas prisões. Nesse interim, ele relata a visita que realiza nas prisões de Corrientes, Entre Rios e Santa Fé:

Que, en mi peregrinación de estudioso, por las cárceles de la república, advertí que aquí, singularmente el procedimiento de la detención preventiva, determina, especialmente en las provincias, abusos e injusticias de suma gravedad (...) Mientras visitaba la cárcel del Rosario de Santa Fé, un detenido, conociendo el objeto de mi visita, se me acercó diciéndome: me hallo acusado por el robo de una oveja y siendo inocente he negado hasta ahora. Pero hace dos años que espero la sentencia y estoy dispuesto a decir que la he robado, aun cuando no sea cierto, para que me condenen de una vez, pues será siempre menos de la que ya he sufrido preventivamente y este demás lo regalo a la conciencia del juez. (GORI, 1900, p. 522-523).

O ensaio, *Pro y contra el verdugo* (1900, nº 19), é a provocação do autor mais combativa e original, ou, também, pode ser entendida como uma tomada de posição em que o humanista se sobressai ao intelectual. Ele se posiciona radicalmente contra a pena de morte<sup>163</sup>, e procura confrontar o posicionamento dos estudantes de Direito da UBA. Assim, o autor faz uma análise dos métodos de sociabilidade dos “primitivos antropófagos”, discorre sobre a evolução da sociedade no que diz respeito aos documentos jurídicos que instrumentalizam a

<sup>163</sup> CM publica o texto, *La pena de muerte*, na edição de número 17 e 18 (1900). O texto é assinado pela direção e redação da revista, que se posicionam contrárias à pena de morte.

tortura – com ênfase nos pensadores ingleses que desenvolveram as teorias de repressão penal –, em seguida declara que França, Alemanha e Inglaterra já tinham suprimido quase todas as leis corporais, como, por exemplo, a pena de morte, e comenta que Cesare Beccaria e Francesco Carrara<sup>164</sup> eram terminantemente contra a pena de morte. Gori faz um apelo aos legisladores argentinos para que considerem a inviolabilidade da vida, e problematiza o posicionamento dos estudantes da Faculdade de Direito da *UBA*:

(...) y aquí, frente a un núcleo imponente de publicistas, literatos y hombres de corazón y cultura - se ha levantado como un paladín del homicidio legal, la juventud estudiosa de la facultad de derecho de esta capital. El fenómeno es, sin duda alguna, singular - y por más respeto que se pueda tener a las opiniones ajenas, si tiene el derecho de preguntar a estos jóvenes, si ellos defienden la pena de muerte en nombre de la doctrina penal clásica o de la positiva. (GORI, 1900, p. 567)

Ele procura compreender o entendimento dos estudantes que justificam a pena de morte por acreditarem que a punição proporciona o *freno moral*. Entretanto, ele critica não só a ausência de uma perspectiva teórica na defesa da pena de morte pelos estudantes de Direito, mas também a crueldade desnecessária de tutela jurídica da pena de morte. Julgo que esse texto realça o caráter humanista de Pietro Gori. E ainda que exista numerosas contradições entre o anarquista, o artista e o intelectual positivista-criminólogo, não podemos desconsiderar a característica que funde as identidades, o humanista que reverbera alguns paradoxos de seu tempo.

---

<sup>164</sup>

Na edição número 13 e 14, de novembro e dezembro de 1899, o autor escreve um ensaio em homenagem ao seu professor na Universidade de Pisa, *Francisco Carrara y la Moderna Criminología*.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Escarafunchar a trajetória de Pietro Gori, durante os anos em que ele reside em Buenos Aires e realiza diversas atividades em países sul-americanos, foi o objetivo desta dissertação. A presença e a caminhada do italiano pelas terras sul-americanas compreendem um período de três anos e sete meses, e uma série infindável de vestígios, lacunas e veredas. Entre junho de 1898 e janeiro de 1902, nosso personagem tem residência fixa em Buenos Aires, milita e propaga o anarquismo na capital portenha, conhece a Argentina profunda, visita Uruguai, Chile, Paraguai e cria e dirige a *Criminalogía Moderna*, a primeira revista especializada em estudos criminológicos da América Latina. Abordar as inclinações, os anseios, as fantasias e os caminhos do italiano durante esses anos perpassa por conformar sua condição de imigrante, anarquista, artista, professor, advogado, cientista, e intelectual criminólogo.

Múltiplas faces de um único retrato constituído por um quebra-cabeça a transparecer, sobremaneira, o militante e conferencista libertário. As peças que formam o artista e o intelectual criminólogo aparecem, porém, escondidas (e esparsas) em boa parte de literatura que dá guarida a este trabalho.

Num primeiro momento pensamos que a existência da revista *Criminalogía Moderna* conformaria um círculo intelectual liderado por Gori e integrado por alguns colaboradores do periódico. Assim, nossa hipótese recaía sobre um espaço e uma prática que reúne seus integrantes, “ancorados num corpo de práticas e de representações e, simultaneamente, na ‘estrutura de sentimentos’ e no *ethos* do grupo” (PONTES, 1998, p. 15). Williams (1999) destaca a importância do grupo como objeto de estudo nos dois últimos séculos, ao distingui-lo como um “fato social e cultural”. Ou seja, o que é executado pelo grupo pode trazer informações sobre as sociedades das quais eles fazem parte, mediante as relações edificadas socialmente e que podem, ou não, estar explícitas. Nesse sentido, a *CM* não é apenas a revista impressa e vendida, mas também um espaço a possibilitar a troca de ideias, de compartilhamento de alguns valores e, se possível, de laços de amizade entre alguns colaboradores da empresa de Gori.

A posterior análise “radiográfica” não nos dá subsídios para configurar um grupo de intelectuais liderado pelo nosso personagem. Ainda assim, debruçar-

se sobre a *CM* possibilita compreender o cientista (antropólogo e sociólogo criminal) e o impacto de sua obra no campo intelectual argentino do entre-séculos. Entrementes, verificamos as posições sociais e institucionais de alguns intelectuais que escrevem na revista e têm relação (in)direta com Gori. A revista *Criminalogía Moderna* evidencia a faceta do positivista e cientista italiano, imigrante condenado à prisão na terra natal, e que decide ir a Buenos Aires não somente com o intuito de ser cientista e defensor da nova criminologia, mas também advogado, professor, anarquista e artista.

Num segundo momento percebemos que a tarefa de evidenciar a formação de um grupo intelectual por intermédio da revista não é possível diante do número restrito de documentos e fontes que revelem o grupo. Entretanto, notamos algumas facetas pouco exploradas sobre Gori, e decidimos que o trabalho somente estaria completo se o foco recaísse sobre todas as facetas e caminhadas de nosso personagem: a residência na capital portenha, as viagens por alguns países sul-americanos e o projeto intelectual de sua autoria.

Nosso personagem atua nas sociedades libertárias de Buenos Aires como conferencista, dramaturgo, músico e, às vezes, como ator. A sua emblemática figura não se restringe aos círculos culturais anarquistas ou ao movimento *obrero* da capital, ele também convive com alguns agentes intelectuais do campo criminológico argentino, e possivelmente frequenta os espaços de sociabilidade desses grupos. A versatilidade de Gori, os diferentes campos de atuação na capital, no interior da Argentina e em outros países geram uma série de dúvidas no pesquisador: o quanto do cientista o guia para uma ação polivalente, em distintos espaços de sociabilidade, onde o ideal libertário não incorpora os princípios das elites dirigentes e de intelectuais da sociedade portenha; de que modo ele transita no espaço social e cultural da intelectualidade bonaerense; como a presença do libertário italiano nesses espaços pode afetar o realce do positivista criminólogo; em que medida o projeto intelectual de sua autoria pode ser relevante para a ciência jurídica, criminológica e positivista de Buenos Aires do entre-séculos; e de que maneira o discurso de Gori é, de algum modo, legitimado pela intelectualidade da capital.

A lógica a guiar o pensamento político é diferente da lógica a conduzir os estudos criminológicos. Enquanto a política libertária prevê um programa que modifique a condição do tecido social a partir da diminuição das desigualdades

– um horizonte, portanto, cheio de expectativas –, os estudos criminológicos pautam o criminoso e a sociedade quando sugerem transformações graduais – uma perspectiva em que a expectativa é ditada pelo tempo da ciência. (GELI, 1992). O contraste entre o discurso que pretende extirpar relações de mando e o discurso científico a dar ênfase ao controle social pode ser retratado pelos imigrantes libertários que vivem na Argentina.

A criminalidade é um dos fenômenos que vêm à tona justamente num período em que as transformações políticas, sociais e culturais implicam na forma como os intelectuais creem na importância de modelos coercitivos; alguns desses, sugerem, ademais, propostas ácratas para a política criminal. Para Geli (1992), não é um passo em falso a adesão de intelectuais anarquistas, como Gori, aos paradigmas na nova escola de criminologia. A propósito, a *CM* corrobora com a problematização da reforma do sistema judicial argentino no ano de 1899, ocasião em que a revista se posiciona a favor da extinção da pena de morte e de outras temáticas progressistas para a criminologia argentina.

As divergências dos anarquistas com alguns posicionamentos expressos na *CM* não tardam a render críticas a Gori. Se o periódico *La Protesta Humana* aborda mais o anarquista e o artista do que o criminólogo, paralelamente, porém, disputa as narrativas criminológicas hegemônicas no campo intelectual portenho. O periódico ácrata cria a seção, *El delito y la pena* (que tem duração de junho de 1900 a novembro de 1901), sob a chefia de Altair. Essa seção dedica-se às discussões que questionam os saberes e as práticas higienistas, a refutação categórica aos postulados lombrosianos (ao ponto de Altair/Manuel Cortés ironizar a expressão *delincuente nato por maldad innata del hombre*) e a advertência aos intelectuais da *CM* pelo ecletismo com que adotam a antropologia e a sociologia criminal. Não obstante, o *LPH* reafirma “o papel da autoridad, único garante para controlar el inevitable resurgimiento de los instintos bestiales” (GELI, 1992, p. 15), é o que os identifica com os criminólogos da *CM*.

Um dos exemplos de confrontação entre os anarquistas e o pai da nova criminologia é a obra *Lombroso y los anarquistas*, de autoria do catalão Ricardo Mejía, publicada em Barcelona em 1896. O livro realça as determinações sociais frente aos aspectos biológicos, não condena a antropometria embora critique as manipulações classistas de alguns criminólogos, argumenta cientificamente no sentido de demonstrar as causas do delito em decorrência de aspectos

econômicos e sociais, e contradiz a teoria lombrosiana a destacar contraexemplos extraídos do cotidiano. (GELI, 1992)

As considerações anarquistas a tratar da sociologia criminal sublinham a reincidência do delito em face das condições de existência não humanas, diante das quais o agente é passivo quando comete um delito:

Se trata del delincuente metamorfoseado ahora en víctima de la miseria y de los valores burgueses cuya erróneamente atribuida conducta antisocial devienen, según la nueva perspectiva, en el legítimo ejercicio del derecho individual de defensa emanado de la ley de la lucha por la vida en tanto respuesta al estado de desesperación al cual es arrojado (...) Las estadísticas verifican que la escuela penal positiva fracaso en la disminución del número de crímenes mediante la invocada prevención (para Altair represión), por cuanto renunció a la única salida científica prescrita por la sociología criminal – la transformación de las condiciones miserables de vida (...) la ansiosa sensibilidad del anarquismo rioplatense por estar a la altura del espíritu de los tiempos y de los desafíos por hacer inteligibles los fenómenos introducidos por la modernidad. (GELI, 1992, p. 17-18).

O embate de alguns anarquistas com certos posicionamentos de Gori e de sua revista são compreensíveis na medida em que a posição do cientista parece ambígua e a *CM* é um caleidoscópio que abriga diversos posicionamentos e perspectivas da criminologia do entre-séculos. O criminólogo e intelectual Pietro Gori assume posições da antropologia e sociologia criminal. Ele tem como norte a sociologia em detrimento da antropologia (física), mas não são raros os momentos em que ele parte da antropologia criminal para analisar o criminoso não só diante dos aspectos sociais, mas também por meio da aparência, da análise antropométrica do *delincuente*. O modo como ele observa os presos que estão a bordo do Guardia Nacional e as investigações que ele realiza na penitenciária de Sierra Chica são dois exemplos paradigmáticos da dubiedade de seus posicionamentos no campo criminológico, ou seja, existem circunstâncias em que ele endossa os pressupostos lombrosianos, inclusive elogiando as premissas do pai da criminologia, e outros momentos em que ele refuta essas premissas e se atém aos postulados da sociologia criminal.

Quem define, limita – e essa não me parece a estratégia mais adequada ao determinar as diversas facetas de Gori por meio de uma identidade bifronte. Sem sombra de dúvidas, o artigo de Geli (1992) é pioneiro ao lançar desafios para problematização do criminólogo e do anarquista. O pesquisador argentino

está ciente de que “la compleja imagen de Gori da lugar a suerte de disputa pública sobre su verdadera pertenencia que se manifiesta en estrategias discursivas que procuran la unilateralización de su figura” (p. 24).

Identificar o nosso personagem em dois frentes, o militante e o cientista (criminólogo, antropólogo e sociólogo criminal), é, de algum modo, pensar restritivamente a atuação do italiano durante os três anos e sete meses de residência em Buenos Aires. Geli (1992) não fala, por exemplo, sobre o artista. E Gori também é dramaturgo, poeta, cancionista, ator, advogado e professor.

Ao rastreamos as pistas por onde nosso personagem transita, vive, viaja e estabelece um conjunto de práticas, descobrimos que suas atividades abarcam as realizações anarquistas – desde a meta organizacionista do movimento *obrero* até as conferências, o teatro, a poesia e a canção libertária – a faceta do advogado, do cientista e do professor da nova criminologia, e a empresa intelectual *Criminalogía Moderna*. Apesar de a revista não conformar um círculo de intelectuais liderado por Gori, a existência da empresa é indicativa do peso do nome de Pietro Gori no campo intelectual criminológico da Argentina, principalmente a partir das iniciativas da revista que ecoam na elite intelectual de Buenos Aires.

O prestígio de Gori deve ser visto com ressalvas tanto no meio de anarquistas e socialistas como no campo intelectual portenho.

Alguns ácratas e socialistas também divergem do italiano, e parecem confirmar a regra da unanimidade relativa em torno de sua figura no movimento *obrero* e político-progressista da Argentina e da região sul-americana. De fato, Gori teve relevância por contribuir com a organização do movimento trabalhador e libertário, por incentivar a criação de vários círculos culturais ácratas, e por ser uma figura central na criação da FOA, das greves dos trabalhadores de Bahía Blanca, do Paraguai e por proferir um infindável número de conferências que propagam o *Ideal* por onde ele caminha. A fala do socialista Enrique Dickmann (1874-1955), publicada no *La Vanguardia*, evidencia, porém, a suspeita em relação à presença de Gori:

Hemos visto viajar a un anarquista por todos los ámbitos de la República y hasta en el extranjero, a costillas del gobierno; hemos visto y oído conferencias dadas por un anarquista en aristocráticos salones en presencia de ministros, militares y frailes, hablando del glorioso general San Martín; hemos visto, a

este mismo anarquista, sembrar la confusión en la mente ya confusa de sus mismos correligionarios; y por fin hemos visto una adaptabilidad tan admirable, verdaderamente anárquica, que supera a todas las leyes de la adaptación al medio. (apud ZARAGOZA, 1996, p. 245).

As investidas de Pietro Gori no campo intelectual portenho ganham respeitabilidade e seduzem algumas instituições públicas, políticos de diferentes matizes ideológicas e chefes de governo. A sua despedida da Argentina confirma o prestígio angariado pelo nosso personagem durante o período de residência. O anúncio do *LN* sobre a conferência de despedida a ocorrer no teatro Victoria, no dia 12 de janeiro de 1902, é interessante para identificarmos o peso do nome de Gori na Argentina. O tema da palestra, *La América que piensa y que trabaja*, demonstra que sua última fala é amistosa e cordial para com o país e com as personalidades que prometem assistir ao evento, como é o caso do tenente-general “Bartolomé Mitre y el señor presidente de la república. Asistirán también a la conferencia que se da bajo el patrocinio del Círculo de la Prensa, delegaciones de la Sociedad Científica Argentina, Instituto Geográfico y del Centro Jurídico”. A notícia acrescenta a informação de que o teatro, “estará artísticamente adornado con trofeos de todas las naciones”. No dia seguinte, a reportagem do *LN* relata sobre a palestra de despedida de Pietro Gori:

#### **La despedida del Dr. Gori**

El teatro Victoria, donde desarrolló anoche su conferencia el Dr. Gori, estaba totalmente lleno de ese público que se entusiasma por la labor intelectual. Antes que el conferenciante hizo uso de la palabra el Sr. Gache, presidente del Círculo de la Prensa, para explicar el motivo de la conferencia y despedir al Dr. Gori al emprender su retorno al viejo mundo. Acto seguido, y tras un movimiento como automático de la concurrencia que cayó en profundo silencio, el Dr. Gori empezó su disertación saludando á la América que piensa y que trabaja. El orador habló en su lengua nativa, expresándose, seguido de una mímica tan intensa, que por momentos el trabajo el espíritu en una continua asociación de ideas parecía hacernos escuchar nuestra propia lengua. Ya en el curso de la disertación el auditorio, puede afirmar, se había identificado con el orador. Cabe decir que durante las dos horas que este uso de la palabra no vaciló en la frase, haciendo hágala de una verbosidad asombrosa, de una concepción de pensamiento facilísima, afrontando con igual certeza todas las situaciones, exponiendo unas veces serenamente la verdad, usando en otras de la más fina ironía, pero siempre con altura dentro de una forma correcta y galana. Muchas bellezas de la disertación del doctor Gori quedaron ahogadas en el silencio y pasaron inadvertidas debido a la

celeridad de expresión y a la insistencia del conferenciante en no hacer la más pequeña pausa privándose a sí mismo y al auditorio de un descanso necesario. El Dr. Gori concluyó su trabajo saludando en la América Latina a una tierra joven de pensamiento y brazo robusto que ha de ser en no lejano día por el concurso honrado en sus hombres trabajadores y estudiosos el más grande edificio de la belleza de la libertad y del derecho. Recordó a este respecto, en correcta dicción castellana, el pensamiento de la Atlántida de Andrade recitando los últimos versos de su canto. Durante varios minutos el público aplaudió al orador. (LN, 13 de enero de 1902).

A figura do anarquista e a condição de imigrante impedem uma trajetória intelectual mais extensa do italiano. Se a existência da revista acaba por deflagrar no convite da *Sociedad Científica Argentina* para que ele investigue a região austral, ele é impedido, por outro lado, de lecionar um curso livre de sociologia criminal e ser professor de Italiano na Universidad de Buenos Aires.

Ainda assim, a existência de uma despedida nessas proporções, por mais que não se comprove a presença de Bartolomé Mitre e de Roca, endossa o argumento de que o capital simbólico adquirido por Gori durante o período de residência no continente sul-americano significa a legitimidade com que ele transita nos diversos espaços e a respeitabilidade de seus pensamentos para distintos públicos e localidades. A condição de imigrante e anarquista não inviabiliza que a atuação de Gori obtenha maior visibilidade no campo intelectual. O peso de seu nome, do ponto de vista social e cultural, é notório entre diversas classes sociais, entre as mulheres, entre personalidades do meio cultural ácrata, entre professores, lideranças políticas, militares, políticos e chefes de governo de todos os países que ele visita.

O início da nossa empreitada parecia indicar que o enfoque sobre a trajetória intelectual de Pietro Gori dar-se-ia à revelia dos traços anarquistas tratados exhaustivamente pela literatura. Acreditamos, posteriormente, que a figura polivalente jamais pode ser considerada somente em uma de suas facetas, sob pena de cairmos no equívoco de não identificarmos as numerosas circunstâncias em que é impossível separar a figura em partes. Assim, trazer à baila a figura de Pietro Gori é também revelar um ator que se destaca em diversos meios de sociabilidade, um imigrante que não passa despercebido nem é perseguido pelas autoridades sul-americanas do entre-séculos.

## **FONTES CONSULTADAS**

### **a) Consulta aos acervos:**

Archivo General de la Nación;

Biblioteca Nacional Argentina;

Biblioteca Nacional del Congreso;

Centro de Documentación e Investigación de la cultura de Izquierdas en Argentina;

Facultad de Derecho de la Universidad de Buenos Aires;

Museo de la Inmigración;

Museo de la Universidad de Buenos Aires.

### **b) Consulta aos jornais e à revista:**

Caras y Caretas;

La Nación;

La Vanguardia.

### **c) Documentos oficiais:**

Actas de sesiones del consejo directivo de la Facultad de Derecho;

Certificado de arribo a América de Arturo Riva.

## BIBLIOGRAFIA

ALBORNOZ, Martín. Pietro Gori en la Argentina (1898-1902): anarquismo y cultura. In: BRUNO, Paula (Org.). **Visitas culturales en la Argentina, 1898-1935**. Buenos Aires: Biblos, 2014a, p. 23-48.

\_\_\_\_\_. Los encuentros de controversias entre anarquistas y socialistas. In: BRUNO, Paula (Org.). **Sociabilidades y vida cultural**. Bernal: Universidad de Quilmes, 2014b. p. 187-218.

ANITUA, Gabriel Ignacio. **Historias de los pensamientos criminológicos**. Buenos Aires: Del Puerto, 2005. 608p.

ANSOLABEHERE, Pablo. **Literatura y anarquismo en Argentina (1879-1919)**. Rosario: Beatriz Viterbo Editora, 2011. 368p.

ANTONIOLI, Maurizio; BERTOLUCCI, Franco. “Una vita per l’ideale”. **Rivista Anarchica**, nº 355, anno 40, estate 2010. Disponível em: < [http://www.arivista.org/riviste/Arivista/355/dossier\\_Gori2.htm](http://www.arivista.org/riviste/Arivista/355/dossier_Gori2.htm) >. Acesso em: 05 de 2016.

ARMUS, Diego. “Un balance tentativo y dos interrogantes sobre la vivienda popular en Buenos Aires entre fines del siglo XIX y principios del XX”. **Cuadernos de Historia**, Año 1, nº 3 (segunda etapa), septiembre de 1987. pp. 93-98.

ARRIGONI, Tiziano. **Nella Terra dei Lobos in Patagonia**: con Pietro Gori e Angelo Tommasi. Piombino: La Bancarella Editrice, 2012.

BAYER, Osvaldo. **Los anarquistas expropiadores, Simón Radowitzky y otros ensayos**. Coyaique: Sombraysén Editores, 2008. 132p.

BERNASCONI, Alicia. Italianos en Buenos Aires. Un recorrido. In: **Buenos Aires Italiana**. Temas de Patrimonio Cultural 25. Buenos Aires: Comisión para la Preservación del Patrimonio Cultural de la Ciudad Autónoma de Buenos Aires, 2009.

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola e PASQUINO, Gianfranco (Orgs.). **Dicionário de Política**. 12. ed. São Paulo: Editora UNB – Imprensa Oficial SP, 2002. V. 1. 674p.

BOURDIEU, Pierre. “Campo intelectual e projeto criador”. In: POUILLON, J. et.

al. (orgs.). **Problemas do estruturalismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1968. pp. 105-145.

BRUNO, Giordano. **Acerca do infinito, do universo e dos mundos**. Trad. Aura Montenegro. Introdução: Victor Matos e Sá. 6 ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2011.

CAVALOTI, Felice. **Il Cantico del Cantici**. Milano, 1891. Disponível em: <<https://archive.org/details/ilcanticodeicant00cavauoft>>. Acesso em: 16 de fev. 2017.

CAIMARI, Lila. **Apenas un delincuente**; crimen, castigo y cultura en la Argentina. 2 ed. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2012.

\_\_\_\_\_. “Los historiadores y la “cuestión criminal” en América Latina. Notas para un estado de la cuestión”. In: ALVARADO, Daniel Palma. **Delincuentes, policías y justicias**: América Latina, siglos XIX y XX. Santiago de Chile: Ediciones Universidad Alberto Hurtado, 2015.

\_\_\_\_\_. CAIMARI, Lila. “La antropología y la recepción de Lombroso en América Latina”. In: MONTALDO, Silvio; TAPPERO, Paolo (eds). **Cesare Lombroso cento anni dopo**. Turín: UTET, 2009.

CANALES URRIOLOA, Jorge Ariel. **Le valigie dell’anarchia**: percorsi e attivismo degli anarchici emiliani e romagnoli in Argentina e Brasile nella svolta a de fine Ottocento. Bologna, 2016. 479 f. Tese (Doutorado em Política, Instituição e História) – Università di Bologna.

CARAS Y CARETAS. Buenos Aires, 1898-1902. Semanal.

CASANOVA, Julián. “Diego Abad de Santillán: memoria y propaganda anarquista”. **Historia Social**, nº 48, 2004, pp. 129-147.

CAZAUX, Diana. **Historia de la divulgación científica en la Argentina**. Buenos Aires: Teseo, Asociación Argentina de Periodismo Científico, 2010.

CEMLA. “Certificado de arribo a América de Arturo Riva”. **Museo de la Inmigración**: Universidad Nacional de tres de Febrero.

CODES, Rosa María Martínez de. “El positivismo argentino: una mentalidad en

tránsito en la Argentina del Centenario”. **Quinto centenario**, n. 14, Editora Universidad Complutense: Madrid, 1988.

CONSOLIM, Marcia Cristina. “Gustave Le Bon e a reação conservadora às multidões”. **Anais do XVII Encontro Regional de História** – o lugar da história. ANPUH/SP – UNICAMP. Campinas, 6 a 10 de setembro de 2004.

CREAZZO, Giuditta. **El positivismo italiano en la Argentina**. Traduzido por Pablo Daniel Vega. Buenos Aires: Ediar, 2007.

CRIMINALOGÍA MODERNA. Buenos Aires: Ed. Galileo, 1898-1901. Mensal. 656p.

D’AURIA, Aníbal. **Contra los jueces**: el discurso anarquista en sede judicial. Buenos Aires: Libros de Anarres, 2009. 188p.

DE MARCO. Miguel Ángel. **Historia del periodismo argentino**: desde los orígenes hasta el centenario de Mayo. Buenos Aires: Educa, 2006.

DILLON, César A.; SALA, Juan Andrés. **El teatro musical en Buenos Aires**: Teatro Doria - Teatro Marconi. Buenos Aires: Gaglianone, 1998.

FELDE, Alberto Zum. **Proceso Intelectual del Uruguay**: y crítica de su literatura. Tomo II. Montevideo: Imprenta Nacional Colorada, 1930.

FERRARI, Mercedes García. **Ladrones conocidos / sospechosos reservados**: identificación policial en Buenos Aires, 1880-1905. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2010. 216p.

GALIFONE, María Carla. “Delincuente”, “anormal” y “peligroso”: bases conceptuales para la invención clínica de la criminalidad en José Ingenieros”. **Estudios de Filosofía Práctica e Historia de las Ideas**, Vol. 15, nº2, diciembre de 2013. p. 9-21.

GARCÍA, Ana María Fernández. **Arte y emigración**: la Pintura Española en Buenos Aires (1880-1930). Oviedo: Universidad de Oviedo, 1997.

GAYOL, Sandra V. “Ámbitos de Sociabilidad en Buenos Aires: despachos de bebidas y cafés, 1860-1900”. **ANUARIO del IEHS**, VIH, Tandil, 1993.

GELI, Patricio. "Los anarquistas en el gabinete antropométrico. Anarquismo y criminología en la sociedad argentina del 900. **Entrepassados**. Revista de Historia, año II, nº2, 1992, pp. 7-24.

GERALDO, Endrica. "Políticas de expulsão de estrangeiros: Brasil e Argentina nas primeiras décadas do século XX". **Anais do XXI Encontro Estadual de História – ANPUH-SP**. Campinas, setembro, 2012.

GILIMÓN, Eduardo. **Hechos y comentarios y otros ensayos: el anarquismo en Buenos Aires (1890-1915)**. Buenos Aires: Libros de Anarres-Terramar, 2011. 142p.

GOLLUSCIO DE MONTOYA, Eva. "Círculos anarquistas y círculos contraculturales en la Argentina de 1900". **Cahiers du monde hispanique et luso-brésilien**, nº 46, 1986, Contre-cultures, Utopies et Dissidences en Amérique latine. pp. 49-64.

\_\_\_\_\_. "El escenario anarquista (Río de la Plata 1880-1911). Datos para una reconstrucción de su funcionamiento". **Assaig de Teatre: l'associació d'investigació i experimentació Teatral**, nº 48-49, 2005, pp. 15-24.

GORI, Pedro. **Primero de Mayo**: boceto dramático en dos actos. Buenos Aires: Librería Sociológica, 1899.

\_\_\_\_\_. "Sin Patria: escenas sociales de la realidad en dos actos y un intermedio". **Ideas y Figuras**: revista semanas de crítica y arte, Año II, nº 46, Buenos Aires, 1911, pp. 1-16.

\_\_\_\_\_. **Senza Patria**: scene social dal vero in due atti ed um intermezzo in versi martelliani. Buenos Aires: Librería Sociológica, 1899.

\_\_\_\_\_. **La anarquía ante los tribunales**. Buenos Aires: Librería Sociológica, 1901.

\_\_\_\_\_. **Santos Caserio**: apuntes históricos. Buenos Aires: Librería Sociológica, 1901.

\_\_\_\_\_. "Ensayos y conferencias". Disponible em: <<http://www.kclibertaria.comyr.com/lpdf/l117.pdf>>. Acesso em: 10 de ago. 2014.

\_\_\_\_\_. "Alcoholismo y criminalidad en Chile". **Archivos de Criminología, Medicina legal e Psiquiatría**, año 1, nº 1, febrero de 1902. pp. 31-33.

HARDMANN, Francisco Foot. **Nem pátria nem patrão!:** memória operária, cultura e literatura no Brasil. 3. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

HOBBSAWN, Eric. **Sobre História**. Tradução Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

KNAUSS, Paulo. "O desafio de fazer história com imagens: arte e cultura visual". **ArtCultura**, Uberlândia, Vol. 8, n. 12, janeiro a junho de 2006. pp. 97-115.

LARROCA, Jorge. "Gori: un anarquista en Buenos Aires". **Todo es historia**, nº 47, Marzo de 1971, pp. 45-57.

LA NACIÓN. Buenos Aires, 1898-1902. Diária.

LA VANGUARDIA. Buenos Aires, 1911. Mensal.

LOMBROSO, Gina. **Nell'America Meridionale (Brasile-Uruguay Argentina)**. Note e Impressioni. Milano: Fratelli Treves Editori, 1908.

MAILHE, Alejandra. "El Archivo de Archivos: un latino-americano eurocéntrico en la psiquiatría y la criminología de principio del siglo XX". **VARIA HISTORIA**, Belo Horizonte, vol. 30, nº 54, p. 655-678, set/dez 2014.

MARCÚS, Juliana. "La incidencia de las políticas habitacionales en los procesos de jerarquización del espacio urbano (Buenos Aires, 1870-1999)". **Territorios**, nº 24, pp. 59-75.

MARO, Cristóbal Domingo. Adrián Patroni. "Aproximación biográfica de un trabajador socialista a fines del siglo XIX". **XI Jornadas Interescuelas/Departamentos de Historia. Departamento de Historia**. Facultad de Filosofía y Letras. Universidad de Tucumán, San Miguel de Tucumán, 2007. Disponível em: <<http://www.academica.org/000-108/541>>. Acesso em 17/02/2017.

MARTINS, Heloisa Helena T. de Souza. "Metodologia qualitativa de pesquisa".

**Educação e Pesquisa.** Vol. 30, n. 2, pp. 289-300. São Paulo mai./ago. de 2004.

MAXIMO, Antonio Carlos. **Os intelectuais e a educação das massas: o retrato de uma tormenta.** Campinas: Autores Associados, 2000.

MUÑOZ, Pascual; SUAREZ, Pablo. **La vida anárquica de Florencia Sánchez / El teatro de Florencio Sánchez.** Montevideo: La Turba Ediciones, 2010. 69p.

OLMO, Rosa del. **América Latina e sua criminologia.** Rio de Janeiro: Revan: ICC, 2004.

OVED, Isaacov. **El anarquismo y el movimiento obrero en Argentina.** México: Siglo XXI Editores, 1978.

PEDROSA, Breno Viotto. **Entre ruínas no muro: a história da geografia crítica sob a ideia e estrutura** – São Paulo, 2013. 361 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

PERDOMO, Rogelio Pérez. “Los juristas como intelectuales y el nacimiento de los estados naciones em América Latina”. In: ALTAMIRANO, Carlos (org.). **Historia de los intelectuales em América Latina: la ciudad letrada, de la conquista al modernismo.** Buenos Aires: Katz Editores, 2008. p. 168-183.

PODGORNY, Irina; LOPES, Maria Margaret. **El desierto en una vitrina.** Museos e historia natural en la Argentina (19810-1890). Rosario: Prehistoria, 2014.

PONTES, Heloísa. **Destinos Mistos: os Críticos do Grupo Clima em São Paulo (1940-1968).** São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

PRADO, Antonio Arnoni Prado. “Boêmios, Letrados e Insubmissos: nota sobre cultura e anarquismo”. **Revista Iberoamericana**, Vol. LXX, núms. 208-209, julio-diciembre, 2004, p. 721-723.

RANDAZZO, Frederico. “Las grietas del relato histórico: apuntes sobre los orígenes del anarquismo en Bahía Blanca y la matanza de obreros en Ingeniero White en 1907”. **Cuaderno de Trabajo nº 76.** Buenos Aires: Ediciones CCC, Centro Cultural de la Cooperación Floreal Gorini, 2007. 105p.

RECKZIEGEL, Ana Luiza. “O Uruguai conflagrado: Blancos x Colorados e o preâmbulo da revolução de 1897”. **Revista Digital de Estudos Históricos**, nº 9, CDRHPyB, ano IV, dezembro de 2012. Disponível em: < <http://www.estudioshistoricos.org/edicion9/eh0906.pdf> >. Acesso em: 20 de junho de 2014.

RIPA, Cesare. **Iconologia: or moral emblems**. London: P. Tempest, 1709. Disponível em: <<https://archive.org/details/iconologiaormora00ripa>>. Acesso em 24 de nov. de 2016.

ROBUSTI, Jacopo. **Alegoria da verdade**. Veneza, 1564. Óleo sobre tela 90 x 190 cm. Disponível em: < [http://pt.wahooart.com/@@/8Y3JUG-Tintoretto-\(Jacopo-Comin\)-Alegoria-da-Verdade](http://pt.wahooart.com/@@/8Y3JUG-Tintoretto-(Jacopo-Comin)-Alegoria-da-Verdade) >. Acesso em : 13 jul. de 2016.

ROGERS, Geraldine (Org.). **La galería de ladrones de la Capital de José S. Álvarez, 1880-1887**. La Plata: Universidad Nacional de La Plata, 2009. Disponível em: < <http://bibliotecaorbistertius.fahce.unlp.edu.ar/02.Rogers> >. Acesso em 02 de set. de 2016.

ROUVROY, Tomás Chami; MANULI, Martín. “La criminología de los revolucionarios. Los aportes de José Ingenieros y Pietro Gori en la formación del campo científico criminológico en la Argentina (1898-196)”. **Trabajadores**, Año II, nº 3, primer semestre de 2012. p.1-20.

S/A. “Biografía”. **Julio.Camba**. Disponível em: <<http://www.juliocamba.com/biografia/>>. Acesso em 05 de janeiro de 17.

S/A. “SERANTONI, Fortunato”. **Archivo Biográfico del Movimiento Operario**. Disponível em: <[http://www.archiviobiograficomovimentooperaio.org/index.php?option=com\\_k2&view=item&id=26551:serantoni-fortunato&lang=it](http://www.archiviobiograficomovimentooperaio.org/index.php?option=com_k2&view=item&id=26551:serantoni-fortunato&lang=it)>. Acesso em 2 de janeiro de 17.

S/A. “Guía de Museos de Buenos Aires”. **Guía de Muesos de la ciudad autónoma de Buenos Aires**. 3 ed. Buenos Aires, julio de 2014. Disponível em: < <http://www.buenosaires.gob.ar/noticias/nueva-guia-de-museos-de-buenos-aires> >. Acesso em 27 de maio de 2016.

S/A. “La Biblioteca Digital de la Corte incorporó la primera revista de criminología argentina”. **Centro de información Judicial**: agencia de noticias del poder judicial, Buenos Aires, 28 de maio de 2012. Disponível em: <<http://www.cij.gov.ar/nota-9173-La-Biblioteca-Digital-de-la-Corte-incorpor--la->

primera-revista-de-criminolog-a-argentina.html>. Acesso em 20 de ago. de 2014.

S/A. “Luigi Molinari”. **Alternativa Libertaria/FdCA**. Disponível em: < <http://fdca-cr.tracciabi.li/luigi-molinari/> >. Acesso em: 28 de junho de 16.

S/A. “O pensamento político de Errico Malatesta”. **Anarkismo.net**. Disponível em: < <http://anarkismo.net/article/26729> >. Acesso em: 28 de junho de 16.

S/A. “Bertillon System of Criminal Identification”. **Nacional Law Enforcement Museum**. Disponível em: <<http://www.nleomf.org/museum/news/newsletters/online-insider/november-2011/bertillon-system-criminal-identification.html>>. Acesso em: 2 de dez. de 2016.

SÁNCHEZ, Norma Isabel. **La sociedade Científica Argentina, 140 años de historia**. Disponível em: <<http://www.cientifica.org.ar/site/index.php/es/mnuhistoria>>. Acesso em: 05 de nov. de 2015.

SANTILLÁN, Diego Abad de Santillán; ARANGO, Emilio López. **El anarquismo en el movimiento obrero**. 2. ed. (digital). Buenos Aires: ¡Libertad!, 2014. 95p.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SEPÚLVEDA, Eduardo A. Godoy. **Pietro Gori: Biografía de un “Tribuno Libertario” y su paso por la Región Chilena (1901)**. (s/d). Disponível em: < <https://archivohistoricolarevuelta.files.wordpress.com/2012/08/pietro-gori-biografc3aca-de-un-tribuno-libertario-1901.pdf> >. Acesso em: 03/07/2014.

SILVA, Rodrigo Rosa da. “Novas e velhas vozes libertárias: apontamentos sobre a história da música anarquista no Brasil”. **História Social**, nº 11, 2005, pp. 173-192.

SOLER, Ricaurte. “Universo intelectual del ideario ilustrado iberoamericano”. In: PIZARRO, Ana (org.). **América latina: palabra, literatura e cultura**. São Paulo: Memorial, Campinas: UNICAMP, 1994. V.2.

SURIANO, Juan. **Anarquistas: cultura y política libertaria en Buenos Aires 1890-1910**. Buenos Aires: Manantial, 2001.

TARCUS, Horacio. "Bio-bibliografía de José Ingenieros". In: TARCUS, Horacio; PETRA, Adriana (coord.). **Fondo de archivo José Ingenieros. Guía y catálogo**. San Martín: USAM EDITA, 2011. p. 17-40.

\_\_\_\_\_. **Marx en la Argentina: sus primeros lectores obreros, intelectuales y científicos**. 2. ed. Buenos Aires: SigloXXI, 2013. 544p.

TERÁN, Oscar. **Vida intelectual en el Buenos Aires fin-de-siglo (1880-1910): derivas de la cultura científica**. 2. ed. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2008. 309p.

UBA. "Actas de sesiones del consejo directivo de la Facultad de Derecho." **Museo y archivo histórico de la Facultad de Derecho**. Buenos Aires, 1898 a 1902.

VEJO, Tomás Perez. "¿Se puede escribir historia a partir de imágenes? El historiador y las fuentes icónicas". **Memoria**, Vol. 16, n. 32, enero a junio de 2012. pp. 17-30.

VIDAL, Daniel. "Intelectuales, periódicos en el Centro Internacional de Estudios Sociales (Montevideo, 1897-1928)". In: JORNADAS DE HISTORIA POLÍTICA, 8, 9, 10 de julio, 2015, Montevideo. **Historia, Cultura y medios de comunicación**. Disponible em: < <http://cienciassociales.edu.uy/wp-content/uploads/sites/4/2015/02/VIDAL-Anarquistas-prensa-e-intelectuales-MVD-1878-1928.pdf>>. Acceso 20 de dez. 2016. pp. 1-21.

\_\_\_\_\_. "La rebeldía imprevista del público libertario de hace un siglo". **IPOTESI**, Juiz de Fora, v. 17, n. 2, p. 101-114, jul./dez. 2013. pp. 101-114.

ZARAGOZA, Gonzalo. **Anarquismo Argentino (1876 – 1902)**. Madrid: Ediciones de la Torre, 1996.

WILLIAMS, Raymond. "A fração Bloomsbury". **Plural**, Sociologia, USP, São Paulo, 6, pp. 139- 168, 1 sem de 1999.

**ANEXO I**

*CRIMINALOGÍA MODERNA: ÍNDICE POR SEÇÕES*

## COLABORAÇÕES EXTERIORES

1. ZERBOGLIO, Adolfo. *Psicología de la Abogacía*. Año 1, n. 1, p. 13-14, noviembre de 1898.
2. LOMBROSO, Cesare. *Los hermanos Mangachi y la antropología criminal*. Año 1, n. 2, p. 37-38, diciembre de 1898. 1.
3. FERRERO, Guillermo. *La leyenda del judío errante y el estudio sobre la psicopatología de los vagabundos*. Año 1, n. 2, p. 48-51, diciembre de 1898.
4. HAMON, A. *La enseñanza de las Ciencias Sociales en Francia*. Año 2, n. 4, p. 96-99, febrero de 1899.
5. SIGHELE, Scipio. *La obra de G. D'Annunzio ante la psiquiatría*. Año 2, n. 5, p. 125-127, marzo de 1899.
6. HAMON, A. *La enseñanza de las ciencias sociales en Francia*. Año 2, n. 5, p. 127-132, marzo de 1899.
7. FERRERO, Guillermo. *Atavismo y Delito*. Año 2, n. 6, p. 155-157, abril de 1899.
8. SIGHELE, Scipio. *La obra de G. D'Annunzio ante la psiquiatría*. Año 2, n. 6, p. 156-162, abril de 1899.
9. STEEVENS, C. *Mundo Criminal Norteamericano*. Año 2, n. 6, p. 162-165, abril de 1899.
10. VIAZZI, Pio. *El amor y el dolor en la Criminalidad*. Año 2, n. 6, p. 166-168, abril de 1899.
11. LOMBROSO, Cesare. *La dismaternidad en la mujer delincuente*. Año 2, n. 7, p. 201-203, mayo de 1899.
12. SETTER, James. *La delincuencia de color en los Estados Unidos de N. A.* Año 2, n. 7, p. 203-205, mayo de 1899.
13. ALDERMANN, Charles. *Los sustitutos sociológicos de la penalidad en Australia*. Año 2, n. 8, p. 223-226, julio de 1899.
14. OTTOLENGUI, S. *La policía judicial y antropología criminal aplicada*. Año 2, n. 9, p. 254-257, julio de 1899.
15. HAMON, A. *Como se hace un socialista*. Año 2, n. 9, p. 257-263, julio de 1899.
16. VIAZZI, Pio. *El tipo criminal en la mujer delincuente*. Año 2, n. 10, p. 305-307, agosto de 1899.

17. VIAZZI, Pio, *El tipo criminal en la mujer delincuente II*. Año 2, n. 11, p. 318-321, setiembre de 1899.
18. COLAJANNI, Napoleón. *Raza y Delito*. Año 2, n. 12, p. 350-353, octubre de 1899.
19. LOMBROSO, Cesare. *El juego entre los criminales y entre los salvajes*. Año 2, n. 13 y 14, p. 382-387, noviembre y diciembre de 1899.
20. FERRIANI, Lino. *El derecho a la familia*. Año 2, n. 13 y 14, p. 388-391, noviembre y diciembre de 1899.
21. FIGARI, Pedro. *Un párrafo de Lombroso*. Año 2, n. 13 y 14, p. 391-392, noviembre y diciembre de 1899.
22. GIRIBALDI, A; CASTRO, E. *Pericia médico-legal sobre el parricida Antonio Chanes*. Año 3, n. 15, p. 445-451, enero de 1900.
23. X. Augusto de. *Ausencias psíquicas en los histéricos*. Año 3, n. 17 y 18, p. 534-536, marzo y abril de 1900.
24. COLAJANNI, Napoleón. *La mafia sus causas y su historia*. Año 3, n. 19, p. 580-583, junio de 1900.
25. MORAES, Evaristo de. *Un caso de "moral insanity"*. Año 3, n. 21, p. 626-629, enero de 1901.

## DOCUMENTOS HUMANOS

1. HOLMES, H. H. *La confesión de un gran criminal*. Año 2, n. 6, p. 168-173, abril de 1899.
2. HOLMES, H. H. *La confesión de un gran criminal*. Año 2, n. 7, p. 213-214, mayo de 1899.
3. NEMESIO, López. *La última carta de un condenado*. Año 2, n. 9, p. 273-274, julio de 1899.
4. MALPÉLLI, Luis. *Drama del instituto Santa Cecilia*. Año 2, n. 10, p. 301-305, agosto de 1899.
5. CAFFERATA, Luis. *Memorias Mías: desde el día de mi nacimiento hasta hoy*. Año 2, n. 12, p. 369-373, octubre de 1899.
6. GÓMEZ, Bernardo Bargo. *Documentos Humanos*. Año 3, n. 15, p. 466-468, enero de 1900.
7. GOMEZ, Bernardo Bargo. *Continuación*. Año 3, n. 16, p. 502-506, febrero de 1900.

**EDITORIAL**

1. S/A. *Guerra al delito*. Año 1, n. 1, p. 1, noviembre de 1898.
2. REDACCIÓN. *El ideal de la ciencia*. Año 1, n. 2, p. 35-36, diciembre de 1898.
3. S/A. *La sociología criminal*. Año 2, n. 3, p. 67-68, enero de 1899.
4. S/A. *Antropología Criminal*. Año 2, n. 4, p. 95-96, febrero de 1899.
5. S/A. *El jurado*. Año 2, n. 5, p. 123-124, marzo de 1899.
6. CAMPO, Ricardo del. *La reforma judicial*. Año 2, n. 7, p. 195-197, mayo de 1899.
7. CAMPO, Ricardo del. *Errores Judiciales*. Año 2, n. 8, p. 221-223, mayo de 1899.
8. DIRECCIÓN y REDACCIÓN. *Referéndum Jurídico: sobre la organización de la justicia penal en argentina*. Año2, n. 9, p. 253-254, julio de 1899.
9. GORI, Pedro; CAMPO, Ricardo del. *Referéndum Jurídico: sobre la organización de la justicia penal en argentina*. Año2, n. 10, p. 285-286, agosto de 1899.
10. GORI, Pedro; CAMPO, Ricardo del. *Referéndum Jurídico: sobre la organización de la justicia penal en argentina*. Año2, n. 11, p. 317-318, setiembre de 1899.
11. DIRECCIÓN y REDACCIÓN. *Un año de vida*. Año 2, n. 12, p. 349-350, octubre de 1899.
12. S/A. *Nuestra obra*. Año 2, n. 13 y 14, p. 381-382, noviembre y diciembre de 1899.
13. GORI, Pedro. *Pro y contra el verdugo*. Año 3, n. 19, p. 565-569, junio de 1900.
14. GORI, Pedro. *En defensa de la vida*. Año 3, n. 20, p. 597-600, agosto de 1900.

**GUIA DO ESTUDIANTE**

1. BRUNO. *Escuela Clásica y Escuela Positiva*. Año 1, n. 1, p. 29-30, noviembre de 1898.
2. BRUNO. *Enrique Ferri: los nuevos horizontes del derecho y procedimiento penal*. Año 1, n. 2, p. 60-62, diciembre de 1898.

3. BRUNO. *Enrique Ferri: los nuevos horizontes del derecho y procedimiento penal*. Año 2, n. 3, p. 91-93, enero de 1899.
4. BRUNO. *La negación del libre albedrío y la responsabilidad penal*. Año 2, n. 4, p. 116-118, febrero de 1899.
5. BRUNO. *Cap. II: Los datos de la antropología criminal*. Año 2, n. 5, p. 144-147, marzo de 1899.
6. BRUNO. *Cap. III: Los datos de la estadística criminal*. Año 2, n. 6, p. 187-190 abril de 1899.
7. LANCELOTTI, Miguel A. *Las reformas prácticas*. Año 2, n. 10, p. 312-315, agosto de 1899.
8. LANCELOTTI, Miguel A. *Rafael Garófalo: La criminalología: estudios sobre el delito y la teoría de la represión*. Año 2, n. 11, p. 335-338, setiembre de 1899.
9. LANCELOTTI, Miguel A. *Rafael Garófalo: La criminalología: estudios sobre el delito y la teoría de la represión (continuación)*. Año 2, n. 12, p. 373-376, setiembre de 1899.
10. LANCELOTTI, Miguel A. *Guía del Estudiante*. Año 3, n. 15, p. 465-466, enero de 1900.

#### **HOMENAGEM, INFORMES E CARTAS**

1. S/A. *Dr. Osvaldo Magnasco*. Año 1, n.1, p. 2, noviembre de 1898.
2. CRIMINALOGÍA MODERNA. *El saludo a un maestro*. Año 1, n. 1, p. 34, noviembre de 1898
3. REDACCIÓN. *A la prensa*. Año 1, n. 2, p. 65, diciembre de 1898.
4. REDACCIÓN. *Nota Bene*. Año 2, n. 3, p. 88-89, enero de 1899.
5. FIGARI, Pedro. *Señor Director de la revista Criminología Moderna*. Año 2, n. 4, p. 99-100, febrero de 1899.
6. MANTEGAZZA, Pablo. *De nuestra correspondencia particular*. Año 2, n. 4, p. 101, febrero de 1899.
7. REDACCIÓN. *En viaje de estudio*. Año 2, n. 4, p. 120, febrero de 1899.
8. DIRECCIÓN. *A nuestros lectores*. Año 2, n. 5, p. 154, marzo de 1899.
9. DIRECCIÓN. *A la prensa*. Año 2, n. 6, p. 191, abril de 1899.
10. DIRECCIÓN. *A nuestros lectores*. Año 2, n. 8, p. 244, julio de 1899.

11. LARROQUE, Alberto M. *Colaboración Involuntaria: S. Dr. Ricardo del Campo*. Año 2, n. 11, p. 323-324, setiembre de 1899.
12. DIRECCIÓN. *Número Extraordinario*. Año 2, n. 11, p. 341, setiembre de 1899.
13. DIRECCIÓN y REDACCIÓN. *Nuestros compañeros de trabajo*. Año 2, n. 13 y 14, p. 422, noviembre y diciembre de 1899.
14. GALLEGOS, Servando A. *El saludo amigo*. Año 2, n. 13 y 14, p. 423, noviembre y diciembre de 1899.
15. LARROQUE, A. M. *Sr. Doctor Pedro Gori*. Año 2, n. 13 y 14, p. 427-428, noviembre y diciembre de 1899.
16. REDACCIÓN. *García Moreno*. Año 2, n. 13 y 14, p. 442, noviembre y diciembre de 1899.
17. CRIMINALOGÍA MODERNA. *Congreso Jurídico Americano*. Año 3, n. 15, p. 469, enero de 1900.
18. REDACCIÓN. *El infanticida Grossi*. Año 3, n. 17 y 18, p. 523-524, marzo y abril de 1900.
19. BUSTAMANTE, N. Rodriguez. Carta alrededor del infanticida Grossi. *Sr. Dr. Pedro Gori*. Año 3, n. 17 y 18, p. 524-525, marzo y abril de 1900.
20. MADERO, Ernesto. Carta alrededor del infanticida Grossi. *Sr. Dr. Ricardo del Campo*. Año 3, n. 17 y 18, p. 525-526, marzo y abril de 1900.
21. MARTINEZ, Juan Angel. *Sr. Director de la Criminología Moderna*. Año 3, n. 20, p. 614-616, junio de 1900.
22. DIRECCIÓN. *Nota de la dirección*. Año 4, n. 21, p. 633, enero de 1901.

## JURISPRUDÊNCIA E CRÔNICA JUDICIAL

1. S/A. *Crónica judicial*. Año 1, n. 1, p. 28, noviembre de 1898.
2. REDACCIÓN. *Jurisprudencia y crónica judicial*. Año 1, n. 2, p. 62-63, diciembre de 1898.
3. UJIER. *Jurisprudencia y crónica judicial*. Año 2, n. 3, p. 89-91, enero de 1899.
4. UJIER. *Jurisprudencia y crónica judicial*. Año 2, n. 4, p. 108-109, febrero de 1899.
5. CAMPO, Ricardo del. *Crónica judicial*. Año 2, n. 7, p. 215-216, mayo de

- 1899.
6. MALAGARRIGA, Carlos. *Jurisprudencia criminal: modo de aplicar el art. 96 del Código Penal*. Año, n. 8, p. 236-237, julio de 1899.
  7. CAMPO, Ricardo del. *Crónica Judicial: el proceso Butler en Montevideo*. Año 2, n. 8, p. 237-238, julio de 1899.
  8. MALAGARRIGA, Carlos. *Jurisprudencia criminal: del homicidio alevoso*. Año 2, n. 9, p. 274-275, julio de 1899.
  9. ALBASIO, Luis H. *Crónica Judicial: la excarcelación a bajo fianza en relación a la extradición: un caso nuevo*. Año 2, n. 9, p. 275-276, julio de 1899.
  10. MALAGARRIGA, Carlos. *Jurisprudencia criminal: sobre la exención de costas al vencido en el juicio criminal*. Año 2, n. 10, p. 297-298, agosto de 1899.
  11. ALBASIO, Luis H. *Crónica Judicial: criminal o degenerado?* Año 2, n. 11, p. 324-326, setiembre de 1899.
  12. MALGARRIGA, Carlos. *Jurisprudencia Criminal: la publicidad de las querellas*. Año 2, n. 11, p. 326, setiembre de 1899.
  13. MALAGARRIGA, Carlos. *Jurisprudencia Criminal: carácter de sobreseimiento provisorio*. Año 2, n. 13 y 14, p. 439, noviembre y diciembre de 1899.
  14. MALAGARRIGA, Carlos. *Jurisprudencia criminal: sumarios clandestinos*. Año 3, n. 15, p. 464-465, enero de 1900.
  15. MALAGARRIGA, Carlos. *Jurisprudencia criminal: Homicidio en riña; Excarcelación provisorio; Homicidio circunstancias*. Año 3, n. 17 y 18, p. 541-543, marzo y abril de 1900.
  16. SOBRAL, Enrique R. *Crónica Judicial*. Año 3, n. 19, p. 592-594, junio de 1900.
  17. SOBRAL, Enrique R. *Crónica Judicial*. Año 3, n. 20, p. 618-619, agosto de 1900.
  18. SASSO, Santiago A. *Crónica Criminal: mentira contra mentira*. Año 4, n. 21, p. 642-643, enero de 1901.

## **A ESTATÍSTICA CRIMINAL**

1. REDACCIÓN. *La estadística criminal*. Año 2, n. 8, p. 245, julio de 1899.
2. VUCETICH, Juan. *Policía de la Provincia de Buenos Aires. Resumen*

*Trimestral de Estadística: especial para Criminología Moderna*. Año 2, n. 8, p. 246-251, julio de 1899.

3. VUCETICH, Juan. Policía de la Provincia de Buenos Aires. *Resumen Trimestral de Estadística: especial para Criminología Moderna*. Año 2, n. 11, p. 342-348, setiembre de 1899.
4. VUCETICH, Juan. Policía de la Provincia de Buenos Aires. *Resumen Trimestral de Estadística: especial para Criminología Moderna*. Año 3, n. 15, p. 470-476, enero de 1900.
5. REDACCIÓN. *La estadística criminal*. Año 3, n. 20, p. 621, agosto de 1900.
6. VUCETICH, Juan. Policía de la Provincia de Buenos Aires. *Resumen Trimestral de Estadística especial para Criminología Moderna*. Año 3, n. 20, p. 622-628, agosto de 1900.

#### NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

1. REDACCIÓN. *Bibliografía*. Año 1, n. 2, p. 65, diciembre de 1898.
2. X. *Bibliografía*. Año 2, n. 3, p. 93, enero de 1899.
3. RIVA, Arturo. *Bibliografía y Revista de las Revistas*. Año 2, n. 4, p. 118-120, febrero de 1899.
4. RIVA, Arturo. *Libros y Revistas*. Año 2, n. 5, p. 147-151, marzo de 1899.
5. REDACCIÓN. *Revista de las revistas*. Año 2, n. 6, p. 190-191, abril de 1899.
6. INGENIEROS, José. *Revista y Libros*. Año 2, n. 7, p. 217-218, mayo de 1899.
9. INGENIEROS, José. *Libros y Revistas*. Año 2, n. 8, p. 240-244, julio de 1899.
10. INGENIEROS, José. *Libros y Revistas*. Año 2, n. 9, p. 281-283, julio de 1899.
11. CAMPO, Ricardo del. *Libros*. Año 2, n. 10, p. 307-308, agosto de 1899.
12. INGENIEROS, José. *Libros*. Año 2, n. 10, p. 308-310, agosto de 1899.
13. GORI, Pedro. *Libros*. Año 2, n. 10, p. 310-311, agosto de 1899.
14. S/A. *Revistas*. Año 2, n. 10, p. 311-312, agosto de 1899.
15. CENSI, José. *Libros*. Año 2, n. 11, p. 338-339, setiembre de 1899.

15. RODRIGUEZ, Carlos A. *Libros*. Año 2, n. 11, p. 339, setiembre de 1899.
16. LANCELOTTI, Miguel A. *Libros y Revistas*. Año 2, n. 12, p. 376-377, octubre de 1899.
17. CAMPO, C. del. *Libros*. Año 2, n. 13 y 14, p. 440, noviembre y diciembre de 1899.
18. LANCELOTTI, Miguel A. *Libros*. Año 2, n. 13 y 14, p. 440, noviembre y diciembre de 1899.
19. CENSI, José. *Libros*. Año 2, n. 13 y 14, p. 441, noviembre y diciembre de 1899.
20. INGENIEROS, José. *Libros*. Año 2, n. 13 y 14, p. 441-442, noviembre y diciembre de 1899.
21. LANCELOTTI, Miguel A. *Libros*. Año 3, n. 15, p. 468, enero de 1900.
22. INGENIEROS, José. *Libros*. Año 3, n. 15, p. 468, enero de 1900.
23. LANCELOTTI, Miguel A. *Revistas*. Año 3, n. 16, p. 506-507, febrero de 1900.
24. GORI, Pedro. *Libros*. Año 3, n. 17 y 18, p. 550, marzo y abril de 1900.
25. CAMPO, Ricardo del. *Libros*. Año 3, n. 17 y 18, p. 550, marzo y abril de 1900.
26. INGENIEROS, José. *Libros*. Año 3, n. 17 y 18, p. 550-554, marzo y abril de 1900.
27. M. *Libros*. Año 3, n. 17 y 18, p. 554-555, marzo y abril de 1900.
28. LANCELOTTI, Miguel A. *Revista de las revistas*. Año 3, n. 17 y 18, p. 555-558, marzo y abril de 1900.
29. LANCELOTTI, Miguel A. *Revistas varias*. Año 3, n. 17 y 18, p. 558-559, marzo y abril de 1900.
30. S/A. *Revista de las revistas*. Año 3, n. 19, p. 594-595, junio de 1900.
31. GORI, Pedro. *Libro*. Año 3, n. 20, p. 619-620, agosto de 1900.
32. INGENIEROS, José. *Sobre etno-antropología*. Año 4, n. 21, p. 633-634, enero de 1901.

**LEMBRANÇAS FORENSES**

1. GORI, Pedro. *Justicia popular y justicia togada*. Año 2, n. 10, p. 298-301, agosto de 1899.
2. GORI, Pedro. *Justicia popular y justicia togada* (continuación). Año 2, n. 11, p. 321-323, setiembre de 1899.
3. GORI, Pedro. *Justicia Pública y justicia clandestina*. Año 2, n. 12, p. 353-356, octubre de 1899.
4. GORI, Pedro. *Cárcel Preventiva*. Año 3, n. 17 y 18, p. 518-523, marzo y abril de 1900.

**ANEXO II**

*CRIMINALOGÍA MODERNA: ÍNDICE POR TEMA*

## ADVOGADOS

1. ZERBOGLIO, Adolfo. *Psicología de la Abogacía*. Año 1, n. 1, p. 13-14, noviembre de 1898.
2. ZERBOGLIO, Adolfo. *Enrique Ferri, Abogado*. Año 2, n. 3, p. 69, enero de 1899.
3. DIRECCIÓN y REDACCIÓN. *Fernando Labori*. Año 2, n. 10, p. 287, agosto de 1899.

## ANARQUISTAS HOMICIDAS

1. RIVA, Arturo. *La princesa de Chimay*. Año 1, n. 1, p. 21-22, noviembre de 1898.
2. CRIMINOLOGIA MODERNA. *El regicidio en Ginebra*. Año 1, n. 1. p. 11-13, noviembre de 1898.
3. RIVA, Arturo. *La pena de Luccheni*. Año 2, n. 5, p. 140-143, marzo de 1899.

## ANTROPOLOGIA CRIMINAL

1. ALBASIO, Luis H. *Mateo Gilberti*. Año 1, n. 1, p. 4-5, noviembre de 1898.
2. CAMPO, Ricardo del. *Reacción Fisionómica: la influencia del crimen sobre el agente*. Año 1, n. 1. p. 15-17, noviembre de 1898.
3. LOMBROSO, Cesare. *Los hermanos Mangachi y la antropología criminal*. Año 1, n. 2, p. 37-38, diciembre de 1898.
4. CHERUBINI, C. *Degeneraciones teratológicas*. Año 1, n. 2, p. 55, diciembre de 1898.
5. CARLÉS, Manuel. *Atavismo pampa*. Año 1, n. 2, p. 58, diciembre de 1898.
6. CAMPO, Ricardo del. *Anomalías Fisionómicas*. Año 2, n. 3, p. 82, enero de 1899.
7. RIVA, Arturo. *La ejecución de Vaucher*. Año 2, n.3, p. 83-84, enero de 1899.
8. CARLÉS, Manuel. *Atavismo Pampa*. Año 2, n. 3, p. 84-85, enero de 1899.
9. S/A. *Antropología Criminal*. Año 2, n. 4, p. 95-96, febrero de 1899.
10. S/A. *Policía*. Año 2, n. 4, p. 110, febrero de 1899.

11. BRUNO. *La negación del libre albedrío y la responsabilidad penal*. Año 2, n. 4, p. 116-118, febrero de 1899.
12. ARREGUINE, Victor. *La matanza de indios en el Chaco*. Año 2, n. 5, p. 138-139, marzo de 1899.
13. CARLÉS, M. *Atavismo Pampa*. Año 2, n. 5, p. 143-144, marzo de 1899.
14. BRUNO. *Los datos de la antropología criminal*. Año 2, n. 5, p. 144-147, marzo de 1899.
15. FERRERO, Guillermo. *Atavismo y Delito*. Año 2, n. 6, p. 155-157, abril de 1899.
16. LOMBROSO, Cesare. *La dismaternidad en la mujer delincuente*. Año 2, n. 7, p. 201-203, mayo de 1899.
17. SETTER, James. *La delincuencia de color en los Estados Unidos de N. A.* Año 2, n. 7, p. 203-205, mayo de 1899.
18. OTTOLENGUI, S. *La policía judicial y antropología criminal aplicada*. Año 2, n. 9, p. 254-257, julio de 1899.
19. CAMPO, Ricardo del. *La monstruosidad en la delincuencia*. Año 2, n. 10, p. 292-293, agosto de 1899.
20. VIAZZI, Pio. *El tipo criminal en la mujer delincuente*. Año 2, n. 10, p. 305-307, agosto de 1899.
21. VIAZZI, Pio, *El tipo criminal en la mujer delincuente II*. Año 2, n. 11, p. 318-321, setiembre de 1899.
22. COLAJANNI, Napoleón. *Raza y Delito*. Año 2, n. 12, p. 350-353, octubre de 1899.
23. LOMBROSO, Cesare. *El juego entre los criminales y entre los salvajes*. Año 2, n. 13 y 14, p. 382-387, noviembre y diciembre de 1899.
24. FERRIANI, Lino. *El derecho a la familia*. Año 2, n. 13 y 14, p. 388-391, noviembre y diciembre de 1899.
25. FIGARI, Pedro. *Un párrafo de Lombroso*. Año 2, n. 13 y 14, p. 391-392, noviembre y diciembre de 1899.
26. CAMPO, Ricardo del. *La herencia del delito*. Año 2, n. 13 y 14, p. 401-403, noviembre y diciembre de 1899.
27. MERCANTI, V. *Peología: la voz de los niños y la degeneración*. Año 2, n. 13 y 14, noviembre y diciembre 1899.
28. CAMPO, C. del. *La naturaleza criminal*. Año 3, n. 15, p. 463-464, enero de

1900.

29. COUSTAU, Juan. *Que debe ser un presidente?* Año 3, n. 16, p. 500-502, febrero de 1900.
30. REDACCIÓN. *El infanticida Grossi.* Año 3, n. 17 y 18, p. 526-527, marzo y abril de 1900.

## CIÊNCIAS SOCIAIS E SOCIOLOGIA CRIMINAL

1. BRUNO. *Enrique Ferri: los nuevos horizontes del derecho y procedimiento penal.* Año 1, n. 2, p. 60-62, diciembre de 1898.
2. S/A. *La sociología criminal.* Año 2, n. 3, p. 67-68, enero de 1899.
3. GORI, Pedro. *La agonía del bandolerismo.* Año 2, n. 3, p. 73-75, enero de 1899.
4. PODESTÁ, Manuel T. *A favor de los niños I.* Año 2, n.3, p. 78, enero de 1899.
5. HAMON, A. *La enseñanza de las Ciencias Sociales en Francia.* Año 2, n. 4, p. 96-99, febrero de 1899.
6. BRUNO. *La negación del libre albedrío y la responsabilidad penal.* Año 2, n. 4, p. 116-118, febrero de 1899.
7. HAMON, A. *La enseñanza de las ciencias sociales en Francia.* Año 2, n. 5, p. 127-132, marzo de 1899.
8. ARREGUINE, Victor. *Misión del historiador.* Año 2, n. 5, p. 139-140, marzo de 1899.
9. CAMPO, Ricardo del. *Errores Judiciales.* Año 2, n. 8, p. 221-223, julio de 1899.
10. ALDERMAN, Charles. *Los sustitutivos sociológicos de la penalidad en Australia.* Año 2, n. 8, p. 223-226, julio de 1899.
11. ARREGUINE, Victor. *Algunas leyes de la guerra civil.* Año 2, n. 8, p. 239, julio de 1899.
12. HAMON, A. *Como se hace un socialista.* Año 2, n. 9, p. 257-263, julio de 1899.
13. CAMPO, Ricardo del. *Madres Criminales: los infanticidios de Magdalena.* Año 2, n. 9, p. 277-279, julio de 1899.
14. INGENIEROS, José. *La ley sobre la policía de los extranjeros.* Año 2, n. 9, p. 279-281, julio de 1899.

15. DELLEPIANE, Antonio. *El dinamismo social*. Año 2, n. 13 y 14, p. 395-398, noviembre y diciembre de 1899.
16. GORI, Pedro. *Francisco Carrara y la moderna criminalología*. Año 2, n. 13 y 14, p. 403-406, noviembre y diciembre de 1899.
17. LANCELOTTI, Miguel A. *Civilización y Delito*. Año 2, n. 13 y 14, p. 406-413, noviembre y diciembre de 1899.
18. ARREGUINE, Victor. *El prejuicio patriótico como fuente de la delincuencia colectiva*. Año 2, n. 13 y 14, p. 413-417, noviembre y diciembre de 1899.
19. INGENIEROS, José. *Psicología de la Felicidad*. Año 3, n. 15, p. 451-453, enero de 1900.
20. VEYGA, Francisco de. *La persona humana ante el criterio legal: los signos de la humanidad y el origen de los monstruos*. Año 3, n. 15, p. 453-458, enero de 1900.
21. GORI, Pedro. *Polémica Jurídica*. Año 3, n. 16, p. 479-482, febrero de 1900.
22. ALDERMAN, Charles. *Escuela y Criminalidad*. Año 3, n. 16, p. 482-485, febrero de 1900.
23. LANCELOTTI, Miguel A. *El factor económico en la producción del delito*. Año 3, n. 16, p. 495-500, febrero de 1900.
24. LANCELOTTI, Miguel A. *Alcoholismo y delito*. Año 3, n. 17 y 18, p. 529-534, marzo y abril de 1900.
25. COLAJANNI, Napoleón. *La mafia sus causas y su historia*. Año 3, n. 19, p. 580-583, junio de 1900.
26. MERCANTI, V. *El detenido D: bajo el punto de vista de su educación*. Año 3, n. 19, p. 587-592, junio de 1900.
27. ARGERICH, Antonio. *El error sentimentalista sobre la guerra de sud África*. Año 4, n. 21, p. 629-630, enero de 1901.
29. ARREGUINE, Victor. *La mentira*. Año 4, n. 21, p. 634-635, enero de 1901.

#### **CÓDIGO PENAL E PROCESSO PENAL ARGENTINO**

1. PIÑERO, Osvaldo. *La paz de los ciudadanos*. Año 1, n. 1, p. 2-4, noviembre de 1898.
2. BUSTAMANTE, N. Rodriguez. *El delito de chantaje*. Año 1, n. 2, p. 43-45, diciembre de 1898.

3. CAMPO, Ricardo del. *El crimen de la Magdalena*. Año 2, n. 3, p. 85-86, enero de 1899.
4. MALAGARRIGA, Carlos. *Jurisprudencia criminal: modo de aplicar el art. 96 del Código Penal*. Año 2, n. 8, p. 236-237, julio de 1899.
5. MALAGARRIGA, Carlos. *Jurisprudencia criminal: del homicidio alevoso*. Año 2, n. 9, p. 274-275, julio de 1899.
6. ALBASIO, Luis H. *La excarcelación a bajo fianza en relación a la extradición: un caso nuevo*. Año 2, n. 9, p. 275-276, julio de 1899.
7. BUSTAMANTE, N. Rodríguez. *Procedimiento Penal sobre jurisdicción: estudio del inciso cuarte del Art. 23 del Código de Procedimientos Penales*. Año 2, n. 10, p. 296-297, agosto de 1899.
8. MALAGARRIGA, Carlos. *Jurisprudencia criminal: sobre la exención de costas al vencido en el juicio criminal*. Año 2, n. 10, p. 297-298, agosto de 1899.
9. GORI, Pedro. *Recuerdos Forenses: Justicia Pública y justicia clandestina*. Año 2, n. 12, p. 353-356, octubre de 1899.
10. BUSTAMANTE, N. Rodríguez. *El recurso de revisión en materia penal*. Año 2, n. 13 y 14, p. 392-395, noviembre y diciembre de 1899.
11. MALAGARRIGA, Carlos. *Jurisprudencia Criminal: carácter de sobreseimiento provisorio*. Año 2, n. 13 y 14, p. 439, noviembre y diciembre de 1899.
12. ARGERICH, Jorge. *Cuestiones de prensa*. Año 3, n. 17 y 18, p. 527-528, marzo y abril de 1900.
13. MALAGARRIGA, Carlos. *Jurisprudencia criminal: Homicidio en riña; Excarcelación provisorio; Homicidio circunstancias*. Año 3, n. 17 y 18, p. 541-543, marzo y abril de 1900.
14. ASTIGUERA, Francisco B. *Importante Sentencia*. Año 3, n. 17 y 18, p. 543-550, marzo y abril de 1900.
15. GACITUA, Carlos Moyano. *El código penal ante el congreso*. Año 3, n. 19, p. 569-571, junio de 1900.
16. BARRENECHEA, Evaristo. *Penas correccionales*. Año 3, n. 19, p. 573-575, junio de 1900.
17. QUESADA, Ernesto. *Sobre propiedad literaria: vista fiscal en el asunto Colombo Bietti*. Año 4, n. 21, p. 631-633, enero de 1901.
18. BARRENECHEA, Evaristo. *Sobre la reforma penal: al Exmo. Señor de la*

*Justicia e Instrucción Pública de la Nación, Dr. Osvaldo Magnasco. Año 4, n. 21, p. 636-640, enero de 1901.*

19. LARROQUE, A. M. *¿Y el juez?* Año 4, n. 21, p. 640-641, enero de 1901.

### **CRIMINAL ROMÁNTICO E DELITOS DO AMOR**

1. CAMPO, Ricardo del. *Los crímenes románticos.* Año 1, n. 2, p. 42-43, diciembre de 1898.
2. ARREGUINE, Víctor. *Notas.* Año 2, n. 3, p. 80, enero de 1899.
3. VIAZZI, Pio. *El amor y el dolor en la Criminalidad.* Año 2, n. 6, p. 166-168, abril de 1899.

### **DIREITOS INDIVIDUAIS, DIREITOS POLÍTICOS E RÉU POLÍTICO**

1. GORI, Pedro. *Delitos contra la libertad.* Año 1, n. 2, p. 39-41, diciembre de 1898.
2. RIVA, Arturo. *Delincuencia Policial.* Año 1, n. 2, p. 52-55, diciembre de 1898.
3. GORI, Pedro. *Delitos por el honor.* Año 2, n. 5, p. 136-138, marzo de 1899.
4. RIVA, Arturo. *La pena de Luccheni.* Año 2, n. 5, p. 140-143, marzo de 1899.
5. GORI, Pedro. *Cárcel Preventiva.* Año 3, n. 17 y 18, p. 518-523, marzo y abril de 1900.

### **ESTUDOS CARCERÁRIOS**

1. GORI, Pedro. *Una visita a la penitenciaría de Sierra Chica: I – La Penitenciaría.* Año 2, n. 6, p. 176-182, abril de 1899.
2. GORI, Pedro. *Una visita a la penitenciaría Sierra Chica: II – Los Trabajos.* Año 2, n. 7, p. 205-212, mayo de 1899.
3. GORI, Pedro. *Una visita a la penitenciaría Sierra Chica: III – Los Penados.* Año 2, n. 8, p. 228-233, julio de 1899.
4. GORI, Pedro. *Una visita a la penitenciaría Sierra Chica: III – Los Penados (conclusión).* Año 2, n. 9, p. 263-269, julio de 1899.

## ESTUDOS GRAFIOLÓGICOS

1. ALDAO, Adolfo. *Un autógrafo del Dr. Ricardo Gutierrez*. Año 2, n. 11, p. 327-330, setiembre de 1899.
2. ALDAO, Adolfo. *Autógrafo de Alcira Boni*. Año 2, n. 13 y 14, p. 425-426, noviembre y diciembre de 1899.

## JURISDIÇÃO

1. CAMPO, Ricardo del. *Asimilación militar y jurisdicción civil*. Año 2, n. 4, p. 106-107, febrero de 1899.

## LITERATURA E DELINCUENCIA

1. SIGHELE, Scipio. *La obra de G'Annunzio ante la psiquiatría*. Año 2, n. 5, p. 125-127, marzo de 1899.
2. SIGHELE, Scipio. *La obra de G'Annunzio ante la psiquiatría*. Año 2, n. 6, p. 156-162, abril de 1899.
3. INGENIEROS, José. *"Delincuentes que escriben" y escritores delincuentes*. Año 2, n. 6, p. 184-186, abril de 1899.
4. INGENIEROS, José. *El delito como vínculo entre la ciencia y el arte*. Año 2, n. 10, p. 288-291, agosto de 1899.
5. MALAGARRIGA, Carlos. *Folletines judiciales*. Año 2, n. 13 y 14, p. 417-419, noviembre y diciembre de 1899.
6. SITTONI, G. *La delincuencia del genio*. Año 3, n. 16, p. 477-479, febrero de 1900.

## LOUCOS E ALIENADOS

1. S/A. *El crimen de 9 de julio*. Año 1, n. 1, p. 25-27, noviembre de 1898.
2. REDACCIÓN. *Jurisprudencia y crónica judicial*. Año 1, n. 2, p. 62-63, diciembre de 1898.
3. INGENIEROS, José. *Criterios generales que orientarán el estudio de los Locos Delincuentes*. Año 3, n. 16, p. 486-495, febrero de 1900.
4. INGENIEROS, José. *Alienados delincuentes en el Hospicio de las Mercedes, Bs. As.* Año 3, n. 17 y 18, p. 509-518, marzo y abril de 1900.
5. X. Augusto de. *Ausencias psíquicas en los histéricos*. Año 3, n. 17 y 18, p. 534-536, marzo y abril de 1900.

6. MONTEAVARO, Antonio. *Psiquiatría criminal: el "libro-programa" de Ingenieros*. Año 3, n. 20, p. 610-613, agosto de 1900.
7. INGENIEROS, José. *Simulación de la locura por alienados verdaderos*. Año 4, n. 21, p. 621-626, enero de 1901.

### **MEDICINA LEGAL**

1. DEMARÍA, Cristian. *Importante sentencia*. Año 2, n. 4, p. 111-115, febrero de 1899.
2. S/A. *Los límites de la experiencia médica*. Año 2, n. 6, p. 182-184, abril de 1899.
3. SITTONI, G. *La epilepsia en América: sus causas y manifestaciones*. Año 2, n. 12, p. 356-364, octubre de 1899.
4. MERCANTI, Ferruccio. *Criminalología e higiene*. Año 2, n. 13 y 14, p. 424, noviembre y diciembre de 1899.
5. GIRIBALDI, A; CASTRO, E. *Pericia médico-legal sobre el parricida Antonio Chanes*. Año 3, n. 15, p. 445-451, enero de 1900.
6. CARRERAS, J. Alba. *La "docimasia hepática" como medio de reconocer la rapidez de la muerte*. Año 3, n. 17 y 18, p. 528-529, marzo y abril de 1900.
7. BUSTAMANTE, Norberto Rodríguez. *El arte de pesquisar: importancia de los detalles*. Año 3, n. 19, p. 585-587 junio de 1900.
8. GORI, Pedro. *Pericia Psico-antropológica sobre el acusado Juan B. Passo, presentada por el Juez del crimen Dr. Eduardo French*. Año 3, n. 20, p. 600-610, agosto de 1900.
9. MORAES, Evaristo de. *Un caso de "moral insanity"*. Año 3, n. 21, p. 626-629, enero de 1901.
10. GORI, Pedro. *Pericia Psico-antropológica sobre el acusado Juan B. Passo, presentada por el Juez del crimen Dr. Eduardo French*. Año 4, n. 21, p. 643-656, enero de 1901.

### **PSICOPATOLOGIA CRIMINAL**

1. FERRERO, Guillermo. *La leyenda del judío errante y el estudios sobre la psicopatología de los vagabundos*. Año 1, n. 2, p. 48-51. diciembre de 1898.
2. GALLEGOS, Servando A. *El vagabundo: atorrantes, mendigos, rufianes y*

- ladrones*. Año 2, n. 3, p. 71, enero de 1899.
3. GALLEGOS, Servando A. *Atorrantes, mendigos, rufiantes y ladrones*. Año 2, n. 4, p. 102-103, febrero de 1899.
  4. CAMPO, C. del. *La cleptomanía o enfermedad del hurto*. Año 2, n. 8, p. 226-228, julio de 1899.
  5. INGENIEROS, José. *Psicopatología de los sueños: estudios clínicos y psicológicos de Sante de Sanctis*. Año 2, n. 11, p. 331-335, setiembre de 1899.
  6. LANCELOTTI, Miguel A. *Rafael Garófalo: La criminalología: estudios sobre el delito y la teoría de la represión (continuación)*. Año 2, n. 12, p. 373-376, setiembre de 1899.
  7. GRANDIS, Valentin. *Que es la voluntad*. Año 3, n. 17 y 18, p. 536-539, marzo y abril de 1900.

#### **PENA DE MORTE**

1. CURIOSO. *La pena de muerte*. Año 1, n. 2, p. 52-53, diciembre de 1898.
2. STEEVENS, C. *Mundo Criminal Norteamericano*. Año 2, n. 6, p. 162-165, abril de 1899.
3. DIRECCIÓN. *Pena de muerte*. Año 3, n. 17 y 18, p. 559-560, marzo y abril de 1900.
4. GORI, Pedro. *Pro y contra el verdugo*. Año 3, n. 19, p. 565-569, junio de 1900.
5. GORI, Pedro. *En defensa de la vida*. Año 3, n. 20, p. 597-600, agosto de 1900.

#### **PRO SCIENTIA**

1. S/A. *Guerra al delito*. Año 1, n. 1, p. 1, noviembre de 1898.
2. CAMPO, C. del. *Pro Scientia*. Año 1, n. 1, p. 33-34, noviembre de 1898.
3. BRUNO. *Escuela Clásica y Escuela Positiva*. Año 1, n. 1, p. 29-30, noviembre de 1898.
4. BRUNO. *Enrique Ferri: los nuevos horizontes del derecho y procedimiento penal*. Año 2, n. 3, p. 91-93, enero de 1899.
5. DIRECCIÓN y REDACCIÓN. *Un año de vida*. Año 2, n. 12, p. 349-350, octubre de 1899.

6. S/A. *Nuestra obra*. Año 2, n. 13 y 14, p. 381-382, noviembre y diciembre de 1899.
7. INGENIEROS, José. *La amplitud psicológica: en la Ortodoxia y Heterodoxia científicas*. Año 2, n. 13 y 14, p. 398-401, noviembre y diciembre de 1899.
8. LANCELOTTI, Miguel A. *Guía del Estudiante*. Año 3, n. 15, p. 465-466, enero de 1900.
9. FLORIANI, A. *La faz actual del problema penal*. Año 3, n. 17 y 18, p. 560-563, marzo y abril de 1900.
10. INGENIEROS, José. *La escuela positiva en la enseñanza universitaria*. Año 3, n. 20, p.616-618, agosto de 1900.

### PROCESSO DREYFUS

1. S/A. *La delincuencia militar en Francia*. Año 1, n. 1, p. 23-25, noviembre de 1898.
2. S/A. *El principio de una reparación*. Año 1, n.1, p. 10, noviembre de 1898.
3. BERNARD, Dr. L. *Héroes y delincuentes en el proceso Dreyfus*. Año 1, n. 2, p. 45-48, diciembre de 1898.
4. LARROQUE, Alberto M. *Colaboración Involuntaria: Sr. Dr. Ricardo del Campo*. Año 2, n. 11, p. 323-324, setiembre de 1899.

### REFORMA JUDICIAL E JUÍZO POR JURADO

1. AGUIRRE, Julian L. *El jurado en material criminal: su implicación en la República Argentina*. Año 1, n. 1, p. 18-20, noviembre de 1898.
2. S/A. *El jurado*. Año 2, n. 5, p. 123-124, marzo de 1899.
3. DOMINGUEZ, José. *Del juicio por jurados en lo criminal*. Año 2, n. 5, p. 132-135, marzo de 1899.
4. AGUIRRE, Julian L. *El jurado en materia criminal: su implantación en la República Argentina*. Año 2, n. 6, p. 174-176, abril de 1899.
5. CAMPO, Ricardo del. *La reforma judicial*. Año 2, n. 7, p. 195-197, mayo de 1899.
6. REDACCIÓN. *El jurado en material criminal: su implantación en la Republica Argentina*. Año 2, n. 7, p. 197-201, mayo de 1899.
7. BUSTAMANTE, N. Rodriguez. *La supresión de la apelación en lo penal*.

- Año 2, n. 7, p. 214-215, mayo de 1899.
8. URIEN, C. M. Resumo da livro de RIVAROLA, Rodolfo. *La justicia en lo criminal*. Año 2, n. 8, p. 233-236, julio de 1899.
  9. CAMPO, Ricardo del. *Crónica Judicial: el proceso Butler en Montevideo*. Año 2, n. 8, p. 237-238, julio de 1899.
  10. DIRECCIÓN y REDACCIÓN. *Referéndum Jurídico: sobre la organización de la justicia penal en argentina*. Año2, n. 9, p. 253-254, julio de 1899.
  11. DOMINGUEZ, José. *El juicio por jurados: su implantación en la República Argentina*. Año 2, n. 9, p. 269-272, julio de 1899.
  12. GORI, Pedro; CAMPO, Ricardo del. *Referéndum Jurídico: sobre la organización de la justicia penal en argentina*. Año2, n. 10, p. 285-286, agosto de 1899.
  13. DOMINGUEZ, José. *Juicio por jurados: su implantación en la República Argentina*. Año 2, n. 10, p. 292-296, agosto de 1899.
  14. GORI, Pedro. *Recuerdos Forenses: justicia popular y justicia togada*. Año 2, n. 10 , p. 298-301, agosto de 1899.
  15. LANCELOTTI, Miguel A. *Guía del Estudiante: las reformas prácticas*. Año 2, n. 10, p. 312-315, agosto de 1899.
  16. GORI, Pedro; CAMPO, Ricardo del. *Referéndum Jurídico: sobre la organización de la justicia penal en argentina*. Año2, n. 11, p. 317-318, setiembre de 1899.
  17. GORI, Pedro. *Recuerdos Forenses: justicia popular y justicia togada (continuación)*. Año 2, n. 11 , p. 321-323, setiembre de 1899.
  18. MORENO, Martín Ruiz. *El jurado en materia criminal*. Año 2, n. 13 y 14, p. 428-433, noviembre y diciembre de 1899.
  19. DIRECCIÓN y REDACCIÓN. *La reforma judicial*. Año 2, n. 13 y 14, p. 444, noviembre y diciembre de 1899.
  20. RICCI, G. P. *La justicia penal en el proyecto Magnasco*. Año 3, n. 15, p. 459-462, enero de 1900.
  21. DOMINGUÉZ, José. *El jurado en materia criminal*. Año 3, n. 17 y 18, p. 539-541, marzo y abril de 1900.
  22. AGUIRRE, Julian L. *El jurado en materia criminal y su implantación en la Republica Argentina*. Año 3, n. 19, p. 571-573, junio de 1900.
  23. FLORIANI, A. *La faz actual del problema penal*. Año 3, n. 19, p. 583-585, junio de 1900.

24. DIRECCIÓN y REDACCIÓN. *Referéndum Jurídico*. Año 3, n. 20, p. 613-614, agosto de 1900.
25. MARTINEZ, Juan Angel. *Sr. Director de la Criminología Moderna*. Año 3, n. 20, p. 614-616, junio de 1900.

### **REGICÍDIO, MAGNICÍDIO E TIRANICÍDIO**

1. CRIMINOLOGIA MODERNA. *El regicidio en Ginebra*. Año 1, n. 1. p. 11-13, noviembre de 1898.
2. RIVA, Arturo. *La princesa de Chimay*. Año 1, n. 1, p. 21-22, noviembre de 1898.
3. LAFINUR, Luis Melian. *Avelino Arredondo*. Año 2, n. 3, p. 79-80, enero de 1899.
4. MARIA, Domingo P. *El crimen de Arredondo: asesinato político*. Año 2, n. 3, p. 86-88, enero de 1899.
5. ARREGUINE, Victor. *El homicidio político*. Año 2, n. 4, p. 103-106, febrero de 1899.
6. ARREGUINE, Victor. *García Moreno*. Año 2, n. 12, p. 364-369, octubre de 1899.

### **SUICÍDIO**

1. ARREGUINE, Victor. *El suicidio*. Año 1, n. 1, p. 5-8, noviembre de 1898.
2. LANCELOTTI, Miguel A. *La imitación en el delito y en el suicidio*. Año 3, n. 19, p. 575-580, junio de 1900.